



Empresa de Desenvolvimento e Infra-estruturas do Alqueva, S.A.

BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL

PROJECTO DE EXECUÇÃO E ESTUDO DE IMPACTE AMBIENTAL



ESTUDO DE IMPACTE AMBIENTAL

VOLUME 2 - ANEXOS

OUTUBRO 2009



**EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO E INFRA-ESTRUTURAS DO ALQUEVA,
SA.**

ESTUDO DE IMPACTE AMBIENTAL DO PROJECTO DE EXECUÇÃO DOS

BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL

VOLUME 2 - ANEXOS

T507.2.2

2009, OUTUBRO

FICHA DE CONTROLO DO TRABALHO

CLIENTE	EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO E INFRA-ESTRUTURAS DO ALQUEVA,SA.	
PROCESSO	T507.2.2	
TÍTULO 1	ESTUDO DE IMPACTE AMBIENTAL DO PROJECTO DE EXECUÇÃO	
TÍTULO 2	BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL	
FASE	VOLUME 2 – ANEXOS	
DATA	2009, OUTUBRO	
GESTOR DE PROJECTO (VER.)	LÍGIA MENDES	
RESPONSÁVEL DE PROJECTO (REV.)	---	
AMBIENTE	MARTA COSTA	
AMBIENTE	ANA PAIVA	
AMBIENTE	ALBERTINA GIL	
AMBIENTE	LUIS VICENTE	
AMBIENTE	JOÃO HARTLEY	
AMBIENTE	TIAGO BRITO	
DESENHO (EXE./REV.)	JOÃO PEDRO PEREIRA LEONEL RODRIGUES / JOSÉ LUIS LOPES	
DIRECTOR DE PRODUÇÃO (VAL.)	A. SOBRAL RODRIGUES	

EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO E INFRA-ESTRUTURAS DO ALQUEVA,S.A.

ESTUDO DE IMPACTE AMBIENTAL DO PROJECTO DE EXECUÇÃO DOS

BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL

VOLUME 2 – ANEXOS

T507.2.2

ESTRUTURA DE VOLUMES

O Estudo de Impacte Ambiental do projecto de Blocos de Rega de Ervidel referente à 2ª Fase – Relatório Intercalar do EIA inclui os seguintes volumes:

Volume 1 – Relatório;

Volume 2 – Anexos;

Volume 3 – Resumo Não Técnico



ANEXOS

EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO E INFRA-ESTRUTURAS DO ALQUEVA,S.A.

ESTUDO DE IMPACTE AMBIENTAL

DOS BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL

VOLUME 2 - ANEXOS

T507.2.2

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1 – Peças Desenhadas.

Anexo 2 – Pareceres das Entidades.

Anexo 3 – Qualidade da Água.

Anexo 4 – Fauna.

Anexo 5 – Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnográfico

Anexo 6 – Planos de Monitorização.

Anexo 7 – Projecto de Recuperação Biofísica e Paisagística das Linhas de Água.

Anexo 8 – Sistema de Gestão Ambiental (SGA).

Anexo 9 – Medidas de Integração Paisagística dos Reservatórios e da Estação Elevatória.



ProSistemas
CONSULTORES DE ENGENHARIA, S.A.



COBA

ANEXO 1 – PEÇAS DESENHADAS

EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO E INFRA-ESTRUTURAS DO ALQUEVA,S.A.

ESTUDO DE IMPACTE AMBIENTAL

DOS BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL

VOLUME 2 - ANEXOS

T507.2.2

ÍNDICE DE DESENHOS

Desenho 1 – Planta de Localização. Enquadramento Administrativo.

Desenho 2 – Planta de Enquadramento em Áreas com Estatuto de Protecção.

Desenho 3 – Planta de Infra-Estruturas e Zonas de Intervenção.

Desenho 4 - Planta de Uso Actual do Solo e Habitats Naturais.

Desenho 5 – Planta da Rede Hidrográfica.

Desenho 6 – Planta de Localização dos Pontos de Água e Fontes de Poluição Tópica.

Desenho 7 - Carta Geológica.

Desenho 8 - Planta de Solos.

Desenho 9 – Carta de Risco de Erosão dos Solos.

Desenho 10 - Carta de Risco de Salinização/Alcalinização dos Solos.

Desenho 11 - Planta de Capacidade de Uso do Solo.

Desenho 12 - Planta de Aptidão ao Regadio.

Desenho 13 – Planta de Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnológico. Localização de Ocorrências.

Desenho 14 – Planta de Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnológico. Detalhe das Zonas mais Críticas.

Desenho 15 – Planta de Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnológico. Zonamento da Área Prospectada.

Desenho 16 - Planta de Ordenamento. Extracto dos PDM de Ferreira do Alentejo, Beja e Aljustrel.

Desenho 17 – Planta de Condicionantes. Extracto dos PDM de Ferreira do Alentejo, Beja e Aljustrel.

Desenho 18 – Carta de REN. Extracto dos PDM de Ferreira do Alentejo, Beja e Aljustrel.

Desenho 19 - Planta de Condicionantes.

Desenho 20 – Planta de Zonas Preferenciais para Instalação de Estaleiros e de Depósito de Inertes.



ANEXO 2 – PARECERES DE ENTIDADES

SÍNTESE DA INFORMAÇÃO RECEBIDA DAS ENTIDADES CONTACTADAS

ENTIDADES CONTACTADAS	DATA DA RECEPÇÃO DA INFORMAÇÃO E SÍNTESE DO CONTEÚDO
Câmara Municipal de Aljustrel	Ofício dia 21-04-2009: Informa que as condicionantes constam das Cartas de Ordenamento e condicionantes do PDM actualmente em vigor.
Câmara Municipal de Beja	Ofício dia 18-03-2009: Informa apenas a ocorrência de dois sítio arqueológicos na freguesia de Santa Vitória.
Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo	Ofício dia 31-03-2008: Informam que o único instrumento de gestão territorial a ter em conta para a área em questão é o PDM de Ferreira do Alentejo, que se encontra actualmente em revisão. Deverá ser consultado o PDM actualmente em vigor, no domínio das servidões e restrições existentes. O futuro PDM terá mudanças significativas ao nível dos limites de perímetro urbano.
CCDR-A - Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Alentejo	Ofício dia 13/04/2009: Informa que não existem condicionantes para além dos PDM's dos três concelhos.
DGADR – Direcção Geral de Agricultura e Desenvolvimento Rural	Ofício dia 25-03-2008: Informa que não há qualquer projecto de emparcelamento previsto para a área dominada pelo bloco de rega. Dizem ainda que quaisquer informações deverão ser solicitadas à EDIA, na qualidade de Dono da Obra.
DGEG – Direcção Geral de Energia e Geologia	Ofício dia 25-03-2008: Refere a existência de uma área afectada a recursos geológicos com direitos mineiros concedidos.
DGRF – Direcção Geral dos Recursos Florestais	Ofício dia 15-04-2008: Existem, em vários locais do limite da área em estudo, povoamentos de Azinheiras os quais, tal como os de Sobreiros, são protegidos e em caso de necessidade de corte e/ou abate destas espécies deve, prévia e obrigatoriamente, cumprir com o determinado nos respectivos Decretos-Lei (DL nº 169/2001, de 25 de Maio com as alterações introduzidas pelo DL nº 155/2004, de 30 de Junho). Verifica-se a existência de um Eucalipto no extremo sul da área de estudo. Caso venha a ser efectuado o corte prematuro de exemplares de Eucalipto em áreas superiores a 1ha, deverão ser cumpridos o DL nº 173/88, de 17 de Maio e o DL nº 174/88, de 17 de Maio.
DRAP Alentejo – Direcção Regional de Agricultura e Pescas do Alentejo	Ofício dia 15-05-2009: Informa que não existem condicionantes.
EP – Estradas de Portugal	Ofício de 28-03-2008 (com informação adicional em 05-06-2008): Foi lançada a Concessão Baixo Alentejo, que inclui o IP8 entre Sines e Beja, e a beneficiação do IP2 entre S. Manços e Beja. Encontra-se em fase de Estudo Prévio o lanço do IP8 entre Beja e Baleizão e em fase de revisão do Projecto de Execução o IP2 entre Vidigueira e Beja. Pelo desenho que foi fornecido, apenas se prevêem interferências, com a EN 2, lanço Ferreira-Ervidel e Ervidel-Aljustrel, e com a EN 18, lanço Beja-Ervidel. Quanto à instalação das tubagens ao longo das vias, apenas poderá ser autorizada desde que implantada para além da zona da estrada. Os atravessamentos poderão ser autorizados, em condições técnicas a definir, condicionadas pelos diâmetros a instalar, sendo exigido, preferencialmente, a colocação sem destruição do pavimento da estrada, isto é, por perfuração mecânica, e com a tubagem algaliada.

ENTIDADES CONTACTADAS	DATA DA RECEPÇÃO DA INFORMAÇÃO E SÍNTESE DO CONTEÚDO
IGP – Instituto Geográfico Português	<p>Ofício dia 20-03-2008: Segundo o DL n.º 143/82 de 26 de Abril, todas as infra-estruturas a implantar terão de estar a mais de 15 metros dos vértices geodésicos e não poderão obstruir visibilidades das direcções constantes das respectivas minutas de triangulação. Após análise da localização para o projecto dos vários blocos de Rega, verificou-se que existem alguns vértices geodésicos que poderão ser afectados por este projecto. Para que possa emitir um parecer sobre o projecto necessitam das coordenadas das estruturas a implantar, de modo a que se possa verificar se as mesmas interferem ou não com as actividades do Instituto.</p>
INAG – Instituto da Água, I.P.	<p>Ofício dia 04-04-2008: O Instituto da Água apenas se pronunciará sobre o Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel, em sede de Avaliação de Impacte Ambiental.</p>
INETI – Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação	<p>E-mail dia 28-04-09: Refere que não existem condicionantes, uma vez que o perímetro dos blocos de rega não intersecta com os aquíferos mais importantes da região.</p> <p>Referem que se faça um inventário hidrogeológico de campo na área do perímetro e numa envolvente desta, sobretudo de forma a considerar também o escoamento superficial de eventuais excedentes de rega ou de excedentes de precipitação na área do perímetro de rega, que poderão arrastar contaminantes, para que seja definida uma rede de monitorização de impactes.</p>
ARH - Alentejo	<p>E-mail dia 09-03-09: Refere que relativamente às condicionantes existentes na área afecta ao projecto, apenas existem as localizações das captações subterrâneas que constituem origens de abastecimento público situadas na área de abrangência do projecto. Sem prejuízo, deverão ser contactadas as respectivas entidades gestoras, no sentido de obter informação eventualmente mais actualizada, nomeadamente sobre as propostas de delimitação dos respectivos perímetros de protecção.</p>
REN	<p>Ofício dia 24-04-2009: Informam que a implementação do projecto poderá causar impactes sobre a Rede Nacional de Transportes de Energia, uma vez que a área de estudo é atravessada por uma linha eléctrica.</p>
ICNB	<p>Não respondeu</p>
EDP	<p>Não respondeu</p>
REFER	<p>Ofício dia 12-03-03: Refere que não se observam entraves, do ponto de vista ferroviário, à execução da obra.</p>



CÂMARA MUNICIPAL DE ALJUSTREL
DIVISÃO TÉCNICA

A:

PROSISTEMAS – Consultores de Engenharia S.A.

Rua Alexandre Herculano, 3 – 1.º
2795-240 LINDA-A-VELHA

Sua referência

Sua comunicação de

Nossa referência

Of. nº

Data

DT 359109

21/04/2009

ASSUNTO “ **ESTUDO DE IMPACTE AMBIENTAL DOS BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL** ”

8

Em resposta ao v/ fax n.º 09/0144 de 03/03/2009 – Proc. T507.2.2 sobre o assunto em epígrafe informa-se que:

- O P.D.M. de Aljustrel encontra-se em fase de revisão;
- Para a consulta de eventuais condicionantes existentes na área afecta ao referido projecto deverão ser consultadas as cartas de ordenamento e de condicionantes do P.D.M. actualmente em vigor.

Com os melhores cumprimentos.

NUMERO	0106	RÚBRICA	<i>fu</i>
RECEBIDO EM	09/04/09		
RESPONDIDO EM	/ /		
ARQUIVADO EM	/ /		

O Vereador,

- Manuel Joaquim Martins Frederico -

PF/IS



Telef.: 284 - 311 800
Fax: 284 - 311 875 (Dep. Técnico)
email: pdm.cmbeja@mail.telepac.pt

DIVISÃO DE ADMINISTRAÇÃO URBANÍSTICA

De: Divisão de Administração Urbanística		Para: PROSISTEMAS
Nº de pág. 1+1	Data: 26-Mar-2009	A/c: Ana Paiva
Assunto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel		

Em resposta ao V/Fax nº.09/0145, de 03/03/2009, Procº. T507.2.2, junto se anexa parecer do Gabinete de Arqueologia em relação ao mesmo.

Com os melhores cumprimentos.

A CHEFE DA DIVISÃO DE ADMINISTRAÇÃO URBANÍSTICA;

Ana Maria Ramôa - Engª. Civil

NUMERO	0072	RECURSA	fu
RECEBIDO EM	09/03/26		
RESPONDIDO EM			
ARQUIVADO EM			



DEPARTAMENTO TÉCNICO

PARECER INTERNO

Entidade : Prosistemas. Consultores de Engenharia

Assunto : Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel

Proposta de Parecer:

Local :

Parecer n.	07/2009
	GA/DAU

Data 18.03.2009

Freguesia:

Relativamente ao pedido de informação de condicionantes para o Bloco de Rega de Ervidel temos a informar, de acordo com a planta enviada, a ocorrência de dois sítios arqueológicos registados no nosso Inventário do Património Arqueológico:

Freguesia de Santa Vitória

- Monte Branco 2; nº de inventário 026 566; mancha de vestígios diversos localizada junto à povoação de Santa Vitória; cronologia indeterminada; inédito
- Monte da Pedreira 1; nº de inventário 026 566, coordenadas 210073.20996100000 / 111817.85937500000; Habitat/Silo cronologia – Idade Média /Moderna, Estudo de Impacte Ambiental da Ligação do Pisão-Roxo

Recordamos que a nossa informação não substitui a realização de prospecção arqueológica sistemática para a zona em estudo.

Isabel Ricardo
Arqueóloga

Deleada' de Traves -
unido o parecer
24/03/09
TH



Exmo(s) Senhor(es)
Prosistemas-Consultores de Engenharia,S.A.

Rua Alexandre Herculano, 3-1º

2795-240 LINDA A VELHA

Sua referência

Sua comunicação
07-03-2008

Nossa referência
Processo: 2875 / 2008
N.º de saída: 2907 / 2008

Data
26-03-2008

ASSUNTO: **Estudo de Impacto Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel**

Relativamente ao assunto mencionado em epígrafe, e de acordo com o solicitado por V. Exas. somos a Informar que para a área em apreço o único IGT a ter em conta é o PDM de Ferreira do Alentejo, actualmente em revisão, de que se aguarda a entrega da proposta pelo gabinete projectista. Assim deverão consultar o PDM actualmente em vigor, no domínio das servidões e restrições existentes. Quanto ao PDM futuro, haverá que ter em conta uma mudança significativa dos limites de perímetro urbano.

Com os melhores cumprimentos,

Por delegação de competências
Chefe de Divisão


Alvaro Manuel Nobre de G. Ramos

NÚMERO	0466	RUBRICA	fer
RECEBIDO EM	28/03/08		
RESPONDIDO EM			
ARQUIVADO EM			



CCDR ALENTEJO 03392 08/04/09

MINISTÉRIO DO AMBIENTE, DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO
E DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

COMISSÃO DE COORDENAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL DO ALENTEJO

**Exmo Senhor
ProSistemas, Consultores de Engenharia SA**Rua Alexandre Herculano n° 3 Piso 1 A
2795-240 LINDA-A-VELHANa sua resposta indique
sempre a nossa referênciaSua Referência
Fax n°09/0143Sua comunicação de
2009 Mar.3Nossa referência
395-DSOT/2009

Data

**ASSUNTO: BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL
Beja/ Ferreira do Alentejo, Aljustrel e Beja**

Analisada a área de intervenção face aos IGT que a enquadram, verificamos não existirem outros para além dos PDM dos três concelhos.

Os 6500 ha abrangidos pelos “blocos de rega” estão maioritariamente em solos integrados na REN e na RAN, com pequenas áreas de Montados, todas condicionantes regulamentadas por legislação própria.

Em termos de classificação do solo, verificamos que a grande maioria são espaços agrícolas, de grande aptidão agrícola, especificamente para hortofrutícolas no concelho de Beja e com áreas ecologicamente sensíveis no concelho de Ferreira do Alentejo; existem alguns espaços silvo-pastoris, para pastagens permanentes sob coberto de Montado em Beja, e associados a zonas de caça em Aljustrel; também existem espaços de protecção e valorização ambiental associados a áreas de REN nos concelhos de Aljustrel e de Ferreira do Alentejo e a faixas de protecção de albufeiras no concelho de Beja.

Basicamente, todas estas classes de espaço estão regulamentadas no sentido da protecção dos valores naturais e da valorização dos solos.

Dado não estarem ainda definidos os traçados das adutoras, condutas e outros órgãos do sistema de rega, não é possível fazer uma verificação/análise mais “fina” da ocupação/utilização das servidões.

Com os melhores cumprimentos,

NÚMERO	0479	RUBRICA	fu
RECEBIDO EM	09/09/13		
RESPONDIDO EM			
ARQUIVADO EM			

O Vice-Presidente

Jorge Honório



19 08 0 0 4766

NÚMERO	0437	RÚBRICA	AT
RECEBIDO EM	08/03/25		
RESPONDIDO EM	/ /		
ARQUIVADO EM	/ /		

À
PROSISTEMAS
Rua Alexandre Herculano, 3 – 1º.

2795 –240 LINDA-A-VELHA

Sua Referência
N.º
Proc.º.

Sua Data

Nossa Referência
N.º 59/DSHEAR/DIH
Proc.º.

Data 14-03-2008

ASSUNTO: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel

Em resposta à vossa Telecópia n.º. 08/0173 de 07-03-2008, Processo T 50722, informo V.Ex.ª.:

- Não há qualquer projecto de emparcelamento previsto para a área dominada pelo bloco de rega;
- Como é do conhecimento de V.Ex.ª. a DGADR tem acompanhado diversos estudos e projectos da iniciativa da EDIA, tendo elaborado diversos pareceres para diferentes blocos. Assim e, dado que a EDIA é o Dono de Obra, quaisquer informações deverão ser solicitadas a esta Entidade;
- Técnicos da DGADR, integram as Comissões de Avaliação dos EIA dos projectos do EFMA em representação desta DG..

A actividade destas Comissões está devidamente Regulamentada de acordo com o Decreto-Lei n.º. 69/2000 de 3 de Maio, com a redacção dada pelo Decreto-Lei n.º. 197/2005 de 8 de Novembro.

Com os melhores cumprimentos.

P/ O Director-Geral,

C. São Simão de Carvalho

QP/AMP


Joaquim Carvalho
Sub-Director Geral



Ministério da Economia e da Inovação

Direcção-Geral de Energia e Geologia

25.MAR2008 004034

Exm.º Senhor Administrador
Prosistemas – Consultores de Engenharia, S.A.
Rua Alexandre Herculano, n.º 3 – 1.º
2795-240 Linda – a-Velha

Sua referência:
Proc T507.2.2

Sua comunicação:

Nossa referência:

ASSUNTO: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel

Em resposta ao solicitado sobre o assunto em epígrafe, junto se envia extracto de planta à escala de 1/100.000 – Desenho DGEG n.º 103/DAT/2008 de 14/02/08, com a identificação e demarcação das áreas afectas a recursos geológicos com direitos mineiros concedidos ou requeridos na área de influência do vosso estudo .

Quanto a informação mais completa e actualizada sobre a exploração de massas minerais (pedreiras), deverá ser consultada a Direcção Regional da Economia do Alentejo.

Com os melhores cumprimentos,

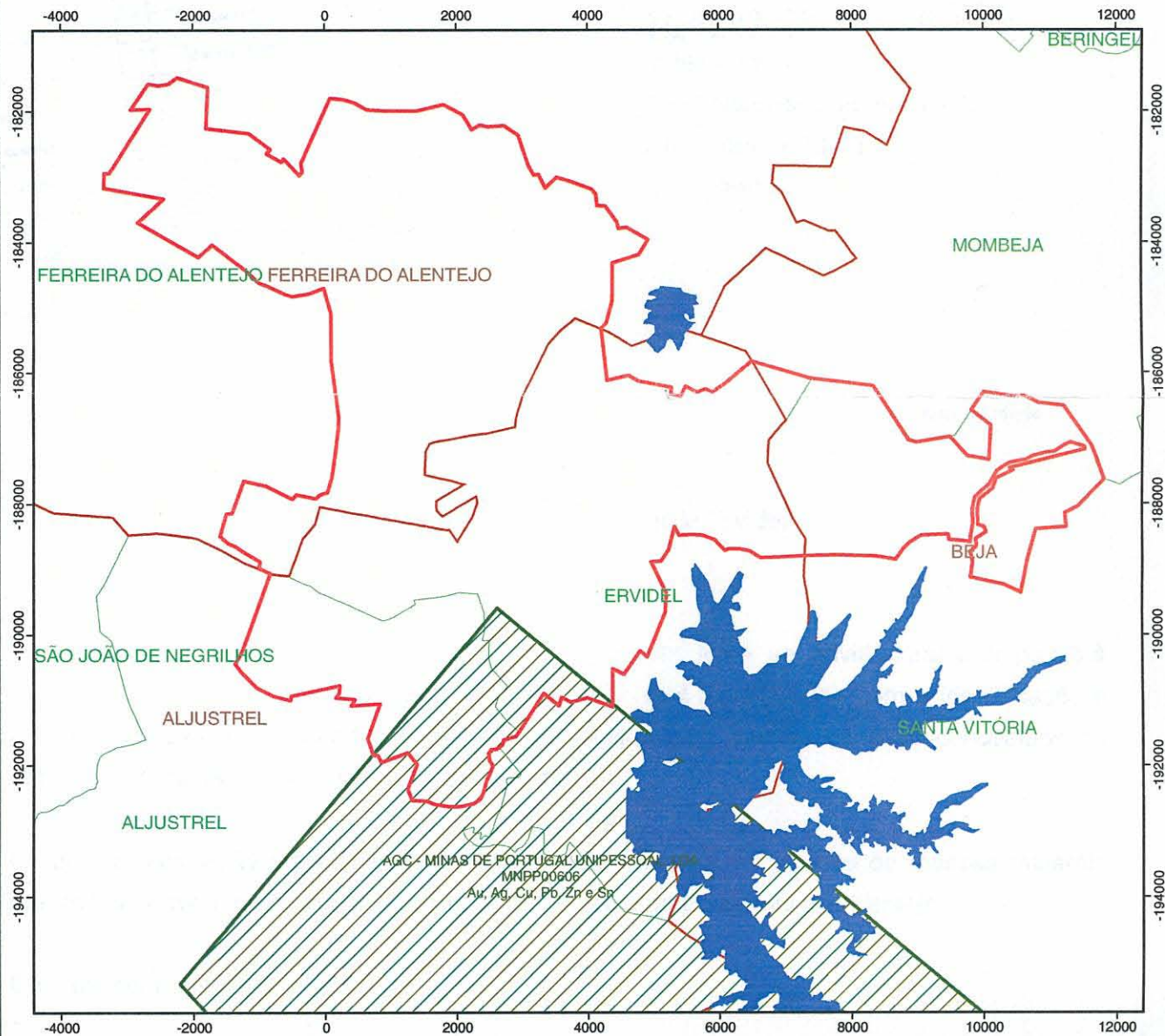
O Subdirector-Geral





Carlos A.A. Caxaria

NÚMERO	0446	RUBRICA	JM
RECEBIDO EM	08/03/27		
RESPONDIDO EM			
ARQUIVADO EM			

Anexo: o citado

SP/SP



-  Bloco de rega
-  Contrato de prospecção e pesquisa
-  Limite de Município
-  Limite de Freguesia

Limites Administrativos do IGP - CAOP



Estudo de Impacto Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel

Escala 1:100,000
Desenho nº 103/DAT/2008
Data: 14-02-2008
Executado por:
Isabel Macieira

NÚMERO	0565	RÚBRICA	fm
RECEBIDO EM	08/04/15		
RESPONDIDO EM			
ARQUIVADO EM			

Ex.ma Senhora
Maria João Pedreira
ProSistemas
R. Alexandre Herculano, 3 - 1º
2795-240 LINDA-A-VELHA

Sua referência
Fax n.º 08/0171

Sua data
07/03/2008

Nossa referência
DSGPF
0703

Nossa data
11. ABR 2008

Assunto: "Processo de AIA - Blocos de Rega de Ervidel"
Pedido de elementos

Relativamente ao assunto supra referido e após análise da cartografia enviada, informamos que em vários locais, do limite, da área em estudo existem povoamentos de Azinheiras e no extremo sul, um eucaliptal. - Cartografia em anexo.

Os Sobreiros e Azinheiras são espécies protegidas nos termos do Decreto-Lei n.º 169/2001, de 25 de Maio com as alterações introduzidas pela Decreto-Lei n.º 155/2004, de 30 de Junho.

O corte e/ou abate destas espécies deve, prévia e obrigatoriamente, cumprir com o determinado nos citados Decretos-Lei que determinam que:

- o corte ou arranque de exemplares de Sobreiros e de Azinheiras está sujeito a autorização da Direcção-Geral dos Recursos Florestais;
- a Direcção-Geral dos Recursos Florestais só pode autorizar os cortes ou arranques em povoamentos de Sobreiro e de Azinheira para empreendimentos de imprescindível utilidade pública e de relevante e sustentável interesse para a economia local, assim declarados a nível ministerial (n.º 2 do art.2), sem alternativa válida de localização;
- pelo artigo 8º, pode ainda ser exigida pelo Senhor Ministro da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas, a constituição de novas áreas de povoamentos nunca inferiores às afectadas pelo corte ou arranque de sobreiros e de azinheiras, multiplicadas por um factor de 1,25;



DIRECÇÃO-GERAL DOS RECURSOS FLORESTAIS

SEDE
Av. João Crisóstomo, 26-28. 1069-040 LISBOA. Portugal
☎ +351.21 312 4800 ☎ +351.21 312 4980
info@dgrf.min-agricultura.pt
www.dgrf.min-agricultura.pt

DIRECÇÃO DE SERVIÇOS DE GESTÃO DO PATRIMÓNIO
FLORESTAL
Avenida João Crisóstomo, 28, 1069-040 Lisboa
☎ +351.213 124 949 ☎ +351. 213 12 4 989/91
info@dgrf.min-agricultura.pt

NIPC
600077853

No caso de vir a ser efectuado o corte prematuro de exemplares de Eucalipto em área superiores a 1ha, deverá ser cumprido o Decreto-Lei nº 173/88, de 17 de Maio e do Decreto-Lei nº 174/88, de 17 de Maio, que estabelece a obrigatoriedade de manifestar o corte ou arranque de árvores.

Esperando ter prestado os esclarecimentos solicitados, apresentamos os melhores cumprimentos,

O Director-Geral



ANTÓNIO JOSÉ REGO

Anexo: Cartografia

AA

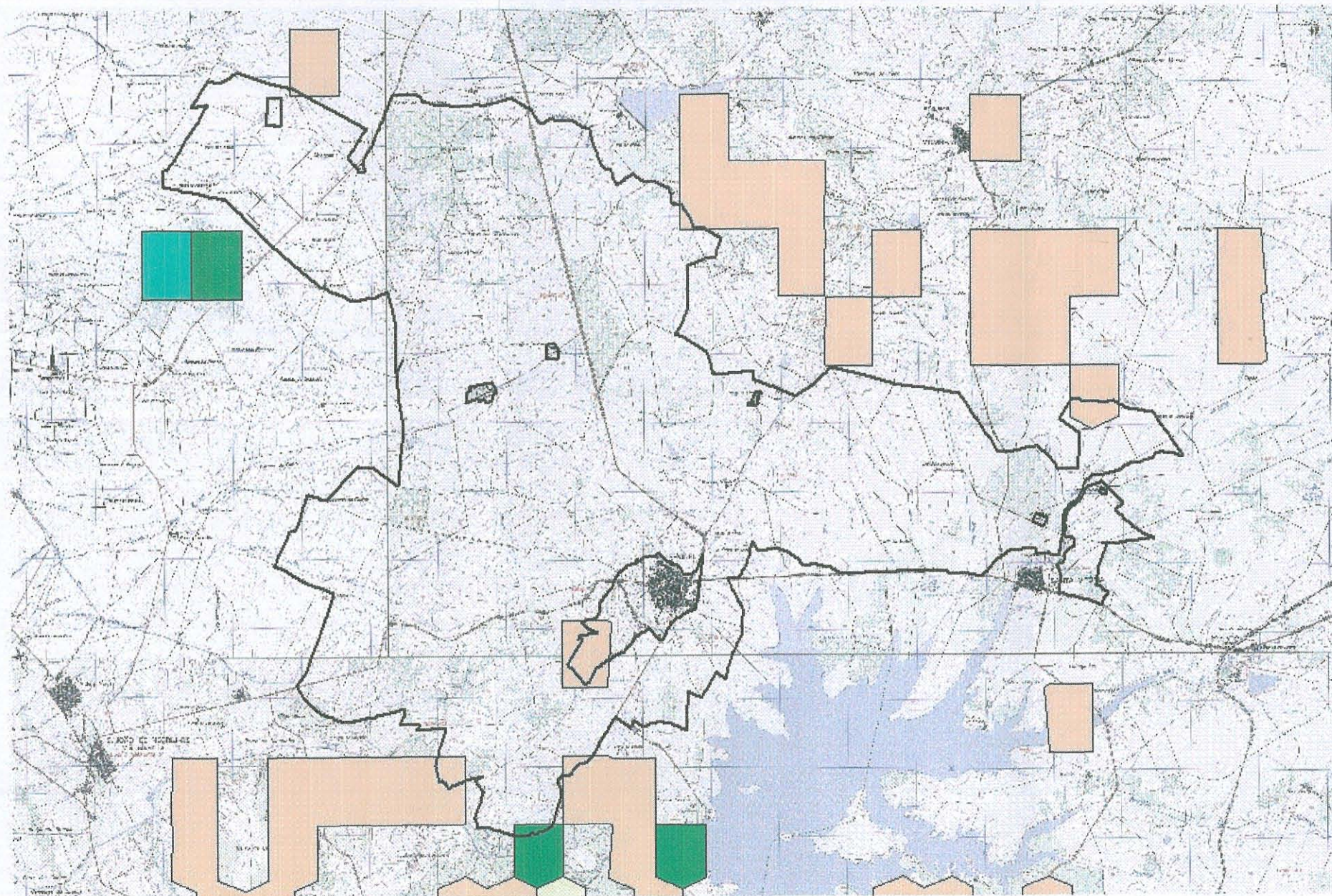
DIRECÇÃO - GERAL DOS RECURSOS FLORESTAIS

SEDE
Av. João Crisóstomo, 26-28. 1069-040 LISBOA. Portugal
☎ +351.21 312 4800 ☎ +351.21 312 4980
info@dgrf.min-agricultura.pt
www.dgrf.min-agricultura.pt

DIRECÇÃO DE SERVIÇOS DE GESTÃO DO PATRIMÓNIO
FLORESTAL
Avenida João Crisóstomo, 28, 1069-040 Lisboa
☎ +351.213 124 949 ☎ +351. 213 12 4 989/91
info@dgrf.min-agricultura.pt

NIPC
600077853

Blocos de Rega do Ervidel



1:75000

- Perimpe_Im extuno_1.shp
- DIFB-especies_1.shp
- Pinheiro bravo (Pb)
- Pinheiro manso (Pm)
- Outras resinosas (Rd)
- Sobreiro (Sb)
- Azinhara (Az)
- Outros quercus (Qc)
- Bucayo (Ec)
- Castanheiro (Ct)
- Outras folhosas (Fd)



Ministério da
Agricultura,
do Desenvolvimento
Rural e das Pescas



DGRF

Direcção-Geral dos Recursos Florestais



SAIDA *09MAY 13 6010
Direcção de Serviços de Valorização Ambiental e Apoio à Sustentabilidade
Divisão de Valorização Ambiental e Biodiversidade

Para:
PROSISTEMAS
Ao c/D^a Ana Paiva
Rua Alexandre Herculano, 3 -1^o

2795-240 LINDA-A-VELHA

SUA REFERÊNCIA
proc T507.2.2

SUA DATA

NOSSA REFERÊNCIA
520/002/001

802 DATA

ASSUNTO: EIA dos Blocos de Rega de Ervidel

Em resposta ao vosso fax de 04 de Março de 2009, referente ao assunto em epígrafe,
informa-se que esta DRAP nada tem a opor ao proposto por essa entidade.

Com os melhores cumprimentos

Ø DIRECTOR REGIONAL

João Filipe C Libório

José Francisco F. da Veiga
Director de Serviços

NÚMERO	0640	RUBRICA	fer
RECEBIDO EM	09/05/15		
RESPONDIDO EM			
ARQUIVADO EM			

JPT/JPT

NÚMERO	0460	RUBRICA	fu
RECEBIDO EM	08/03/28		
RESPONDIDO EM			
ARQUIVADO EM			

PROSISTEMAS - Consultores de
Engenharia, S.A.
Rua Alexandre Herculano, 3 1º
2795 - 240 Linda-a-Velha

Sua Referência: Sua Comunicação de: Nossa referência: Antecedente: Saída: Data:
650/GAMB 39898 2008-03-20

Assunto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Emissão de parecer

Em resposta ao V. fax com o nº 08/0178, de 7 de Março de 2008, sobre o assunto em epígrafe, informa-se que, em cumprimento da Resolução do Conselho de Ministros nº 181/2007, foi lançada a Concessão Baixo Alentejo, a qual abrange a área em estudo.

Esta Concessão inclui, entre outros, o IP8 entre Sines e Beja, cujo traçado final, de acordo com as especificidades do próprio Concurso, será o futuro concessionário a definir.

Além do IP8, a Concessão supracitada prevê a beneficiação do IP2 entre S. Manços e Beja e entre Beja e Castro Verde, até ao Nó com a A2/IP1.

Dos lanços concessionados, os acima citados são aqueles que se afigura interferirem mais directamente com a área de implantação dos Blocos de Rega em apreço.

No que se refere à gestão da rede viária da responsabilidade directa da EP, S.A, acresce que se encontra em fase de Estudo Prévio o lanço do IP8 entre Beja (Nó de Brissos) e Baleizão e em fase de revisão do Projecto de Execução o IP2 entre Vidigueira e Beja incluindo a Variante a S. Matias, o qual consiste em grande parte no aproveitamento da plataforma existente.

Para os concelhos identificados no V. fax (Ferreira do Alentejo, Beja e Aljustrel) prevêem-se ainda inúmeras intervenções de reabilitação e conservação de Obras de Arte (Pontes, Pontões, Passagens Superiores), as quais, dada a sua natureza, não se afigura que venham a inviabilizar ou condicionar de forma significativa a implantação dos Blocos de Rega em epígrafe. Contudo, a EP expressa a inteira disponibilidade para fornecer informação mais detalhada a este respeito, se for necessário.

Uma vez que não foi disponibilizada a localização das infra-estruturas primárias e secundárias de transporte e de adução de água, assume-se que o Estudo dos Blocos de Rega de Ervidel se encontra ainda numa fase preliminar. Assim, de forma a permitir a compatibilização das mesmas com a rede viária prevista e/ou já existente - a qual margina e/ou atravessa em alguns pontos a área dos referidos Blocos - nomeadamente no que se refere à respectiva área de servidão *non aedificandi*, definida na legislação aplicável, recomenda-se o estabelecimento de novo contacto com a EP em fases posteriores do Estudo.

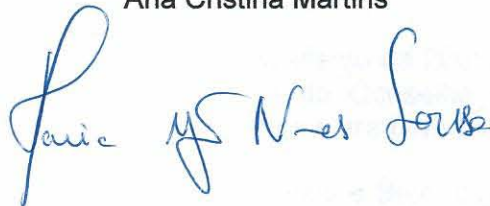
Não obstante o acima referido, a EP reitera a sua disponibilidade para prestar os esclarecimentos e/ou elementos adicionais entendidos por necessários. Para o efeito, poderá ser contactada a Dra. Ivone Maçarico, através do telef.: 21 287 9658 ou do endereço de correio electrónico: maria.macarico@estradasdeportugal.pt.

Com os melhores cumprimentos.



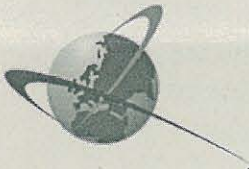
A Directora do Gabinete de Ambiente

Ana Cristina Martins



Em anexo: conforme texto

(IM/GAMB)



MINISTÉRIO DO AMBIENTE, DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO E DO
DESENVOLVIMENTO REGIONAL

INSTITUTO GEOGRÁFICO PORTUGUÊS

NÚMERO	0422	RUBRICA	fer
RECEBIDO EM	09/03/20		
RESPONDIDO EM			
ARQUIVADO EM			

ProSistemas
Consultores de Engenharia, S.A.

Rua Alexandre Herculano, 3 – 1º

2795-240 Linda-a-Velha

17.03.2008* 2542

Data: 2008.03.12 N. Refª. 56/DSGC/DGeod/2008 V. Refª Fax nº 08/0179 de 2008.03.07
Processo T507.2.2

Assunto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel

Exmos. Senhores,

Informa-se que todos os vértices geodésicos pertencentes à Rede Geodésica Nacional (RGN), são da responsabilidade do Instituto Geográfico Português (IGP). A RGN, constitui o referencial oficial para os trabalhos de geo-referenciação, realizados em território nacional (geodesia, cartografia, cadastro predial, topografia, implantação de obras públicas e particulares, etc). Além das finalidades referidas, a RGN serve um conjunto de outras finalidades de natureza técnica e científica, tais como, estudos de geodinâmica, estudos de impacto ambiental, controlo da orla costeira, ordenamento agrícola e florestal, hidrografia, etc.

Após análise da localização prevista para o projecto dos vários blocos de rega, verificou-se que existem alguns vértices geodésicos que poderão ser afectados por este projecto. Em anexo, envia-se uma lista com os vértices geodésicos que pertencem às freguesias abrangidas por este projecto e as respectivas coordenadas aproximadas, referidas ao sistema ETRS89/PT-TM06.

Assim, deverão V. Exas. respeitar o estipulado no Decreto Lei nº 143/82 de 26 de Abril, nomeadamente a zona de protecção dos marcos, constituída por uma área circunjacente ao sinal, de raio nunca inferior a 15 metros. Deverá ainda ser assegurado que as infra-estruturas a implantar não obstruem as visibilidades das direcções constantes das respectivas minutas de triangulação.

IGP – Ofício

N. Refº:

56/DSGC/DGeod/2008

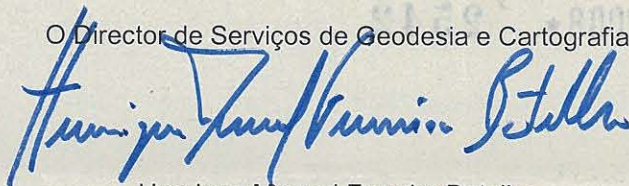
Data: 2008-03-12

p. 2/2

Para que o Instituto Geográfico Português possa emitir um parecer sobre o V. projecto, é indispensável que nos sejam fornecidas as coordenadas das estruturas a implantar, de modo a que se possa verificar se as mesmas interferem ou não com as actividades deste Instituto.

Com os melhores cumprimentos,

O Director de Serviços de Geodesia e Cartografia



Henrique Manuel Ferreira Botelho
Cor., Engº Geógrafo



MINISTÉRIO DO AMBIENTE, ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO E DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL

INSTITUTO GEOGRÁFICO PORTUGUÊS

Direcção de Serviços de Geodesia e Cartografia

Vértices Geodésicos pertencentes às freguesias de Ferreira do Alentejo, Mombeja, Santa Vitória, Ervidel e Aljustrel

Folha SCN50K	Nome	Ordem	Coordenadas ETRS89 (aproximadas)		Alt. Ortom. Topo (m)
			X (m)	Y (m)	
42-B	CARVALHOSO	3	-1604	-174701	105
42-B	CASTELO VENTOSO	3	-699	-171652	107
42-B	CORTES 2º	3	-2615	-173509	105
42-B	FUMEIRA	3	-4586	-177245	98
42-B	JOANICAS	3	-3343	-179837	105
42-B	MONTE BRANCO	3	-5765	-179625	96
42-B	CORTES 1º	3	-990	-178687	111
42-D	BOISÃO	3	-10174	-182134	89
42-D	GASPARÕES	3	-6558	-186792	101
42-D	LAGOA DO CABO	3	-12331	-184420	94
42-D	LAVAJOS	3	-9114	-184749	94
42-D	MINGORRA	3	-2172	-182075	112
42-D	ROCHA	3	-2501	-186100	165
42-D	ROLÃO	2	-69	-184821	165
42-D	SEIXO	3	-521	-194922	168
42-D	VALONGO	3	-612	-189127	158
42-D	ALJUSTREL	1	-3034	-198344	256
42-D	ALJUSTREL-ENW	1	-3037	-198340	248
42-D	ALJUSTREL-ESE	1	-3033	-198350	248
42-D	ALJUSTREL-ETF33	1	-3029	-198341	248
42-D	CABEÇA RUIVA 2º	3	-3717	-194398	133
42-D	OLHAS	2	-9200	-181586	109
42-D	BELA VISTA	3	-3118	-185839	144
43-A	BARRADA	3	3100	-173801	120
43-A	CARLOTA	3	14888	-179873	219
43-A	FERREIRA	3	1420	-178683	157
43-A	FIGUEIRINHA	3	4109	-179176	196
43-A	FONTE BOA	3	2224	-170444	111
43-A	MALTALHADA	3	519	-173599	108
43-A	STA LUZIA	3	4328	-178067	188
43-C	ALECRIM	3	1205	-199296	220
43-C	BAILIQUE	2	2893	-189093	211
43-C	CABEÇA ALTA	3	6899	-183866	235
43-C	CALIÇOS	3	15180	-184576	213
43-C	CARIOLINHA 1º	3	4749	-189813	158
43-C	CHANCUDA	3	13132	-193233	163
43-C	FIGUEIRINHA	3	9315	-196825	172
43-C	GALIADAS	3	441	-188037	193
43-C	GODINHOS	3	661	-191038	159
43-C	LANÇA	3	12853	-187241	168
43-C	MONTE NOVO	3	3657	-181506	164
43-C	MONTE DO OUTEIRO	3	479	-193606	152
43-C	OLIVEIRINHA	3	10473	-185519	172
43-C	OUTEIRO	3	12761	-189213	165
43-C	PENEDRÃO	3	6385	-185208	221
43-C	PÍNCAROS	3	5702	-198229	185
43-C	POCEIRÃO	3	2679	-197359	199



INSTITUTO GEOGRÁFICO PORTUGUÊS

Direcção de Serviços de Geodesia e Cartografia

43-C	QUARTIJOS	2	6813	-193846	174
43-C	RAMADA	3	5865	-187456	162
43-C	RIPAIS	3	9301	-191452	155
43-C	TRAVESSO	3	12273	-194837	161
43-C	VIGIA	3	9856	-181838	274
43-C	VILA VERDE	2	13244	-183399	217
43-C	SOALHAUS	3	2412	-184817	186
43-C	STA VITÓRIA 1º	3	9667	-189081	162
43-C	STA VITÓRIA 2º	3	9674	-188779	169
45-B	AMENDOEIRA	3	-18	-204860	214
45-B	MAROIÇOS	3	-3925	-201483	245
45-B	TACÃO	3	-3813	-205272	244
45-B	ÁGUIA	3	-55	-202101	233
46-A	ALGARVIO	3	7734	-201240	190
46-A	MALHADINHA	3	3347	-202932	216
46-A	TAGARREIRA	3	3960	-205678	198



MINISTÉRIO DO AMBIENTE, DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO
E DO DESENVOLVIMENTO REGIONAL
INSTITUTO DA ÁGUA, I.P.
Departamento de Ordenamento e Regulação do Domínio Hídrico
Divisão de Administrações das Utilizações

Exm^o Senhora Maria João Pedreira
Prosistemas, Consultora de Engenharia
Rua Alexandre Herculano, n^o3, 1^o
2795-240 Linda-a-Velha

Vossa referência	Data	Nossa referência	Data
		Sai-DORDH-DAU-2008-353	2008.03.25

Proc^o

ASSUNTO: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel

Relativamente ao assunto mencionado em epígrafe, e em resposta ao V. Fax n^o08/0180 de 03/07/08, cumpre informar que este Instituto apenas se pronunciará sobre o Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos dos Regas de Ervidel, em sede de Avaliação de Impacte Ambiental.

Com os melhores cumprimentos.

2^o O PRESIDENTE,

Orlando Borges

Margarida Almodovar
Directora de Departamento

NÚMERO	0515	RUBRICA	fm
RECEBIDA EM	08/04/08		
RESPONDIDA EM			
ARQUIVADA EM			

From: "Augusto Costa" <augusto.costa@ineti.pt>
To: "ProSistemas - Consultores de Engenharia, SA" <geral@prosistemas.pt>
Sent: segunda-feira, 27 de Abril de 2009 19:07
Subject: RE: Envio de shape file - Blocos de Rega de Ervidel

Cara Eng.^a Ana Paiva,

Em resposta à vossa solicitação podemos informar que o perímetro de rega cuja shapefile nos enviaram não intersecta os sistemas aquíferos mais importantes desta região, a saber o "Sistema Aquífero dos Gabros de Beja" e o "Sistema Aquífero da Bacia de Alvalade". Existirão seguramente aquíferos freáticos, de importância apenas local que, contudo, importará caracterizar e monitorizar de forma adequada. Chama-se apenas a atenção para a necessidade de investigar nesta região as relações entre a hidrografia superficial e os aquíferos regionalmente importantes, em particular a Bacia de Alvalade que, como se sabe, é origem de abastecimento público na zona de Canhestros.

Haverá, no âmbito do EIA em apreço, que fazer um inventário hidrogeológico de campo na área do perímetro e numa envolvente desta, sobretudo de forma a considerar também o escoamento superficial de eventuais excedentes de rega ou de excedentes de precipitação na área do perímetro de rega, que poderão arrastar contaminantes.

Com base no inventário antes referido, haverá que definir uma rede de monitorização de eventuais impactes, negativos e positivos, partindo de uma caracterização da situação de referência, em termos de qualidade e de níveis piezométricos e de um modelo conceptual sobre a forma como se dá o escoamento subterrâneo na zona.

Informa-se ainda que na área deste perímetro de rega apenas existe um ponto de água na nossa base de dados hidrogeológicos. Trata-se de uma sondagem de 85 m de profundidade que não foi aproveitada como captação, cujas coordenadas militares são as que constam da tabela seguinte:

Cod IGM	M	P	Cota	Tipo Ponto Água	Objectivo
520-S-6	202400	114400	167	Sondagem	Extracção Abandonado

Melhores cumprimentos,

Augusto Costa
(Hidrogeólogo)

De: ProSistemas - Consultores de Engenharia, SA [mailto:geral@prosistemas.pt]
Enviada: quinta-feira, 23 de Abril de 2009 9:39
Para: Augusto Costa
Assunto: Envio de shape file - Blocos de Rega de Ervidel

ProSistemas, Consultores de Engenharia, S.A.

E.mail.....: 2009.1002
Data.....: 2009.04.23
Processo.: T507.2.2

Caro Dr. Augusto Costa,
Conforme solicitado, junto envio a shape file do perímetro dos Blocos de Rega de Ervidel.

Atentamente, com os melhores cumprimentos

Ana Paiva

NA/ NA

ProSistemas, Consultores de Engenharia, S.A.
Rua Alexandre Herculano n° 3, Piso 1, A
2795-240 Linda-a-Velha
Portugal
Telf: +351 214149530; Fax: +351 214149539
W-site: <http://www.prosistemas.eu>
E-mail: geral@prosistemas.pt

Esta mensagem foi verificada por uma Webshield Appliance da McAfee.
INETI - DSIC

ProSistemas - Consultores de Engenharia, SA

From: "André Matoso" <andre.matoso@arhalentejo.pt>
To: <geral@prosistemas.pt>
Sent: segunda-feira, 9 de Março de 2009 10:38
Attach: Pedido Prosistemas_BREvidel.doc
Subject: ESTUDO DE IMPACTE AMBIENTAL DOS BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL

Exma Sr^a **Eng^a Ana Paiva:**

Em resposta ao solicitado na V/ Telecópia nº 09/0142, de 03/03/09, relativamente às condicionantes existentes na área afecta ao projecto mencionado em epígrafe, anexa-se um ficheiro contendo as localizações das captações subterrâneas que constituem origens de abastecimento público situadas na área de abrangência do projecto sem prejuízo de deverem ser contactadas as respectivas entidades gestoras, no sentido de obter informação eventualmente mais actualizada, nomeadamente sobre as propostas de delimitação dos respectivos perímetros de protecção.

Informa-se ainda que a maior parte da área do projecto se localiza na bacia drenante para a albufeira do Roxo, que constitui a principal origem de água para abastecimento público dos concelhos de Aljustrel e de Beja.

Relativamente a dados de monitorização da qualidade dos recursos hídricos (superficiais e subterrâneos), nomeadamente das origens de água para abastecimento público, poderá ser consultada a página da CCDR Alentejo (<http://www.ccdr-a.gov.pt/> tema "Ambiente" / ÁGUA) ou o *site* do Instituto da Água / SNIRH (<http://snirh.inag.pt/>).

Com os melhores cumprimentos.

André Matoso

Administração da Região Hidrográfica do Alentejo, I.P.
 Estrada das Piscinas, nº 193
 7004-514 ÉVORA PORTUGAL
 Telef.: + 351 266 740 300 Fax: + 351 266 743 282
www.arhalentejo.pt



Antes de imprimir este E-mail, pense bem se tem mesmo de o fazer.

NÚMERO	1035	RUBRICA	fer
RECEBIDO EM	09/03/09		
RESPONDIDO EM			
ARQUIVADO EM			

Origens de Abastecimento Subterrâneo

CONCELHO	TIPO	LOCAL	DESIGNAÇÃO	X	Y	NÚMERO_CM	N_SNIRH	EXISTE_REL	OBS
Ferreira do Alentejo	Furo	Pereiro	JK8	203380	119370	520	520/47	não	muito bom

CONCELHO	SISTEMA_DE	TIPO	LOCAL	DESIGNAÇÃO	X	Y	NÚMERO_CM	FREGUESIA	N_SNIRH	EXISTE_REL
Beja		Furo	Mombeja		208200	117360	520		520/48	não

CONCELHO	SISTEMA_DE	TIPO	LOCAL	DESIGNAÇÃO	X	Y	NÚMERO_CM	FREGUESIA	HAB_	N_SNIRH	EXISTE_REL
Beja	Monbeja	Poço	Mombeja	PTD1	208330	117680	520		0	520/6	não

CONCELHO	SISTEMA_DE	TIPO	LOCAL	DESIGNAÇÃO	X	Y	NÚMERO_CM	FREGUESIA	HAB_	N_SNIRH	EXISTE_REL	OBS
Aljustrel	São João de Negrilhos	Furo	S. João de Negrilhos		195440	109000	CM 529		0	529/49	Não	µgua de m qualidade, (ferro,

CONCELHO	SISTEMA_DE	TIPO	LOCAL	DESIGNAÇÃO	X	Y	NÚMERO_CM	FREGUESIA	HAB_	N_SNIRH	EXISTE_REL
Ferreira do Alentejo	Gasparães	Furo	Mte Arroiteia	TD2	195680	116570	519		490	519/71	não

CONCELHO	SISTEMA_DE	TIPO	LOCAL	DESIGNAÇÃO	X	Y	NÚMERO_CM	FREGUESIA	HAB_	N_SNIRH	EXISTE_REL
Ferreira do Alentejo		Furo	Mte Arroiteia	PS	195800	116660	519		0	519/63	não

CONCELHO	SISTEMA_DE	TIPO	LOCAL	DESIGNAÇÃO	X	Y	NÚMERO_CM	FREGUESIA	HAB_	N_SNIRH	EXISTE_REL	OBS
Ferreira do Alentejo	Aldeia de Ruins-Canhestros	Furo	Barranco dos Can	AC3	187580	119200	519		695	519/65	não	limpo em 1978 pela AC

CONCELHO	SISTEMA_DE	TIPO	LOCAL	DESIGNAÇÃO	X	Y	NÚMERO_CM	FREGUESIA	HAB_	N_SNIRH	EXISTE_REL	OBS
Ferreira do Alentejo		Furo	Barranco dos Can	PS	187820	119160	519		0	519/70	não	JK ao lado cimentado

CONCELHO	SISTEMA_DE	TIPO	LOCAL	DESIGNAÇÃO	X	Y	NÚMERO_CM	FREGUESIA	HAB_	N_SNIRH	EXISTE_REL	OBS
Ferreira do Alentejo		Furo	Canhestros	AC2	187100	119160	519		0	519/67	não	limpo em 1978 pela AC

REN - Rede Eléctrica Nacional, S.A.
 Av. Estados Unidos da América, 55 1749-061 LISBOA
 Apartado 50316 1708-001 LISBOA
 NIPC 507 866 673 Capital Social: 586 758 993 euros
 Telefone (351) 210013500 Fax (351) 210013310

À
 ProSistemas, Consultores de Engenharia, S.A.
 (a/c Sr.ª Ana Paiva)

Rua Alexandre Herculano, 3 - 1º
 2795-240 LINDA-A-VELHA

Sua referência	Sua comunicação de	Nossa referência	Data
fax 09/0147	2009-03-03	Carta EQLN 246/2009	23 - 4 - 09
Processor: T507.2.2			

Assunto **Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel.
 Interferências com as Infra-estruturas da RNT - Rede Nacional de Transporte de Electricidade.**

Exma. Senhora,

Sobre o assunto em título, recebemos o fax n.º 09/0147, de 3.Março.2009, referente ao processo com o n.º T507.2.2.

A **REN** - Rede Eléctrica Nacional, S.A. é, nos termos da legislação em vigor, a concessionária da RNT, constituída pelas infra-estruturas da Rede de Muito Alta Tensão (subestações e linhas eléctricas, com tensão nominal superior a 110 kV). A referida concessão é exercida em regime de serviço público, pelo que as infra-estruturas da RNT têm associada, para todos os efeitos, uma servidão de utilidade pública (conforme o n.º 1 do artigo 12.º do DL 29/2006, de 15 de Fevereiro).

Por análise dos elementos incluídos nesse fax, planta de esboço corográfico com a localização da área de desenvolvimento abrangida pela obra em título, verifica-se que essa área definida para implantação dos **"Blocos de Rega de Ervidel"** (distribuída pelos sub-blocos 1, 2 e 3), nos concelhos de Ferreira do Alentejo (freguesia de Ferreira do Alentejo), de Beja (freguesias de Mombeja e de Santa Vitória) e de Aljustrel (freguesias de Ervidel e de Aljustrel), distrito de Beja e abrangendo um terreno representado nas cartas militares 519, 520, 529 e 530, é uma área ao longo da qual se encontra estabelecida a infra-estrutura da RNT abaixo indicada e explorada à tensão nominal referida:

Circuito	Sigla	Descrição	Constituição	Tensão [kV]
1085	LFA.OQ	LINHA FERREIRA DO ALENTEJO - OURIQUE	Simplex	150

Para melhor enquadramento junto se envia, acompanhado de uma declaração de responsabilidade, um CD-ROM, contendo cópia de elementos com informação sobre a localização e a identificação das infra-estruturas da RNT, existentes e em projecto, através de:

- Ficheiro 'Linhas02.dwg', com a localização e traçado cartográfico das infra-estruturas da RNT;

NUMERO	0539	RUBRICA	fe
RECEBIDO EM	09/04/24		
RESPONDIDO EM			
ARQUIVADO EM			



- Ficheiros dos Anexos ao Normativo das infra-estruturas da REN, SA, os quais contêm a identificação das instalações da RNT.

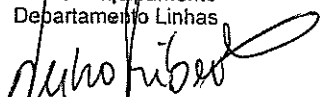
Em face da localização em estudo para os "Blocos de Rega de Ervidel" e, conseqüentemente, dos potenciais impactes sobre a RNT, entende a REN, SA que o promotor deverá estar ciente:

- Com o processo de licenciamento solicitado à DGEG (Direcção Geral de Energia e Geologia), são igualmente requeridas e constituídas servidões de utilidade pública (de acordo com os n.º 2 e n.º 3 do artigo 12º do Decreto-Lei 29/2006), que são necessárias ao estabelecimento das infra-estruturas da RNT - Rede Nacional de Transporte de Electricidade. No âmbito da servidão e de acordo com os termos definidos no RSLEAT – Regulamento de Segurança de Linhas Eléctricas de Alta Tensão (Decreto Regulamentar n.º 1/92, 18 de Fevereiro), estão também definidas:
 - a) Uma faixa de serviço com uma largura de 5 metros, dividida ao meio pelo eixo da linha;
 - b) Uma zona de protecção da linha com uma largura máxima de 45 metros, centrada no eixo da linha, na qual algumas actividades ficam condicionadas ou sujeitas a autorização prévia.
- É sempre desejável que a compatibilização em relação aos critérios anteriores seja conseguida, no sentido de não causar modificações nas infra-estruturas da RNT. Esta recomendação é particularmente importante para qualquer das linhas da RNT da REN, SA, cuja indisponibilização é extremamente difícil, por razões de segurança e estabilidade da rede, bem como muito onerosa para o promotor.
- A análise de interferências deverá ser feita, pelos serviços técnicos da REN, SA, sobre o projecto de execução da obra em título. Quando a solução de projecto implique modificações de linhas da RNT, com alteração da servidão, envolvendo a sobrepassagem ou colocação de apoios em novos proprietários, a viabilização das infra-estruturas em presença (infra-estruturas de rega dos "Blocos de Rega de Ervidel" e infra-estruturas da RNT) estará condicionada à obtenção das necessárias autorizações dos proprietários. Informamos ainda que o estabelecimento da linha atrás referida foi sujeita a condicionamentos em sede de Avaliação de Impacte Ambiental, designadamente por valores arqueológicos.

A REN, SA tem disponível, no seu portal www.ren.pt, o Plano de Desenvolvimento e Investimento da Rede (PDIRT) para o período 2006-2011 e o mapa georreferenciado com a actual RNT, que podem ser tidos em consideração para efeitos do pedido em título (ver em 'Electricidade' e 'Centro de Informação').

Alerta-se ainda que, quanto às infra-estruturas da Rede de Distribuição (subestações e linhas eléctricas de Média e Alta Tensão, com tensão nominal não superior a 110 kV) existentes na área em análise e às possíveis interferências com as mesmas, deve ser consultada, de modo a garantir a Segurança de Pessoas e Bens, a empresa EDP – Distribuição (à Rua Camilo Castelo Branco, 43 – 1050-044 LISBOA).

Com os melhores cumprimentos,
REN - Rede Eléctrica Nacional, S.A.
Divisão Equipamento
Departamento Linhas



Nuno Ribeiro
(Subdirector)

Anexos: CD-ROM, contendo cópia do ficheiro 'Linhas02.dwg' e dos ficheiros com os Anexos ao Normativo das infra-estruturas da REN, SA
Declaração de Responsabilidade

Direcção de Ambiente-VN Gaia
Rua Silva Tapada, 379
4430-239 VILA NOVA DE GAIA



NÚMERO	0346	RUBRICA	fer
RECEBIDO EM	09/03/12		
RESPONDIDO EM	/ /		
ARQUIVADO EM	/ /		

Prosistemas,S.A.

Rua Alexandre Herculano 3 -1º
2795-240 Linda -A-Velha

Sua referência:
T507.2.2

Sua comunicação de:
03.03.2009

Nossa referência:
745791/AM

Data:
05.03.2009

Assunto: Estudo de Impacte Ambiental (EIA) dos Blocos de Rega de Ervidel. Parecer da REFER.

Exmos. Srs.,

No seguimento da solicitação expressa por essa empresa, solicitando a identificação de eventuais condicionantes que devam ser consideradas nesta fase de elaboração do EIA adstrito ao projecto referido em epígrafe, foi analisada a documentação enviada, tendo em vista fazer face a esse pedido.

Após a referida análise, particularmente da cartografia apresentada, concluiu-se que os polígonos referentes à área objecto de estudo, não obstante a sua proximidade à Linha do Alentejo, não interfere com a Rede Ferroviária Nacional sob responsabilidade da REFER, pelo que não se observam entraves, do ponto de vista ferroviário, para a execução da obra preconizada.

Com os melhores cumprimentos,

João Morais Sarmento

Director de Ambiente

REDE FERROVIÁRIA NACIONAL REFER EPE

Estação de Santa Apolónia
Largo dos Caminhos-de-Ferro

1100-105 USBOA

Telef: 211 022 000 Fax: 211 022 439

Sede: Estação de Santa Apolónia USBOA - Contribuinte e registo na CRCL: 503983813



ProSistemas
CONSULTORES DE ENGENHARIA, S.A.



COBA

ANEXO 3 – QUALIDADE DA ÁGUA

ANEXO 3 – QUALIDADE DA ÁGUA

QUADRO 1 - Resultados da avaliação de qualidade da água para a albufeira do Alvito (balanço de massas)

QUADRO 2 - Resultados da avaliação de qualidade da água para a albufeira do Penedrão (modelo de mistura completa)

QUADRO 1 - Resultados da avaliação de qualidade da água para a albufeira do Alvito (balanço de massas)

data	Vol armazenado (dam³)	Caudal afluyente (m³/s)	T (°C)			OD (mg/L)			SST (mg/L)			Pt (mg/L)			PO4 (mg/L)			Nt (mg/L)			NO3 (mg/L)			NO2 (mg/L)			NH4 (mg/L)			COL FEC		
			Obs	afl.	Cen A	Obs	afl.	Cen A	Obs	afl.	Cen A	Obs	afl.	Cen A	Obs	afl.	Cen A	Obs	afl.	Cen A	Obs	afl.	Cen A	Obs	afl.	Cen A	Obs	afl.	Cen A	Obs	afl.	Cen A
Jan-05	118 046	32.0	10.5	15.0	12.4	9.4	5.2	7.6	2.4	5.2	3.6	0.018	0.307	0.139	0.032	0.163	0.087	0.321	0.817	0.530	0.800	0.960	0.867	0.016	0.046	0.029	0.080	0.163	0.115	9	1 000	426
Fev-05	118 046	32.0	9.8	9.7	9.8	15.8	7.5	12.5	7.3	7.5	7.4	0.019	0.047	0.030	0.038	0.040	0.039	0.248	0.963	0.531	0.800	1.757	1.179	0.014	0.046	0.027	0.040	0.040	0.040	2	2 000	793
Mar-05	116 498	32.0	10.7	9.6	10.2	15.6	8.3	12.5	8.8	8.3	8.5	0.023	0.270	0.128	0.041	0.052	0.046	0.518	1.253	0.830	0.840	2.450	1.523	0.011	0.046	0.026	0.040	0.052	0.045	1	7 000	2 968
Abr-05	115 724	32.0	17.6	12.9	15.6	12.4	7.0	10.1	6.7	7.0	6.8	0.281	0.090	0.201	0.028	0.111	0.063	0.203	0.700	0.410	0.660	1.033	0.816	0.007	0.102	0.047	0.093	0.111	0.101	0	10 000	4 175
Mai-05	114 080	32.0	17.1	18.0	17.5	12.1	5.4	9.2	7.8	5.4	6.8	0.012	0.055	0.030	0.013	0.171	0.081	0.209	0.810	0.467	0.580	1.048	0.781	0.008	0.046	0.024	0.100	0.171	0.131	12	800	350
Jun-05	112 310	32.0	24	18.6	21.7	9.7	3.7	7.1	3.1	3.7	3.3	0.018	0.048	0.031	0.025	0.232	0.113	0.177	0.740	0.416	0.580	0.090	0.372	0.009	0.046	0.025	0.105	0.232	0.159	2	900	383
Jul-05	98 883	32.0	24.7	18.1	21.7	8.6	2.7	5.8	6.8	2.7	4.9	0.016	0.591	0.283	0.025	0.088	0.054	0.208	0.477	0.333	0.140	0.385	0.254	0.004	0.033	0.017	0.050	0.088	0.068	11	100	52
Ago-05	89 677	32.0	25.3	19.2	22.3	8.4	2.6	5.5	6.8	2.6	4.7	0.011	0.552	0.276	0.150	0.159	0.154	0.002	0.957	0.468	0.460	0.841	0.646	0.005	0.033	0.019	0.050	0.159	0.103	0	100	49
Set-05	87 769	32.0	23.5	17.2	20.4	9.5	1.7	5.7	7.1	1.7	4.5	0.031	0.150	0.089	0.028	0.215	0.119	0.147	0.807	0.468	0.140	0.443	0.287	0.003	0.033	0.018	0.060	0.215	0.135	1	600	292
Out-05	89 147	32.0	19.9	17.7	18.8	8.6	3.7	6.2	5.7	3.7	4.7	0.018	0.108	0.062	0.024	0.219	0.120	0.676	1.087	0.877	2.220	0.664	1.457	0.002	0.033	0.017	0.050	0.219	0.133	330	100	217
Nov-05	102 521	32.0	19.5	16.4	18.1	7.5	3.9	5.9	5.5	3.9	4.8	0.055	0.149	0.097	0.030	0.364	0.179	0.425	1.493	0.903	0.710	1.107	0.888	0.046	0.044	0.045	0.113	0.364	0.225	170	1 500	765
Dez-05	95 814	32.0	13.7	13.0	13.4	10.0	5.1	7.7	6.3	5.1	5.7	0.087	0.052	0.070	0.062	0.047	0.055	0.264	3.873	1.968	0.800	12.503	6.326	0.068	0.033	0.051	0.140	0.047	0.096	140	100	121
Jan-06	96 041	32.0	11	11.2	11.1	9.8	5.8	7.9	5.2	5.8	5.5	0.022	0.022	0.022	0.042	0.039	0.041	0.666	2.663	1.608	1.680	8.769	5.023	0.017	0.100	0.056	0.040	0.039	0.040	9	6	8
Fev-06	97 178	32.0	10.7	9.8	10.3	12.7	7.0	10.1	7.3	7.0	7.2	0.016	0.017	0.016	0.042	0.061	0.050	0.543	5.080	2.555	1.770	20.726	10.175	0.014	0.030	0.021	0.040	0.061	0.049	8	0	4
Mar-06	104 050	32.0	12.8	10.7	11.9	13.4	7.8	10.9	8.8	7.8	8.3	0.039	0.028	0.034	0.037	0.040	0.038	0.870	0.333	0.628	2.130	1.476	1.835	0.028	0.030	0.029	0.165	0.040	0.109	1	20	10
Abr-06	102 988	32.0	17.4	13.8	15.8	10.0	5.9	8.2	6.7	5.9	6.3	0.013	0.011	0.012	0.029	0.193	0.102	0.396	1.487	0.883	1.280	4.414	2.678	0.021	0.099	0.056	0.093	0.193	0.138	3	68	32
Mai-06	96 951	32.0	21.5	16.0	18.9	8.1	4.3	6.3	7.8	4.3	6.2	0.031	0.018	0.025	0.023	0.086	0.053	0.402	0.333	0.370	0.750	1.181	0.952	0.022	0.043	0.032	0.100	0.086	0.094	4	0	2
Jun-06	75 772	32.0	23	19.3	21.0	9.8	4.4	7.0	3.1	4.4	3.8	0.021	0.012	0.016	0.018	0.137	0.080	0.087	0.227	0.160	0.270	0.502	0.391	0.015	0.042	0.029	0.105	0.137	0.122	0	190	99
Jul-06	73 992	32.0	24.8	21.3	22.9	7.5	4.2	5.7	21.0	4.2	12.0	0.076	0.014	0.043	0.064	0.151	0.111	0.217	0.867	0.566	0.220	1.949	1.148	0.003	0.065	0.036	0.050	0.151	0.104	30	210	127
Ago-06	71 767	32.0	26	21.6	23.6	7.6	4.2	5.7	11.0	4.2	7.3	0.289	0.012	0.138	0.032	0.292	0.173	0.001	0.607	0.330	0.460	0.087	0.257	0.002	0.030	0.017	0.060	0.292	0.186	6	1 100	601
Set-06	70 492	32.0	25.8	21.1	23.3	7.6	3.9	5.6	14.0	3.9	8.5	0.165	0.016	0.084	0.027	0.318	0.184	0.170	1.080	0.662	0.417	0.087	0.239	0.006	0.066	0.038	0.060	0.318	0.200	70	9 600	5 222
Out-06	78 175	32.0	22.7	19.8	21.2	9.0	3.4	6.1	5.2	3.4	4.3	0.051	0.022	0.036	0.053	0.471	0.272	0.001	1.460	0.764	0.732	4.325	2.611	0.003	0.031	0.018	0.040	0.471	0.266	10	5 000	2 620
Nov-06	86 497	32.0	20.3	17.5	18.9	8.2	4.6	6.4	6.6	4.6	5.6	0.033	0.074	0.053	0.038	0.184	0.109	0.239	1.407	0.810	0.739	3.203	1.945	0.044	0.219	0.130	0.050	0.184	0.116	110	500	301
Dez-06	91 608	32.0	16.2	14.1	15.2	8.1	6.1	7.2	13.0	6.1	9.7	0.060	0.061	0.060	0.035	0.065	0.049	0.018	1.283	0.630	0.886	5.447	3.091	0.059	0.044	0.052	0.167	0.065	0.117	3 300	500	1 947
Jan-07	90 949	32.0	13.7	11.5	12.6	12.1	7.6	9.9	5.2	7.6	6.3	0.048	0.012	0.031	0.028	0.125	0.075	0.172	1.463	0.798	1.357	1.319	1.338	0.025	0.023	0.024	0.080	0.125	0.102	0	40	19
Fev-07	97 519	32.0	10.3	11.8	10.9	7.2	7.1	7.2	7.3	7.1	7.2	0.040	0.012	0.028	0.042	0.029	0.036	0.008	1.597	0.711	1.438	3.928	2.540	0.027	0.010	0.019	0.063	0.029	0.048	7	1 000	446
Mar-07	97 519	32.0	15.3	13.3	14.3	9.0	6.9	8.0	8.8	6.9	7.9	0.041	0.016	0.029	0.037	0.080	0.057	0.109	1.450	0.736	1.377	2.422	1.866	0.019	0.010	0.015	0.165	0.080	0.125	2	150	71
Abr-07	97 746	32.0	14	13.6	13.8	9.3	5.9	7.7	6.7	5.9	6.3	0.014	0.016	0.015	0.044	0.080	0.060	0.005	1.833	0.844	0.890	2.599	1.674	0.016	0.044	0.029	0.050	0.080	0.064	20	300	149
Mai-07	98 656	32.0	18.5	17.4	18.0	8.4	5.2	6.9	7.8	5.2	6.6	0.076	0.016	0.048	0.078	0.133	0.104	0.222	0.900	0.537	0.658	1.730	1.157	0.019	0.227	0.116	0.120	0.133	0.126	8	2 700	1 259
Jun-07	97 519	32.0	20.1	17.8	19.0	9.5	4.1	7.0	3.1	4.1	3.5	0.019	0.016	0.018	0.018	0.110	0.060	0.001	1.087	0.500	0.447	1.167	0.778	0.003	0.040	0.020	0.105	0.110	0.107	22	1 200	563
Jul-07	94 677	32.0	23.7	18.5	21.2	9.0	4.2	6.7	6.8	4.2	5.6	0.020	0.016	0.018	0.035	0.147	0.088	0.239	1.303	0.745	0.190	1.137	0.640	0.004	0.030	0.016	0.050	0.147	0.096	80	22 000	10 495
Ago-07	94 223	32.0	20	19.0	19.5	7.5	2.2	5.0	5.0	2.2	3.7	0.016	0.030	0.023	0.150	0.327	0.234	0.000	1.477	0.703	0.460	0.620	0.536	0.002	0.030	0.016	0.050	0.327	0.182	7	1 180	566
Set-07	94 419	32.0	24.7	18.6	21.8	4.4	2.2	3.4	7.1	2.2	4.8	0.022	0.089	0.053	0.027	0.277	0.144	0.546	1.277	0.888	0.417	0.130	0.283	0.004	0.030	0.016	0.060	0.277	0.161	30	80	53
Out-07	94 419	32.0	21.2	18.4	19.8	9.0	2.0	5.6	5.2	2.0	3.6	0.014	0.033	0.023	0.026	0.363	0.190	0.001	1.220	0.593	0.732	0.357	0.550	0.004	0.100	0.051	0.070	0.363	0.212	18	1 000	495
Nov-07	94 419	32.0	19.9	16.8	18.4	7.9	3.8	5.9	3.9	3.8	3.8	0.252	0.017	0.139	0.082	0.327	0.199	0.181	1.190	0.664	0.739	0.307	0.532	0.004	0.030	0.016	0.113	0.327	0.215	1	300	144
Dez-07	94 419	32.0	14.3	14.1	14.2	9.8	5.2	7.5	5.3	5.2	5.2	0.020	0.016	0.018	0.032	0.063	0.047	0.006	0.112	0.058	0.886	0.337	0.617	0.021	0.032	0.026	0.300	0.063	0.184	9	1 000	494

QUADRO 2 - Resultados da avaliação de qualidade da água para a albufeira do Penedrão (modelo de mistura completa)

data	T (°C)		OD (mg/L)		SST (mg/L)		Pt (mg/L)		Nt (mg/L)		COL FEC		PO4		NO3		NO2		NH4	
	[afil.] A	Cen A	[afil.] A	Cen A	[afil.] A	Cen A	[afil.] A	Cen A	[afil.] A	Cen A	[afil.] A	Cen A	[afil.] A	Cen A	[afil.] A	Cen A	[afil.] A	Cen A	[afil.] A	Cen A
Jan-05	12.4	12.4	7.6	5.9	3.6	1.8	0.139	0.135	0.530	0.353	426	33	0.087	0.085	0.867	0.577	0.029	0.019	0.115	0.102
Fev-05	9.8	9.8	12.5	9.6	7.4	3.7	0.030	0.029	0.531	0.354	793	61	0.039	0.038	1.179	0.785	0.027	0.018	0.040	0.035
Mar-05	10.2	10.2	12.5	9.6	8.5	4.3	0.128	0.124	0.830	0.552	2 968	228	0.046	0.044	1.523	1.014	0.026	0.017	0.045	0.040
Abr-05	15.6	15.6	10.1	7.8	6.8	3.4	0.201	0.195	0.410	0.273	4 175	320	0.063	0.061	0.816	0.543	0.047	0.031	0.101	0.089
Mai-05	17.5	17.5	9.2	7.1	6.8	3.4	0.030	0.030	0.467	0.311	350	27	0.081	0.079	0.781	0.520	0.024	0.016	0.131	0.116
Jun-05	21.7	21.7	7.1	5.5	3.3	1.7	0.031	0.030	0.416	0.277	383	29	0.113	0.110	0.372	0.247	0.025	0.016	0.159	0.141
Jul-05	21.7	21.7	5.8	4.5	4.9	2.4	0.283	0.275	0.333	0.222	52	4	0.054	0.053	0.254	0.169	0.017	0.012	0.068	0.060
Ago-05	22.3	22.3	5.5	4.2	4.7	2.4	0.276	0.267	0.468	0.312	49	4	0.154	0.150	0.646	0.430	0.019	0.012	0.103	0.091
Set-05	20.4	20.4	5.7	4.4	4.5	2.2	0.089	0.086	0.468	0.311	292	22	0.119	0.115	0.287	0.191	0.018	0.012	0.135	0.120
Out-05	18.8	18.8	6.2	4.8	4.7	2.4	0.062	0.060	0.877	0.584	217	17	0.120	0.116	1.457	0.970	0.017	0.011	0.133	0.118
Nov-05	18.1	18.1	5.9	4.5	4.8	2.4	0.097	0.094	0.903	0.601	765	59	0.179	0.174	0.888	0.591	0.045	0.030	0.225	0.199
Dez-05	13.4	13.4	7.7	5.9	5.7	2.9	0.070	0.068	1.968	1.311	121	9	0.055	0.053	6.326	4.212	0.051	0.034	0.096	0.085
Jan-06	11.1	11.1	7.9	6.1	5.5	2.7	0.022	0.022	1.608	1.070	8	1	0.041	0.040	5.023	3.344	0.056	0.037	0.040	0.035
Fev-06	10.3	10.3	10.1	7.8	7.2	3.6	0.016	0.016	2.555	1.701	4	0	0.050	0.049	10.175	6.775	0.021	0.014	0.049	0.044
Mar-06	11.9	11.9	10.9	8.3	8.3	4.2	0.034	0.033	0.628	0.418	10	1	0.038	0.037	1.835	1.222	0.029	0.019	0.109	0.096
Abr-06	15.8	15.8	8.2	6.3	6.3	3.2	0.012	0.012	0.883	0.588	32	2	0.102	0.099	2.678	1.783	0.056	0.037	0.138	0.122
Mai-06	18.9	18.9	6.3	4.8	6.2	3.1	0.025	0.024	0.370	0.246	2	0	0.053	0.051	0.952	0.634	0.032	0.021	0.094	0.083
Jun-06	21.0	21.0	7.0	5.4	3.8	1.9	0.016	0.016	0.160	0.106	99	8	0.080	0.078	0.391	0.260	0.029	0.019	0.122	0.108
Jul-06	22.9	22.9	5.7	4.4	12.0	6.0	0.043	0.041	0.566	0.377	127	10	0.111	0.107	1.148	0.764	0.036	0.024	0.104	0.092
Ago-06	23.6	23.6	5.7	4.4	7.3	3.6	0.138	0.134	0.330	0.220	601	46	0.173	0.168	0.257	0.171	0.017	0.011	0.186	0.165
Set-06	23.3	23.3	5.6	4.3	8.5	4.3	0.084	0.082	0.662	0.441	5 222	400	0.184	0.179	0.239	0.159	0.038	0.025	0.200	0.176
Out-06	21.2	21.2	6.1	4.7	4.3	2.1	0.036	0.035	0.764	0.509	2 620	201	0.272	0.264	2.611	1.739	0.018	0.012	0.266	0.235
Nov-06	18.9	18.9	6.4	4.9	5.6	2.8	0.053	0.052	0.810	0.540	301	23	0.109	0.106	1.945	1.295	0.130	0.086	0.116	0.102
Dez-06	15.2	15.2	7.2	5.5	9.7	4.8	0.060	0.059	0.630	0.419	1 947	149	0.049	0.048	3.091	2.058	0.052	0.034	0.117	0.104
Jan-07	12.6	12.6	9.9	7.6	6.3	3.2	0.031	0.030	0.798	0.532	19	1	0.075	0.073	1.338	0.891	0.024	0.016	0.102	0.090
Fev-07	10.9	10.9	7.2	5.5	7.2	3.6	0.028	0.027	0.711	0.474	446	34	0.036	0.035	2.540	1.691	0.019	0.013	0.048	0.043
Mar-07	14.3	14.3	8.0	6.2	7.9	3.9	0.029	0.028	0.736	0.490	71	5	0.057	0.055	1.866	1.242	0.015	0.010	0.125	0.111
Abr-07	13.8	13.8	7.7	5.9	6.3	3.1	0.015	0.014	0.844	0.562	149	11	0.060	0.059	1.674	1.115	0.029	0.019	0.064	0.056
Mai-07	18.0	18.0	6.9	5.3	6.6	3.3	0.048	0.047	0.537	0.358	1 259	97	0.104	0.101	1.157	0.770	0.116	0.077	0.126	0.112
Jun-07	19.0	19.0	7.0	5.4	3.5	1.8	0.018	0.017	0.500	0.333	563	43	0.060	0.058	0.778	0.518	0.020	0.013	0.107	0.095
Jul-07	21.2	21.2	6.7	5.2	5.6	2.8	0.018	0.018	0.745	0.496	10 495	805	0.088	0.085	0.640	0.426	0.016	0.011	0.096	0.085
Ago-07	19.5	19.5	5.0	3.8	3.7	1.8	0.023	0.022	0.703	0.468	566	43	0.234	0.227	0.536	0.357	0.016	0.010	0.182	0.161
Set-07	21.8	21.8	3.4	2.6	4.8	2.4	0.053	0.052	0.888	0.591	53	4	0.144	0.139	0.283	0.188	0.016	0.011	0.161	0.143
Out-07	19.8	19.8	5.6	4.3	3.6	1.8	0.023	0.022	0.593	0.395	495	38	0.190	0.184	0.550	0.366	0.051	0.034	0.212	0.188
Nov-07	18.4	18.4	5.9	4.6	3.8	1.9	0.139	0.135	0.664	0.442	144	11	0.199	0.193	0.532	0.354	0.016	0.011	0.215	0.190
Dez-07	14.2	14.2	7.5	5.8	5.2	2.6	0.018	0.018	0.058	0.039	494	38	0.047	0.046	0.617	0.411	0.026	0.017	0.184	0.163

CARACTERIZAÇÃO DA QUALIDADE DA ÁGUA NA ALBUFEIRA DO ROXO

Estações de qualidade da água Albufeira do Roxo (Meio) – código 26I/02M

e Albufeira do Roxo (Fundo) – código 26I/02F

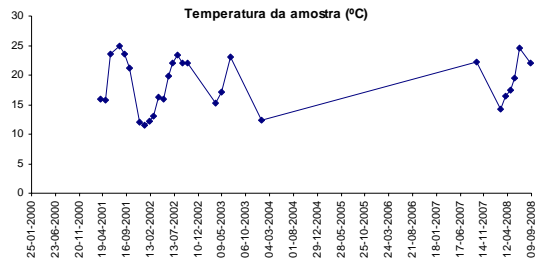


Figura 1. Valores observados na estação albufeira do Roxo - Meio – temperatura

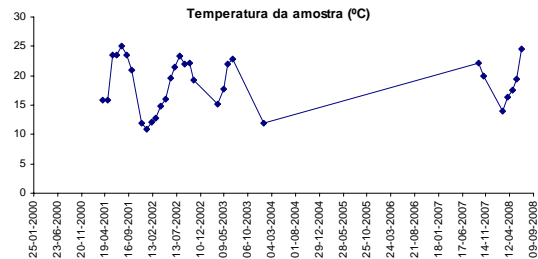


Figura 2. Valores observados na albufeira do Roxo - Fundo – temperatura

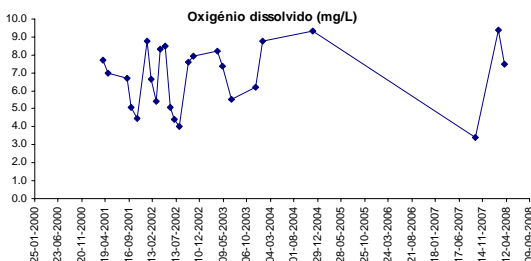


Figura 3. Valores observados na estação albufeira do Roxo - Meio – oxigénio dissolvido

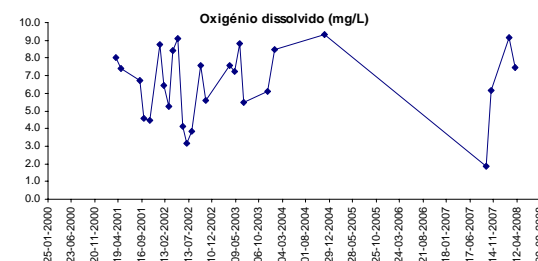


Figura 4. Valores observados na albufeira do Roxo - Fundo – oxigénio dissolvido

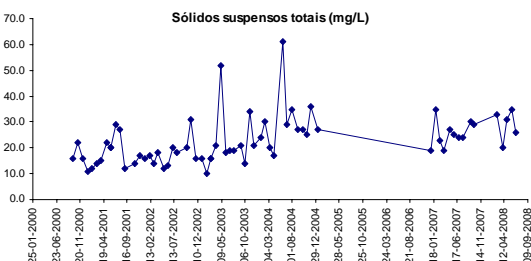


Figura 5. Valores observados na estação albufeira do Roxo - Meio – sólidos suspensos totais

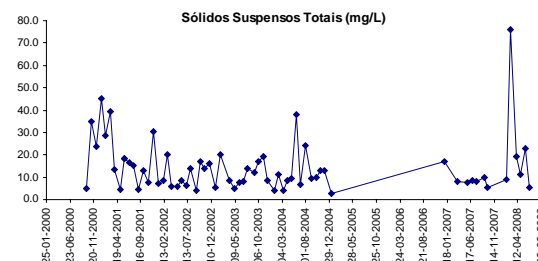


Figura 6. Valores observados na albufeira do Roxo - Fundo – sólidos suspensos totais

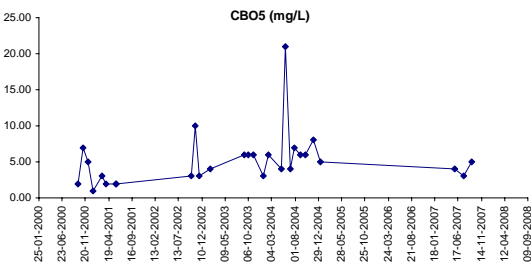


Figura 7. Valores observados na estação albufeira do Roxo - Meio – CBO₅

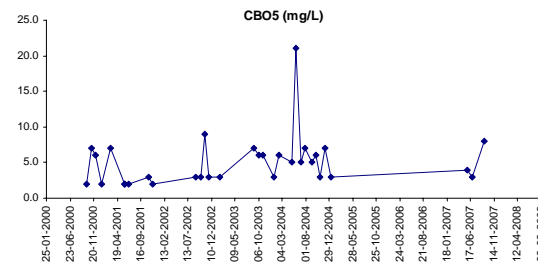


Figura 8. Valores observados na albufeira do Roxo - Fundo – CBO₅

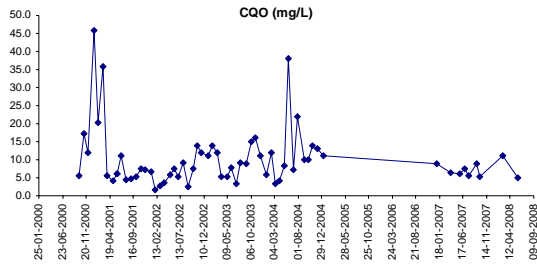


Figura 9. Valores observados na estação albufeira do Roxo - Meio – CQO

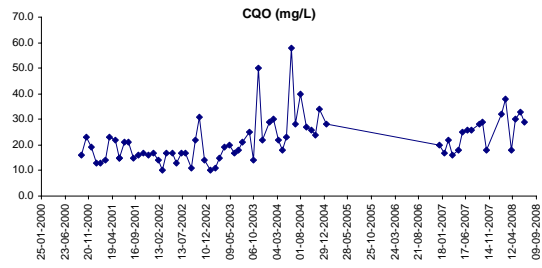


Figura 10. Valores observados na albufeira do Roxo - Fundo – CQO

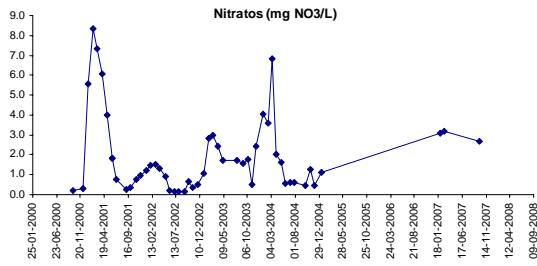


Figura 11. Valores observados na estação albufeira do Roxo - Meio – nitratos

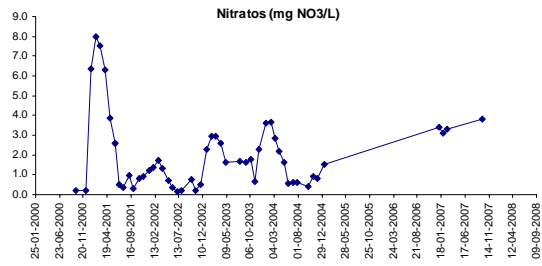


Figura 12. Valores observados na albufeira do Roxo - Fundo – nitratos

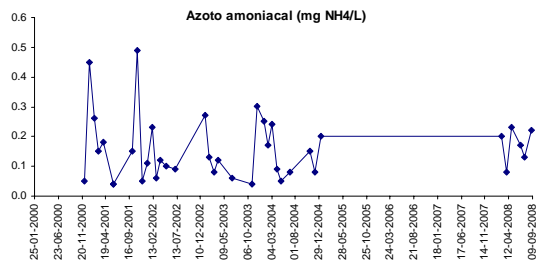


Figura 13. Valores observados na estação albufeira do Roxo - Meio – azoto amoniacal

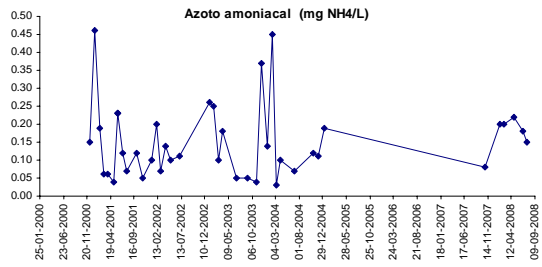


Figura 14. Valores observados na albufeira do Roxo - Fundo – azoto amoniacal

SIMULAÇÃO DA QUALIDADE DA ÁGUA NA ALBUFEIRA DO ROXO
MODELO WQRRS - RESULTADOS DE CALIBRAÇÃO
JANEIRO A DEZEMBRO DE 2004

Notas: Relativamente às figuras apresentadas em seguida deve ser observado o seguinte:

1 – Os valores indicados como “observado” referem-se a valores observados no ano de 2004 nas estações de monitorização da qualidade da água Albufeira do Roxo (S) – código 26I/02S, Albufeira do Roxo (M) – código 26I/02M e Albufeira do Roxo (F) – código 26I/02F, obtidos através do Sistema Nacional de Informação sobre Recursos Hídricos (SNIRH) – www.snirh.pt;

2- Os resultados de simulação da qualidade da água na albufeira do Roxo, indicados nas figuras como “simulado”, referem-se ao ano de 2004.

3 – Em todas as figuras, no eixo das ordenadas é apresentada a profundidade, em metros.

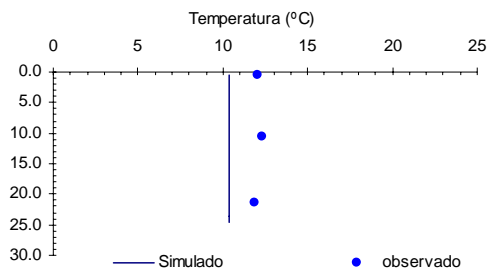


Figura 15. Temperatura na albufeira do Roxo – Calibração – Janeiro 2004

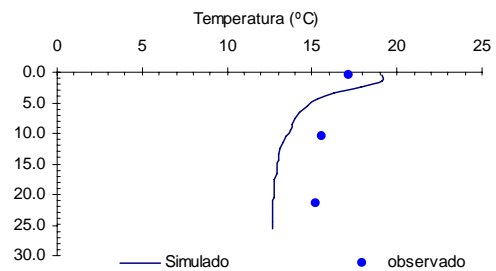


Figura 16. Temperatura na albufeira do Roxo – Calibração – Abril 2004

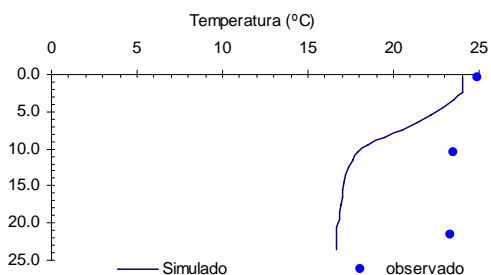


Figura 17. Temperatura na albufeira do Roxo – Calibração – Julho 2004

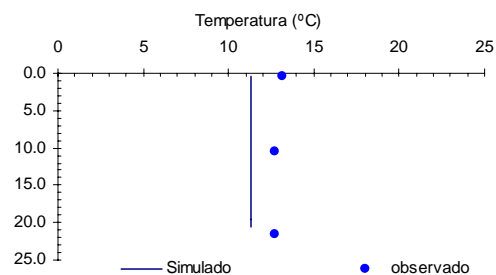


Figura 18. Temperatura na albufeira do Roxo – Calibração – Dezembro 2004

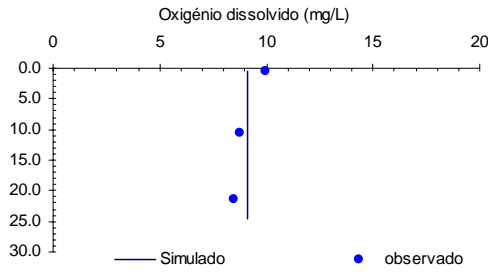


Figura 19. OD na albufeira do Roxo –
Calibração – Janeiro 2004

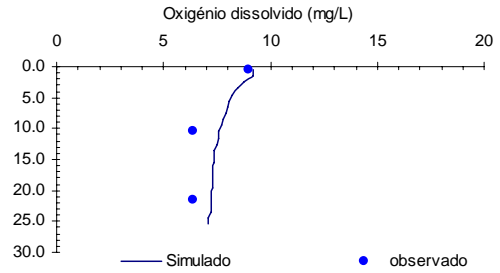


Figura 20. OD na albufeira do Roxo –
Calibração – Abril 2004

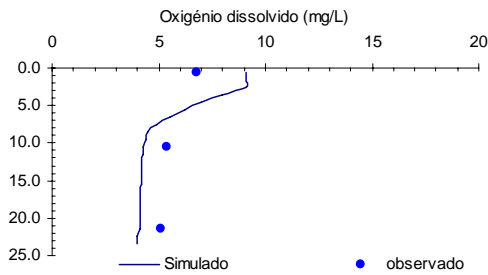


Figura 21. OD na albufeira do Roxo –
Calibração – Julho 2004

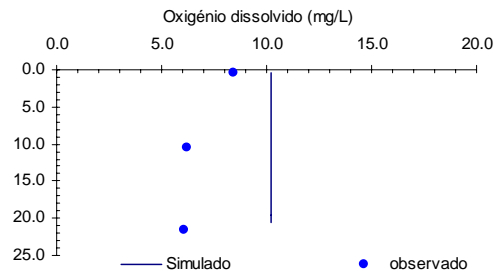


Figura 22. OD na albufeira do Roxo –
Calibração – Dezembro 2004

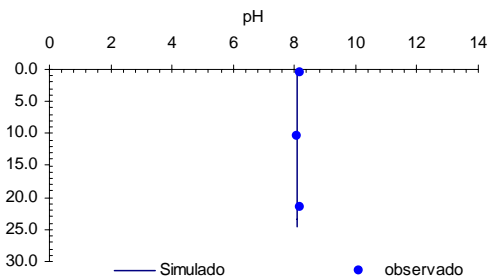


Figura 23. pH na albufeira do Roxo –
Calibração – Janeiro 2004

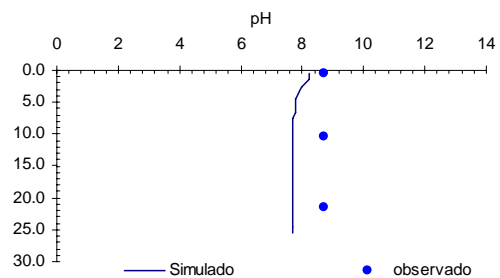


Figura 24. pH na albufeira do Roxo –
Calibração – Abril 2004

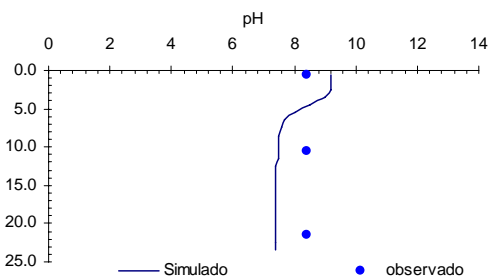


Figura 25. pH na albufeira do Roxo –
Calibração –Julho 2004

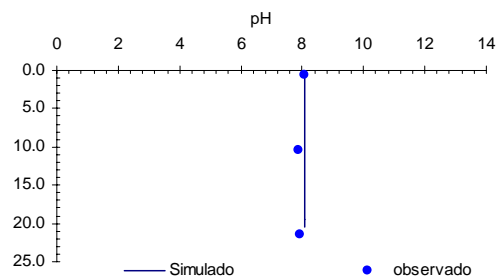


Figura 26. pH na albufeira do Roxo –
Calibração – Dezembro 2004

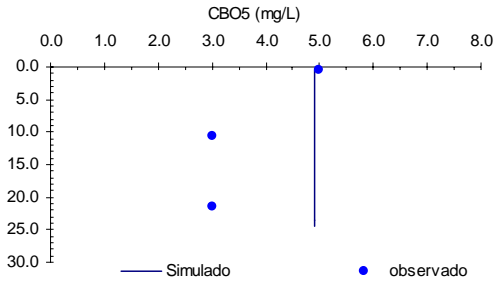


Figura 27. CBO₅ na albufeira do Roxo – Calibração – Janeiro 2004

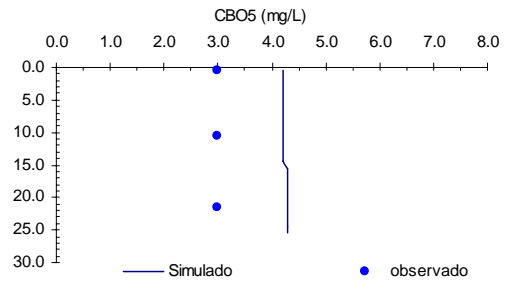


Figura 28. CBO₅ na albufeira do Roxo – Calibração – Abril 2004

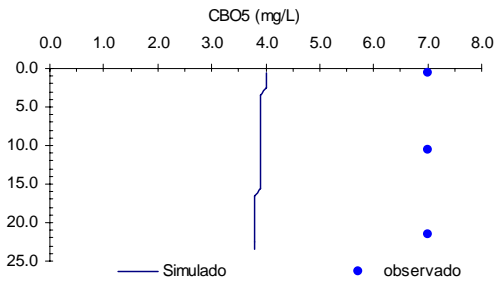


Figura 29. CBO₅ na albufeira do Roxo – Calibração – Julho 2004

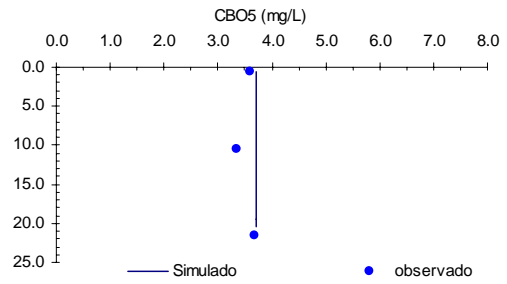


Figura 30. CBO₅ na albufeira do Roxo – Calibração – Dezembro 2004

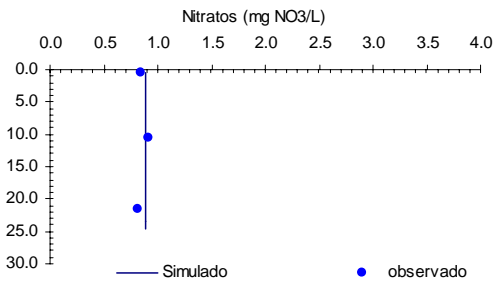


Figura 31. Nitratos na albufeira do Roxo – Calibração – Janeiro 2004

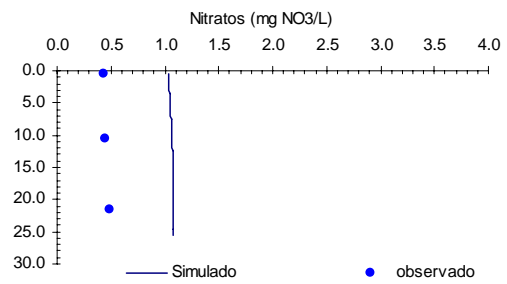


Figura 32. Nitratos na albufeira do Roxo – Calibração – Abril 2004

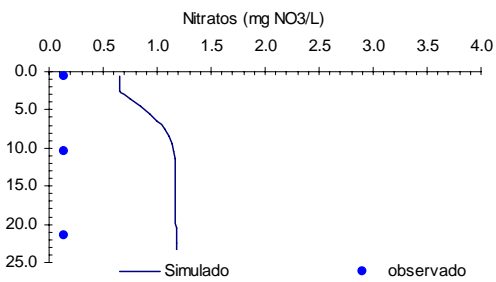


Figura 33. Nitratos na albufeira do Roxo – Calibração – Julho 2004

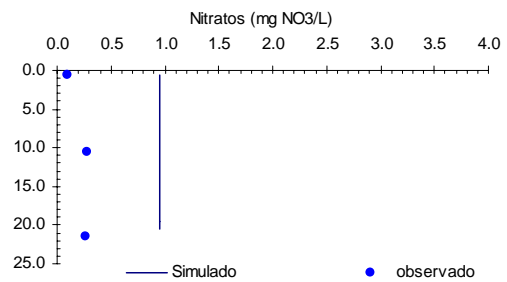


Figura 34. Nitratos na albufeira do Roxo – Calibração – Dezembro 2004

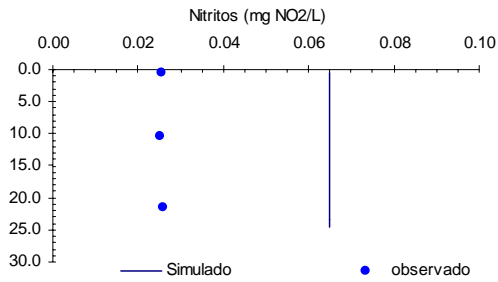


Figura 35. Nitritos na albufeira do Roxo – Calibração – Janeiro 2004

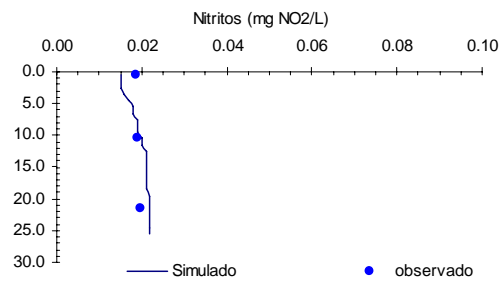


Figura 36. Nitritos na albufeira do Roxo – Calibração – Abril 2004

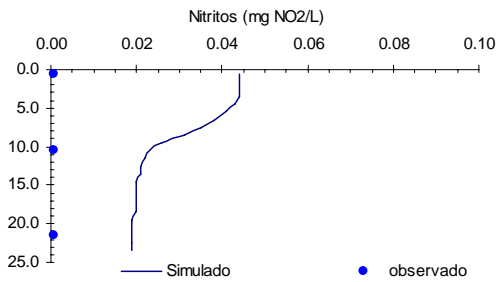


Figura 37. Nitritos na albufeira do Roxo – Calibração – Julho 2004

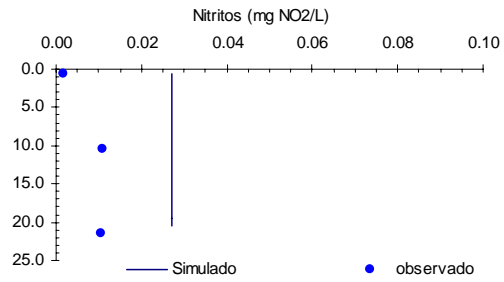


Figura 38. Nitritos na albufeira do Roxo – Calibração – Dezembro 2004

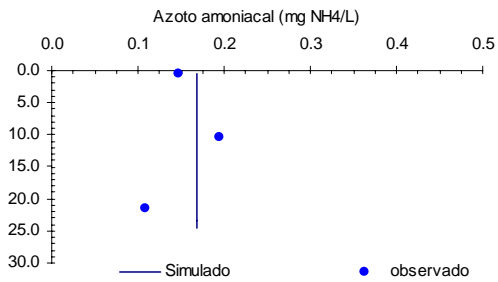


Figura 39. Azoto amoniacal na albufeira do Roxo – Calibração – Janeiro 2004

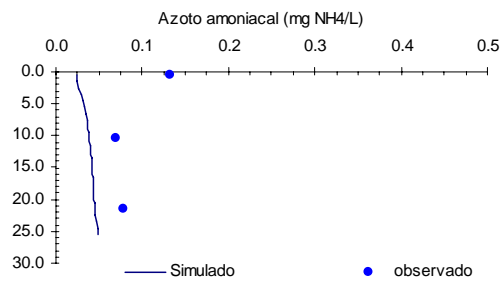


Figura 40. Azoto amoniacal na albufeira do Roxo – Calibração – Abril 2004

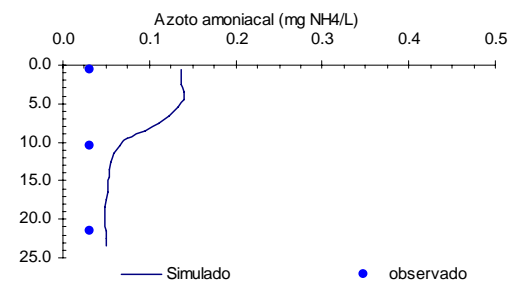


Figura 41. Azoto amoniacal na albufeira do Roxo – Calibração – Julho 2004

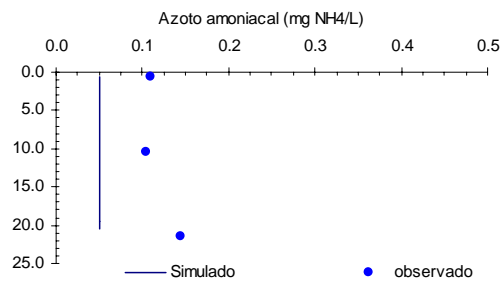


Figura 42. Azoto amoniacal na albufeira do Roxo – Calibração – Dezembro 2004

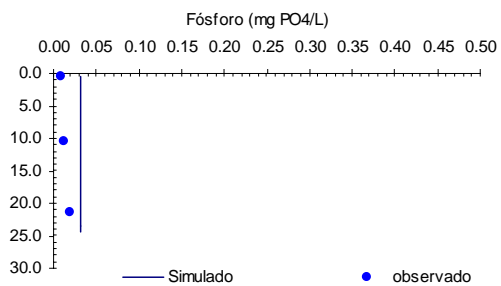


Figura 43. Fósforo na albufeira do Roxo –
Calibração – Janeiro 2004

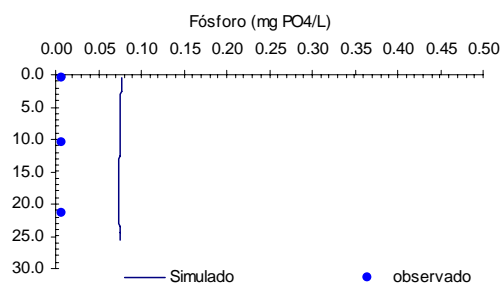


Figura 44. Fósforo na albufeira do Roxo –
Calibração – Abril 2004

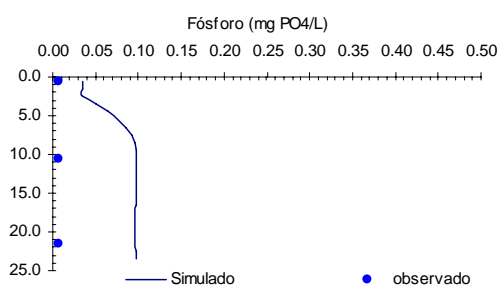


Figura 45. Fósforo na albufeira do Roxo –
Calibração – Julho 2004

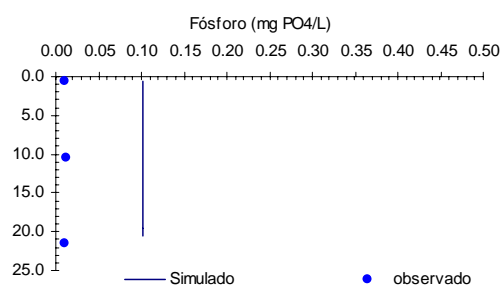


Figura 46. Fósforo na albufeira do Roxo –
Calibração – Dezembro 2004

ANEXO 3 – QUALIDADE DA ÁGUA (IMPACTES)

QUADRO 1 - Volumes estimados, afluentes à albufeira do Roxo

QUADRO 1 - Volumes estimados, afluentes à albufeira do Roxo

Data	Volume		Caudal		Data	Volume		Caudal	
	armazenado (dam ³)	variação (dam ³)	consumido (m ³ /S)	afluente (m ³ /s)		armazenado (dam ³)	variação (dam ³)	consumido (m ³ /S)	afluente (m ³ /s)
Dez-03	42 162	-	0.11	-	Jan-06	21 590	859	0.11	0.43
Jan-04	43 329	1 167	0.11	0.54	Fev-06	22 273	683	0.10	0.39
Fev-04	47 365	4 036	0.10	1.77	Mar-06	24 359	2 086	0.11	0.89
Mar-04	49 425	2 060	0.11	0.88	Abr-06	24 270	-89	0.17	0.13
Abr-04	48 766	-659	0.25	0.00	Mai-06	23 135	-1 135	0.51	0.09
Mai-04	46 541	-2 225	0.83	0.00	Jun-06	21 819	-1 316	1.17	0.66
Jun-04	40 014	-6 527	2.52	0.00	Jul-06	20 005	-1 814	1.59	0.91
Jul-04	31 579	-8 435	3.15	0.00	Ago-06	18 243	-1 762	1.37	0.71
Ago-04	25 639	-5 940	2.22	0.00	Set-06	17 222	-1 021	0.55	0.15
Set-04	22 817	-2 822	1.09	0.00	Out-06	21 366	4 144	0.14	1.69
Out-04	22 137	-680	0.25	0.00	Nov-06	47 612	26 246	0.11	10.23
Nov-04	21 910	-227	0.11	0.02	Dez-06	53 277	5 665	0.11	2.22
Dez-04	21 860	-50	0.11	0.09	Jan-07	54 120	843	0.11	0.42
Jan-05	21 630	-230	0.11	0.02	Fev-07	56 474	2 354	0.10	1.08
Fev-05	21 360	-270	0.11	0.00	Mar-07	56 089	-385	0.14	0.00
Mar-05	21 000	-360	0.13	0.00	Abr-07	55 900	-189	0.17	0.10
Abr-05	20 270	-730	0.28	0.00	Mai-07	53 930	-1 970	0.74	0.00
Mai-05	19 415	-855	0.51	0.19	Jun-07	50 500	-3 430	1.32	0.00
Jun-05	18 319	-1 096	1.17	0.75	Jul-07	44 320	-6 180	2.31	0.00
Jul-05	17 146	-1 173	1.59	1.15	Ago-07	39 160	-5 160	1.93	0.00
Ago-05	15 781	-1 365	1.37	0.86	Set-07	36 360	-2 800	1.08	0.00
Set-05	14 861	-920	0.55	0.19	Out-07	35 380	-980	0.37	0.00
Out-05	15 321	460	0.14	0.31	Nov-07	35 010	-370	0.14	0.00
Nov-05	18 924	3 603	0.11	1.50	Dez-07	34 760	-250	0.11	0.02
Dez-05	20 731	1 807	0.11	0.78					

SIMULAÇÃO DA QUALIDADE DA ÁGUA NA ALBUFEIRA DO ROXO
MODELO WQRRS - RESULTADOS DE CALIBRAÇÃO
JANEIRO A DEZEMBRO DE 2004

Notas: Relativamente às figuras apresentadas em seguida devem ser observado o seguinte:

1 – Os valores indicados como “observado” referem-se a valores observados no ano de 2004 nas estações de monitorização da qualidade da água Albufeira do Roxo (S) – código 26I/02S, Albufeira do Roxo (M) – código 26I/02M e Albufeira do Roxo (F) – código 26I/02F, obtidos através do Sistema Nacional de Informação sobre Recursos Hídricos (SNIRH) – www.snirh.pt;

2- Os resultados de simulação da qualidade da água na albufeira do Roxo, indicados nas figuras como “simulado”, referem-se ao ano de 2004.

3 – Em todas as figuras, no eixo das ordenadas é apresentada a profundidade, em metros.

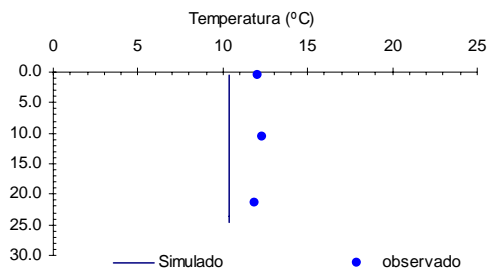


Figura 1. Temperatura na albufeira do Roxo – Calibração – Janeiro 2004

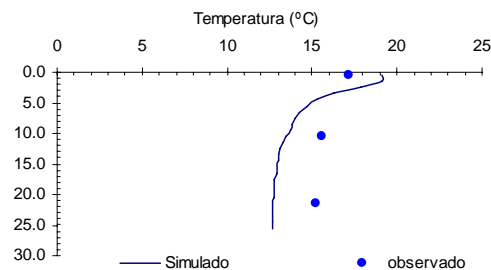


Figura 2. Temperatura na albufeira do Roxo – Calibração – Abril 2004

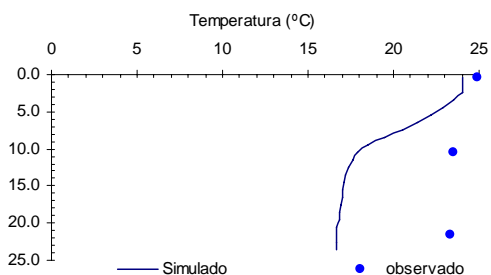


Figura 3. Temperatura na albufeira do Roxo – Calibração – Julho 2004

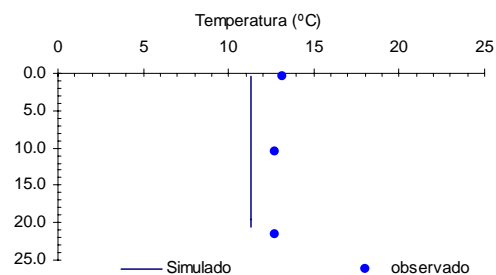


Figura 4. Temperatura na albufeira do Roxo – Calibração – Dezembro 2004

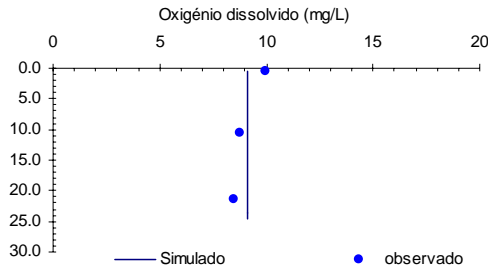


Figura 5. OD na albufeira do Roxo – Calibração – Janeiro 2004

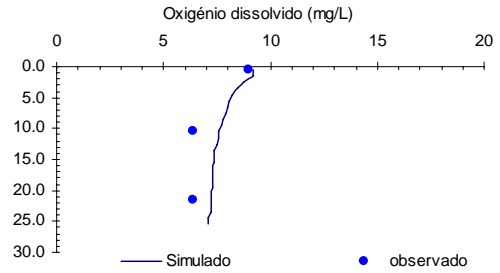


Figura 6. OD na albufeira do Roxo – Calibração – Abril 2004

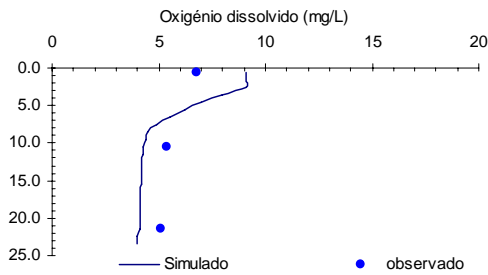


Figura 7. OD na albufeira do Roxo – Calibração – Julho 2004

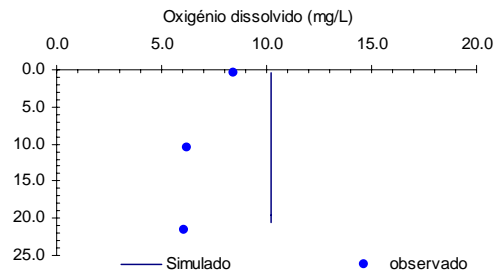


Figura 8. OD na albufeira do Roxo – Calibração – Dezembro 2004

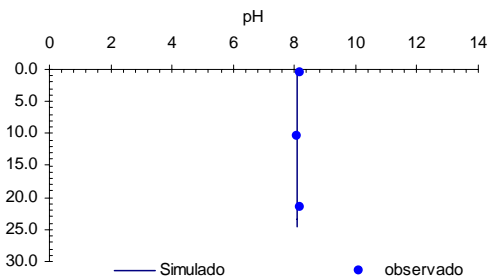


Figura 9. pH na albufeira do Roxo – Calibração – Janeiro 2004

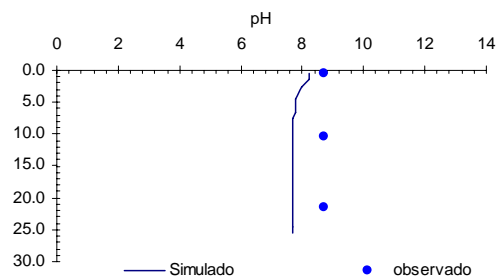


Figura 10. pH na albufeira do Roxo – Calibração – Abril 2004

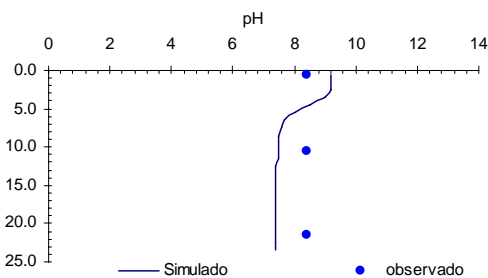


Figura 11. pH na albufeira do Roxo – Calibração – Julho 2004

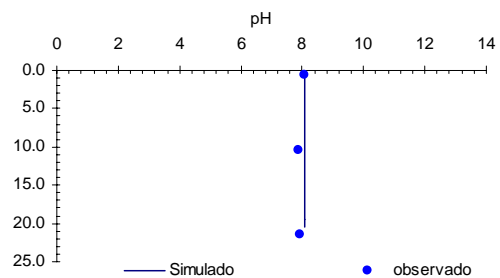


Figura 12. pH na albufeira do Roxo – Calibração – Dezembro 2004

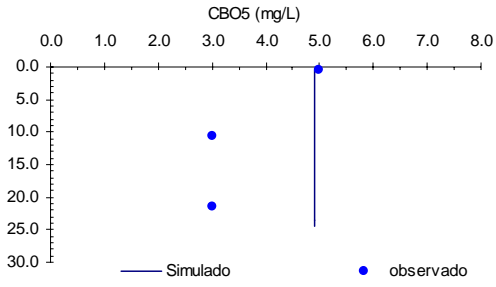


Figura 13. CBO₅ na albufeira do Roxo – Calibração – Janeiro 2004

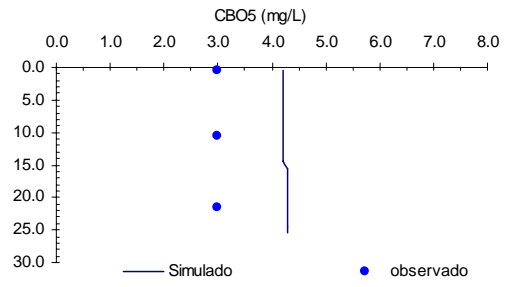


Figura 14. CBO₅ na albufeira do Roxo – Calibração – Abril 2004

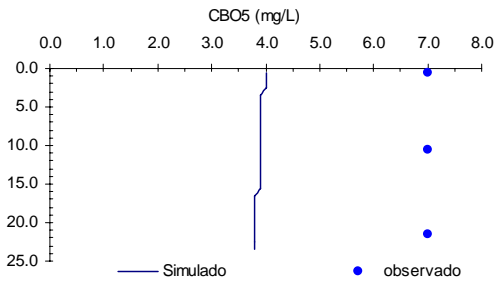


Figura 15. CBO₅ na albufeira do Roxo – Calibração – Julho 2004

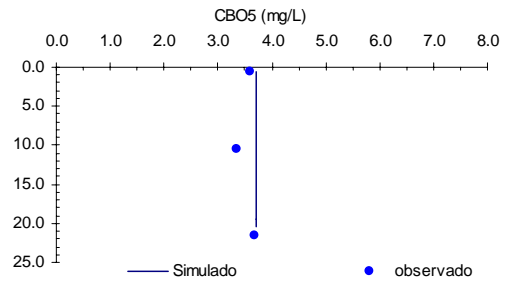


Figura 16. CBO₅ na albufeira do Roxo – Calibração – Dezembro 2004

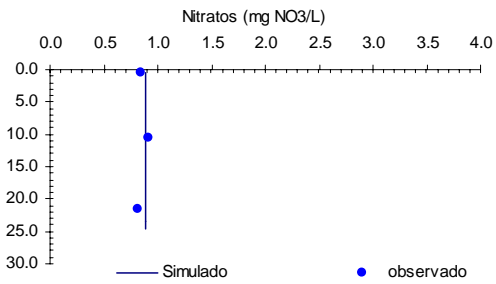


Figura 17. Nitratos na albufeira do Roxo – Calibração – Janeiro 2004

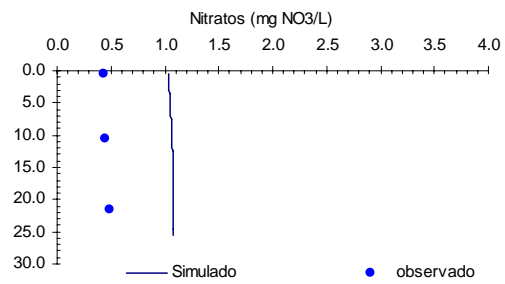


Figura 18. Nitratos na albufeira do Roxo – Calibração – Abril 2004

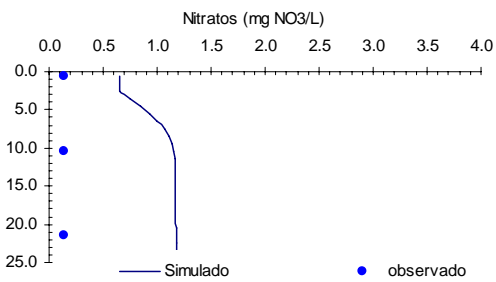


Figura 19. Nitratos na albufeira do Roxo – Calibração – Julho 2004

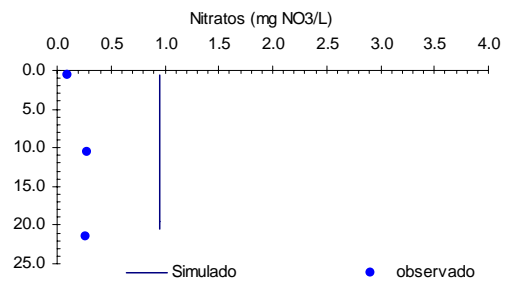


Figura 20. Nitratos na albufeira do Roxo – Calibração – Dezembro 2004

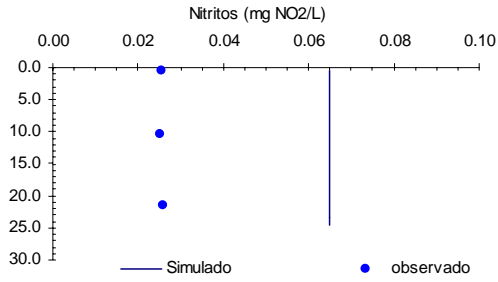


Figura 21. Nitritos na albufeira do Roxo – Calibração – Janeiro 2004

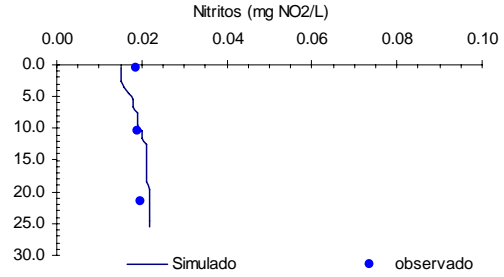


Figura 22. Nitritos na albufeira do Roxo – Calibração – Abril 2004

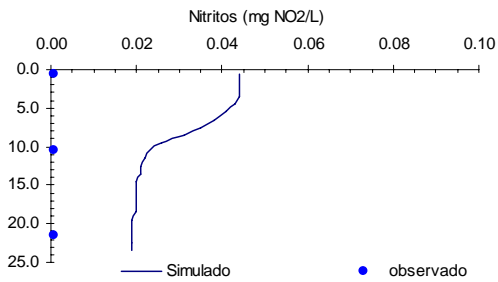


Figura 23. Nitritos na albufeira do Roxo – Calibração – Julho 2004

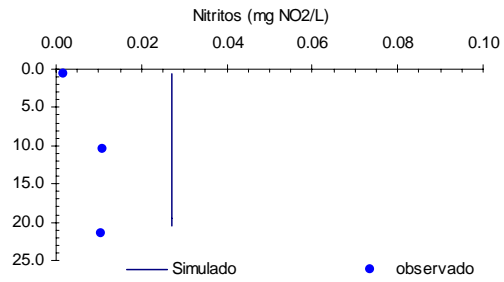


Figura 24. Nitritos na albufeira do Roxo – Calibração – Dezembro 2004

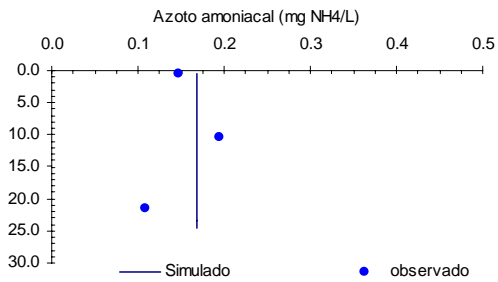


Figura 25. Azoto amoniacal na albufeira do Roxo – Calibração – Janeiro 2004

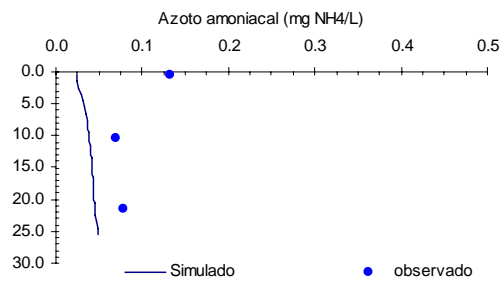


Figura 26. Azoto amoniacal na albufeira do Roxo – Calibração – Abril 2004

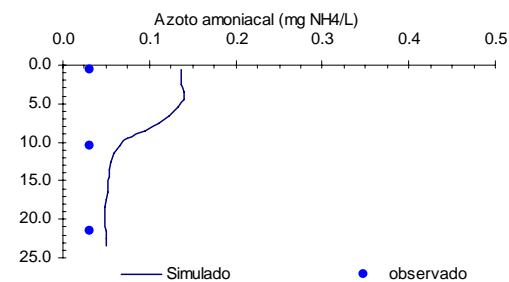


Figura 27. Azoto amoniacal na albufeira do Roxo – Calibração – Julho 2004

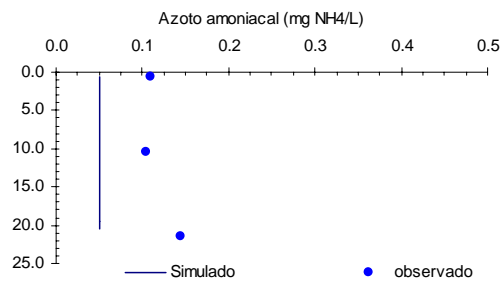


Figura 28. Azoto amoniacal na albufeira do Roxo – Calibração – Dezembro 2004

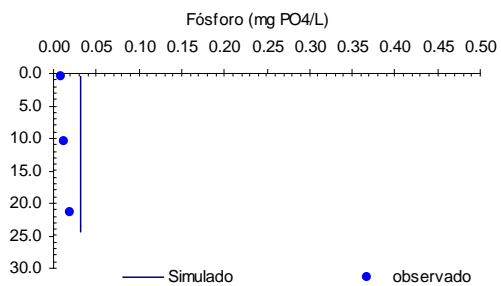


Figura 29. Fósforo na albufeira do Roxo –
Calibração – Janeiro 2004

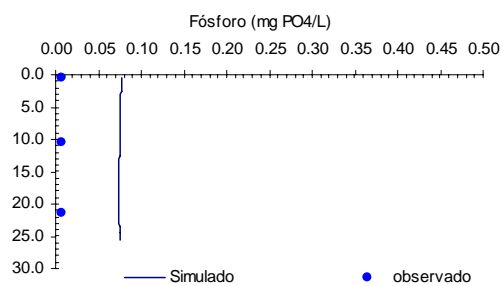


Figura 30. Fósforo na albufeira do Roxo –
Calibração – Abril 2004

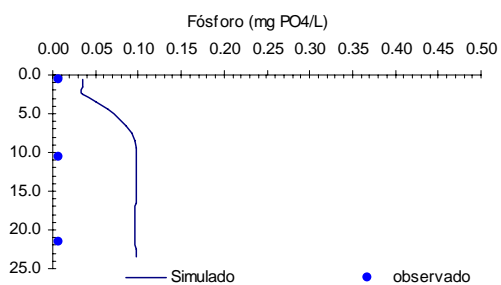


Figura 31. Fósforo na albufeira do Roxo –
Calibração – Julho 2004

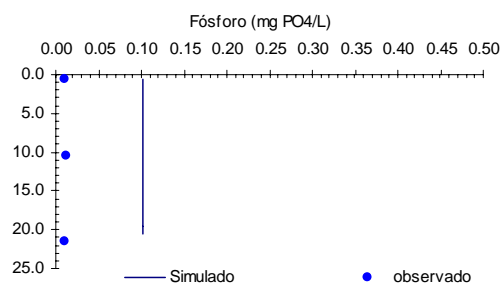


Figura 32. Fósforo na albufeira do Roxo –
Calibração – Dezembro 2004

SIMULAÇÃO DA QUALIDADE DA ÁGUA NA ALBUFEIRA DO ROXO COM O MODELO WQRRS

RESULTADOS DE SIMULAÇÃO DOS CENÁRIOS 0, 1 E 2

JANEIRO A DEZEMBRO DE 2005

Notas: Relativamente às figuras apresentadas em seguida deve ser observado o seguinte:

1 – Os resultados apresentados são referentes a:

2005 – Cenário 0, de referência;

2005-1 – Cenário 1, considerando a reconversão do uso do solo para regadio, na totalidade do perímetro de rega de Ervidel situado na área drenante da albufeira e considerando apenas o pior cenário de poluição de origem difusa;

2005-2 – Cenário 2, semelhante ao cenário 1 mas considerando adução a partir do Penedrão.

2 – Em todas as figuras, no eixo das ordenadas é apresentada a profundidade, em metros.

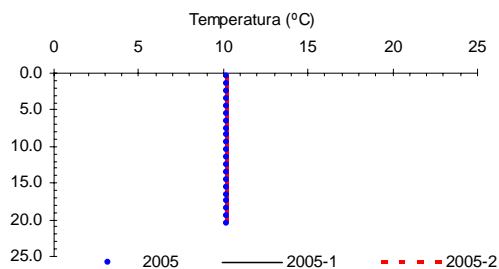


Figura 33. Simulação da Albufeira do Roxo – Temperatura em Janeiro de 2005

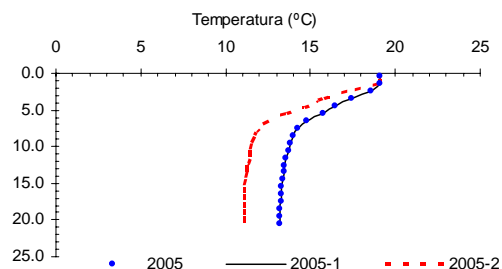


Figura 34. Simulação da Albufeira do Roxo – Temperatura em Abril de 2005

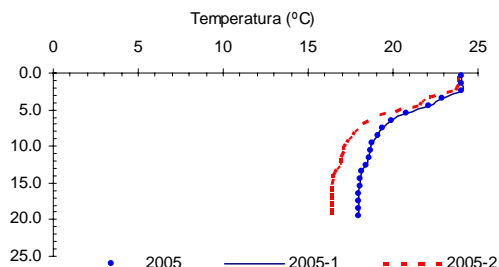


Figura 35. Simulação da Albufeira do Roxo – Temperatura em Julho de 2005

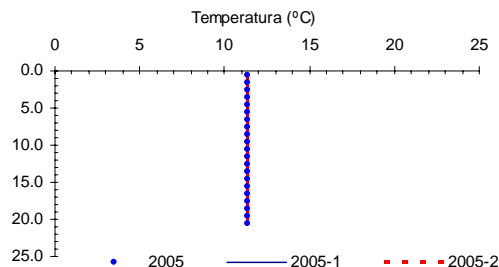


Figura 36. Simulação da Albufeira do Roxo – Temperatura em Dezembro de 2005

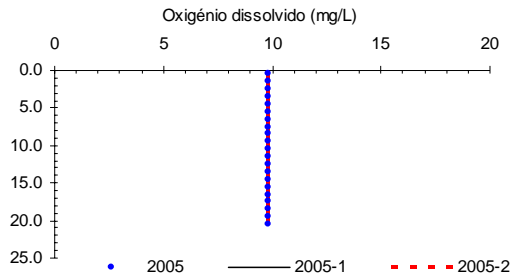


Figura 37. Simulação da Albufeira do Roxo – OD em Janeiro de 2005

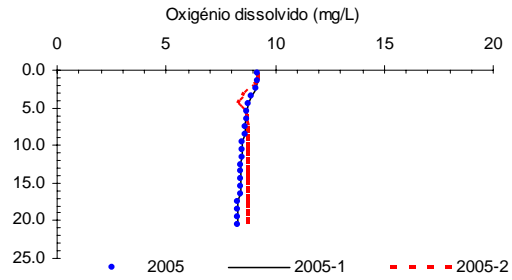


Figura 38. Simulação da Albufeira do Roxo – OD em Abril de 2005

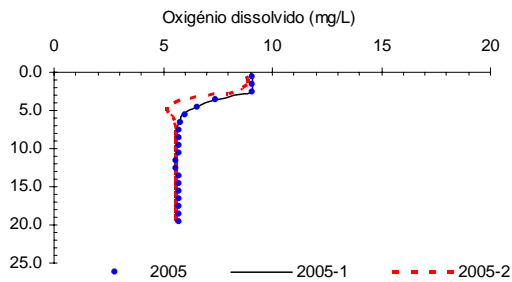


Figura 39. Simulação da Albufeira do Roxo – OD em Julho de 2005

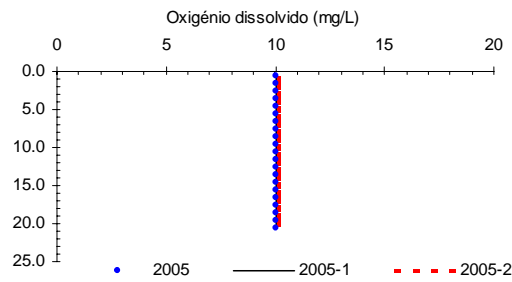


Figura 40. Simulação da Albufeira do Roxo – OD em Dezembro de 2005

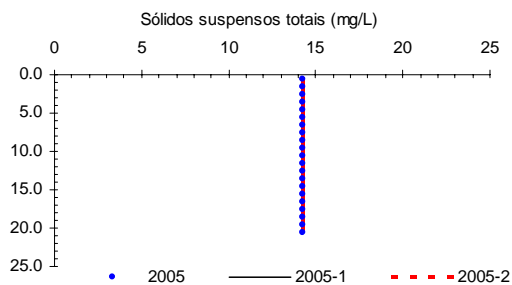


Figura 41. Simulação da Albufeira do Roxo – SST em Janeiro de 2005

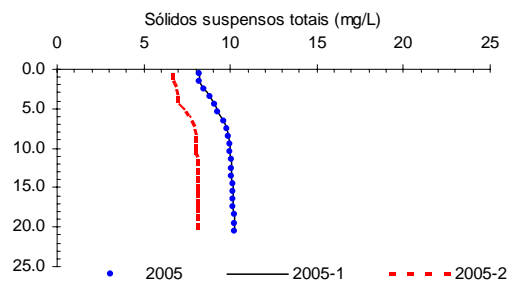


Figura 42. Simulação da Albufeira do Roxo – SST em Abril de 2005

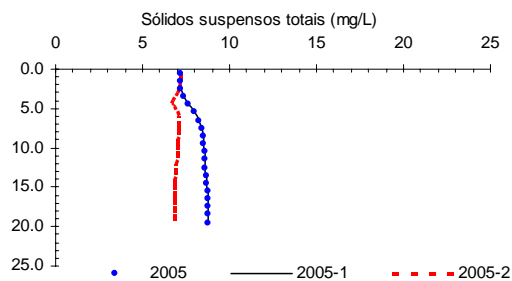


Figura 43. Simulação da Albufeira do Roxo – SST em Julho de 2005

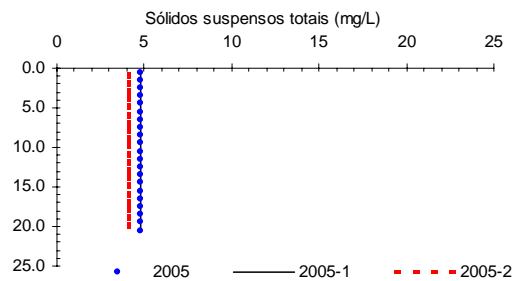


Figura 44. Simulação da Albufeira do Roxo – SST em Dezembro de 2005

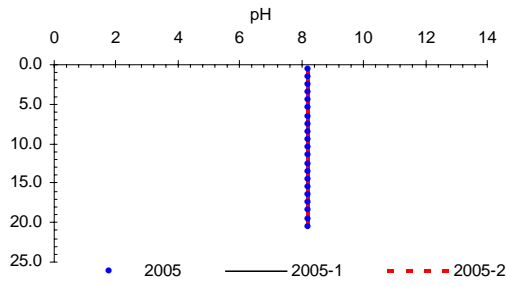


Figura 45. Simulação da Albufeira do Roxo – pH em Janeiro de 2005

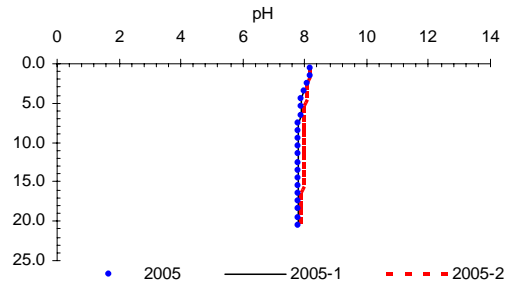


Figura 46. Simulação da Albufeira do Roxo – pH em Abril de 2005

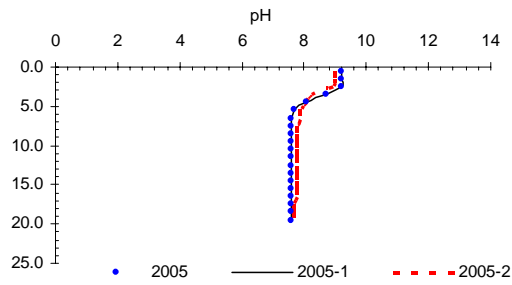


Figura 47. Simulação da Albufeira do Roxo – pH em Julho de 2005

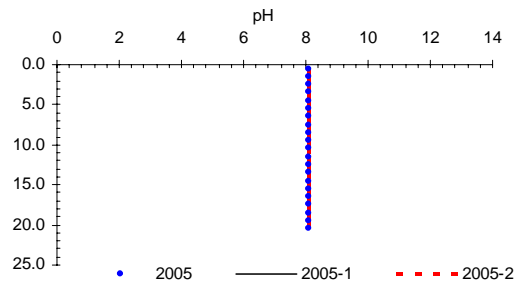


Figura 48. Simulação da Albufeira do Roxo – pH em Julho de 2005

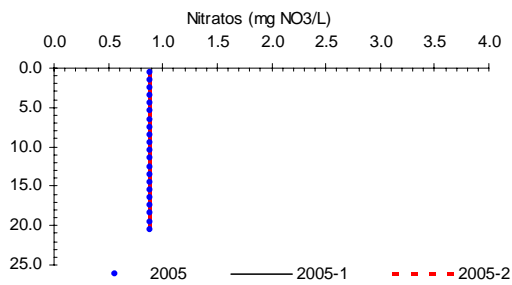


Figura 49. Simulação da Albufeira do Roxo – Nitratos em Janeiro de 2005

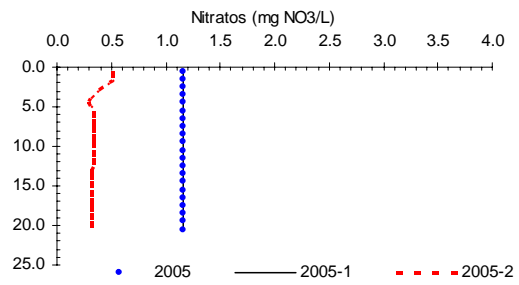


Figura 50. Simulação da Albufeira do Roxo – Nitratos em Abril de 2005

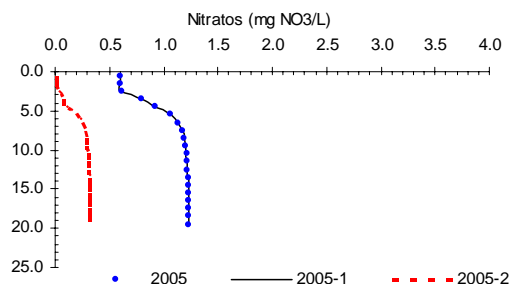


Figura 51. Simulação da Albufeira do Roxo – Nitratos em Julho de 2005

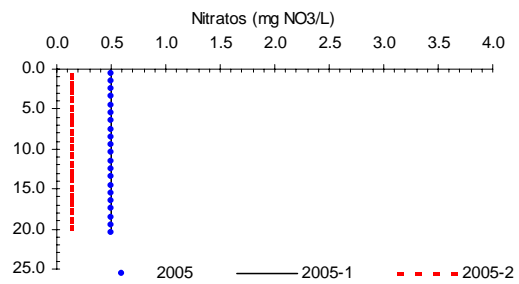


Figura 52. Simulação da Albufeira do Roxo – Nitratos em Dezembro de 2005

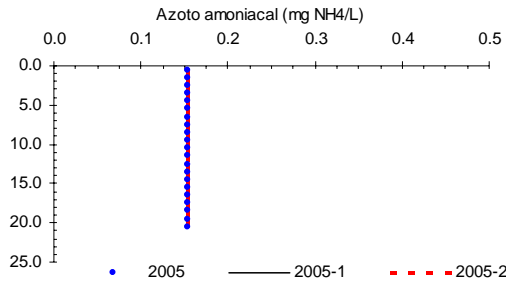


Figura 53. Simulação da Albufeira do Roxo – N amoniaco em Janeiro de 2005

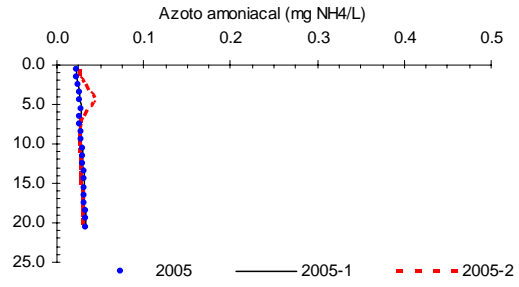


Figura 54. Simulação da Albufeira do Roxo – N amoniaco em Abril de 2005

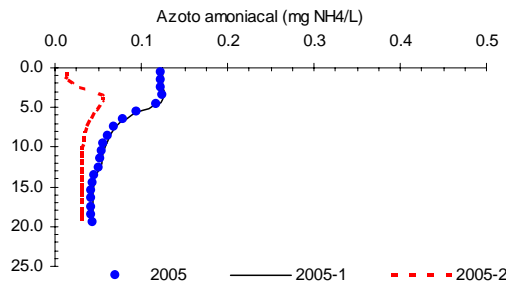


Figura 55. Simulação da Albufeira do Roxo – N amoniaco em Julho de 2005

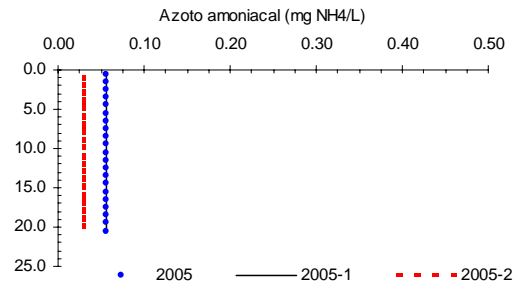


Figura 56. Simulação da Albufeira do Roxo – N amoniaco em Dezembro de 2005

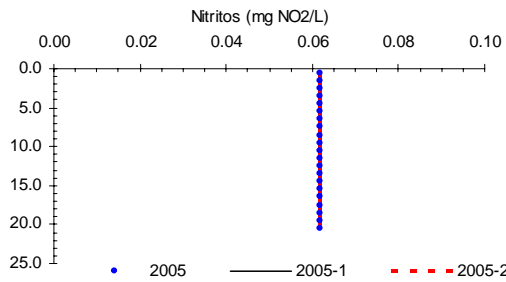


Figura 57. Simulação da Albufeira do Roxo – Nitritos em Janeiro de 2005

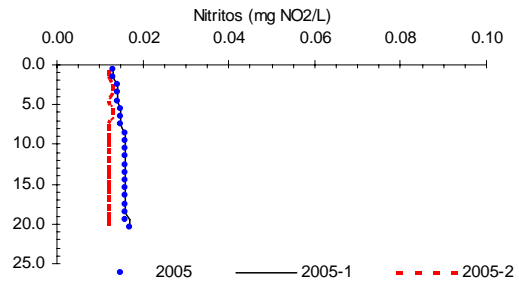


Figura 58. Simulação da Albufeira do Roxo – Nitritos em Abril de 2005

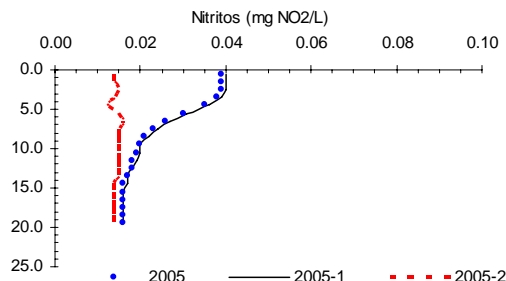


Figura 59. Simulação da Albufeira do Roxo – Nitritos em Julho de 2005

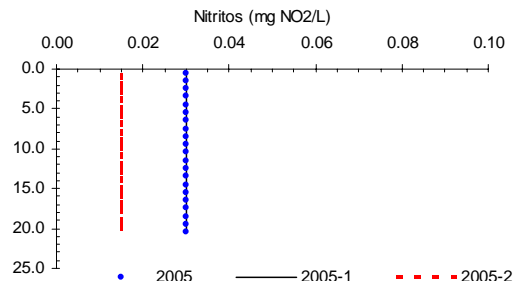


Figura 60. Simulação da Albufeira do Roxo – Nitritos em Dezembro de 2005

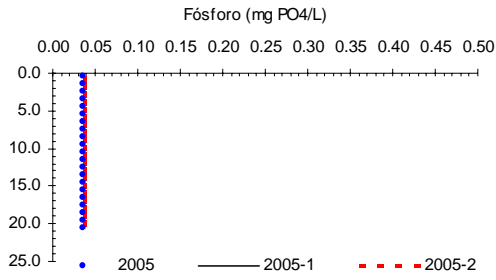


Figura 61. Simulação da Albufeira do Roxo – Fósforo em Janeiro de 2005

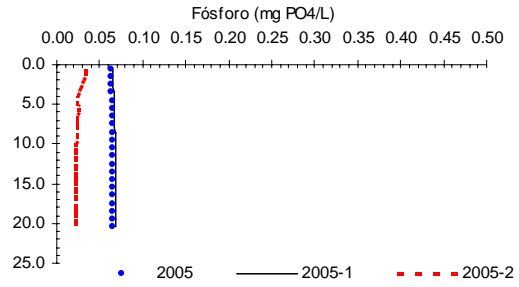


Figura 62. Simulação da Albufeira do Roxo – Fósforo em Abril de 2005

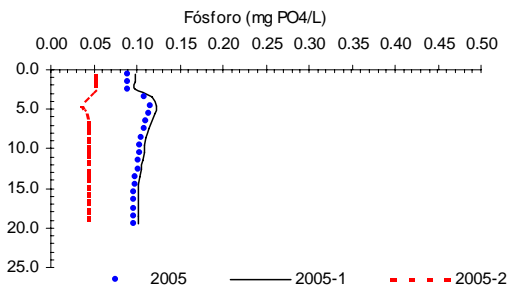


Figura 63. Simulação da Albufeira do Roxo – Fósforo em Julho de 2005

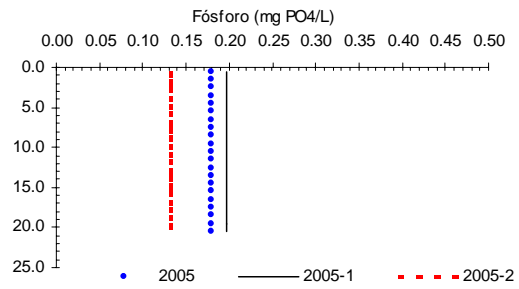


Figura 64. Simulação da Albufeira do Roxo – Fósforo em Dezembro de 2005

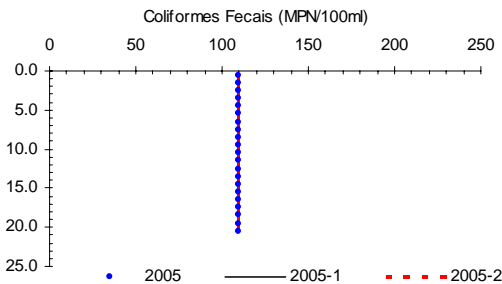


Figura 65. Simulação da Albufeira do Roxo – Coliformes Fecais em Janeiro de 2005

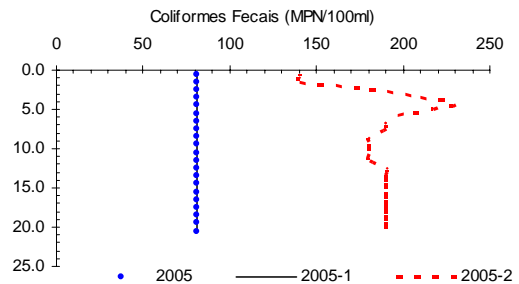


Figura 66. Simulação da Albufeira do Roxo – Coliformes Fecais em Abril de 2005

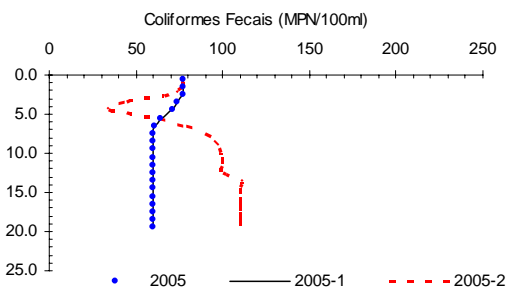


Figura 67. Simulação da Albufeira do Roxo – Coliformes Fecais em Julho de 2005

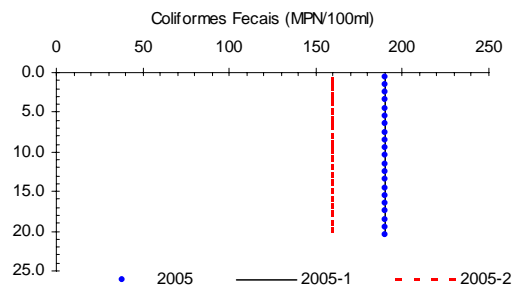


Figura 68. Simulação da Albufeira do Roxo – Coliformes Fecais em Dezembro de 2005

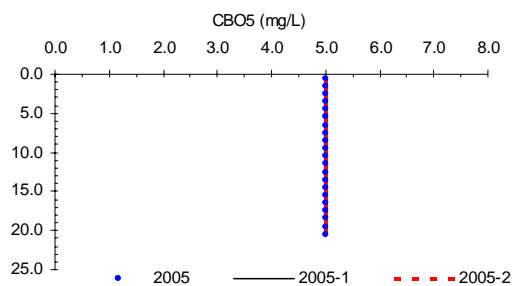


Figura 69. Simulação da Albufeira do Roxo – CBO₅ em Janeiro de 2005

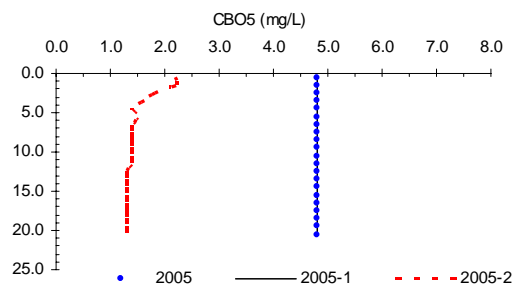


Figura 70. Simulação da Albufeira do Roxo – CBO₅ em Abril de 2005

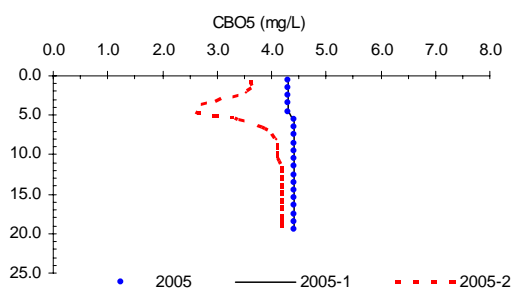


Figura 71. Simulação da Albufeira do Roxo – CBO₅ em Julho de 2005

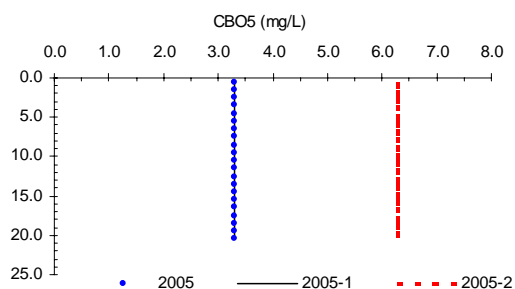


Figura 72. Simulação da Albufeira do Roxo – CBO₅ em Dezembro de 2005



ProSistemas
CONSULTORES DE ENGENHARIA, S.A.



COBA

ANEXO 4 – FAUNA

Quadro 1.1 – Lista de espécies de Aves que podem ocorrer na área de estudo.

FAMÍLIA	ESPÉCIE	NOME VULGAR	Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal	IUCN	Convenção de Bona	Convenção de Berna	Directiva Aves	SPEC	Fenologia
PODICIPEDIDAE									
	<i>Tachybaptus ruficollis</i>	Mergulhão-pequeno	LC	LC		Anexo II			Residente
	<i>Podiceps cristatus</i>	Mergulhão-de-poupa	LC	LC		Anexo III			Residente
ARDEIDAE									
	<i>Bubulcus ibis</i>	Garça-boieira	LC	LC		Anexo II			Residente
	<i>Egretta garzetta</i>	Garça-branca	LC	LC		Anexo II	Anexo A-I		Residente
	<i>Ardea cinerea</i>	Garça-real	LC	LC		Anexo III			Res. / Visitante
CICONIIDAE									
	<i>Ciconia ciconia</i> *	Cegonha-branca	LC	LC	Anexo II	Anexo II	Anexo A-I	SPEC 2	Mig. Rep. / Res.
ANATIDAE									
	<i>Anas strepera</i>	Frisada	VU/NT	LC	Anexo II	Anexo III	Anexo D	SPEC 3	Res. / Visitante
	<i>Anas platyrhynchos</i> *	Pato-real	LC	LC	Anexo II	Anexo III	Anexo D		Res. / Visitante
	<i>Anas clypeata</i>	Pato-trombeteiro	EN/LC	LC	Anexo II	Anexo III	Anexo D		Res. / Visitante
	<i>Netta rufina</i>	Pato-de-bico-vermelho	EN/NT	LC	Anexo II	Anexo III			Res. / Visitante
ACCIPITRIDAE									
	<i>Elanus caeruleus</i>	Peneireiro-cinzento	NT	LC	Anexo II	Anexo II	Anexo A-I	SPEC 3	Residente
	<i>Milvus migrans</i>	Milhafre-preto	LC	LC	Anexo II	Anexo II	Anexo A-I	SPEC 3	Mig. Reprodutor
	<i>Circaetus gallicus</i>	Águia-cobreira	NT	LC	Anexo II	Anexo II	Anexo A-I	SPEC 3	Mig. Reprodutor
	<i>Circus aeruginosus</i> *	Tartaranhão-ruivo-dos-pauis	VU	LC	Anexo II	Anexo II	Anexo A-I		Res. / Visitante
	<i>Circus pygargus</i>	Tartaranhão-caçador	EN	LC	Anexo II	Anexo II	Anexo A-I		Mig. Reprodutor
	<i>Accipiter nisus</i>	Gavião	LC	LC	Anexo II	Anexo II			Residente
	<i>Buteo buteo</i> *	Águia-d'asa-redonda	LC	LC	Anexo II	Anexo II			Residente
	<i>Hieraetus pennatus</i>	Águia-calçada	NT	LC	Anexo II	Anexo II	Anexo A-I	SPEC 3	Mig. Reprodutor
FALCONIDAE									
	<i>Falco tinnunculus</i> *	Peneireiro	LC	LC	Anexo II	Anexo II		SPEC 3	Residente

FAMÍLIA	ESPÉCIE	NOME VULGAR	Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal	IUCN	Convenção de Bona	Convenção de Berna	Directiva Aves	SPEC	Fenologia
PHASIANIDAE									
	<i>Alectoris rufa</i> *	Perdiz	LC	LC		Anexo III	Anexo D	SPEC 2	Residente
	<i>Coturnix coturnix</i>	Codorniz	LC	LC	Anexo II	Anexo III	Anexo D	SPEC 3	Mig.Rep./Vis./Res
RALLIDAE									
	<i>Gallinula chloropus</i>	Galinha-d'água	LC	LC		Anexo II	Anexo D		Residente
	<i>Fulica atra</i>	Galeirão	LC	LC	Anexo II	Anexo III	Anexo D		Res. / Visitante
OTITIDAE									
	<i>Tetrax tetrax</i> *	Sisão	VU	NT		Anexo II	Anexo A-I	SPEC 1	Residente
	<i>Otis tarda</i>	Abetarda	EN	VU	Anexo II	Anexo II	Anexo A-I	SPEC 1	Residente
RECURVIROSTRIDAE									
	<i>Himantopus himantopus</i>	Pernilongo	LC	LC	Anexo II	Anexo II	Anexo A-I		Reprodutor
BURHINIDAE									
	<i>Burhinus oedichnemus</i>	Alcaravão	VU	LC	Anexo II	Anexo II	Anexo A-I	SPEC 3	Res. / Visitante
GLAREOLIDAE									
	<i>Glareola pratincola</i>	Perdiz-do-mar	VU	LC	Anexo II	Anexo II	Anexo A-I	SPEC 3	Mig. Reprodutor
CHARADRIIDAE									
	<i>Charadrius dubius</i>	Borrelho-pequeno de-coleira	LC	LC	Anexo II	Anexo II			Reprodutor
SCOLOPACIDAE									
	<i>Actitis hypoleucos</i>	Maçarico-das-rochas	VU	LC	Anexo II	Anexo II		SPEC 3	Rep. / Visitante
LARIDAE									
	<i>Larus fuscus</i>	Gaivota-de-asa-escura	VU/LC	LC					Rep. / Visitante
STERNIDAE									
	<i>Gelochelidon nilotica</i>	Gaivina-de-bico-preto	EN	LC	Anexo II	Anexo II	Anexo A-I	SPEC 3	Mig. Reprodutor
COLUMBIDAE									
	<i>Columba livia</i>	Pombo-das-rochas	DD	LC		Anexo III	Anexo D		Residente

FAMÍLIA	ESPÉCIE	NOME VULGAR	Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal	IUCN	Convenção de Bona	Convenção de Berna	Directiva Aves	SPEC	Fenologia
COLUMBIDAE (cont.)									
	<i>Columba palumbus</i>	Pombo-torcaz	LC	LC			Anexo D		Res. / Visitante
	<i>Streptopelia decaocto</i> *	Rola-turca	LC	LC		Anexo III			Residente
	<i>Streptopelia turtur</i> *	Rola-brava	LC	LC		Anexo III	Anexo D	SPEC 3	Mig. Reprodutor
CUCULIDAE									
	<i>Cuculus canorus</i>	Cuco-canoro	LC	LC		Anexo III			Mig. Reprodutor
TYTONIDAE									
	<i>Tyto alba</i>	Coruja-das-torres	LC	LC		Anexo II		SPEC 3	Residente
STRIGIDAE									
	<i>Athene noctua</i>	Mocho-galego	LC	LC		Anexo II		SPEC 3	Residente
APODIDAE									
	<i>Apus apus</i>	Andorinhão-preto	LC	LC		Anexo III			Mig. Reprodutor
	<i>Tachymarptis melba</i>	Andorinhão-real	NT	LC		Anexo II			Mig. Reprodutor
ALCEDINIDAE									
	<i>Alcedo atthis</i>	Guarda-rios	LC	LC		Anexo II	Anexo A-I	SPEC 3	Residente
MEROPIIDAE									
	<i>Merops apiaster</i>	Aberalhuco	LC	LC	Anexo II	Anexo II		SPEC 3	Mig. Reprodutor
UPELIDAE									
	<i>Upupa epops</i> *	Poupa	LC	LC		Anexo II		SPEC 3	Mig. Rep. / Res.
PICIDAE									
	<i>Dendrocopos minor</i>	Picapau-malhado-pequeno	LC	LC		Anexo II			Residente
ALAUDIDAE									
	<i>Calandrella brachydactyla</i> *	Calhandrinha	LC	LC		Anexo II	Anexo A-I	SPEC 3	Mig. Reprodutor
	<i>Galerida cristata</i> *	Cotovia-de-poupa	LC	LC		Anexo III		SPEC 3	Residente
	<i>Galerida theklae</i>	Cotovia-escura	LC	LC		Anexo II	Anexo A-I	SPEC 3	Residente
	<i>Lullula arborea</i> *	Cotovia-dos-bosques	LC	LC		Anexo III	Anexo A-I	SPEC 2	Res. / Visitante

FAMÍLIA	ESPÉCIE	NOME VULGAR	Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal	IUCN	Convenção de Bona	Convenção de Berna	Directiva Aves	SPEC	Fenologia
HIRUNDINIDAE									
	<i>Riparia riparia</i>	Andorinha-das-barreiras	LC	LC		Anexo II		SPEC 3	Mig. Reprodutor
	<i>Hirundo rustica</i> *	Andorinha-das-chaminés	LC	LC		Anexo II		SPEC 3	Mig. Reprodutor
	<i>Hirundo daurica</i>	Andorinha-dáurica	LC	LC		Anexo II			Mig. Reprodutor
	<i>Delichon urbicum</i> *	Andorinha-dos-beirais	LC	LC		Anexo II		SPEC 3	Mig. Reprodutor
MOTACILLIDAE									
	<i>Anthus campestris</i>	Petinha-dos-campos	LC	LC		Anexo II	Anexo A-I	SPEC 3	Mig. Reprodutor
	<i>Motacilla alba</i> *	Alvéola-branca	LC	LC		Anexo II			Res. / Visitante
TROGLODYTIDAE									
	<i>Troglodytes troglodytes</i>	Carriça	LC	LC		Anexo II			Residente
MUSCICAPIDAE									
	<i>Luscinia megarhynchos</i>	Rouxinol	LC	LC	Anexo II	Anexo II			Mig. Reprodutor
	<i>Saxicola torquatus</i> *	Cartaxo	LC	LC	Anexo II	Anexo II			Residente
	<i>Oenanthe hispanica</i>	Chasco-ruivo	VU	LC	Anexo II	Anexo II		SPEC 2	Mig. Reprodutor
TURDIDAE									
	<i>Turdus merula</i> *	Melro-preto	LC	LC	Anexo II	Anexo III	Anexo D		Residente
SYLVIIDAE									
	<i>Cettia cetti</i>	Rouxinol-bravo	LC	LC	Anexo II	Anexo II			Residente
	<i>Cisticola jundicis</i>	Fuinha-dos-juncos	LC	LC	Anexo II	Anexo II			Residente
	<i>Acrocephalus arundinaceus</i>	Rouxinol-grande-dos-caniços	LC	LC	Anexo II	Anexo II			Mig. Reprodutor
	<i>Hippolais polyglotta</i>	Felosa-poliglota	LC	LC	Anexo II	Anexo II			Mig. Reprodutor
	<i>Sylvia atricapilla</i>	Toutinegra-de-barrete	LC	LC	Anexo II	Anexo II			Residente
	<i>Sylvia hortensis</i> *	Toutinegra-real	NT	LC	Anexo II	Anexo II		SPEC 3	Mig. Reprodutor
	<i>Sylvia undata</i> *	Toutinegra-do-mato	LC	LC		Anexo II	Anexo A-I	SPEC 2	Residente
	<i>Sylvia melanocephala</i> *	Toutinegra-de-cabeça-preta	LC	LC	Anexo II	Anexo II			Residente

FAMÍLIA	ESPÉCIE	NOME VULGAR	Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal	IUCN	Convenção de Bona	Convenção de Berna	Directiva Aves	SPEC	Fenologia
PARIDAE									
	<i>Parus cristatus</i>	Chapim-de-poupa	LC	LC		Anexo II		SPEC 2	Residente
	<i>Parus caeruleus</i> *	Chapim-azul	LC	LC		Anexo II			Residente
	<i>Parus major</i> *	Chapim-real	LC	LC		Anexo II			Residente
SITTIDAE									
	<i>Sitta europaea</i>	Trepadeira-azul	LC	LC		Anexo II			Residente
CERTHIIDAE									
	<i>Certhia brachydactyla</i>	Trepadeira	LC	LC		Anexo II			Residente
ORIOOLIDAE									
	<i>Oriolus oriolus</i>	Papa-figos	LC	LC		Anexo II			Mig. Reprodutor
LANIIDAE									
	<i>Lanius meridionalis</i>	Picanço-real	LC	LC		Anexo II		SPEC 3	Residente
	<i>Lanius senator</i>	Picanço-barreteiro	NT	LC		Anexo II		SPEC 2	Mig. Reprodutor
CORVIDAE									
	<i>Garrulus glandarius</i>	Gaio	LC	LC			Anexo D		Residente
	<i>Cyanopica cyanus</i> *	Pega-azul	LC	LC		Anexo II			Residente
	<i>Pica pica</i> *	Pega	LC	LC			Anexo D		Residente
	<i>Corvus corone</i> *	Gralha-preta	LC	LC			Anexo D		Residente
	<i>Corvus corax</i>	Corvo	NT	LC		Anexo III			Residente
STURNIDAE									
	<i>Sturnus unicolor</i>	Estorninho-preto	LC	LC		Anexo II		SPEC 3	Residente
PASSERIDAE									
	<i>Passer domesticus</i> *	Pardal	LC	LC				SPEC 3	Residente
	<i>Passer hispaniolensis</i>	Pardal-espanhol	LC	LC		Anexo III			Res. / Mig. Rep.
	<i>Passer montanus</i>	Pardal-montês	LC	LC		Anexo III		SPEC 3	Residente
	<i>Petronia petronia</i>	Pardal-francês	LC	LC		Anexo II			Residente

FAMÍLIA	ESPÉCIE	NOME VULGAR	Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal	IUCN	Convenção de Bona	Convenção de Berna	Directiva Aves	SPEC	Fenologia
ESTRILDIDAE									
	<i>Estrilda astrild</i>	Bico-de-lacre	Não Avaliado	LC				(exótica)	Residente
FRINGILLIDAE									
	<i>Fringilla coelebs</i>	Tentilhão	LC	LC		Anexo III			Residente
	<i>Serinus serinus</i> *	Milheirinha	LC	LC		Anexo II			Residente
	<i>Carduelis chloris</i>	Verdilhão	LC	LC		Anexo II			Residente
	<i>Carduelis carduelis</i> *	Pintassilgo	LC	LC		Anexo II			Residente
	<i>Carduelis cannabina</i>	Pintaroxo	LC	LC		Anexo II		SPEC 2	Residente
EMBERIZIDAE									
	<i>Emberiza cirius</i> *	Escrevedeira	LC	LC		Anexo II			Residente
	<i>Emberiza calandra</i> *	Trigueirão	LC	LC		Anexo III		SPEC 2	Residente

Quadro 1.2 – Lista de espécies de Mamíferos que podem ocorrer na área de estudo.

FAMÍLIA	ESPÉCIE	NOME VULGAR	Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal	IUCN	Convenção de Bona	Convenção de Berna	Directiva Habitats
ERINACEIDAE							
	<i>Erinaceus europaeus</i> *	Ouriço-cacheiro	LC	LC		Anexo III	
SORICIDAE							
	<i>Crocidura russula</i>	Musaranho-de-dentes-brancos	LC	LC		Anexo III	
	<i>Suncus etruscus</i>	Musaranho-anão	LC	LC		Anexo III	
TALPIDAE							
	<i>Talpa occidentalis</i>	Toupeira	LC	LC			
RHINOLOPHIDAE							
	<i>Rhinolophus ferrumequinum</i>	Morcego-de-ferradura-grande	VU	NT	Anexo II	Anexo II	Anexos B-II e B-IV
	<i>Rhinolophus hipposideros</i>	Morcego-de-ferradura-pequeno	VU	LC	Anexo II	Anexo II	Anexos B-II e B-IV
	<i>Rhinolophus euryale</i>	Morcego-de-ferradura-mediterrânico	CR	VU	Anexo II	Anexo II	Anexos B-II e B-IV
	<i>Rhinolophus mehelyi</i>	Morcego-de-ferradura-mourisco	CR	VU	Anexo II	Anexo II	Anexos B-II e B-IV
VESPERTILIONIDAE							
	<i>Myotis myotis</i>	Morcego-rato-grande	VU	NT	Anexo II	Anexo II	Anexos B-II e B-IV
MINIOPTERIDAE							
	<i>Miniopterus schreibersii</i>	Morcego-de-peluche	VU	LC	Anexo II	Anexo II	Anexos B-II e B-IV
LEPORIDAE							
	<i>Oryctolagus cuniculus</i> *	Coelho-bravo	NT	LC			
	<i>Lepus granatensis</i>	Lebre	LC			Anexo III	
ARVICOLIDAE							
	<i>Arvicola sapidus</i>	Rato-de-água	LC	NT			
	<i>Microtus cabrerae</i>	Rato de Cabrera	VU	NT	Anexo II		Anexos B-II e B-IV
	<i>Microtus lusitanicus</i>	Rato-cego	LC	LC			
	<i>Microtus duodecimcostatus</i>	Rato-cego-mediterrânico	LC	LC			

FAMÍLIA	ESPÉCIE	NOME VULGAR	Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal	IUCN	Convenção de Bona	Convenção de Berna	Directiva Habitats
MURIDAE							
	<i>Apodemus sylvaticus</i>	Ratinho-do-campo	LC	LC			
	<i>Mus domesticus</i>	Ratinho-caseiro	LC	LC			
	<i>Mus spretus</i>	Ratinho-ruivo	LC	LC			
CANIDAE							
	<i>Vulpes vulpes</i>	Raposa	LC	LC			
MUSTELIDAE							
	<i>Mustela nivalis</i>	Doninha	LC	LC		Anexo III	
	<i>Mustela putorius</i>	Toirão	DD	LC		Anexo III	Anexo B-V
	<i>Martes foina</i>	Fuinha	LC	LC		Anexo III	
	<i>Meles meles</i>	Texugo	LC	LC		Anexo III	
	<i>Lutra lutra</i>	Lontra	LC	NT		Anexo II	Anexos B-II e B-IV
VIVERRIDAE							
	<i>Genetta genetta</i>	Geneta	LC	LC		Anexo III	Anexo B-V
	<i>Herpestes ichneumon</i>	Sacarrabos	LC	LC		Anexo III	Anexo B-V
FELIDAE							
	<i>Felis silvestris</i>	Gato-bravo	VU	LC		Anexo II	Anexo B-IV
SUIDAE							
	<i>Sus scrofa</i>	Javali	LC	LC			

Quadro 1.3 – Lista de espécies de Répteis que podem ocorrer na área de estudo.

FAMÍLIA	ESPÉCIE	NOME VULGAR	Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal	IUCN	Convenção de Berna	Directiva Habitats
AMPHISBAENIDAE						
	<i>Blanus cinereus</i>	Cobra-cega	LC		Anexo III	
LACERTIDAE						
	<i>Timon lepidus (Lacerta lepida)</i>	Lagarto	LC		Anexo II	
	<i>Podarcis hispanica</i>	Lagartixa-ibérica	LC		Anexo III	Anexo B-IV
COLUBRIDAE						
	<i>Coluber hippocrepis</i>	Cobra-de-ferradura	LC		Anexo II	Anexo B-IV
	<i>Elaphe scalaris</i>	Cobra-de-escada	LC		Anexo III	
	<i>Macroprotodon cucullatus</i>	Cobra-de-capuz	LC		Anexo III	
	<i>Malpolon monspessulanus</i>	Cobra-rateira	LC		Anexo III	
	<i>Natrix maura</i>	Cobra-de-água-viperina	LC		Anexo III	

Quadro 1.4 – Lista de espécies de Anfíbios que podem ocorrer na área de estudo.

FAMÍLIA	ESPÉCIE	NOME VULGAR	Livro Vermelho dos Vertebrados de Portugal	IUCN	Convenção de Berna	Directiva Habitats
DISCOGLOSSIDAE						
	<i>Alytes cisternasii</i>	Sapo-parteiro-ibérico	LC	NT	Anexo II	Anexos B-IV
	<i>Bufo bufo</i>	Sapo-comum	LC	LC	Anexo III	
	<i>Epidalea calamita</i>	Sapo-corredor	LC	LC	Anexo II	Anexos B-IV
HYLIDAE						
	<i>Hyla arborea</i>	Rela	LC	NT	Anexo III	Anexos B-IV
	<i>Hyla meridionalis</i>	Rela-meridional	LC	LC	Anexo III	Anexos B-IV
RANIDAE						
	<i>Rana perezi</i>	Rã-verde	LC	LC	Anexo III	Anexo B-V



ProSistemas
CONSULTORES DE ENGENHARIA, S.A.



COBA

ANEXO 5 – PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO, ARQUITECTÓNICO E ETNOLÓGICO



1. Inventário das ocorrências de interesse patrimonial identificadas na Pesquisa Documental

Nº de Referência Designação Tipologia Cronologia Categoria	Estatuto (legal) Valor Cultural Fonte de Informação CMP N.º Localização Ficha de Sítio	Caracterização
1. Monte Benfica. <i>Habitat.</i> Romano. Arqueológico.	Inexistente. Médio -Elevado. IGESPAR, CNS 28839; EIA PRPB, n.º 70; RECAPE PR, 70. 509 Na ZE do Projecto. Não tem.	<i>“Concentração extensa de materiais cerâmicos de construção (tégulas, tijolos, tijoleiras) e uso comum (ânforas, urnas, outros). Os vestígios dispersam-se por uma área de aproximadamente 2,2ha.” (Endovélico)</i>
2. Barranco dos Barrinhos. <i>Habitat.</i> Indeterminado / Pré-História recente. Arqueológico.	Inexistente. Médio. IGESPAR, CNS 28844; EIA PRPB, n.º 73. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	<i>“Dispersão de material cerâmico de uso comum por uma área de aproximadamente 1ha. Foram recolhidos, maioritariamente bordos. Cerâmica doméstica de fabrico aparentemente manual.” (Endovélico)</i>
3. Monte Novo. Monte Rústico. Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Baixo. EIA PRPB, n.º 88. 520 Na ZE do Projecto. Ficha N.º 14.	<i>“Complexo agrícola dedicado, sobretudo, à criação de gado bovino. Edifícios residenciais em uso e parcialmente recuperados. Afastados, estábulos de grandes dimensões. Vários anexos dispersos. Silos estrategicamente colocados junto aos edifícios de curral. Depósito de água elevado. Propriedade cruzada por linha de água (Ribeira de Canhestros). Eucalipto jovem ladeia o acesso interior principal. Nas proximidades, paredão de barragem não representada cartograficamente.” (EIA PRPB).</i>
4. Monte do Bravio 1. Armazém. Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Baixo. EIA PRPB, n.º 89. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	<i>“Actual armazém. Planta rectangular simples. Cobertura em chapa de lusalite. Telhado de uma água. Portão metálico de correr.” (EIA 2006).</i>
5. Monte do Carvalheiro 2. <i>Habitat.</i> Romano. Arqueológico.	Inexistente. Médio-Elevado. IGESPAR, CNS 28849; EIA PRPB, n.º 76; EIA BP, n.º 76; RECAPE PR, 76. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	<i>“Concentração de material cerâmico numa área de aproximadamente 1,26 ha. Trata-se de cerâmica de construção (tégulas e tijoleiras) de cronologia romana. Observam-se alguns blocos em granito possivelmente trabalhados.” (EIA PRPB).</i>
6. Monte do Carvalheiro 5. <i>Habitat.</i> Romano / Pré-História(?). Arqueológico.	Inexistente. Médio. IGESPAR, CNS 28859; EIA PRPB, n.º 90; EIA BP, n.º 76; RECAPE PR, 90. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	<i>“Espólio romano disperso, em concomitância com espólio moderno. No perímetro interior do conjunto agrícola foi identificado um fragmento de mó manual em granito. Cerâmica de construção.” (Endovélico)</i>



Nº de Referência Designação Tipologia Cronologia Categoria	Estatuto (legal) Valor Cultural Fonte de Informação CMP N.º Localização Ficha de Sítio	Caracterização
7. Monte do Carvalheiro 3. Monte Rústico. Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Médio-Baixo. EIA PRPB, n.º 77; EIA BP, n.º 77; RECAPE PR, 77. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	“Monte de arquitectura tradicional de piso térreo, telhado de duas águas com telha marselha e edifícios anexos. Encontra-se parcialmente abandonado. Na área envolvente encontra-se um interessante conjunto de poços.” (EIA PRPB).
8. Monte do Carvalheiro 1. Monte Rústico. Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Médio. EIA PRPB, n.º 78; EIA BP, n.º 78; RECAPE PR, 78. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	“Monte de arquitectura tradicional de piso térreo, telhado de quatro águas com telha marselha e edifícios anexos.” (EIA PRPB).
9. Monte do Carvalheiro 6. Poço. Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Baixo. EIA PRPB, n.º 91; RECAPE PR, 91. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	“Poço de boca e corpo de secção circular. Edificado em tijolo e blocos de xisto. Argamassa como elemento ligante. Vestígios de antiga estrutura em ferro imposta superiormente (dois tubos de secção subcircular). Retém água no interior. Localizado na margem de linha de água activa.” (EIA PRPB).
10. Monte do Carvalheiro 7. <i>Habitat.</i> Romano. Arqueológico.	Inexistente. Baixo. IGESPAR, CNS 28860; EIA PRPB, n.º 92; EIA BP, n.º 92; RECAPE PR, 92. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	“Dispersão de material cerâmico grosseiro (dolium) e de construção (tijolo, tégulae e telha) de cronologia romana, bastante disperso em área de montado.” (Endovélico)
11. Monte do Carvalheiro 4. Poço. Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Baixo. EIA PRPB, n.º 79; EIA BP, n.º 79; RECAPE PR, 79. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	“Poço com moinho elevatório.” (EIA PRPB).
12. Monte dos Machados 5. <i>Habitat.</i> Romano. Arqueológico.	Inexistente. Médio. IGESPAR, CNS 28861; EIA PRPB, n.º 93; EIA BP, n.º 93; RECAPE PR, 93. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	“Concentração de material cerâmico de construção (tijolo, tégulae, telha) e comum (fragmentos indeterminados) em esporão.” (Endovélico)



Nº de Referência Designação Tipologia Cronologia Categoria	Estatuto (legal) Valor Cultural Fonte de Informação CMP N.º Localização Ficha de Sítio	Caracterização
13. Penedrão 1. Achado(s) Isolado(s). Romano. Arqueológico.	Inexistente. Baixo. EIA PRPB, n.º 85; EIA BP, n.º 85; RECAPE PR, 85. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	<i>“Fragmento de pança de ânfora romana. Imposto (cravada) na margem de pequeno ribeiro desactivado. Resgatada em estrato profundo, ao nível do leito da linha de água. Provável arrastamento.” (EIA PRPB).</i>
14. Monte da Serra. <i>Habitat.</i> Romano. Arqueológico.	Inexistente. Médio-Elevado. IGESPAR, CNS 26726; EIA PRPB, n.º 8; RECAPE PR, 8. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	<i>“Numa pequena elevação observou-se uma concentração de material que se distribui por uma área inferior a 1ha. Regista-se ainda a presença de alguns blocos de pedra. Poderá tratar-se de um habitat romano de cariz rural.” (Endovélico)</i>
15. Igreja Paroquial de Santa Vitória. Igreja. Moderno. Arquitectónico e Etnológico.	Inexistente. Médio-Elevado. DGEMN; CMP. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	<i>“Arquitectura religiosa, manuelina, maneirista, popular, vernacular, rococó, modernista. Igreja de uma nave cuja planimetria e composição dos alçados correspondem a uma tipologia firmemente arreigada na tradição arquitectónica popular do Baixo Alentejo, caracterizada pela grande simplicidade técnica e formal e pela marcação dos volumes austeros, simplesmente rebocadas e caiados de alvo.” (Base de dados da DGEMN). Próximo encontra-se a Fonte da Igreja.</i>
16. Fonte da Avenida. Fonte. Moderno-Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Indeterminado. CMP; AC; EPIA, n.º 520- 21. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	Não contém descrição. Fonte assinalada na CMP.
17. Santa Vitória 3 / Santa Vitória. Achado-Tesouro. Romano. Arqueológico.	Inexistente. Elevado. IGESPAR, CNS 6687; LOPES (2003), 134; EDIA, n.º 3317; AC; EPIA, n.º 520-10. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	<i>“Conjunto de moedas constituído por médio, bronzes do Baixo Império (Constâncio, Arcádio e outros).” (Endovélico)</i>
18. Poço Novo. Poço. Moderno-Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Baixo. CMP; AC; EPIA, n.º 520- 22; EDIA, n.º 3306. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	Poço assinalado na CMP. Este poço encontra-se mal sinalizado na base de dados da EDIA, devido a um erro nas coordenadas este é localizado 1Km a Norte do sítio onde se encontra assinalado.



Nº de Referência Designação Tipologia Cronologia Categoria	Estatuto (legal) Valor Cultural Fonte de Informação CMP N.º Localização Ficha de Sítio	Caracterização
19. Mós. Necrópole. Idade do Bronze. Arqueológico.	Inexistente. Indeterminado. IGESPAR, CNS 28749. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	Não contém descrição.
20. Ervidel 2. Poço. Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Baixo. EIA PRPB, n.º 5. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	<i>“Apresenta cerca de 2 m de diâmetro. Construído em pedra e telha fragmentada unidas por argamassa e com reboco de cimento. O poço não apresenta qualquer paramento acima do solo.” (EIA PRPB).</i>
21. Cariola 2. <i>Habitat.</i> Romano /?; Moderno. Arqueológico.	Inexistente. Médio-Elevado. IGESPAR, CNS 26715; EIA PRPB, n.º 2; RECAPE PR, 21. 530 Na ZE do Projecto. Não tem.	<i>“Num terreno recentemente lavrado identificou-se algum material cerâmico que se dispersa por uma área com, aproximadamente, 1,3ha. O material é bastante escasso, pelo que se afigura difícil atribuir uma cronologia com elevado grau de certeza. Esta escassez condicionou igualmente uma correcta avaliação da área de dispersão de material e definição de uma eventual área de concentração.” (Endovélico)</i>
22. Cariola 1. Vestígios Diversos <i>(Habitat; Villa?)</i> . Indeterminado/Pré- História; Romano; Idade Média. Arqueológico.	Inexistente. Elevado. IGESPAR, CNS 26720; EIA PRPB, n.º 3; RECAPE PR, 3. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	<i>“Regista-se a dispersão de material por uma área com cerca de 14ha. O material recolhido é essencialmente de cronologia romana e medieval, embora também se tenha identificado algum material de cronologia pré-histórica. Este sítio terá tido grande importância não só no período romano, como também no período medieval, uma vez que se encontra referido em documento de D. Dinis.. Lascas de quartzito retocadas, cerâmica doméstica (comum, ratinhos e vidrados de várias cores), de construção (tégula), fragmento de ocarina (?)” (Endovélico)</i>
23. Cariolinha. Sepultura. Idade do Bronze. Arqueológico.	Inexistente. Indeterminado. IGESPAR, CNS 28748. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	<i>“De acordo com informação verbal do Dr. Artur Martins apareceram, há poucos anos, aquando da abertura de uma vala, dois recipientes cerâmicos provenientes, muito provavelmente, de um contexto funerário.” (Endovélico)</i>
24. Moinho de Ervidel 1. Moinho de Vento. Indeterminado. Arquitectónico e Etnológico.	Inexistente. Médio. Carta Militar de Portugal. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	Moinho em ruínas, assinalado na Carta Militar.
25. Moinho de Ervidel 2. Moinho de Vento. Indeterminado. Arquitectónico e Etnológico.	Inexistente. Médio. Carta Militar de Portugal. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	Moinho em ruínas, assinalado na Carta Militar.



Nº de Referência Designação Tipologia Cronologia Categoria	Estatuto (legal) Valor Cultural Fonte de Informação CMP N.º Localização Ficha de Sítio	Caracterização
26. Capela de São Pedro. Capela. Moderno. Arquitectónico.	Plano Director Municipal. Médio-Elevado. DGEMN; PDM Aljustrel. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	<i>“Arquitectura religiosa, maneirista. Capela de planta centralizada e cúpula.”</i> (Base de dados da DGEMN). Não se conseguiu obter a localização da ocorrência.
27. Igreja Matriz de Ervidel / Igreja Paroquial de São Julião. Igreja. Moderno-Contemporâneo. Arquitectónico.	Plano Director Municipal. Médio-Elevado. DGEMN; PDM Aljustrel. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	<i>“Arquitectura religiosa, manuelina, barroca. Capela lateral N. com planimetria, abóbada e elementos em cantaria do período manuelino. Planimetria da nave, composição dos alçados e torre do período barroco. Retábulos de feição rococó.”</i> (Base de dados da DGEMN). Não se conseguiu obter a localização da ocorrência.
28. Corte Margarida. Necrópole. Idade do Ferro. Arqueológico.	Inexistente. Médio-Elevado. IGESPAR, CNS 18972. 530. Na ZE do Projecto. Não tem.	<i>“À data da sua descoberta, pelo arqueólogo Artur Martins, era visível da estrada (EN 2) uma cista estruturada em xisto, ainda com cobertura, e não muito longe, incrustados no mesmo talude, viam-se fragmentos de laje de xisto que poderiam indicar outras sepulturas. Aquando da intervenção arqueológica, no topo do talude, veio a ser identificada uma segunda cista, similar à primeira, ainda que um pouco maior, e localizada a cerca de dois metros desta. Quanto aos fragmentos incrustados no talude, da sua escavação veio a resultar uma estrutura pétreo, preenchendo uma fossa (natural ou artificial?), existente no substrato xistoso, de significado ainda desconhecido. Contas oculadas de pasta vítrea, contas de colar, possivelmente, em âmbar e em vidro; um escaravelho com uma inscrição na base e duas figuras zoomorfas (dois patos) em cerâmica e uma urna funerária.”</i> (Endovélico)
29. Corte Margaridinha. Necrópole. Idade do Ferro. Arqueológico.	Plano Director Municipal. Médio-Elevado. IGESPAR, CNS 10795; EDIA, n.º 3425; EPIA, n.º 530-2; PDM Aljustrel, n.º 44; PBHRS, 529. 530. Na ZE do Projecto. Não tem.	<i>“Necrópole que poderá ter sido parcialmente destruída por trabalhos agrícolas por volta de 1970. Os trabalhadores tinham memória de urnas de barro, pequenas tigelas e “copos”, terem aparecido no local. Foram ainda recolhidos um par de brincos, um anel e um alfinete em bronze. Na prospecção efectuada em Setembro de 1990 foram recolhidos alguns fundos e bordos cerâmicos.”</i> (Endovélico)
30. Castelo Velho do Roxo. Povoado Fortificado. Idade do Ferro; Romano. Arqueológico.	Plano Director Municipal. Elevado. IGESPAR, CNS 10864; LOPES (2003), 6; EDIA, n.º 3426; EPIA, n.º 530-3; PDM Aljustrel, n.º 8; PBHRS, 493. 530. Na ZE do Projecto. Não tem.	<i>“Sobre um esporão de topo aplanado, na margem direita da Ribeira do Roxo, na confluência de um dos seus afluentes cujo nome não é referido na CMP, situam-se vestígios evidentes de um grande povoado fortificado. Os leitos bastante encaixados, servindo-lhe de protecção natural, presidiram certamente aos critérios de escolha do local para a sua implantação. No sítio são visíveis taludes constituídos pelos restos das muralhas e seus derrubes, abundantes materiais de construção em xisto e em cerâmica, mós manuais e cerâmica de uso doméstico.”</i> (Endovélico)



Nº de Referência Designação Tipologia Cronologia Categoria	Estatuto (legal) Valor Cultural Fonte de Informação CMP N.º Localização Ficha de Sítio	Caracterização
31. Anta do Monte do Cascalho. Anta. Neo-Calcolítico. Arqueológico.	Plano Director Municipal. Indeterminado. IGESPAR, CNS 12307; CGP; PDM Aljustrel, n.º 64; PBHRS, 536. 529. Na ZE do Projecto. Não tem.	“Anta. [Monumento não relocizado. Extensão de castro Verde. 26/11/1998].” (Endovélico)
32. Fonte da Caniveta. Fonte. Moderno-Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Indeterminado. EPIA, n.º 529-49. 529. Na ZE do Projecto. Não tem.	Não contém descrição.
33. Lentiscais. Estação de Ar Livre. Paleolítico. Arqueológico.	Inexistente. Indeterminado. IGESPAR, CNS 23202. 519. Na ZE do Projecto. Não tem.	“Sítio paleolítico de ar livre localizado no âmbito do projecto de investigação “Levantamento arqueológico do Alentejo”. Recolha à superfície de 22 artefactos líticos.” (Endovélico).
34. Poço da Areia 2. Poço. Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Baixo. Carta Militar de Portugal; EDIA, n.º 3172; EPIA, n.º 519-47. 519. Na ZE do Projecto. Não tem.	Poço assinalado na CMP. Não contém descrição.
35. Monte da Chaminé. Inscrição. Romano. Arqueológico.	Inexistente. Médio-Elevado. IGESPAR, CNS 7172; LOPES (2003), 133. 520 Na ZE do Projecto. Não tem.	“Inscrição funerária de “Marcus Iulius Avitus, olisiponensis”. Existe referência na Herdade da Chaminé a outros vestígios arqueológicos desta época, nomeadamente uma villa. Desse local seriam também provenientes capiteis em mármore.” (Endovélico)
36. Moinho da Figueirinha. Moinho de Vento. Moderno-Contemporâneo. Arquitectónico e Etnológico.	Inexistente. Médio. EPIA, n.º 509-101. 509 Na ZE do Projecto. Não tem.	“Estrutura em Alvenaria.” (EPIA)
37. Forno do Pereiro. Forno. Moderno-Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Nulo. CMP; EDIA, n.º 3311; EIA FerVal, n.º 40; EPIA, n.º 520-16; RECAPE PR, 100. 520 Na ZE do Projecto. Ficha de Sítio N.º 37.	“Forno de Cal (?)” (EDIA). “No local indicado, existe actualmente um pequena represa de água, cuja construção terá provocado a destruição do forno.” (EIA FerVal).



Nº de Referência Designação Tipologia Cronologia Categoria	Estatuto (legal) Valor Cultural Fonte de Informação CMP N.º Localização Ficha de Sítio	Caracterização
38. Monte da Figueirinha de Baixo. Villa(?). Romano. Arqueológico.	Inexistente. Médio-Elevado. EIA FerVal, n.º 94. 509 e 520 Na ZE do Projecto. Ficha de Sítio N.º 38.	<p><i>“Grande concentração de materiais cerâmicos de cronologia romana (fragmentos de tegulae, terra sigillata, ânfora, pesos de rede, dolium...). A terra sigillata (itálica) sugere uma cronologia da 1ª metade do séc. I. Identificada em área circunscrita de olival. Escorrências assinaladas, sobretudo, na vertente Sudeste, direccionada para a linha de água. Blocos de pedra semi-aparelhada (indícios de antigas construções?). Campo de cultivo de girassol, actualmente colhido. A utilização de maquinaria pesada na actividade agrícola pode ser responsabilizada pelas movimentações de solo que trouxeram o espólio à superfície. Boa visibilidade para detecção de materiais. Dispersão calculada em cerca de 75m x 75m. Estendem-se até ao estradão, ultrapassando-o, embora de forma muito residual.” (EIA PRPB).</i></p>
39. Monte da Figueirinha Nova. Indeterminado. Indeterminado. Arqueológico.	Inexistente. Indeterminado. EIA FerVal, n.º 109. 509. Na ZE do Projecto. Ficha de Sítio N.º 39.	<p><i>“Estrutura de cronologia e utilização indeterminadas. Aparentemente, planta de tendência quadrangular. Blocos aparelhados e alinhados. Muros largos e bastante consistentes, alguns deles com sinais de derrube na periferia. Argamassa como substância ligante. Oliveira cresce no interior. Aproveitada como morouço e encosto de terras. Material cerâmico disperso à superfície, numa área de aproximadamente 30 metros de diâmetro (telha, tijolo...).” (EIA PRPB).</i></p>
40. Monte da Figueirinha Nova 1. Monte Rústico. Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Médio-Baixo. EIA PRPB, n.º 72; EIA FerVal, n.º 54; RECAPE PR, 72. 520. Na ZE do Projecto. Ficha de Sítio N.º 40.	<p><i>“Abandonado e em ruína. Cobertura de duas águas. Anexos adoçados com utilização anterior como palheiro e curral. Latada no exterior. Dependência lateral mais recente, construída com tijolo. No quintal, poço entulhado. Vinha. Na periferia, dispersão de material cerâmico essencialmente moderno e escória de fundição.” (EIA PRPB).</i></p>
42. Monte dos Machados 3. Monte Rústico. Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Médio-Baixo. EIA PRPB, n.º 81; EIA BP, n.º 81; RECAPE PR, 81. 520. Na ZE do Projecto. Ficha de Sítio N.º 42.	<p><i>“Monte de arquitectura tradicional de piso térreo, telhado de duas águas e edifícios anexos.” (EIA PRPB).</i></p>
43. Monte dos Machados 1. Poço. Moderno-Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Baixo. EIA PRPB, n.º 82; EIA BP, n.º 82; RECAPE PR, 82. 520 Na ZE do Projecto. Ficha de Sítio N.º 43.	<p><i>“Periferia do Monte dos Machados. Poço de planta tendencialmente circular. Boca parcialmente destruída, constituída por tijolo de burro e argamassa. Corpo levantado com recurso a blocos de xisto aparelhados, de médio a grande porte, sobrepostos verticalmente. Elementos arquitectónicos em redor, sem integração na estrutura hídrica (coluna quadrangular em tijolo e cimento, placa de mármore afeiçãoada, outros).” (EIA PRPB).</i></p>



Nº de Referência Designação Tipologia Cronologia Categoria	Estatuto (legal) Valor Cultural Fonte de Informação CMP N.º Localização Ficha de Sítio	Caracterização
44. Monte dos Machados 5. Poço. Moderno-Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Baixo. Carta Militar de Portugal; EIA BP, n.º 102; RECAPE PR, 102. 520 Na ZE do Projecto. Ficha de Sítio N.º 44.	<i>"Poço nas imediações do anterior, mas inédito. Boca de planta circular em tijolo, com reboco e pintura a branco das superfícies."</i> (EIA BP).
45. Penedrão 2. Poço. Moderno-Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Baixo. EIA PRPB, n.º 84; EIA BP, n.º 84; RECAPE PR, 84. 520 Na ZE do Projecto. Ficha de Sítio N.º 45.	<i>"Poço de planta tendencialmente circular. Boca parcialmente destruída, constituída por tijolo de burro e argamassa. Corpo levantado com recurso a blocos de xisto aparelhados, de médio a grande porte, sobrepostos verticalmente."</i> (EIA PRPB).
46. Poço de Vale Frio. Poço. Moderno-Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Baixo. EIA PRPB, n.º 86; EPIA, n.º 520-19; ; EIA BP, n.º 86; RECAPE PR, 86. 520 Na ZE do Projecto. Ficha de Sítio N.º 46.	<i>"Assinalado enquanto ponto de interesse patrimonial na cartografia de referência. Parcialmente destruído e integrado em charca artificial. Zona alterada. Evidente acção antrópica. A partir do poço, a charca efectua curva apertada, em cotovelo. Na outra extremidade, edifício alberga bomba hidráulica, motor e instalação eléctrica correspondentes. Escavações e aterros são reconhecíveis no exterior."</i> (EIA PRPB).
47. Fonte da Igreja. Fonte. Moderno. Arquitectónico.	Inexistente. Médio-Baixo. Carta Militar de Portugal. 520 Na ZE do Projecto. Ficha de Sítio N.º 47.	Não contém descrição.
50. Ervidel 1. Casal Rústico. Moderno. Arqueológico.	Inexistente. Indeterminado. IGESPAR, CNS 26723; EIA PRPB, n.º 4; RECAPE PR, 4. 520 Na ZE do Projecto. Ficha de Sítio N.º 50.	<i>"O sítio apresenta uma área de dispersão de aproximadamente 1ha. A dispersão do material encontra-se pouco concentrada, pelo que não é possível definir claramente qualquer área de concentração do material. O material recolhido não serve de indicador cronológico seguro, pelo que a cronologia moderna levanta algumas reservas. Poderá tratar-se de um pequeno casal rústico."</i> (Endovélico)
51. Medarra. Necrópole. Idade do Bronze. Arqueológico.	Plano Director Municipal. Elevado. IGESPAR, CNS 3675; RIBEIRO (1967); EDIA, n.º 3321; AC; EPIA, n.º 520-6; PDM Aljustrel, n.º 4; PBHRS, 489. 520 Na ZE do Projecto. Ficha de Sítio N.º 51.	<i>"Necrópole descoberta em finais de 1966 durante trabalhos agrícolas, formada por 6 cistas, onde foram encontrados vários esqueletos, bem conservados, em posição flectida. As sepulturas possuíam formato rectangular ou trapezoidal, constituídas por grandes lajes de xisto, cujas dimensões variavam entre 0,85m e 1,66m de comprimento; 0,62m a 1,07m de largura e 0,5m a 0,6m de profundidade. Estavam orientadas, de um modo geral, no sentido este-oeste. Durante a escavação foram recolhidos alguns vasos e um punhal em bronze."</i> (Endovélico)



Nº de Referência Designação Tipologia Cronologia Categoria	Estatuto (legal) Valor Cultural Fonte de Informação CMP N.º Localização Ficha de Sítio	Caracterização
52. Moinho de Bailique. Moinho de Vento. Moderno-Contemporâneo. Arquitectónico e Etnológico.	Inexistente. Médio. CMP; EDIA, n.º 3309; AC; EPIA, n.º 520-18. 520 Na ZE do Projecto. Ficha de Sítio N.º 52.	Moinho em ruínas, assinalado na Carta Militar.
53. Ervidel 3. Necrópole. Idade do Bronze. Arqueológico.	Inexistente. Médio-Elevado. ARNAUD (1992). 520 Na ZE do Projecto. Ficha de Sítio N.º 53.	A fonte não fornece a localização exacta. Refere localizar-se a 1Km a Oeste de Ervidel, numa área de vinha (que destruiu sepulturas) e a escassas centenas de metros da necrópole da Medarra (Oc. 51). Foram de lá recolhidos 4 vasos com decoração e observadas lajes de xisto supostamente pertencentes às sepulturas.
54. Cemitério de Ervidel. Capela. Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Médio-Baixo. Carta Militar de Portugal. 520 Na ZE do Projecto. Ficha de Sítio N.º 54.	Cemitério com capela, assinalado na Carta Militar.
61. Monte do Carvalheiro 2 / Monte da Figueirinha Nova 2. <i>Habitat.</i> Romano; Moderno; Contemporâneo. Arqueológico.	Inexistente. Médio. IGESPAR, CNS 28849; EIA PRPB, n.º 71; RECAPE PR, 71. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 61.	Sítio com 2 designações e cronologias diferentes, possuindo as mesmas coordenadas: Na Base de dados do IGESPAR, Sítio Romano com " <i>Concentração de material cerâmico numa área de aproximadamente 1,26ha. Trata-se de cerâmica de construção (tégula e tijoleiras) de cronologia romana. Observam-se alguns blocos em granito possivelmente trabalhados.</i> " (Endovélico); No EIA 2006 Sítio Moderno com " <i>Dispersão de material maioritariamente moderno, associado a escória de fundição, por uma área de aproximadamente 2,7 ha. Sector de seara em alternância com parcelas sem cultivo, embora limpas e aradas. Zona de olival cuidado.</i> " (EIA PRPB).
63. Monte da Chaminé. <i>Villa.</i> Romano. Arqueológico.	Plano Director Municipal. Elevado. IGESPAR, CNS 647; LOPES (2003), 166; EDIA, n.º 3326; SR; EPIA, n.º 520-1; PDM Ferreira do Alentejo; PBHRS, 542. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 63.	"O sítio arqueológico localiza-se numa encosta suave virada a norte, junto à margem esquerda da Ribeira de Canhestros. Como resultados dos trabalhos iniciados em 1981 evidenciou-se um conjunto de 6 compartimentos dispostos ao longo do Peristilo. Foi escavada já parte da área central da casa, ou seja um pátio (jardim) rodeado pelo espelho de água onde se destaca uma colunata envolvente, feita com tijolo de quadrante e revestida a estuques pintados. Anexo à villa urbana, iniciou-se a escavação de uma estrutura associável a um lagar. Até ao momento a ocupação da villa andarà nos inícios I até V d.C." (Endovélico)
64. Monte da Chaminé 2. Vestígios Diversos. Romano. Arqueológico	Inexistente. Elevado. SR. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 64.	Não contém descrição.



Nº de Referência Designação Tipologia Cronologia Categoria	Estatuto (legal) Valor Cultural Fonte de Informação CMP N.º Localização Ficha de Sítio	Caracterização
65. Monte da Chaminé 1. Achado(s) Isolado(s). Romano. Arqueológico	Inexistente. Baixo. SR. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 65.	Apenas refere uma Mó.
66. Monte da Chaminé 3. Achado(s) Isolado(s). Romano. Arqueológico	Inexistente. Baixo. SR. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 66.	Apenas refere uma Mó.
71. Monte do Rolão 2. Monte Rústico. Moderno-Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Médio-Baixo. Carta Militar de Portugal. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 71.	Não contém descrição.
76. Monte dos Machados 4. <i>Habitat.</i> Romano. Arqueológico.	Inexistente. Médio. IGESPAR, CNS 28861; EIA PRPB, n.º 93; EIA BP, n.º 93; RECAPE PR, 93. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 76.	<i>“Concentração de cerâmica de construção (tégulas, imbrices e tijoleiras) e comum, de cronologia romana, dispersa por uma área de aproximadamente 5,56ha. A área é ocupada parcialmente por uma zona lavrada a Sul e montado disperso a Norte. Nas proximidades foi recolhido um fragmento de cerâmica romana, isolado, designado no EIA como Monte dos Machados 2, que não foi inserido no Endovélico.” (Endovélico)</i>
77. Monte dos Machados 2. Achado(s) Isolado(s). Romano(?). Arqueológico	Inexistente. Baixo. EIA PRPB, n.º 83; EIA BP, n.º 83 ; RECAPE PR, 83. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 77.	<i>“Fragmento de cerâmica romano (?). Identificado próximo de sobreiro, em área de montado disperso. Não foi recolhido. Corresponde à zona de retenção e/ou acumulação de água projectada. Campo de cultivo de seara (trigo), entretanto ceifado. Permanece o restolho.” (EIA PRPB).</i>
78. Vale Frio. <i>Habitat.</i> Romano / Idade Média. Arqueológico.	Inexistente. Médio-Elevado. IGESPAR, CNS 28852; EIA PRPB, n.º 87; EIA BP, n.º 87; RECAPE PR, 87. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 78.	<i>“Material de construção, maioritariamente à superfície, dispersa por uma área de aparentemente 16ha. Fragmentos grosseiros de tégula e tijolo.” (Endovélico)</i>



Nº de Referência Designação Tipologia Cronologia Categoria	Estatuto (legal) Valor Cultural Fonte de Informação CMP N.º Localização Ficha de Sítio	Caracterização
86. Villa da Herdade do Pomar / Monte da Ramada 4. Habitat / Villa. Romano; Idade Média; Moderno. Arqueológico.	Inexistente. Elevado. IGESPAR, CNS 3351; EIA PRPB, n.º 7; AC; EPIA, n.º 520-5; EIA BP, 7B; RECAPE PR, 7. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 86.	“A área de dispersão do material, (cerâmica doméstica vermelha, cinzenta e vidrada, dólida e de construção, tégula, tijolo de quadrante). é de aproximadamente 18ha.” (Endovélico). “A área de dispersão de material é de aproximadamente 18 ha. Esta estação é referida por EDIA/FBO, 2001, como Herdade do Pomar, embora a sua localização se encontre a pelo menos 500 m para SSO e, nessa área, os vestígios serem praticamente inexistentes. Ainda assim julga-se tratar-se da mesma estação. A delimitação da área de dispersão de fragmentos foi limitada pelo facto de parte da área apresentar restolho de cereal o que dificultou a definição da área de dispersão de material.” (EIA PRPB).
88. Monte da Ramada. Poço. Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Baixo. EIA PRPB, n.º 6; RECAPE PR, 6. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 88.	“Poço com bebedouro associado, estrutura em pedra com reboco de cimento, com aproximadamente 1 m de altura.” (EIA PRPB).
89. Ramada 1. Habitat. Romano. Arqueológico.	Inexistente. Indeterminado. IGESPAR, CNS 26887; EIA PRPB, n.º 9. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 89.	“Zona de dispersão de materiais de construção de cronologia romana (tegulas, tijolos, tijoleiras). A área de dispersão de material é de aproximadamente 2 ha, sendo visível sobretudo a área de solo lavrado. É provável que a dispersão se expanda para a área envolvente da seara, onde a visibilidade para artefactos era reduzida a nula.” (Endovélico)
90. Ramada 2. Achado(s) Isolado(s). Indeterminado / Pré-História. Arqueológico.	Inexistente. Baixo. IGESPAR, CNS 26888; EIA PRPB, n.º 10. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 90.	“Lasca trabalhada em quartzito identificada em terreno de cultivo de seara que confere uma má visibilidade geral, pelo que foi possível determinar qualquer mancha de dispersão de materiais.” (Endovélico)
91. Monte da Peixeira 2. Villa(?). Romano. Arqueológico.	Inexistente. Elevado. IGESPAR, CNS 26891; EIA PRPB, n.º 11. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 91.	“Extensa dispersão de material cerâmico romano, essencialmente de construção (tegulas, tijolos, tijoleiras). O material dispersa-se por uma área de aproximadamente 13 ha. Localizada em pequeno cabeço, actualmente dedicado ao cultivo de trigo. Os fragmentos de cerâmica comum (dólum, fundos, etc) surgem mais intensamente à medida que a progressão evolui na direcção da linha de água existente.” (Endovélico)



Nº de Referência Designação Tipologia Cronologia Categoria	Estatuto (legal) Valor Cultural Fonte de Informação CMP N.º Localização Ficha de Sítio	Caracterização
92. Monte da Peixeira 1A. Vestígios Diversos / Edifício. Romano; Contemporâneo. Arqueológico.	Inexistente. Médio-Baixo. IGESPAR, CNS 26893; EIA PRPB, n.º 12. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 92.	<p><i>“Assente em plataforma de contornos artificializados. Na encosta Sudeste do monte encontra-se material cerâmico de cronologia romana, disperso à superfície, em concomitância com espólio moderno e contemporâneo. Possivelmente relaciona-se com o Monte da Peixeira 2.” (Endovélico).</i></p> <p><i>“Edifício principal recuperado e habitado, ostentando chaminé e depósito de água. Planta rectangular. Vários anexos laterais. Edifícios longos. Cobertura de duas águas na casa central, uma água nos adçados lateralmente. No exterior, alfaias e dependências de aspecto precário. Vara de porco preto em liberdade.” (EIA PRPB).</i></p>
93. Monte da Peixeira 1B. Mancha de Ocupação. Romano. Arqueológico.	Inexistente. Médio. IGESPAR, CNS 26893; EIA PRPB, n.º 12. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 93.	<p><i>“Na encosta Sudeste do monte encontra-se material cerâmico de cronologia romana, disperso à superfície, em concomitância com espólio moderno e contemporâneo.” (EIA PRPB).</i></p>
97. Monte Branco 1. Vestígios Diversos / Edifício. Romano; Contemporâneo. Arqueológico.	Inexistente. Médio. IGESPAR, CNS 26895; EIA PRPB, n.º 13; Inventário da Câmara Municipal de Beja, n.º 26566. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 97.	<p><i>“Área implantada em elevação suave com dispersão de materiais cerâmicos, alguns aparentemente de cronologia romana.” (Endovélico).</i></p> <p><i>“Implantado em elevação suave. Complexo agrícola constituído por três edifícios independentes. Em perspectiva frontal e distante, uma habitação principal e dois armazéns, aparentemente abandonados. Cobertura de duas águas nas estruturas de apoio, quatro na casa central. Nesta última, três chaminés visíveis. Poço deslocado no exterior. Longo caminho de acesso ladeado por olival e restolho. Nas traseiras, construções adicionais de suporte agrícola. Alguns (poucos) materiais de construção acompanhando a encosta até ao topo do pequeno cabeço, numa área de 2,6 ha.” (EIA PRPB)</i></p>
100. Santa Vitória 2. Habitat. Romano. Arqueológico.	Inexistente. Médio-Elevado. IGESPAR, CNS 26901; EIA PRPB, n.º 14; Inventário da Câmara Municipal de Beja, n.º 26566. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 100.	<p><i>“Concentração evidente de material de construção romano numa área de 1ha. Pequena elevação com cobertura herbácea densa, a espaços com clareiras, proporcionando visibilidade efectiva. Correspondendo a esta coordenada e integrando a ocorrência descrita, silo. Boca circular e estreita. Grande laje de quartzito rectangular, notoriamente trabalhada, assume funcionalidade de tampa. Paredes bem afeiçoadas no xisto de base, desenvolvendo-se em largura até meio da estrutura negativa. Posteriormente dedução previsível atendendo aos vários paralelos conhecidos, verifica-se o estreitamento final que atingirá o nível de fundo. Este poderá assumir contornos variáveis, conforme a utilização pretendida. Parcialmente entulhado. Não se reconheceram indícios arqueológicos no interior. Fraca luminosidade interna, cronologia indefinida. Foi impossível determinar as dimensões totais.” (Endovélico).</i></p>



Nº de Referência Designação Tipologia Cronologia Categoria	Estatuto (legal) Valor Cultural Fonte de Informação CMP N.º Localização Ficha de Sítio	Caracterização
101. Monte do Moncorvo. <i>Habitat.</i> Romano; Moderno. Arqueológico.	Inexistente. Indeterminado. IGESPAR, CNS 26905; EIA PRPB, n.º 16. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 101.	“O material dispersa-se aproximadamente por uma área de 1,55ha, não existindo em nenhum local uma clara concentração de vestígios, apresentando uma aparente uniformidade de dispersão. O material é composto sobretudo por cerâmica doméstica, não se tendo observado nenhum material com uma datação inequívoca, pelo que se avança uma cronologia hipotética entre o período romano e a época moderna.” (Endovélico)
102. Lagoa da Ponte 1. <i>Habitat.</i> Moderno; Contemporâneo. Arqueológico.	Inexistente. Médio. IGESPAR, CNS 26906; EIA PRPB, n.º 17. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 102.	“Zona de ocorrência pontual de cerâmica, esta é muito dispersa, distribuindo-se por cerca de 0,4ha. O facto de se encontrar numa área de restolho dificultou uma correcta avaliação da área de dispersão de material.” (Endovélico)
103. Santa Vitória 1. <i>Habitat.</i> Moderno; Contemporâneo. Arqueológico.	Inexistente. Indeterminado. IGESPAR, CNS 26904; EIA PRPB, n.º 15. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 103.	“O material dispersa-se por uma área de 2,2ha, não existindo em nenhum local uma clara concentração de vestígios. O material é visível sobretudo em áreas de lavradio, embora seja credível que ele se prolongue para áreas actualmente cultivadas com cereal ou com restolho, que pelas suas características dificultam a observação do solo e por conseguinte uma clara área de distribuição do material.” (Endovélico)
111. Monte do Pomar 1. Casal Rústico. Moderno-Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Médio-Baixo. Carta Militar de Portugal. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 111.	Não contém descrição.
114. Povoado da Herdade do Pomar. Povoado. Idade do Ferro / (?). Arqueológico.	Plano Director Municipal. Elevado. IGESPAR, CNS 3349; EDIA, n.º 3324; AC; EPIA, n.º 520-3; PDM Aljustrel, n.º 20; PBHRS, 505. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 114.	“Provável povoado da Idade do Ferro. Foi detectada uma estrutura com vestígios de ocupação.” (Endovélico)
115. Herdade do Pomar 2. Necrópole. Idade do Bronze. Arqueológico.	Plano Director Municipal. Indeterminado. IGESPAR, CNS 3347; GOMES (1977); EDIA, n.º 3323; AC; EPIA, n.º 520- 4; PDM Aljustrel, n.º 7; PBHRS, 492. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 115.	“Local onde foi descoberta uma cista do Bronze do Sudoeste violada por trabalhadores agrícolas na Herdade. Foi recolhido o seu espólio. 2 vasos cerâmicos tipo Santa Vitória decorados com triângulos incisos; 1 vaso alto e fechado de perfil sinuoso e bordo saliente.” (Endovélico)



Nº de Referência Designação Tipologia Cronologia Categoria	Estatuto (legal) Valor Cultural Fonte de Informação CMP N.º Localização Ficha de Sítio	Caracterização
116. Herdade do Pomar 1. Necrópole. Idade do Bronze. Arqueológico.	Plano Director Municipal. Médio-Elevado. IGESPAR, CNS 3347; GOMES (1977); EDIA, n.º 3323; AC; EPIA, n.º 520- 4; PDM Aljustrel, n.º 7; PBHRS, 492. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 116.	<i>“Local onde foi descoberta uma cista do Bronze do Sudoeste violada por trabalhadores agrícolas na Herdade. Foi recolhido o seu espólio. 2 vasos cerâmicos tipo Santa Vitória decorados com triângulos incisos; 1 vaso alto e fechado de perfil sinuoso e bordo saliente.” (Endovélico)</i>
119. Necrópole de Ervidel. Necrópole. Idade do Bronze. Arqueológico.	Inexistente. Elevado. IGESPAR, CNS 6208; PBHRS, 533. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 119.	<i>“Duas cistas construídas com lajes. Uma das sepulturas mede 1.60m de comprimento, e é forrada de lousas e possuía espólio associado. A segunda sepultura possuía um vaso decorado como espólio. Ossadas humanas; 1 punhal em bronze, 2 lâminas ou folhas em cobre ou bronze e outros objectos metálicos; 3 vasos.” (Endovélico)</i>
121. Poço do Vale da Rosa. Poço. Moderno-Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Baixo. EDIA, n.º 3310; AC; EPIA, n.º 520-17. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 121.	Poço assinalado na CMP. Não contém descrição.
126. Poço das Varandas. Poço. Moderno-Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Baixo. EDIA, n.º 3312; EPIA, n.º 520-15. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 126.	Poço assinalado na CMP. Não contém descrição.
127. Poço do Valongo. Poço. Moderno-Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Baixo. EDIA, n.º 3313; EPIA, n.º 520-14. 520 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 127.	Poço assinalado na CMP. Não contém descrição.
132. Poço da Carrapateira. Poço. Moderno-Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Baixo. EDIA, n.º 3430; EPIA, n.º 530-13. 530 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 132.	Poço assinalado na CMP. Não contém descrição.



Nº de Referência Designação Tipologia Cronologia Categoria	Estatuto (legal) Valor Cultural Fonte de Informação CMP N.º Localização Ficha de Sítio	Caracterização
135. Alçarias 1. Villa. Romano. Arqueológico.	Plano Director Municipal. Médio-Elevado. IGESPAR, CNS 10872; PITA (1994); EDIA, n.º 3427; EPIA, n.º 530-4; PDM Aljustrel, n.º 62; PBHRS, 90. 530 Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 135.	<p><i>“Área com cerca de 2 km2, conhecida pelo nome de Alçarias. São visíveis em todo o terreno materiais romanos trazidos à superfície pelos trabalhos agrícolas: cerâmica de construção, cerâmica fina e comum em quantidade, assim como fragmentos de argamassas deste período. Surgiram também elementos arquitectónicos fragmentados: um bloco de pedra trabalhado pertencente a uma arquitrave, um astrágalo, um pequeno capitel e três bases de colunas. Há notícia de ter sido encontrado no local durante uma lavoura mais profunda fragmentos de um mosaico policromo e uma taça em "terra sigillata". Devido aos materiais encontrados e apesar de não se encontrarem vestígios de estruturas deve tratar-se de uma villa pertencente a abastados proprietários, que terá sido fundada no início do séc. I d. C., e a sua ocupação perdurado até ao último quartel do séc. III d.C. ou talvez mesmo até meados do séc. V. Tegulas, imbrices, tijolos."opus caementicium" e "opus signinum"; cerâmica fina: "terra sigillata" itálica e "terra sigillata" clara A. Fragmentos de ânforas e de recipientes de cerâmica comum.” (Endovélico).</i></p>
142. Monte do Sobrado 2. Viveiro. Romano. Arqueológico.	Inexistente. Indeterminado. SR; IGESPAR, CNS 28985. 519. Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 142.	<p><i>“Numa zona de olival novo pertencente à Herdade do Sobrado, junto à linha de água Barranco do Xacafre, verificou-se a existência de uma pequena área com ocorrência de conchas de ostra fossilizadas. Trata-se de uma mancha de terra alaranjada, claramente diferente da terra castanha escura que a rodeia, com muitas conchas de ostra. Esta mancha tem cerca de 6 metros de comprimento por cerca de 2 metros de largura. Foram recolhidas amostras dessa fauna malacológica. Coloca-se aqui a hipótese de se tratar de um viveiro de ostras, datável da época romana, tendo em conta não só a proximidade de uma linha de água (de onde era fácil canalizar para este local), mas também a presença de vestígios arqueológicos romanos muito próximo, e de sabermos de como estes bivalves eram apreciados na época. Na bibliografia fala-se de uma possível villa romana nesta Herdade, podendo este possível viveiro estar relacionado com esses vestígios. A presença da referida villa não foi confirmada nos trabalhos de campo de 2005 e 2006.” (Endovélico)</i></p>
143. Monte do Sobrado 4. Achado(s) Isolado(s). Neo-Calcolítico. Arqueológico.	Inexistente. Baixo. SR; IGESPAR, CNS 21346. 519. Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 143.	<p><i>“Numa zona de olival novo pertencente à Herdade do Sobrado identificou-se um percutor em quartzito.” (Endovélico)</i></p>



Nº de Referência Designação Tipologia Cronologia Categoria	Estatuto (legal) Valor Cultural Fonte de Informação CMP N.º Localização Ficha de Sítio	Caracterização
144. Monte do Sobrado 1. Casal Rústico. Romano. Arqueológico.	Inexistente. Indeterminado. SR; IGESPAR, CNS 28983. 519. Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 144.	“Numa zona de olival novo pertencente à Herdade do Sobrado, verificou-se a existência de uma pequena área com ocorrência de cerâmicas romanas, sobretudo tegullae. Deverá tratar-se de um pequeno casal romano, talvez relacionado com outros vestígios romanos presentes nesta zona. Na bibliografia fala-se da possível presença de uma villa romana nesta Herdade, podendo este casal estar relacionado com esses vestígios. Durante as prospeções de 2005 e 2006 a presença da referida villa não foi confirmada pelos trabalhos de campo.” (Endovélico)
145. Mina do Paço. Mina. Moderno-Contemporâneo. Arqueológico e Etnológico.	Inexistente. Médio-Baixo. SR; EPIA, n.º 519-44. 519. Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 145.	Não contém descrição.
147. Monte do Sobrado 3. Vestígios de Superfície. Neo-Calcolítico. Arqueológico.	Inexistente. Indeterminado. SR; IGESPAR, CNS 28986. 519. Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 147.	“Numa zona de olival novo, pertencente à Herdade do Sobrado, verificou-se a existência de alguns fragmentos de cerâmica pré-histórica, entre os quais um bordo mamilado. Trata-se de materiais mais ou menos dispersos por uma área de cerca de 300 metros, não se encontrando nenhum sítio com maior concentração.” (Endovélico)
148. Poço da Malhada. Poço. Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Baixo. EDIA, n.º 3171; EPIA, n.º 519-46. 519. Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 148.	Poço assinalado na CMP. Não contém descrição.
149. Poço dos Bois 2. Poço. Contemporâneo. Arquitectónico.	Inexistente. Baixo. EDIA, n.º 3170; EPIA, n.º 519-45. 519. Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 149.	Poço assinalado na CMP. Não contém descrição.
151. Monte do Rolão 1. Poço. Moderno. Arquitectónico.	Inexistente. Baixo. Carta Militar de Portugal. 519. Na AI do Projecto. Ficha de Sítio N.º 151.	Não contém descrição.



Legenda de Fontes de Informação
IGESPAR - n.º de Código Nacional de Sítio (CNS) - Base de Dados do IPA (Endovélico)
IPPAR - Base de dados do IPPAR
DGEMN - Base de dados da DGEMN
EDIA - Base de dados da EDIA
PBHRS , n.º ocorrência - Plano de Bacia Hidrográfica do Rio Sado
CMP - Carta Militar de Portugal
CGP - Carta Geológica de Portugal
LOPES (2003) n.º catálogo, Maria Conceição, <i>A Cidade Romana de Beja. Percursos e debates acerca da "civitas" de Pax Iulia</i> , Vol. II – Catálogo.
ARNAUD (1992) , José Eduardo M., "Nota Sobre uma Necrópole do Bronze do Sudoeste dos Arredores de Ervidel (Aljustrel)", <i>Vipasca</i> , 1.
EPIA - Estudo Preliminar de Impacte Ambiental do Subsistema de Rega de Alqueva - Bloco do Baixo Alentejo
EIA PRPB - Estudo de Impacte Ambiental dos Troços de Ligação Pisão-Roxo e Pisão-Beja
EIA FerVal - Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ferreira e Valbom
EIA BP , n.º Oc. - Estudo de Impacte Ambiental da Barragem do Penedrão
RECAPE PR , n.º Oc. - RECAPE do Troço de Ligação Pisão-Roxo
SR - Sara Ramos - Arqueóloga da Câmara Municipal de Ferreira do Alentejo
AC - Alexandre Canha - arqueólogo, base de dados privada



2A - Fichas de sítio de ocorrências patrimoniais Identificadas e Relocalizadas no Trabalho de Campo Ocorrências na ZE do Projecto

Atributos utilizados

Projecto = identificação do Projecto e respectiva fase.

Nº = referência de inventário utilizada na cartografia, nos quadros e nas fichas de inventário.

Data = corresponde à data de observação ou de elaboração da ficha.

Carta Militar de Portugal (CMP) = nº da folha na escala 1:25.000.

Altitude = obtida a partir da CMP, em metros (m).

Topónimo ou Designação = nome atribuído à ocorrência ou ao local onde se situa.

Categoria = distinção entre arqueológico, arquitectónico, etnológico, construído e outros atributos complementares (hidráulico, civil, militar, artístico, viário, mineiro, industrial, etc).

Tipologia = tipo funcional de ocorrência, monumento ou sítio, segundo o *thesaurus* do Endovelico.

Cronologia = indica-se o período cronológico, idade ou época correspondente à ocorrência. A aplicação do sinal “?” significa indeterminação na atribuição cronológica. A indicação de vários períodos cronológicos separados por “-” tem significado cumulativo.

Classificação = imóvel classificado ou outro tipo de protecção, decorrente de planos de ordenamento, com condicionantes ao uso e alienação do imóvel.

Valor Patrimonial = hierarquização do interesse patrimonial da ocorrência no conjunto do inventário de acordo com os seguintes critérios: **Elevado (5)**: Imóvel classificado (monumento nacional, imóvel de interesse público) ou ocorrência não classificada (sítio, conjunto ou construção, de interesse arquitectónico ou arqueológico) de elevado valor científico, cultural, raridade, antiguidade, monumentalidade, a nível nacional. **Médio-elevado (4)**: Imóvel classificado (valor concelhio) ou ocorrência (arqueológica, arquitectónica) não classificada de valor científico, cultural e/ou raridade, antiguidade, monumentalidade (características presentes no todo ou em parte), a nível nacional ou regional. **Médio (3)**, **Médio-baixo (2)**, **Baixo (1)**: Aplica-se a ocorrências (de natureza arqueológica ou arquitectónica) em função do seu estado de conservação, antiguidade e valor científico, e a construções em função do seu arcaísmo, complexidade, antiguidade e inserção na cultura local. **Nulo (0)**: Atribuído a construção actual ou a ocorrência de interesse patrimonial totalmente destruída. **Indeterminado**: Quando as condições de acesso ao local, a cobertura vegetal ou outros factores impedem a observação da ocorrência (interior e exterior no caso das construções).

Posição v. Projecto = indicam-se as relações de proximidade em relação ao projecto. As distâncias da ocorrência às unidades de projecto são medidas em metros sobre a CMP à escala 1:25.000. **AI** = área de incidência do projecto; **ZE** = zona envolvente (fora da AI).

Visibilidade solo: **VE** = visibilidade para detecção de estruturas, acima do solo (elementos imóveis); **VA** = visibilidade para detecção de artefactos, ao nível do solo (elementos móveis).

Graus de visibilidade - Elevado = ausência de vegetação (arbórea, arbustiva e herbácea) devido a incêndio, desmatação ou lavra recente. Observa-se a totalidade (ou quase) da superfície do solo; **Médio** = a densidade da cobertura vegetal é mediana ou existem clareiras que permitem a observação de mais de 50% da superfície do solo; **Reduzido** = a densidade da vegetação impede a progressão e/ou a visualização de mais de 75% da superfície do solo; **Nulo** = zona artificializada, impermeabilizada ou oculta por se encontrar ocupada por construções, depósitos de materiais, pavimentos ou vegetação densa impedindo, desta forma, a progressão e a visualização do solo na totalidade da área considerada.

Tipo de trabalho = atributo baseado no *thesaurus* do Endovelico. Outras indicações: inventário (no caso de não ter sido reconhecido em campo); reconhecimento (no caso de ter sido previamente identificado na pesquisa documental).

Acesso.

Coordenadas Geográficas = coordenadas rectangulares: 1.ª linha - UTM datum Europeu 1950 obtidas em campo com GPS; 2.ª linha - conversão para HAYFORD-GAUSS (Militares-ponto fictício) Datum 73.

Distrito. Concelho. Freguesia. Lugar = local habitado mais próximo.

Proprietário = identificação do(s) proprietário(s).

Uso do Solo, Ameaças e Estado de conservação = atributos baseado no *thesaurus* do Endovelico. Estes atributos são apenas aplicáveis a bens imóveis ou a bens móveis de dimensão considerável ou que não foram recolhidos.

Morfologia: indicamos a posição da ocorrência face à topografia do terreno = afloramento; encosta; cumeada; suculto; aluvião, terraço; planalto; planície; linha de água; escharpa; chã; vale; (outros).

Fontes de informação = bibliografia, cartografia, manuscritos, informação oral, instrumento de planeamento, base de dados ou de outro tipo. Também se indica a fonte de informação utilizada quando não tem origem na CMP por aproximação espacial.


Espólio recolhido e local de depósito = indicação do tipo e quantidade de achados arqueológicos móveis recolhidos durante o trabalho de campo. Indicar o local de depósito provisório e definitivo (proposta).


Caracterização = caracterização da ocorrência em termos de localização, características construtivas e materiais utilizados, dimensões e registo fotográfico.

Observações: indicar, por exemplo, se a área da ocorrência está abrangida por projecto de investigação e a sua identificação.


Responsáveis = nome do(s) arqueólogo(s) responsável(ais) pela observação da ocorrência e elaboração da ficha de sítio.

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 37	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 155m
Topónimo: Forno do Pereiro		Coordenadas:	UTM: 0579890 – 4211242 GAUSS: 203700 - 119630
Categoria: Arquitectónico; Etnológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Forno		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: nulo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na ZE da Rede de Rega B1		Ameaças: não identificadas	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo e Ervidel, com desvio, por estradão, para o Barranco do Pereiro		Estado de conservação: destruído	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: peneplanície
Fonte de informação: CMP; EDIA, n.º 3311; EIA FerVal, n.º 40; EPIA, n.º 520-16; RECAPE PR, 100			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Uma vez mais, não foi possível comprovar a presença do forno, provavelmente destruído. Informações orais permitem sustentar esta hipótese.</p> <p>Em torno deste ponto, material de construção disperso (telhas, tijolos, outros), assim como cerâmica de uso comum, modernos e/ou contemporâneos. Na envolvente, plantio recente de olival, com sistema de regadio implantado (rega lenta). Espólio identificado pode indiciar transporte (consequência da actividade agrícola) ou destruição anterior de uma qualquer estrutura pré-existente.</p> <p>A charca assinalada em estudo anterior surge no terreno com maiores dimensões (alargamento de margens e profundidade, aparentemente). Encontra-se paralela à linha de água.</p> <p style="text-align: center;">(sem registo fotográfico)</p>			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 38	Data: Março de 2008	CMP: 509, 520	Altitude: 167m
Topónimo: Monte da Figueirinha de Baixo		Coordenadas:	UTM: 0580184 – 4211644 GAUSS: 203998.14 – 120029.27
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Villa (?)		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Romano		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: médio-elevado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na ZE		Ameaças: agricultura	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo e Ervidel, com desvio, por estradão, para o Barranco do Pereiro		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: R - N	Morfologia: assente em cabeço pouco pronunciado, próximo de linha de água
Fonte de informação: EIA FerVal nº. 94			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Localizado próximo de linha de água.</p> <p>Mancha circunscrita de olival. Terrenos em pousio, com cobertura herbácea rasteira e densa. Comparativamente ao momento da sua identificação, visibilidade reduzida a nula, provocando maiores dificuldades na definição de limites de espalhamento. Não obstante, foi possível corroborar a concentração de material de cronologia romana. Algum espólio contemporâneo foi identificado nas imediações.</p> <p>Mancha de dispersão: 0580210 – 4211664; 0580164 – 4211678; 0580131 – 4211580; 0580168 – 4211587.</p>			
			
01			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 39	Data: Março de 2008	CMP: 509	Altitude: 165m
Topónimo: Monte da Figueirinha Nova		Coordenadas:	UTM: 0580236 – 4211586 GAUSS: 204049.61 – 119970.77
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Indeterminado		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Indeterminado		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: indeterminado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na ZĒ		Ameaças: não identificadas	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo e Ervidel, com desvio, por estrada, para o Barranco do Pereiro		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: R - N	Morfologia: encosta muito suave, orientado para a linha de água
Fonte de informação: EIA FerVal nº. 109			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Mantém as características assinaladas em estudo anterior. Localiza-se em terrenos ocupados por olival e montado. Cobertura herbácea rasteira e densa.</p>			
			
02			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 40	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 169m
Topónimo: Monte da Figueirinha Nova 1		Coordenadas:	UTM: 0580254 – 4211492 GAUSS: 204083 - 119884
Categoria: Arquitectónico; Etnológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Monte rústico		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: médio-baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na ZE da Rede de Rega B1		Ameaças: não identificadas	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo e Ervidel, com desvio, por estradão, para o Barranco do Pereiro		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: planície
Fonte de informação: EIA PRPB, n.º 72; EIA FerVal, n.º 54; RECAPE PR, 72			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Casario abandonado e em estado avançado de ruína. Mantém as características descritas em Estudo anterior.</p> <p>Conjunto integra associação de poço e tanque. Poço de planta circular, escavado na rocha de base, com boca estruturada em tijolo-burro, nomeadamente quatro fiadas assentes horizontalmente e três dispostas na vertical. Argamassa como matéria-prima ligante. Tanque de contorno rectangular, com duas pedras de lavar incrustadas. Técnica de construção similar (tijolo e argamassa). Ambos disfarçados pela vegetação (0580254 – 4211517).</p>			
			
09			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 41	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 130m
Topónimo: Monte do Bravio 2		Coordenadas:	UTM: 0579328 – 4209058 GAUSS: 203117,76 - 117450,56
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Mancha de ocupação		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Indeterminado		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: indeterminado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na ZE		Ameaças: agricultura, passagem de gado, erosão natural	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo e Ervidel, com desvio, por estradão, para o Monte da Chaminé. Posteriormente, acesso através de caminhos rurais de circulação interna		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: R	Morfologia: elevação suave
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Cerâmica dispersa, muito rolada, de cronologia difícil de aferir. Fragmentos potencialmente atribuíveis a período pré-histórico (muito escassos) e contemporâneo (de construção). Foi identificado um seixo talhado. Cobertura herbácea rasteira e densa. Montado disperso. Localiza-se em plataforma com excelentes condições para a fixação humana.</p> <p>Mancha de dispersão: 0579367 – 4209041; 0579300 – 4209023; 0579338 – 4208949.</p>			
			
16			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 42	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 170m
Topónimo: Monte dos Machados 3		Coordenadas:	UTM: 581181 - 4207213 GAUSS: 204954 - 115588
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: Monte Rústico		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: médio-baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospeção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na ZE		Ameaças: abandono	
Acesso: Estrada 2, seguir estradão para Este		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: M-R	Morfologia: linha de água
Fonte de informação: EIA PRPB, n.º 81; EIA BP, n.º 81; RECAPE PR, 81			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Localizado na encosta sobre linha de água, casa de planta rectangular com telhado de duas águas, em alvenaria de tijolo e argamassa nas primeiras fiadas. Possui anexos e um muro a fechar a parte frontal.</p> <p>Possui o que deverá ser uma sinalização colocada no âmbito dos trabalhos que se encontram em curso, referentes à execução do projecto da barragem de Penedrão, a qual se encontra integrada na Ligação Pisão-Roxo.</p>			
			
17			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques e Emanuel Carvalho			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 43	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 165m
Topónimo: Monte dos Machados 1		Coordenadas:	UTM: 581168 - 4207074 GAUSS: 204940 - 115449
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: poço		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na ZE		Ameaças: abandono	
Acesso: Estrada 2, seguir estradão para Este		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: R	Morfologia: linha de água
Fonte de informação: EIA PRPB, n.º 82; EIA BP, n.º 82; RECAPE PR, 82			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Poço de planta circular com guarda em tijolo "burro" disposto em espinha, encontrando-se a guarda em mau estado de conservação. Está cheio de água até ao nível do solo.</p> <p>Possui o que deverá ser uma sinalização colocada no âmbito dos trabalhos que se encontram em curso, referentes à execução do projecto da barragem de Penedrão, a qual se encontra integrada na Ligação Pisão-Roxo.</p>			
			
18			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques e Emanuel Carvalho			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 44	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 160m
Topónimo: Monte dos Machados 5		Coordenadas:	UTM: 581265 - 4207080 GAUSS: 205036,82 - 115453,95
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: poço		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na ZE		Ameaças: abandono	
Acesso: Estrada 2, seguir estradão para Este		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: R	VA: R	Morfologia: linha de água
Fonte de informação: CMP; EIA BP, n.º 102; RECAPE PR, 102			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Poço de planta circular em alvenaria de pedra e argamassa rebocado a cimento. Encontra-se coberto com chapas.</p> <p>Possui o que deverá ser uma sinalização colocada no âmbito dos trabalhos que se encontram em curso, referentes à execução do projecto da barragem de Penedrão, a qual se encontra integrada na Ligação Pisão-Roxo.</p>			
			
24			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques e Emanuel Carvalho			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 45	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 165m
Topónimo: Penedrão 2		Coordenadas:	UTM: 281224 - 4206437 GAUSS: 204990 - 114811
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: poço		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na ZE		Ameaças: abandono	
Acesso: Estrada 2, seguir estradão para Este		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: M-E	Morfologia: linha de água
Fonte de informação: EIA PRPB, n.º 84; EIA BP, n.º 84; RECAPE PR, 84			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Poço de planta circular com guarda em alvenaria de pedra e argamassa e fiada em tijolo "burro" disposto em espinha, encontrando-se a guarda em mau estado de conservação.</p> <p>Possui o que deverá ser uma sinalização colocada no âmbito dos trabalhos que se encontram em curso, referentes à execução do projecto da barragem de Penedrão, a qual se encontra integrada na Ligação Pisão-Roxo.</p>			
			
25			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques e Emanuel Carvalho			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 46	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 165m
Topónimo: Poço de Vale Frio		Coordenadas:	UTM: 581278 - 4206109 GAUSS: 205041 - 114483
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: poço		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospeção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na ZE		Ameaças: não identificadas	
Acesso: Estrada 2, seguir estradão para Este		Estado de conservação: destruído(?)	
Visibilidade solo	VE: E	VA: M-E	Morfologia: linha de água
Fonte de informação: EIA PRPB, n.º 86; EPIA, n.º 520-19; ; EIA BP, n.º 86; RECAPE PR, 86			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
Caracterização: o local do poço encontra-se uma charca artificial, devendo o poço ter sido destruído.			
			
27			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques e Emanuel Carvalho			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 47	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 140m
Topónimo: Fonte da Igreja		Coordenadas:	UTM: 586023 - 4203001 GAUSS: 209758,02 - 111329,48
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: Fonte		Concelho: Beja	
Cronologia: Moderno		Freguesia: Santa Vitória	
Classificação: não tem		Lugar: Santa Vitória	
Valor Patrimonial: médio-baixo		Proprietários: não identificado	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: baldio	
Posição v. projecto: na ZE		Ameaças: não identificadas	
Acesso: na estrada 18, seguir caminho para Norte de acesso à Igreja de Santa Vitória		Estado de conservação: bom	
Visibilidade solo	VE: E	VA: M	Morfologia: linha de água
Fonte de informação: CMP			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Fonte de planta rectangular com telheiro de cobertura em abóbada, caiado a branco e azul, e calçada a contorná-lo. Interior em alvenaria de tijolo e pedra, revestido a argamassa amarelada. Encontra-se entulhada. Possivelmente trata-se de uma fonte de chafurdo, ainda que se assemelhe a um poço.</p> <p>Localiza-se na margem Sul da Ribeira de Santa Vitória, observando-se a sobressair no talude a Este (a cerca de 50cm de profundidade) um alinhamento com dois cilhares paralelos que poderá corresponder a um antigo muro de sustentação das terras.</p> <p>Segundo informação cedida por habitantes locais, esta terá sido construído na mesma época da Igreja Paroquial de Santa Vitória e servia para regar os terrenos de cultivo na envolvente desta.</p>			
			
28			
Observações:			
Responsável(ais): Mário Monteiro e André Pereira			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 48	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 145m
Topónimo: Quinta Nova 3		Coordenadas:	UTM: 0585437 – 4203140 GAUSS: 207172.64 – 111492.63
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Mancha de ocupação		Concelho: Beja	
Cronologia: Pré-história Recente		Freguesia: Santa Vitória	
Classificação: não tem		Lugar: Santa Vitória	
Valor Patrimonial: indeterminado		Proprietários: José Martins Lança Júnior	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na ZE		Ameaças: não identificadas	
Acesso: caminho de terra batida que sai para Este na Estrada 529		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: encosta suave
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Zona de terrenos recentemente lavrados, sendo o solo areno-argiloso com cascalho miúdo.</p> <p>Mancha uniforme com baixa densidade de materiais cerâmicos de diversas épocas dispersos por toda a encosta lavrada, destacando-se numa área com cerca de 50m de diâmetro a presença de fragmentos cerâmicos com pastas de características pré-históricas, entre os quais se identificaram dois fragmentos de bordo simples (formas abertas) e um fragmento de carena. A reduzida dimensão dos fragmentos e o facto de não se ter identificado um indicador cronológico seguro não permitem a atribuição de uma cronologia estrita.</p> <p>Nesta região são visíveis por todos os terrenos fragmentos de cerâmica moderno-contemporânea, e nesta área também de época romana, com muito baixa densidade mas com dispersão uniforme que poderão estar associados à utilização de estrume (o qual era hábito conter a cerâmica partida) para adubar o solo. Esta diversidade de fragmentos cerâmicos dificulta uma correcta análise dos vestígios observados.</p>			
			
33		34	
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 49	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 140m
Topónimo: Quinta Nova 4		Coordenadas:	UTM: 0585508 – 4202986 GAUSS: 209242.75 – 111319.27
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: Poço		Concelho: Beja	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Santa Vitória	
Classificação: não tem		Lugar: Santa Vitória	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: José Martins Lança Júnior	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na ZE		Ameaças: não identificadas	
Acesso: caminho de terra batida que sai para Este na Estrada 529		Estado de conservação: regular	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: linha de água
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Poço de planta circular, estruturado em alvenaria (blocos pétreos e argamassa) com guarda baixa, tapado por placa de cimento e tijolo.</p>			
			
38			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 50	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 145 m
Topónimo: Ervidel 1		Coordenadas:	UTM: 0581655 - 4203376 GAUSS: 205392.28 – 111745.32
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Casal Rústico		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Moderno (?)		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: indeterminado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: indeterminado		Ameaças: não identificadas	
Acesso: ---		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: N	VA: N	Morfologia: monte
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 26723; EIA PRPB, n.º 4; RECAPE PR, 4			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Na pesquisa documental obtiveram-se duas localizações para esta ocorrência, encontrando-se a mais a Sul na ZE do projecto.</p> <p>Esta ocorrência foi identificada no decorrer dos trabalhos de prospecção executados no âmbito do EIA dos Troços de Ligação Pisão-Roxo e Pisão-Beja, sendo as coordenadas iguais nas duas fontes consultadas, contudo a localização na planta do referido EIA não coincide com as coordenadas atribuídas, pelo que deve haver um erro nas mesmas. Possivelmente o sítio arqueológico localiza-se no ponto com mancha de dispersão assinalado 700m a Sul das coordenadas, ficando na ZE do presente projecto.</p> <p>Não foi possível prospectar a área da localização dentro AI, uma vez que os terrenos onde esta se encontra possuem seara alta.</p>			
			
39			
A localização a Sul não foi alvo de reconhecimento devido a se encontrar fora da área do projecto.			
Observações:			
Responsável(eis): Sandra Clélia e Nuno Félix			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 51	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 209 m
Topónimo: Medarra		Coordenadas:	UTM: 0579916 – 4203064; 0579967 - 4202895
			GAUSS: 203650 – 111450; 203700 - 111280
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Necrópole		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Idade do Bronze		Freguesia: Ervidel	
Classificação: Plano Director Municipal		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: elevado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: na ZE		Ameaças: não identificadas	
Acesso: estrada de acesso aos depósitos de água		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: N	VA: N	Morfologia: monte
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 3675; RIBEIRO (1967); EDIA, n.º 3321; AC; EPIA, n.º 520-6; PDM Aljustrel, n.º 4; PBHRS, 489			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Na pesquisa documental obtiveram-se duas localizações para esta ocorrência. A área da necrópole não foi localizada. Na zona onde possivelmente estaria a necrópole, actualmente estão dois depósitos de abastecimento de água e uma vinha.</p>			
			
40			
Observações:			
Responsável(eis): Sandra Clélia e Nuno Félix			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 52	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 206m
Topónimo: Moinho de Bailique		Coordenadas:	UTM: 0579895- 4202988 GAUSS: 203718.30 – 111372.78
Categoria: Arquitectónico; Etnográfico		Distrito: Beja	
Tipologia: Moinho de Vento		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: médio		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: na ZÉ		Ameaças: abandono	
Acesso: estrada de acesso aos depósitos de água		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: N	Morfologia: monte
Fonte de informação: CMP; EDIA, n.º 3309; AC; EPIA, n.º 520-18			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Moinho de vento em ruínas de planta circular, acessível por uma porta. Possui uma janela entaipada, virada a Este e uma janela virada a Oeste. O aparelho de construção é constituído por uma alvenaria sólida.</p> <p>Medidas: 1.10 a 1.50 m de espessura de parede; 5 m de diâmetro.</p>			
			
41			
Observações:			
Responsável(eis): Sandra Clélia e Nuno Félix			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 53	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 206 m
Topónimo: Ervidel 3		Coordenadas:	UTM: 0579229 - 4202474 GAUSS: 202957.30 – 110865.69
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Necrópole		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Idade do Bronze		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: médio-elevado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola (vinha)	
Posição v. Projecto: na ZE		Ameaças: agricultura	
Acesso: estrada 527		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: N	VA: N	Morfologia: monte
Fonte de informação: ARNAUD (1992)			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Não foi localizada devido à má visibilidade dada a altura da seara. De salientar ainda que junto a um poste de telefone identificou-se um conjunto de blocos pétreos (xistos e quartzitos), numa área de 6 m2.</p>			
			
46			
Observações:			
Responsável(eis): Sandra Clélia e Nuno Félix			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 54	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 160m
Topónimo: Cemitério de Ervidel		Coordenadas:	UTM: 0580241 - 4201920 GAUSS: 203964.41 – 110302.10
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: Capela		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: médio-baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: cemitério	
Posição v. Projecto: na ZÉ		Ameaças: não identificadas	
Acesso: estrada de Ervidel para Ferreira do Alentejo		Estado de conservação: bom	
Visibilidade solo	VE: E	VA: N	Morfologia: planície
Fonte de informação: CMP			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Capela de cronologia contemporânea de planta rectangular, caiada a branco, com dependências anexas. Apresenta uma traça simples com uma porta em madeira com moldura em arco e uma torre sineira. O interior é revestido por azulejos policromáticos. Não tem altar, apenas uma cruz de grandes dimensões em mármore, incrustada na parede. Na parede Este existem oito frestas de luz.</p>			
			
56			
Observações:			
Responsável(eis): Sandra Clélia e Nuno Félix			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 55	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 106m
Topónimo: Porto de Messejana		Coordenadas:	UTM: 0576276 – 4209750 GAUSS: 200071,38 - 118171,25
Categoria: Arquitectónico; Etnológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Poço		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: baldio	
Posição v. projecto: na ZE		Ameaças: não identificadas	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo a Abegoaria		Estado de conservação: bom	
Visibilidade solo	VE: E	VA: R	Morfologia: peneplanície
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Estrutura construída integralmente em tijolo. Estucada a cimento. Corpo tubular e boca circular estreita. Rebordo interno provoca o estreitamento da secção. Retém água no interior. Ladeia a Estrada Nacional. Disfarçado pela vegetação.</p>			
			
58			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 56	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 121m
Topónimo: Monte da Chaminé 5		Coordenadas:	UTM: 0577376 – 4209739 GAUSS: 201171,58 - 118149,98
Categoria: Arquitectónico; Etnológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Monte rústico		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: médio-baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na ZE		Ameaças: não identificadas	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo e Ervidel, com desvio, por estradão, para o Monte da Chaminé		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: R	Morfologia: planície
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Conjunto agrícola integrado no Monte da Chaminé. Pequeno palheiro com cobertura de duas águas. Planta rectangular. Tanque adoçado, de contorno quadrangular. Tês pedras para lavagem de roupa de incrustadas. No extremo, coluna de tijolo e argamassa, de secção quadrangular. No cimo, base de coluna (?). Associado, poço circular, retendo água no interior. Construído com recurso a tijolo e blocos de pedra. Estreitamento interno intermédio marca a transição entre as matérias-primas. Alguns elementos arquitectónicos, nomeadamente cantarias e cilhares bem aparelhados, parecem ter sido reaproveitados. Apresenta estrutura superior, constituída por duas colunas quadrangulares e uma trave de cimento de ligação (suporte de roldana?). Possui bomba de extracção de água.</p>			
			
63			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 57	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 113m
Topónimo: Monte da Chaminé 4		Coordenadas:	UTM: 0577530 – 4209619 GAUSS: 201324,5 - 118028,51
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Achados Isolados		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Romano		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: médio-baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na ZE		Ameaças: não identificadas	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo e Ervidel, com desvio, por estradão, para o Monte da Chaminé		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: linha de água
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Cinco monólitos de mármore aparelhados. Um dos elementos sugere ter sido trabalhado como base de coluna. Dimensão variável. Aproveitados, actualmente, como poldras em linha de água activa (Ribeiro de Canhestros). Rodeados por galeria ripícola (canavial, arbustos, arvoredos diversos, silvado).</p>			
			
67			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 58	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 129m
Topónimo: Monte da Vinha 2		Coordenadas:	UTM: 0578367 – 4209776 GAUSS: 202163,2 - 118177,73
Categoria: Arquitectónico; Etnológico		Distrito: Beja	
Tipologia: monte rústico		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: médio-baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na ZE		Ameaças: abandono, ruína, erosão natural	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo e Ervidel, com desvio, por estradão, para o Monte da Vinha		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: planície, com elevações pouco expressivas na paisagem
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Construção em ruínas. Habitação exhibe planta tendencialmente rectangular, com anexos adossados lateralmente. Dividido, no interior, em pequenos compartimentos. Maioritariamente edificado com recurso à técnica de taipa. Algumas telhas permanecem em posição original. Estucado a argamassa, com várias camadas de cal aplicadas nas superfícies exterior e interior. Vestígios internos de pintura. As empenas revelam antiga cobertura de duas águas, da qual não restam indícios. Colapso geral da estrutura, com traves do telhado em disposição de derrube no pavimento. Vegetação ocupa o espaço. Em redor, campos arados e limpos, apresentando boa visibilidade quando aplicada à detecção de artefactos. Foi identificada dispersão ténue de materiais cerâmicos recentes, consequência normal da decadência do edifício ou de transporte resultante da actividade agrícola.</p>			
			
68			
Observações:			
Responsável(éis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 59	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 131m
Topónimo: Monte da Vinha 1		Coordenadas:	UTM: 0578588 – 4209674 GAUSS: 202383,31 - 118073,64
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Mancha de ocupação		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Romano		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: médio		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na ZE		Ameaças: agricultura	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo e Ervidel, com desvio, por estradão, para o Monte da Vinha		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: planície, com elevações pouco expressivas na paisagem
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Em zona de montado, localizada em terrenos arados e limpos, pequena mancha de ocupação. Nela foram identificados fragmentos de asa, <i>tegulae</i>, tijolo, outros.</p> <p>Mancha de dispersão: 0578607 – 4209690; 0578615 – 4209714; 0578561 – 4209674; 0578545 – 4209701.</p>			
			
69			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			

2B - Fichas de sítio de ocorrências patrimoniais Identificadas e Relocalizadas no Trabalho de Campo

Ocorrências na AI do Projecto

Atributos utilizados

Projecto = identificação do Projecto e respectiva fase.

Nº = referência de inventário utilizada na cartografia, nos quadros e nas fichas de inventário.

Data = corresponde à data de observação ou de elaboração da ficha.

Carta Militar de Portugal (CMP) = nº da folha na escala 1:25.000.

Altitude = obtida a partir da CMP, em metros (m).

Topónimo ou Designação = nome atribuído à ocorrência ou ao local onde se situa.

Categoria = distinção entre arqueológico, arquitectónico, etnológico, construído e outros atributos complementares (hidráulico, civil, militar, artístico, viário, mineiro, industrial, etc).

Tipologia = tipo funcional de ocorrência, monumento ou sítio, segundo o *thesaurus* do Endovelico.

Cronologia = indica-se o período cronológico, idade ou época correspondente à ocorrência. A aplicação do sinal “?” significa indeterminação na atribuição cronológica. A indicação de vários períodos cronológicos separados por “-” tem significado cumulativo.

Classificação = imóvel classificado ou outro tipo de protecção, decorrente de planos de ordenamento, com condicionantes ao uso e alienação do imóvel.

Valor Patrimonial = hierarquização do interesse patrimonial da ocorrência no conjunto do inventário de acordo com os seguintes critérios: **Elevado (5)**: Imóvel classificado (monumento nacional, imóvel de interesse público) ou ocorrência não classificada (sítio, conjunto ou construção, de interesse arquitectónico ou arqueológico) de elevado valor científico, cultural, raridade, antiguidade, monumentalidade, a nível nacional. **Médio-elevado (4)**: Imóvel classificado (valor concelhio) ou ocorrência (arqueológica, arquitectónica) não classificada de valor científico, cultural e/ou raridade, antiguidade, monumentalidade (características presentes na natureza arqueológica ou arquitectónica) em função do seu estado de conservação, antiguidade e valor científico, e a construções em função do seu arcaísmo, complexidade, antiguidade e inserção na cultura local. **Nulo (0)**: Atribuído a construção actual ou a ocorrência de interesse patrimonial totalmente destruída. **Indeterminado**: Quando as condições de acesso ao local, a cobertura vegetal ou outros factores impedem a observação da ocorrência (interior e exterior no caso das construções).

Posição v. Projecto = indicam-se as relações de proximidade em relação ao projecto. As distâncias da ocorrência às unidades de projecto são medidas em metros sobre a CMP à escala 1:25.000. **AI** = área de incidência do projecto; **ZE** = zona envolvente (fora da AI).

Visibilidade solo: **VE** = visibilidade para detecção de estruturas, acima do solo (elementos imóveis); **VA** = visibilidade para detecção de artefactos, ao nível do solo (elementos móveis).

Graus de visibilidade - **Elevado** = ausência de vegetação (arbórea, arbustiva e herbácea) devido a incêndio, desmatção ou lavra recente. Observa-se a totalidade (ou quase) da superfície do solo; **Médio** = a densidade da cobertura vegetal é mediana ou existem clareiras que permitem a observação de mais de 50% da superfície do solo; **Reduzido** = a densidade da vegetação impede a progressão e/ou a visualização de mais de 75% da superfície do solo; **Nulo** = zona artificializada, impermeabilizada ou oculta por se encontrar ocupada por construções, depósitos de materiais, pavimentos ou vegetação densa impedindo, desta forma, a progressão e a visualização do solo na totalidade da área considerada.

Tipo de trabalho = atributo baseado no *thesaurus* do Endovelico. Outras indicações: inventário (no caso de não ter sido reconhecido em campo); reconhecimento (no caso de ter sido previamente identificado na pesquisa documental).

Acesso.

Coordenadas Geográficas = coordenadas rectangulares: 1.ª linha - UTM datum Europeu 1950 obtidas em campo com GPS; 2.ª linha - conversão para HAYFORD-GAUSS (Militares-ponto fictício) Datum 73.

Distrito. Concelho. Freguesia. Lugar = local habitado mais próximo.

Proprietário = identificação do(s) proprietário(s).

Uso do Solo, Ameaças e Estado de conservação = atributos baseado no *thesaurus* do Endovelico. Estes atributos são apenas aplicáveis a bens imóveis ou a bens móveis de dimensão considerável ou que não foram recolhidos.

Morfologia: indicamos a posição da ocorrência face à topografia do terreno = afloramento; encosta; cumeada; sucalco; aluvião, terraço; planalto; planície; linha de água; escarpa; chã; vale; (outros).

Fontes de informação = bibliografia, cartografia, manuscritos, informação oral, instrumento de planeamento, base de dados ou de outro tipo. Também se indica a fonte de informação utilizada quando não tem origem na CMP por aproximação espacial.

Espólio recolhido e local de depósito = indicação do tipo e quantidade de achados arqueológicos móveis recolhidos durante o trabalho de campo. Indicar o local de depósito provisório e definitivo (proposta).


Caracterização = caracterização da ocorrência em termos de localização, características construtivas e materiais utilizados, dimensões e registo fotográfico.

Observações: indicar, por exemplo, se a área da ocorrência está abrangida por projecto de investigação e a sua identificação.


Responsáveis = nome do(s) arqueólogo(s) responsável(eis) pela observação da ocorrência e elaboração da ficha de sítio.


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 60	Data: Março de 2008	CMP: 529	Altitude: 115m e 110m
Topónimo: Monte do Cascalho		Coordenadas:	UTM: A) 575800 - 4200700; B) 575560 - 4200360
			GAUSS: A) 199510,81 - 109123,17; B) 199267,57 - 108785,31
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: indeterminado		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: indeterminado		Freguesia: Aljustrel	
Classificação: não tem		Lugar: S. João de Negrilhos	
Valor Patrimonial: indeterminado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: informação oral		Uso do solo: indeterminado	
Posição v. projecto: na ZE e na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: estrada alcatroada que liga Ervidel a S. João de Negrilhos		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: ---	VA: ---	Morfologia: ----
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Após a conclusão dos trabalhos, obtiveram-se informações de um habitante local referentes a vestígios arqueológicos em ambas as margens do Canal do Roxo. A localização dos vestígios na carta militar foi facilitada pelas linhas de água, pontes sobre estas e o Monte do Cascalho. Por ser já de noite não foi possível confirmar as informações, pretendendo-se assim salvaguardar a informação de eventuais vestígios arqueológicos. As coordenadas e as manchas assinaladas constituem pontos de referência para futuros trabalhos.</p> <p>Na mancha A, localizada na margem Norte do Canal do Roxo entre as duas pontes existentes e num ponto alto, foi recentemente descoberto o que poderá ser um silo. Durante os trabalhos agrícolas abriu-se um buraco no solo, situação que foi comunicada à Câmara Municipal tendo esta encarregando-se de cobrir o buraco com placas.</p> <p>Na mancha B, localizada entre o Canal do Roxo e a Ribeira do Roxo, nos terrenos do Monte do Cascalho (topónimo já de si sugestivo), costumam aparecer grandes quantidades de fragmentos cerâmicos e pedras durante os trabalhos de lavra.</p> <p style="text-align: center;">(sem registo fotográfico)</p>			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 61	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 174m
Topónimo: Monte do Carvalheiro 2 / Monte da Figueirinha Nova 2		Coordenadas:	UTM: 0580443 – 4211465 GAUSS: 204255,54 - 119847,8
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: <i>Habitat</i>		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Romano; Moderno; Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: médio		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na ZE e na AI da Rede de Rega B1		Ameaças: agricultura	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo e Ervidel, com desvio, por estradão, para o Barranco do Pereiro		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: planície
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 28849; EIA PRPB, n.º 71; RECAPE PR, 71			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Mancha de dispersão de material cerâmico, bastante rolado. Foi possível identificar fragmentos de <i>tegulae</i>, cerâmica vidrada, vidro, espólio de construção de uso comum, outros. Assinalável concentração de escória no local. De considerar a hipótese de parte dele ter sido transportado para o sítio, consequência de trabalhos agrícolas. Localizado em olival. Terrenos gradados e limpos proporcionam boa visibilidade para detecção de artefactos. Vegetação herbácea em fase de recuperação.</p> <p>Mancha de Dispersão: 0580384 – 4211428; 0580488 – 4211495; 0580468 – 4211527; 0580427 – 4211540; 0580408 – 4211424.</p> <p>(sem registo fotográfico)</p>			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 62	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 120m
Topónimo: Monte do Vale		Coordenadas:	UTM: 0577710 – 4209471 GAUSS: 201503,17 - 117878,78
Categoria: Arquitectónico; Etnológico		Distrito: Beja	
Tipologia: monte rústico		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: médio-baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: abandono, ruína, erosão natural	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo e Ervidel, com desvio, por estradão, para o Monte da Chaminé		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: plataforma suave
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Edifício em colapso total. Aparentemente, assume contorno rectangular. Duas divisões principais. Passagem entre compartimentos. Telhas amontoadas no interior (derrube?). Arco lateral térreo, rasgado na fachada principal. Cunhais da estrutura construídos com recurso a tijolo e argamassa. Vestígios de estuque e cal nas paredes, internas e exteriores. Integra forno circular, com cobertura em abóbada. Vegetação invade o local.</p>			
			
70			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 63	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 127m
Topónimo: Monte da Chaminé		Coordenadas:	UTM: 0577942 – 4209398 GAUSS: 201734,55 - 117803,6
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: <i>Villa</i>		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Romano		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: Plano Director Municipal		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: elevado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo e Ervidel, com desvio, por estradão, para o Monte da Chaminé		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: N	VA: N	Morfologia: encosta suave
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 647; LOPES (2003), 166; EDIA, n.º 3326; SR; EPIA, n.º 520-1; PDM Ferreira do Alentejo; PBHRS, 542			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Área onde têm decorrido escavações arqueológicas. Encontra-se vedada e inacessível.</p> <p>(sem registo fotográfico)</p>			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 64	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 127m
Topónimo: Monte da Chaminé 2		Coordenadas:	UTM: 0577876 – 4209328 GAUSS: 201667,88 - 117734,19
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Vestígios Diversos		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Romano		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: elevado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo e Ervidel, com desvio, por estradão, para o Monte da Chaminé		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: plataforma suave
Fonte de informação: Sara Ramos, C.M. Ferreira do Alentejo.			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Extensa dispersão de espólio enquadrável em período romano. Foi possível reconhecer a presença de fragmentos de <i>tegulae</i>, urna, ânfora, asas, <i>dolium</i>, tijolo de quadrante, <i>sigillata</i>, entre outros. Do ponto definido como sendo o de maior concentração, a mancha de materiais desenvolve-se em extensão assinalável. Assente em plataforma suave. Lavra recente provocou o surgimento dos materiais à superfície.</p> <p>No prolongamento a Norte, situa-se a escavação do monte da Chaminé (Oc. 63).</p> <p>No estradão, alinhamento bem definido e disposição de blocos de pedra, com alguns fragmentos de <i>tegulae</i> incluídos, sugerem a presença de uma calçada. Troço relativamente bem conservado. Acompanha, em sentido paralelo, o desenvolvimento da linha de água (0577631 – 4209537; 0577632 - 4209502). Na parte melhor conservada, calculou-se a sobrevivência cerca de três metros de largura.</p> <p>Mancha de dispersão: 0577649 – 4209534; 0577735 – 4209500; 0577688 – 4209478; 0577689 – 4209504; 0577626 – 4209526; 0578051 – 4209362; 0577976 – 4209286; 0577876 – 4209154.</p>			
			
72			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 65	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 133m
Topónimo: Monte da Chaminé 1		Coordenadas:	UTM: 0577845 – 4209201 GAUSS: 201636.16 - 117607.15
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Achado Isolado		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Romano		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo e Ervidel, com desvio, por estradão, para o Monte da Chaminé		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: plataforma suave
Fonte de informação: Sara Ramos, C.M. Ferreira do Alentejo.			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
Caracterização: A ocorrência localiza-se dentro da mancha de dispersão da Oc. 64.			
			
73			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 66	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 136m
Topónimo: Monte da Chaminé 3		Coordenadas:	UTM: 0577993 – 4209079 GAUSS: 201782.53 - 117483.85
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Achado Isolado		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Romano		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo e Ervidel, com desvio, por estradão, para o Monte da Chaminé		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: N	VA: N	Morfologia: plataforma suave
Fonte de informação: Sara Ramos, C.M. Ferreira do Alentejo.			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
Caracterização: Zona de seara, alta e densa, com visibilidade nula. Não foi possível prospectar esta área e fazer o reconhecimento da ocorrência devido à actual ocupação do solo. (sem registo fotográfico)			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 67	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 140m
Topónimo: Monte do Olival		Coordenadas:	UTM: 577011 - 4208217 GAUSS: 200792,27 - 116630,96
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: Casal Agrícola		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo e Ervidel, com desvio, por estradão, para o Monte da Chaminé		Estado de conservação: regular	
Visibilidade solo	VE: E	VA: M	Morfologia: peneplanície
Fonte de informação: não identificada.			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Casa de apoio agrícola, de planta rectangular com telhado de duas águas, em alvenaria de tijolo "burro" e argamassa. Tem anexado a Este barracão em chapa de zinco. No exterior encontra-se encostada à casa uma grande talha fragmentada e outros vestígios cerâmicos contemporâneos.</p>			
			
75			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques e Emanuel Carvalho			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 68	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 141m
Topónimo: Sesmo 2		Coordenadas:	UTM: 0576792 – 4208054 GAUSS: 200571,68 - 116469,96
Categoria: Arquitectónico; Etnológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Poço		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo a Abegoaria. Posteriormente, acesso através de caminhos rurais de circulação interna		Estado de conservação: bom	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: vale suave
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Estrutura escavada na rocha. Corpo circular, posteriormente elevado acima da superfície com tijolo-burro e argamassa. Em posição superior, suporte para roldana em ferro, com bomba de jarro. Actualmente, a canalização hidráulica não atinge o nível de água retido no interior. Boca estucada com argamassa de cal bastante fina. Encostado ao poço, fundo de talha conservado, aproximadamente, pela metade.</p> <p>Nas imediações, a cerca de 5 metros na direcção da linha de água, cantaria biselada deslocada e sem contexto aparente.</p>			
			
81			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 69	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 150m
Topónimo: Sesmo 1		Coordenadas:	UTM: 0576518 – 4208020 GAUSS: 200297,29 - 116438,51
Categoria: Etnológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Marco de propriedade		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Abegoaria	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: agricultura	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo a Abegoaria. Posteriormente, acesso através de caminhos rurais de circulação interna		Estado de conservação: bom	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: planície
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Marco tombado e aparentemente descontextualizado. Secção quadrangular, em mármore. Na face, próximo do topo, letra gravada (espécie de letra “L” composta e floreada).</p>			
			
82			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 70	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 175m
Topónimo: Alfarrobeiras		Coordenadas:	UTM: 0576443 – 4207483 GAUSS: 200217,26 - 115902,06
Categoria: Arquitectónico; Etnológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Monte rústico		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: médio-baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: abandono, ruína, erosão natural	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo a Abegoaria. Posteriormente, acesso através de caminhos rurais de circulação interna		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: cimo de elevação pouco expressiva na paisagem
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Edifício abandonado e em ruína. Planta rectangular. Cobertura de duas águas. Vários compartimentos (quartos, cozinha, manjedoura). Fracturas evidentes e profundas na estrutura. Janelas e portas parcialmente entaipadas. Construção em técnica mista (tijolo e taipa). Terrenos envolventes em pousio.</p>			
			
84			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 71	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 135m
Topónimo: Monte do Rolão 2		Coordenadas:	UTM: 576251 - 4207090 GAUSS: 200021,54 - 115510,74
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: Monte rústico		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: médio-baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI da Rede de Rega B3		Ameaças: abandono	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo a Abegoaria. Posteriormente, acesso através de caminhos rurais de circulação interna		Estado de conservação: regular	
Visibilidade solo	VE: R	VA: R	Morfologia: encosta
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Casal rústico de planta rectangular com telhado de duas águas, em alvenaria de tijolo "burro" e argamassa. Tem quatro divisões mais cozinha, pavimentados com ladrilho e tijoleira. A porta e as duas janelas na fachada frontal possuem decoração nas vergas e topo das ombreiras pintada a azul.</p>			
			
85			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques e Emanuel Carvalho			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 72	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 140m
Topónimo: Monte da Vinha Novo		Coordenadas:	UTM: 0577845 – 4208209 GAUSS: 201626,42 - 116615,18
Categoria: Arquitectónico; Etnológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Poço		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo e Ervidel, com desvio, por estradão, para o Monte da Chaminé		Estado de conservação: bom	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: planície
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Poço fundo, de contorno tubular. Construído em blocos de pedra. Boca estruturada a partir do assentamento de tijolo-burro. Argamassa como matéria-prima ligante. Retém água no interior. Três troncos criam estrutura de suspensão para balde. Corrente de metal presa em redor do corpo, consolida a ocorrência.</p>			
			
93			
Observações:			
Responsável(ais): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 73	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 154m
Topónimo: Monte da Oliveirinha		Coordenadas:	UTM: 0578156 – 4207893 GAUSS: 201934,56 - 116296,19
Categoria: Arquitectónico; Etnológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Poço		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI da Rede de Rega B3 e da Rede Viária		Ameaças: não identificadas	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo e Ervidel, com desvio, por estradão, para o Monte da Chaminé		Estado de conservação: bom	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: planície
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Poço fundo e estreito. Boca de contorno circular. Construído com recurso a blocos de pedra. Cimento como estuque. Retém água no interior. Armação de suspensão em ferro e bomba manual de jarro. Cabo em madeira. Ladeia estradão de acesso ao Monte da Oliveirinha.</p>			
			
95			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 74	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 149m
Topónimo: Soalhaus 1		Coordenadas:	UTM: 0579280 – 4207343 GAUSS: 203053,73 - 115735,54
Categoria: Arquitectónico; Etnológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Poço		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI da Rede de Rega B3		Ameaças: não identificadas	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo e Ervidel, com desvio, por estradão, para o Monte da Chaminé		Estado de conservação: bom	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: planície
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Estrutura de contorno tubular, escavada profundamente no solo. Blocos de pedra seca assentes verticalmente. Boca construída em tijolo e cimento, de planta circular. Ladeia estradão. Pasto na envolvente próxima.</p>			
			
100			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 75	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 143m
Topónimo: Soalhaus 2		Coordenadas:	UTM: 0579347 – 4207956 GAUSS: 203126,47 - 116348,09
Categoria: Arquitectónico; Etnológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Poço		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo e Ervidel, com desvio, por estradão, para o Monte da Chaminé. Posteriormente, acesso através de caminhos rurais de circulação interna		Estado de conservação: bom	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: planície
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Estrutura de contorno tubular. Boca circular. Escavado na rocha de base. Posterior levantamento a partir da organização vertical de blocos em técnica de pedra seca. Estreitamento interior intermédio. Acima, argamassa como matéria-prima de ligação. À superfície, tijolo e cimento. Retém água no interior. Inserido em terrenos lavrados e limpos.</p> <p style="text-align: center;">(sem registo fotográfico)</p>			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 76	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 155m
Topónimo: Monte dos Machados 4		Coordenadas:	UTM: 580862 - 4207544 GAUSS: 204638 - 115922
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: <i>habitat</i>		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Romano		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: médio		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: agricultura	
Acesso: Estrada 2, seguir estradão para Este		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: planície
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 28851; EIA PRPB, n.º 80; EIA BP, n.º 80; RECAPE PR, 80			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: A área da ocorrência encontra-se com seara alta e densa dificultando muito a observação do solo. Devido às condições de visibilidade do solo não se detectaram vestígios arqueológicos.</p>			
			
105			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques e Emanuel Carvalho			



Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 77	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 170m
Topónimo: Monte dos Machados 2		Coordenadas:	UTM: 581263 - 4206873 GAUSS: 205033 - 115247
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: achado(s) isolado(s)		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Romano		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospeção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI da Estação Elevatória Pedrógão		Ameaças: agricultura	
Acesso: Estrada 2, seguir estradão para Este		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: M-E	VA: M-R	Morfologia: planície
Fonte de informação: EIA PRPB, n.º 83; EIA BP, n.º 83 ; RECAPE PR, 83			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Terrenos lavrados e com seara em crescimento. Não se identificaram vestígios arqueológicos nas coordenadas obtidas na pesquisa documental.</p>			
			
106			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques e Emanuel Carvalho			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 78	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 170m
Topónimo: Vale Frio		Coordenadas:	UTM: 581376 - 4206057
			GAUSS: 205138 - 114430
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: <i>habitat</i>		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Romano; Idade Média		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: médio-elevado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospeção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI do caminho Penedrão		Ameaças: agricultura	
Acesso: Estrada 2, seguir estradão para Este		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: M	Morfologia: planície
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 28852; EIA PRPB, n.º 87; EIA BP, n.º 87; RECAPE PR, 87			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Área com seara baixa e visibilidade média para materiais de superfície. Na área assinalada nas fontes consultadas não se identificaram vestígios arqueológicos.</p>			
			
107			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques e Emanuel Carvalho			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 79	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 160m
Topónimo: Monte da Ramada 2		Coordenadas:	UTM: 0580248 - 4204948 GAUSS: 203999.65 – 113330.86
Categoria: Arquitectónico; Etnográfico		Distrito: Beja	
Tipologia: Poço		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: caminho de terra batida para Norte na estrada 2, de acesso à Horta de Cima		Estado de conservação: bom	
Visibilidade solo	VE: E	VA: M	Morfologia: planície
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Poço de planta circular, totalmente rebocado a argamassa. A abertura do poço é de planta rectangular acessível por uma tampa metálica em ferro.</p> <p>Medidas: Diâmetro da boca do poço 2.10 m.</p>			
			
109			
Observações:			
Responsável(eis): Sandra Clélia e Nuno Félix			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 80	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 172m
Topónimo: Monte da Serra		Coordenadas:	UTM: 581412 - 4205005 GAUSS: 205164,49 - 113377,01
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: poço		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI da Rede de Rega B2		Ameaças: não identificadas	
Acesso: estrada alcatroada a NE de Ervidel que sai para NE na estrada 2		Estado de conservação: bom	
Visibilidade solo	VE: E	VA: M	Morfologia: linha de água
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Poço coberto, de planta circular, com reboco de cimento. Possui gravado N.º 9.</p> <div style="text-align: center;">  </div>			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

122

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 81	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 170 a 160m
Topónimo: Ramada 7		Coordenadas:	UTM: 0582190 - 4204993 GAUSS: 205472.95 – 113200.08
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Mancha de ocupação		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Romano		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: médio-baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: agricultura	
Acesso: estrada alcatroada a NE de Ervidel que sai para NE na estrada 2		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: M-R	Morfologia: encosta suave
Fonte de informação: EIA BP, 103; RECAPE PR, 103 (EIA posterior à 1.ª campanha de Trabalho de Campo)			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Solos areno-argilosos com cascalho miúdo.</p> <p>Mancha de dispersão com materiais de superfície com baixa densidade, nomeadamente cerâmica de construção (<i>tegulae</i> e <i>lateris</i>) e cerâmica comum.</p> <p>A mancha encontra-se atravessada por um caminho de terra batida, encontrando-se os terrenos do lado SE em pousio com erva baixa e densa e os terrenos do lado NO ocupados por olival jovem com erva baixa e manta morta.</p> <p>Os materiais observados do lado SE são maioritariamente cerâmicas de construção muito dispersa por toda a encosta. Do lado NO os materiais têm uma densidade um pouco maior e são constituídos por cerâmica de construção e comum.</p> <p>A NO do olival encontra-se uma estrada alcatroada estando os terrenos contíguos ocupados por seara com visibilidade do solo nula, pelo que foi impossível confirmar se a mancha de dispersão se prolonga para este lado.</p> <p>Mancha de dispersão: 0581214 – 4204724; 0581791 – 4204769; 0581763 – 4204834; 0581682 – 4204765; 0581704 – 4204897; 0581761 – 4204869.</p>			
			
124		126	
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 82	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 160m
Topónimo: Ramada 5		Coordenadas:	UTM: 0581938 - 4204997 GAUSS: 205690.56 – 113364.11
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: Poço		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: baldio	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: estrada alcatroada a NE de Ervidel que sai para NE na estrada 2		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: M	VA: R-N	Morfologia: vale
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Poço de planta circular em alvenaria de pedra e cimento, com tanque de planta quadrangular e bebedor contíguo, no mesmo método construtivo. Encontra-se junto de uma charca que possui barracão recente para proteger um motor.</p>			
			
130			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 83	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 175m
Topónimo: Ramada 4		Coordenadas:	UTM: 0582335 - 4204429 GAUSS: 205825.86 – 113283.82
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: <i>Habitat</i>		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Romano		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: médio-elevado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: agricultura	
Acesso: estrada alcatroada a NE de Ervidel que sai para NE na estrada 2		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: M	Morfologia: monte
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Solos areno-argilosos com cascalho miúdo.</p> <p>Mancha de dispersão com materiais de superfície frequentes, nomeadamente, cerâmica de construção (<i>tegulae</i> e <i>lateris</i> – um dos quais com digitação), blocos pétreos de média e grande dimensão com vestígios de aparelhamento, cerâmica comum (bojos, bordos e asas), fragmentos de <i>dolia</i> (um deles com decoração em cordão digitado), um seixo rolado com vestígios de utilização como percutor, um testó(?) com superfície superior convexa em pedra, um fragmento de dormente de mó manual e/ou almofariz.</p> <p>A mancha encontra-se atravessada por um caminho de terra batida, encontrando-se os terrenos do lado Sul em pousio com erva baixa e os terrenos do lado Norte ocupados por olival recentemente plantado (3-5anos).</p>			
			
132		133	
<p>A concentração de materiais localiza-se na área de olival, observando-se aqui um alinhamento pétreo que poderá corresponder a vestígios do edifício (um casal rústico?).</p>			
			
140		142	

A dispersão de materiais prolonga-se principalmente para as encostas Sul e Oeste, abrangendo uma área com cerca de 3ha.

Mancha de dispersão: 0582121 – 4204964; 0582136 – 4204944; 0582142 – 4204922; 0582148 – 4204874; 0582142 – 4204832; 0582112 – 4204810; 0582064 – 4204835; 0582029 – 4204861; 0582027 – 4204914; 0582046 – 4204979.



A cerca de 150m para Noroeste no mesmo olival, sobre uma linha de água que se encontra seca, identificaram-se raros fragmentos de cerâmica de construção e um fragmento de cerâmica comum. Dada a localização não parecem tratar-se de escorrências oriundas deste sítio. Ainda que sendo uma situação meramente hipotética, visto que não se identificaram vestígios seguros, convém deixar aqui a menção uma vez que poderá tratar-se de materiais de uma necrópole localizada no monte imediatamente a NO, com uma linha de água entre os dois montes e uma boa visibilidade entre ambos (0582035 – 4205089 / 168m).





144


Observações:


Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 84	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 176m
Topónimo: Ramada 6		Coordenadas:	UTM: 0582190 - 4204993 GAUSS: 205942.59 – 113357.75
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Mancha de ocupação		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Romano		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: médio		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: agricultura	
Acesso: estrada alcatroada a NE de Ervidel que sai para NE na estrada 2		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: M	Morfologia: monte
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Solos areno-argilosos com cascalho miúdo.</p> <p>Mancha de dispersão com materiais de superfície frequentes, nomeadamente cerâmica de construção (<i>tegulae</i> e <i>lateris</i>) e grande quantidade de cerâmica comum (bojos, bordos e asas).</p> <p>O sítio localiza-se na mesma área de olival da Oc. 86, a cerca de 60m para NE, observando-se aqui uma grande densidade de materiais muito fragmentados nas zonas das valas abertas para a plantação de oliveiras. Deverá tratar-se de uma ocupação associada ao <i>habitat</i>.</p> <p>Mancha de dispersão: 0582201 – 4204988; 0582212 – 4205001; 0582186 – 4205007; 0582167 – 4204999; 0582172 – 4204972.</p>			
			
		148	
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 85	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 164m
Topónimo: Ramada 3		Coordenadas:	UTM: 0582335 - 4204429 GAUSS: 206082.37 – 112792.25
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Achado Isolado		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Pré-História Recente		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: estrada alcatroada a NE de Ervidel que sai para NE na estrada 2		Estado de conservação: regular	
Visibilidade solo	VE: E	VA: R	Morfologia: monte
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Terrenos em pousio com erva baixa e densa, sobreiros dispersos. No extremo do monte, sobre o vale.</p> <p>Percutor afeiçoado em granito de grão fino(?) com polimento grosseiro, encontrando-se partido de um dos lados.</p> <p>Dimensões: comprimento – 11,5cm; largura – 5cm; espessura – 4,3cm.</p>			
			
149		150	
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 86	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 154m
Topónimo: Villa da Herdade do Pomar / Monte da Ramada 1		Coordenadas:	UTM: 0581680 - 4204540 GAUSS: 205428.23 – 112909.39
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: <i>Villa</i>		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Romano; Idade Média; Moderno		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: elevado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: na Ai da Rede de Rega B2 e da Rede Viária		Ameaças: agricultura	
Acesso: estrada alcatroada de acesso ao Monte da Ramada, na estrada 2 a Norte de Ervidel		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: planície, suave colina
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 3351; EIA PRPB, n.º 7; AC; EPIA, n.º 520-5			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: na pesquisa documental obtiveram-se duas localizações para esta ocorrência.</p> <p>Confirma-se a existência de mancha com grande densidade de materiais arqueológicos na área a Norte identificada no EIA dos troços de Ligação Pisão - Roxo e Pisão - Beja: <i>tegulae</i>, tijolo quadrante, cerâmica comum, imitação de <i>sigillata</i> (?) e escória.</p> <p>O terreno foi recentemente lavrado e encontra-se semeado.</p> <p>Devido às variações nas condições de observação do solo deverá manter-se a mancha de dispersão identificada no EIA supra referido e acrescentar os novos dados identificados no decorrer deste projecto.</p> <p>Área de dispersão dos materiais arqueológicos: 0581610 – 4204652; 0581692 – 4204427; 0581786; 4204533; 0581570 – 4204536.</p>			
			
157		158	
Observações:			
Responsável(eis): Sandra Clélia e Nuno Félix			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 87	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 162m
Topónimo: Monte da Ramada 1		Coordenadas:	UTM: 0581415 - 4204287
			GAUSS: 205160.80 – 112658.79
Categoria: Arquitectónico; Etnográfico		Distrito: Beja	
Tipologia: Poço		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: na AI da Rede de Rega B2		Ameaças: não identificadas	
Acesso: estrada alcatroada de acesso ao Monte da Ramada, na estrada 2 a Norte de Ervidel		Estado de conservação: bom	
Visibilidade solo	VE: E	VA: M	Morfologia: planície
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Poço de planta circular, com tanque anexado e uma estrutura tipo casa da bomba da água. Também possui um bebedor de planta rectangular. O poço e as restantes estruturas encontram-se rebocadas e caiadas a branco.</p> <p>Medidas: Poço - 2.93x0.45; Tanque anexo - 0.60x1.10; Bebedor - 10.50x1.50.</p>			
			
165			
Observações:			
Responsável(eis): Sandra Clélia e Nuno Félix			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 88	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 150m
Topónimo: Monte da Ramada		Coordenadas:	UTM: 581882 - 4204112 GAUSS: 205626 - 112480
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: poço		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: indeterminado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: caminho de terra batida para o Monte dos Avalões que sai para Norte na Estrada 18		Estado de conservação: regular	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: linha de água
Fonte de informação: EIA PRPB, n.º 6; RECAPE PR, 6			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Poço de planta circular com guarda e bebedor rectangular para gado bovino. Estruturado em alvenaria de pedra, rebocado a cimento.</p>			
			
169			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 89	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 162m
Topónimo: Ramada 1		Coordenadas:	UTM: 0583023 - 4204716 GAUSS: 206773 - 113073
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: <i>Habitat</i>		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Romano		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: indeterminado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: caminho de terra batida para o Monte dos Avalões que sai para Norte na Estrada 18		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: R	Morfologia: encosta suave
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 26887; EIA PRPB, n.º 9			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Zona de peneplanície com terrenos em pousio possuindo erva baixa e restolho denso e terrenos lavrados.</p> <p>Na área lavrada da ocorrência identificaram-se materiais muito raros e dispersos (cerâmica comum e <i>tegulae</i>).</p>			
			
170			
Observações:			
Responsável(ais): Mário Monteiro e André Pereira			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 90	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 162m
Topónimo: Ramada 2		Coordenadas:	UTM: 0583237 - 4204632 GAUSS: 206987 - 112987
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Achado Isolado		Concelho: Beja	
Cronologia: Indeterminado / Pré-História		Freguesia: Santa Vitória	
Classificação: não tem		Lugar: Santa Vitória	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: caminho de terra batida para o Monte dos Avalões que sai para Norte na Estrada 18		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: encosta suave
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 26888; EIA PRPB, n.º 10			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Na área da ocorrência não se identificaram vestígios arqueológicos.</p> <div style="text-align: center;">  </div> <p style="text-align: right;">173</p>			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 91	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 163m
Topónimo: Monte da Peixeira 2		Coordenadas:	UTM: 0583618 - 4204459 GAUSS: 207366 - 112810
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: <i>Villa</i> (?)		Concelho: Beja	
Cronologia: Romano		Freguesia: Santa Vitória	
Classificação: não tem		Lugar: Santa Vitória	
Valor Patrimonial: elevado		Proprietários: Feliz Miguel Camacho	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: caminho de terra batida que sai para Oeste na Estrada 529		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: R	Morfologia: encosta suave
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 26891; EIA 2006, n.º 11			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Terrenos com cultivo de forragem, sendo a visibilidade do solo reduzida.</p> <p>Na documentação consultada obteve-se uma ampla mancha, com 13ha na qual foram identificados materiais de superfície de cronologia romana.</p> <p>Nos trabalhos realizados não foi possível confirmar a mancha de dispersão devido à actual ocupação do solo. Observaram-se fragmentos de cerâmica incaracterística muito raros e dispersos, sendo na área da coordenada, e cotas mais elevadas para Oeste, onde se identificou uma concentração de materiais com baixa densidade, constituída por fragmentos de cerâmica de construção (<i>tegulae</i>), cerâmica comum e <i>dolia</i>.</p> <p>Devido à impossibilidade de prospectar convenientemente a área deverá manter-se a mancha de dispersão tal como foi assinalada nos trabalhos realizados no âmbito do EIA dos Troços de Ligação Pisão-Roxo e Pisão-Beja.</p>			
			
177		178	
Observações:			
Responsável(ais): Mário Monteiro e André Pereira			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 92	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 162m
Topónimo: Monte da Peixeira 1A		Coordenadas:	UTM: 0584263 - 4204310 GAUSS: 208009.77 – 112655.23
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Vestígios Diversos; Edifício		Concelho: Beja	
Cronologia: Romano; Contemporâneo		Freguesia: Santa Vitória	
Classificação: não tem		Lugar: Santa Vitória	
Valor Patrimonial: médio-baixo		Proprietários: Feliz Miguel Camacho	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI da Rede Viária		Ameaças: não identificadas	
Acesso: caminho de terra batida que sai para Oeste na Estrada 529		Estado de conservação: indeterminado; regular	
Visibilidade solo	VE: E	VA: M-E	Morfologia: topo de monte
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 26893; EIA PRPB, n.º 12			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Monte rústico com utilização de apoio à agricultura.</p> <p>Em volta das casas observam-se fragmentos de cerâmica contemporânea, encontrando-se misturada alguma cerâmica comum e de construção (<i>tegulae</i>) de cronologia romana, principalmente dos lados Sul e Este, confirmando as informações obtidas na pesquisa documental.</p> <p>Os materiais romanos aqui identificados deverão estar associados à mancha de ocupação identificada a Sul do monte (Oc. 93) e à mancha que se encontra a NO (Oc. 91).</p> <p>De modo a separar as ocorrências optou-se por atribuir uma nova numeração e designação à mancha de materiais delimitada a Sul do monte.</p>			
			
185			
Observações:			
Responsável(éis): Mário Monteiro e André Pereira			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 93	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 162m
Topónimo: Monte da Peixeira 1B		Coordenadas:	UTM: 0584300 - 4204241 GAUSS: 208046.14 – 112585.87
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Mancha de Ocupação		Concelho: Beja	
Cronologia: Romano		Freguesia: Santa Vitória	
Classificação: não tem		Lugar: Santa Vitória	
Valor Patrimonial: médio		Proprietários: Feliz Miguel Camacho	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI da Rede Viária		Ameaças: não identificadas	
Acesso: caminho de terra batida que sai para Oeste na Estrada 529		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: encosta suave
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 26893; EIA PRPB, n.º 12			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Terrenos recentemente lavrados com elevada visibilidade.</p> <p>Na encosta do monte voltada a Sul identificou-se uma mancha de dispersão, bem definida, com frequentes materiais de cronologia romana, entre os quais se encontra alguma cerâmica contemporânea. Aparentemente a concentração de materiais encontra-se nas cotas mais elevadas, porém é também aqui que se observa uma maior mistura com materiais contemporâneos.</p> <p>Os terrenos para Norte encontram-se com forragem alta e densa sendo a visibilidade nula.</p> <p>Identificaram-se fragmentos de cerâmica comum (bojos, bordos e asas), de <i>dolia</i>, de <i>terra sigillata</i> Africana Clara D (1 frag. de bojo com decoração em reticulado) e de construção (<i>tegulae</i> e <i>lateris</i>).</p> <p>Mancha de dispersão: 0584322 – 4204227; 0584302 – 4204204; 0584275 – 4204215; 0584258 – 4204236; 0584289 – 4204271; 0584344 – 4204313.</p> <p>Os materiais romanos aqui identificados deverão corresponder aos materiais observados na encosta SE, em EIA executado anteriormente (Oc. 92). Pelo facto de se ter identificado uma mancha bem definida optou-se por separar as ocorrências e atribuir uma nova numeração e designação a esta mancha de materiais delimitada a Sul do Monte da Peixeira.</p>			
			
186		188	
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 94	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 160m
Topónimo: Monte da Peixeira 3		Coordenadas:	UTM: 0584544 - 4204319 GAUSS: 208290.93 – 112661.62
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: Poço		Concelho: Beja	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Santa Vitória	
Classificação: não tem		Lugar: Santa Vitória	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: Feliz Miguel Camacho	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI da Rede Viária		Ameaças: não identificadas	
Acesso: caminho de terra batida que sai para Oeste na Estrada 529		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: R	Morfologia: vale
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Poço de planta circular, estruturado em alvenaria (blocos pétreos e argamassa) com guarda baixa. Do lado Oeste possui uma laje em xisto com uma gravação que parece ser “1907”.</p>			
			
192			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			




Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 95	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 145m
Topónimo: Barranco de Mombeja		Coordenadas:	UTM: 0584439 – 4205227 GAUSS: 208194.37 – 113570.83
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: Poço		Concelho: Beja	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Mombeja	
Classificação: não tem		Lugar: Santa Vitória	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: abandono	
Acesso: 100 metros a Este do caminho que liga o Monte da Peixeira à Horta das Faias		Estado de conservação: bom	
Visibilidade solo	VE: E	VA:	Morfologia: vale
Fonte de informação: não tem			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
Caracterização: Poço de forma circular, com cerca de 2m de diâmetro de cronologia contemporânea. O aparelho é de pedra e cimento, revestido de cimento no exterior e interior. Possui um orifício quadrangular na parede NE, provavelmente para o encaixe de um motor.			
			
193			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 96	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 150m
Topónimo: Monte Branco 2		Coordenadas:	UTM: 0585671 – 4203679 GAUSS: 209412,25 - 112010,94
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: poço		Concelho: Beja	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Santa Vitória	
Classificação: não tem		Lugar: Santa Vitória	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: Manuel Amorim	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: agricultura	
Acesso: caminho de terra batida que sai para Este na Estrada 529		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: M	Morfologia: encosta
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: A Oeste do Monte Branco identificou-se uma estrutura circular destruída com cerca de 2,5m de diâmetro, em alvenaria (blocos pétreos e argamassa), que poderá corresponder a um poço atulhado, encontrando-se associados a este fragmentos de cerâmica e faiança contemporâneos.</p>			
			
196			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 97	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 154m
Topónimo: Monte Branco 1		Coordenadas:	UTM: 0585766 – 4203633 GAUSS: 209507 - 111964
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Vestígios Diversos		Concelho: Beja	
Cronologia: Romano		Freguesia: Santa Vitória	
Classificação: não tem		Lugar: Santa Vitória	
Valor Patrimonial: médio		Proprietários: Manuel Amorim	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI da Rede de Rega B2		Ameaças: agricultura	
Acesso: caminho de terra batida que sai para Este na Estrada 529		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: M	Morfologia: topo de monte
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 26895; EIA PRPB, n.º 13; Inventário da C.M. Beja, 26566			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Os edifícios do monte agrícola encontram-se em área fora dos blocos de rega pelo que não foram alvo de reconhecimento.</p> <p>Na pesquisa documental identificou-se uma mancha de dispersão de materiais que abrange os terrenos na envolvente dos edifícios e os terrenos que se encontram para Sul, sendo estes atravessados por um caminho de terra batida.</p> <p>Na área a Sul do caminho o solo encontra-se lavrado, tendo-se observado materiais dispersos com muito baixa densidade. Os materiais observados são constituídos por cerâmica doméstica, cerâmica de construção e faiança de cronologia Moderno-Contemporâneo, misturados com fragmentos muito rolados que poderão corresponder a cerâmica comum e <i>tegulae</i> de época Romana.</p> <p>Na área a Norte do caminho o solo é ocupado por uma pequena horta, a Sul do casario, e na envolvente por um olival utilizado também como pastagem. Aqui a visibilidade para materiais de superfície é média, tendo-se observado fragmentos de cerâmica contemporânea e raros fragmentos que poderão corresponder a uma cronologia romana. Não se identificou um indicador cronológico seguro que possibilitasse confirmar a ocupação Romana.</p>			
			
201			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 98	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 148m
Topónimo: Monte Branco 3		Coordenadas:	UTM: 586053 - 4203447 GAUSS: 209792,19 - 111775,31
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: poço		Concelho: Beja	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Santa Vitória	
Classificação: não tem		Lugar: Santa Vitória	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: Manuel Amorim	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI da Rede de Rega B2		Ameaças: não identificadas	
Acesso: caminho de terra batida que sai para Este na Estrada 529		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: M	Morfologia: peneplanície
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Poço de planta circular com guarda, revestido a cimento. O interior é estruturado com tijolo e cimento.</p> <div style="text-align: center;">  <p>202</p> </div>			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 99	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 150m a 157m
Topónimo: Monte da Pedreira		Coordenadas:	UTM: 586247 - 4204437 GAUSS: 209995,47 - 112763,76
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: mancha de ocupação		Concelho: Beja	
Cronologia: Pré-História Recente; Romano(?) a Moderno(?)		Freguesia: Santa Vitória	
Classificação: não tem		Lugar: Santa Vitória	
Valor Patrimonial: indeterminado		Proprietários: não identificado	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI da Rede de Rega B2		Ameaças: agricultura	
Acesso: caminho de terra batida que sai para Este na Estrada 529		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: monte
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Monte com encostas suaves localizado entre duas linhas de água. Os terrenos encontram-se lavrados e em pousio, possuindo erva baixa e dispersa e sobreiros dispersos.</p> <p>Detectou-se uma ampla mancha de dispersão de materiais por toda a vertente Sul, encontrando-se o ponto de concentração no topo do monte.</p> <p>Observam-se materiais de diversas cronologias misturados, prevalecendo os mais recentes no topo - cerâmica doméstica, telha, com e sem digitação, e tijolo de épocas Romana(?) e Moderna - e os mais antigos nas encostas Este e Sul (Neolítico-Calcolítico). Nas cotas mais baixas da encosta Sul identificaram-se raros materiais líticos - lascas retocadas em sílex e em rocha siliciosa.</p> <p>Não se identificaram materiais que permitissem a atribuição de cronologias seguras, tendo sido pela análise de pastas cerâmicas que se procedeu a uma aproximação cronológica. Ficaram dúvidas relativamente a algumas pastas observadas que pelas características é possível serem da Idade do Ferro.</p> <p>Mancha de dispersão: 586197 - 4204440; 586229 - 4204459; 586295 - 4204454; 586328 - 4204370; 586309 - 4204317; 586292 - 4204208; 586261 - 4204149; 586237 - 4204237; 586180 - 4204360.</p>			
			
206		207	
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 100	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 155m
Topónimo: Santa Vitória 2		Coordenadas:	UTM: 586300 - 4203490 GAUSS: 210039,66 - 111816,02
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: <i>habitat</i>		Concelho: Beja	
Cronologia: Romano		Freguesia: Santa Vitória	
Classificação: não tem		Lugar: Santa Vitória	
Valor Patrimonial: médio-elevado		Proprietários: não identificado	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: agricultura	
Acesso: na estrada 18, seguir caminho para Norte de acesso à Igreja de Santa Vitória		Estado de conservação: indeterminado; regular (silo)	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: monte
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 26901; EIA PRPB, n.º 14; Inventário da C.M. Beja, 26566			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Elevação com encostas suaves na margem Este da Ribeira de Santa Vitória. O solo encontra-se lavrado, com erva baixa e muito dispersa conferindo uma boa visibilidade para materiais de superfície. Observou-se uma concentração de materiais no topo Oeste da elevação, com cerca de 60m de diâmetro, localizando-se a mancha de dispersão nas vertentes viradas para a ribeira.</p> <p>O silo, localizado a poucos metros para SE do ponto de concentração de materiais (coord. UTM ED50 0586332 - 4203463), foi escavado no substrato xistoso, alargando para o interior, encontrando-se presentemente entulhado até cerca de 1m da boca, possuindo esta 0,80m de diâmetro. A boca do silo encontra-se tapada com paletes de madeira não se tendo encontrado a tampa em quartzito referida nas fontes consultadas.</p>			
			
213			
<p>Os materiais de superfície observados são constituídos por fragmentos de <i>tegula</i>, <i>imbrex</i> (alguns com digitação), cerâmica comum, <i>dolia</i> e tijolo. Possivelmente trata-se de um <i>habitat</i> tardo-romano.</p> <p>Mancha de dispersão: 586261 – 4203450; 586258 - 4203488; 586239 - 4203502; 586262 - 4203537; 586400 - 4203509; 586380 – 4203435.</p>			
			
214		216	
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 101	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 160m
Topónimo: Monte de Moncorvo		Coordenadas:	UTM: 587451 - 4203302 GAUSS: 211189 - 111617
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: <i>habitat</i>		Concelho: Beja	
Cronologia: Romano; Moderno		Freguesia: Santa Vitória	
Classificação: não tem		Lugar: Santa Vitória	
Valor Patrimonial: indeterminado		Proprietários: não identificado	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: agricultura	
Acesso: na estrada 18, seguir caminho para Norte de acesso à Igreja de Santa Vitória		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: M-E	VA: M-R	Morfologia: peneplanície
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 26905; EIA PRPB, n.º 16			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Terrenos com seara alta e densa, não se tendo observado na mancha assinalada pelas fontes consultadas materiais de superfície que indicem uma ocupação humana. Apenas se identificaram 5 fragmentos de cerâmica, bastante rodada e de reduzidas dimensões, sendo um deles 1 fragmento de telha e 1 fragmento de bojo com vidrado amarelado, ambos claramente de cronologia Moderno-Contemporâneo.</p>			
			
221		223	
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 102	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 162m
Topónimo: Lagoa da Ponte 1		Coordenadas:	UTM: 587940 - 4203052 GAUSS: 211676 - 111363
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: <i>habitat</i>		Concelho: Beja	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Santa Vitória	
Classificação: não tem		Lugar: Santa Vitória	
Valor Patrimonial: médio		Proprietários: não identificado	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: agricultura	
Acesso: na estrada 18, seguir caminho para Norte de acesso à Igreja de Santa Vitória		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: M-R	Morfologia: peneplanície
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 26906; EIA PRPB, n.º 17			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Zona de peneplanície com terrenos em pousio, possuindo restolho e erva baixa e densa.</p> <p>Na área assinalada identificaram-se fragmentos de cerâmica doméstica, telha e tijolo de cronologia Moderno-Contemporâneo, contudo estes possuem reduzida dimensão, encontram-se bastante rolados e apresentam muito baixa densidade, não se tendo detectado uma área de concentração.</p>			
			
226			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 103	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 159m
Topónimo: Santa Vitória 1		Coordenadas:	UTM: 587150 - 4203090 GAUSS: 210886,15 - 111407,99
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: <i>habitat</i>		Concelho: Beja	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Santa Vitória	
Classificação: não tem		Lugar: Santa Vitória	
Valor Patrimonial: indeterminado		Proprietários: não identificado	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: agricultura	
Acesso: na estrada 18, seguir caminho para Norte de acesso à Igreja de Santa Vitória		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: M-R	Morfologia: peneplanície
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 26904; EIA PRPB, n.º 15			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Zona de peneplanície com terrenos em pousio e com seara, possuindo erva baixa e densa.</p> <p>Na mancha assinalada não se identificaram os vestígios arqueológicos referidos nas fontes consultadas. Observaram-se fragmentos de cerâmica que não possibilitam a atribuição de uma cronologia, possuindo estes muito baixa densidade e com uma dispersão uniforme.</p>			
			
227			
Observações:			
Responsável(éis): Mário Monteiro e André Pereira			



Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 104	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 159m
Topónimo: Poço da Besteira		Coordenadas:	UTM: 586843 - 4202558 GAUSS: 210574,11 - 110878,71
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: poço		Concelho: Beja	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Santa Vitória	
Classificação: não tem		Lugar: Santa Vitória	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificado	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: abandono	
Acesso: na estrada 18, seguir caminho para Norte a cerca de 1km a Este de Santa Vitória		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: peneplanície
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Poço de planta circular com guarda em tijolo de "burro" revestido a cimento. O interior é estruturado com blocos pétreos e argamassa.</p>			
			
228			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 105	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 150m
Topónimo: Quinta Nova 2		Coordenadas:	UTM: 0585932 – 4203230 GAUSS: 209669.14 – 111559.38
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Mancha de ocupação		Concelho: Beja	
Cronologia: Pré-história Recente		Freguesia: Santa Vitória	
Classificação: não tem		Lugar: Santa Vitória	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: José Martins Lança Júnior	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: caminho de terra batida que sai para Este na Estrada 529		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: vale
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Zona de terrenos recentemente lavrados onde numa área com cerca de 3m de diâmetro se identificaram raros líticos (em quartzo e rocha indeterminada) com vestígios de talhe e dois pequenos fragmentos de cerâmica com pastas que possuem características pré-históricas.</p> <p>Nesta zona, por todo o terreno lavrado são visíveis fragmentos de cerâmica moderno-contemporânea, de reduzida dimensão e rolada, certamente associados à ocupação do monte e à utilização de estrume (o qual era hábito conter a cerâmica partida) para adubar o solo. Esta diversidade de fragmentos cerâmicos dificulta uma correcta análise dos vestígios observados.</p>			
			
233		236	
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 106	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 152m
Topónimo: Quinta Nova 1		Coordenadas:	UTM: 0585864 – 4203280 GAUSS: 209601.58 – 111610.03
Categoria: Arquitectónico; Etnológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Monte Rústico		Concelho: Beja	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Santa Vitória	
Classificação: não tem		Lugar: Santa Vitória	
Valor Patrimonial: médio-baixo		Proprietários: José Martins Lança Júnior	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: caminho de terra batida que sai para Este na Estrada 529		Estado de conservação: regular	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: vale
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Monte agrícola com duas casas de planta rectangular e telhado de duas águas, que se encontram habitadas. Para Sul possui dois poços e 1 tanque.</p> <p>Poço 1 – 0585867 – 4203257: Poço de planta rectangular, estruturado em tijolo de “burro” e cimento, com tampa em chapa e armação metálica com roldana. Junto a este encontra-se uma pia quadrangular escavada num bloco de mármore com base irregular (deveria encontrar-se enterrada sendo trabalhada apenas a parte superior que sobressaía do solo), sendo visíveis covinhas a decorar as superfícies do bordo que ainda se encontram intactas. Segundo informação dos rendeiros que habitam o monte, sempre ali esteve sendo desconhecida a origem.</p> <p>Tanque – 0585856 – 4203180: Tanque de planta quadrangular para rega e lavagem de roupa, em tijolo de “burro” e cimento.</p> <p>Poço 2 – 0585858 – 4203145: Poço de planta circular estruturado em tijolo de “burro”, com guardas altas onde se encontra cravada uma armação metálica pertencente a uma nora movida por tracção animal.</p>			
			
243		244	
			
245		247	
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 107	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 155m
Topónimo: Quinta Nova 5		Coordenadas:	UTM: 0585031 – 4203161 GAUSS: 208767.26 – 111498.77
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Mancha de ocupação		Concelho: Beja	
Cronologia: Pré-história Recente		Freguesia: Santa Vitória	
Classificação: não tem		Lugar: Santa Vitória	
Valor Patrimonial: indeterminado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: Estrada 529, a 400m do lado Oeste após entrar nesta estrada em Santa Vitória		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: topo de monte
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Zona de terrenos recentemente lavrados, sendo o solo areno-argiloso com cascalho miúdo.</p> <p>Por toda a área do monte observam-se materiais dispersos com baixa densidade, sendo os mais frequentes fragmentos de cerâmica de época moderno-contemporânea. Contudo nas cotas mais elevadas, do lado Sul, identificaram-se cerâmicas com pastas que possuem características pré-históricas, sendo de destacar as seguintes: 1 fragmento com aparente arranque de carena, com pasta castanho escuro, muito depurada e compacta, possuindo polimento exterior. Ainda que seja um fragmento de reduzida dimensão parece tratar-se de cerâmica da Idade do Bronze; 1 fragmento de bojo com pasta grosseira e grande contraste laranja vivo-preto devido à técnica de cozedura, podendo tratar-se de cerâmica da Idade do Ferro. Outros fragmentos observados poderão enquadrar-se nestas épocas.</p> <p>Na mesma área encontram-se seixos rolados com possíveis levantamentos, destacando-se um que para além do talhe possui vestígios de utilização como percutor do lado oposto. Também sobre um seixo rolado, de forma alongada, identificou-se o que poderá ser um pilão ou percutor.</p> <p>Nesta região são visíveis por todos os terrenos fragmentos de cerâmica moderno-contemporânea com muito baixa densidade mas com dispersão uniforme que poderão estar associados à utilização de estrume (o qual era hábito conter a cerâmica partida) para adubar o solo. Esta diversidade de fragmentos cerâmicos dificulta uma correcta análise dos vestígios observados, todavia a presença de artefactos líticos indicia uma clara ocupação do espaço.</p>			
			
254		256	
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			



Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 108	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 145m
Topónimo: Vale do Monte Branco		Coordenadas:	UTM: 0584786 – 4203481 GAUSS: 208525.18 – 111821.14
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: Poço		Concelho: Beja	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Santa Vitória	
Classificação: não tem		Lugar: Santa Vitória	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: abandono	
Acesso: 400 metros a Sul do caminho que liga o Monte Branco Ao Monte da Peixeira		Estado de conservação: bom	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: linha de água
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
Caracterização: Poço de forma circular, com cerca de 2m de diâmetro de cronologia moderna ou contemporânea. O aparelho é de pedra e cimento, revestido de cimento no exterior e interior. O rebordo do anel superior é composto por uma fileira de tijolo.			
			
261			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 109	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 145m
Topónimo: Monte dos Avalões 2		Coordenadas:	UTM: 0583945 – 4203221 GAUSS: 207681.53 – 111568.91
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: Poço		Concelho: Beja	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Santa Vitória	
Classificação: não tem		Lugar: Santa Vitória	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: abandono	
Acesso: 100 metros a Nordeste do Monte dos Avalões, no lado esquerdo do caminho que segue deste para o Monte da Corte Ripais		Estado de conservação: bom	
Visibilidade solo	VE: E	VA:	Morfologia: linha de água
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Poço de forma circular, com cerca de 2m de diâmetro de cronologia moderna ou contemporânea. O aparelho de construção é de pedra e cimento, revestido de cimento no exterior e interior. O rebordo do anel superior é composto por uma fileira de tijolo.</p> <p>Anexo ao poço encontra-se uma pia circular em mármore com 1m de diâmetro, provavelmente reutilizada. Possui buraco de escoamento e covinhas no rebordo, que podem evidenciar vestígios de uma decoração, já desgastada pelos agentes climáticos.</p>			
			
262		264	
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 110	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 150m
Topónimo: Monte dos Avalões 1		Coordenadas:	UTM: 0583813 - 4203349 GAUSS: 207550.69 – 111698.18
Categoria: Arquitectónico; Etnológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Monte Rústico		Concelho: Beja	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Santa Vitória	
Classificação: não tem		Lugar: Santa Vitória	
Valor Patrimonial: médio-baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: abandono	
Acesso: caminho de terra batida que sai para Norte na Estrada 18		Estado de conservação: regular	
Visibilidade solo	VE: M	VA: N	Morfologia: monte
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Monte abandonado com duas casas de planta rectangular e telhado de duas águas. A casa de habitação possui chaminé com data gravada "21-10-1958". O anexo possui duas portas em ogiva e forno de lenha.</p>			
			
266			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 111	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 153m
Topónimo: Monte do Pomar 1		Coordenadas:	UTM: 581363 - 4203419 GAUSS: 205100,69 - 111791,04
Categoria: arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: casal rústico		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: médio-baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: abandono	
Acesso: estrada alcatroada de acesso ao Monte da Ramada, sai para NE na estrada 2		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: monte
Fonte de informação: CMP			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Monte abandonado e em ruínas localizado no topo do monte. É constituído por casa de habitação e um anexo, ambos de planta rectangular e telhado de duas águas, com paredes externas em taipa e internas em tijolo "burro". A casa de habitação possui duas portas para o exterior, sendo a porta Sul a de acesso à cozinha e quartos e a porta Norte pertencente a uma estrebaria. O anexo possui um forno e um pequeno curral.</p> <p>A NE da casa, em cota mais baixa, encontra-se um poço circular com guarda em tijolo "burro" revestido a argamassa, estando encostado a este uma pia rectangular em calcário.</p>			
			
281		286	
Observações:			
Responsável(ais): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 112	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 152m
Topónimo: Monte do Pomar 2		Coordenadas:	UTM: 581226 - 4203487 GAUSS: 204964,28 - 111860,34
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: mancha de ocupação		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Romano(?)		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: indeterminado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: agricultura	
Acesso: estrada alcatroada de acesso ao Monte da Ramada, sai para NE na estrada 2		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: monte
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: A NO da casa do monte, em terrenos lavrados com erva baixa e dispersa, identificou-se na encosta virada a NE uma pequena concentração de fragmentos cerâmicos de provável cronologia romana.</p> <p>Toda a área do monte possui materiais de diversas cronologias, prevalecendo materiais de época Moderno-Contemporâneo, certamente associados à casa. No entanto, pela análise das pastas cerâmicas identificaram-se alguns fragmentos de cronologias da Pré-história recente, associados às ocorrências da Idade do Bronze e da Idade do Ferro que se encontram na envolvente. Neste ponto concreto destacam-se cerâmicas com pastas de aparente cronologia Romana e fragmentos de <i>tegulae</i>.</p>			
			
287		289	
Observações:			
Responsável(ais): Mário Monteiro e André Pereira			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 113	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 159m
Topónimo: Monte do Pomar 3		Coordenadas:	UTM: 580948 - 4203746 GAUSS: 204688,63 - 112122
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: mancha de ocupação		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Calcolítico		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: indeterminado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: agricultura	
Acesso: estrada alcatroada de acesso ao Monte da Ramada, sai para NE na estrada 2		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: topo de monte
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: No topo Norte do monte, em terrenos lavrados com oliveiras dispersas, identificou-se uma concentração de fragmentos cerâmicos com baixa densidade num raio de cerca de 30m.</p> <p>Entre os materiais observados, identificaram-se fragmentos de pratos de bordo espessado do Calcolítico e um dormente de mó manual. As fracturas dos fragmentos cerâmicos não apresentam sinais de rolamento, tendo ficado a ideia de que os materiais foram recentemente levantados à superfície por uma lavra mais profunda.</p>			
			
291		295	
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 114	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 150m
Topónimo: Povoado da Herdade do Pomar		Coordenadas:	UTM: 581279 - 4203370 GAUSS: 205016,21 - 111742,82
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: povoado		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Idade do Ferro(?)		Freguesia: Ervidel	
Classificação: Plano Director Municipal		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: elevado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: agricultura	
Acesso: estrada alcatroada de acesso ao Monte da Ramada, sai para NE na estrada 2		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: monte
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 3349; EDIA, n.º 3324; AC; EPIA, n.º 520-3; PDM Aljustrel, n.º 20; PBHRS, 505			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Na pesquisa documental obtiveram-se duas localizações para esta ocorrência, não se tendo observado vestígios atribuíveis à Idade do Ferro no local assinalado a SE do Monte do Pomar.</p> <p>Dispersos por todo o monte observam-se materiais cerâmicos de diversas cronologias dispersos uniformemente, podendo alguns corresponder a materiais desta cronologia. Porém, identificou-se uma mancha de dispersão nas encostas Sul e Oeste onde predominam materiais de superfície de provável cronologia da Idade do Ferro, tendo-se observado uma pequena mancha com maior concentração de materiais na coordenada acima (fragmentos de bojos, bordos, fundos e asas).</p> <p>Não se observaram vestígios de uma estrutura como mencionado na fonte consultada.</p> <p>Mancha de dispersão: 581200 - 4203400; 581260 - 4203440; 581320 - 4203390; 581260 – 4203340.</p>			
			
		300	304
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 115	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 152m
Topónimo: Herdade do Pomar 2		Coordenadas:	UTM: 581200 - 4203500 GAUSS: 204938,4 - 111873,59
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: necrópole		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Idade do Bronze		Freguesia: Ervidel	
Classificação: Plano Director Municipal		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: indeterminado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI da Rede de Rega B2		Ameaças: agricultura	
Acesso: estrada alcatroada de acesso ao Monte da Ramada, sai para NE na estrada 2		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: encosta
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 3347; GOMES (1977); EDIA, n.º 3323; AC; EPIA, n.º 520-4; PDM Aljustrel, n.º 7; PBHRS, 492			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Na pesquisa documental obtiveram-se duas localizações para esta ocorrência. No trabalho de campo não se observaram vestígios associados à ocorrência em ambos os locais assinalados nas fontes documentais.</p> <p>Obeve-se a informação de um habitante local, que viu as cistas abertas, tendo este identificado dois locais onde se encontravam cistas, com uma distância de cerca de 200m entre si, que descreveu como sendo "quadrados escavados na terra com lajes de xisto à volta, que foram destruídos pela lavoura".</p> <p>Optou-se por separar os dois locais atribuindo as designações Herdade do Pomar 1 e 2, contudo, é possível que estas formem uma única necrópole da Idade do Bronze.</p> <p>Esta área fica localizada a cerca de 150m a NO da casa do monte, não se tendo aqui observado vestígios de cistas, porém junto do monte encontra-se uma laje em xisto que poderá corresponder a uma tampa de cista fora de contexto.</p>			
			
		307	
		308	
Observações:			
Responsável(ais): Mário Monteiro e André Pereira			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 116	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 160m
Topónimo: Herdade do Pomar 1		Coordenadas:	UTM: 581041 - 4203571 GAUSS: 204780,02 - 111946,09
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: necrópole		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Idade do Bronze		Freguesia: Ervidel	
Classificação: Plano Director Municipal		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: médio-elevado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI da Rede de Rega B2		Ameaças: agricultura	
Acesso: estrada alcatroada de acesso ao Monte da Ramada, sai para NE na estrada 2		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: encosta
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 3347; GOMES (1977); EDIA, n.º 3323; AC; EPIA, n.º 520-4; PDM Aljustrel, n.º 7; PBHRS, 492			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Na pesquisa documental obtiveram-se duas localizações para esta ocorrência. No trabalho de campo não se observaram vestígios associados à ocorrência em ambos os locais assinalados nas fontes documentais.</p> <p>Obeve-se a informação de um habitante local, que viu as cistas abertas, tendo este identificado dois locais onde se encontravam cistas, com uma distância de cerca de 200m entre si, que descreveu como sendo "quadrados escavados na terra com lajes de xisto à volta, que foram destruídos pela lavoura".</p> <p>Optou-se por separar os dois locais atribuindo as designações Herdade do Pomar 1 e 2, contudo, é possível que estas formem uma única necrópole da Idade do Bronze.</p> <p>No local indicado observaram-se diversas lajes de xisto que sobressaem do corte realizado pela abertura da estrada existente, podendo estas corresponder a vestígios de cistas.</p>			
			
310			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 117	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 156m
Topónimo: Vale da Rosa		Coordenadas:	UTM: 0580920 - 4203424 GAUSS: 204657.61 – 111800.18
Categoria: Arquitectónico; Etnográfico		Distrito: Beja	
Tipologia: Poço		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: na AI da Rede de Rega B2		Ameaças: não identificadas	
Acesso: caminho de terra batida para SO da estrada 2 ao Km 606		Estado de conservação: bom	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: planície
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Poço de planta rectangular revestido a argamassa. Também possuía um engenho com roda (1,95 m de diâmetro).</p> <p>Medidas: 2,60x1,95m.</p>			
			
311			
Observações:			
Responsável(eis): Sandra Clélia e Nuno Félix			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 118	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 157m
Topónimo: Poço de Ervidel 1		Coordenadas:	UTM: 580889 - 4203021 GAUSS: 204622,85 - 111397,36
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: poço		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Ervidel	
Classificação: inexistente		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI da Rede de Rega B2		Ameaças: não identificadas	
Acesso: na estrada 2, do lado Este, a Norte de Ervidel		Estado de conservação: regular	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: encosta
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
Caracterização: Poço de planta circular com guarda, em alvenaria de pedra e tijolo e reboco exterior em cimento.			
			
312			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 119	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 157m
Topónimo: Necrópole de Ervidel		Coordenadas:	UTM: A) 580871 – 4202473; B) 580377 - 4201819
			GAUSS: A) 204600 - 110850; B) 204100 - 110200
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: necrópole		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Idade do Bronze		Freguesia: Ervidel	
Classificação: inexistente		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: elevado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: na estrada 2, do lado Este		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: M	VA: R	Morfologia: peneplanície
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 6208; PBRS, 533			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Na pesquisa documental obtiveram-se duas localizações para esta ocorrência. Ambos os sítios se encontram em área de peneplanície com ondulação suave, possuindo seara com alguma densidade.</p> <p>No ponto A a coordenada corresponde a uma ligeira elevação onde se encontra um poste da EDP.</p> <p>A coordenada B a uma encosta suave a SE do cemitério de Ervidel.</p> <p>Em nenhum dos pontos se identificaram vestígios arqueológicos pelo que permanece a dúvida quanto à localização exacta da necrópole.</p>			
			
A) 313		B) 314	
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 120	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 142m
Topónimo: Poço de Ervidel 2		Coordenadas:	UTM: 580401 - 4201684 GAUSS: 204122,25 - 110064,55
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: poço		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Ervidel	
Classificação: inexistente		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: na estrada 2, do lado Este		Estado de conservação: bom	
Visibilidade solo	VE: E	VA: M	Morfologia: peneplanície
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Poço de planta circular com guarda, estruturado em tijolo-cimento, rebocado a cimento.</p> <div style="text-align: center;">  <p>315</p> </div>			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 121	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 159 m
Topónimo: Poço do Vale da Rosa		Coordenadas:	UTM: 0580462 - 4203648 GAUSS: 204201.58 – 112028.51
Categoria: Arquitectónico; Etnográfico		Distrito: Beja	
Tipologia: Poço		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Ervidel	
Classificação: Inexistente		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: abandono	
Acesso: estrada 2 ao Km 606		Estado de conservação: regular	
Visibilidade solo	VE: E	VA: N	Morfologia: planície
Fonte de informação: EDIA, n.º 3310; AC; EPIA, n.º 520-17			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Poço de planta quadrangular, possui quatro degraus de acesso. Nas traseiras possui dois tanques mais pequenos anexos. Encontra-se caiado a branco. A boca do poço está fechada por uma tampa em ferro. A circundar o poço há vinte e oito lavadouros, desenhando um canal em forma de L.</p> <p>Medidas: Poço - 3.75x3.75 m; Tanques anexos - 1.30x0.99x0.88 m; 1.08x0.75x0.35 m; Lavadouros - 0.70x0.45x0.70 m.</p>			
			
316			
Observações:			
Responsável(eis): Sandra Clélia e Nuno Félix			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 122	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 175m
Topónimo: Bailique 2		Coordenadas:	UTM: 0578930- 4203529 GAUSS: 202668.05 – 111923.77
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Casal rústico		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Medieval-Moderno		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: médio		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: na AI da Rede de Rega B3		Ameaças: agricultura	
Acesso: junto a caminho de terra batida, a Este da estrada 2		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: encosta suave
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Encosta suave com terrenos lavrados.</p> <p>Fragmentos cerâmicos dispersos por 20 m² caracterizados por cerâmica comum, de construção, faiança e cerâmica vidrada, muito rolados. Os fragmentos apresentam pastas de tonalidade castanha avermelhada.</p>			
			
317			
Observações:			
Responsável(eis): Sandra Clélia e Nuno Félix			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 123	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 185m
Topónimo: Bailique 1		Coordenadas:	UTM: 0579384 - 4203630 GAUSS: 203123.12 – 112020.56
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Casal Agrícola		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Medieval-Moderno		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: médio		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: na AI da Rede de Rega B3		Ameaças: agricultura	
Acesso: junto a caminho de Ervidel para Malhada do Vale da Água		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: encosta suave
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Encosta suave com terrenos lavrados, onde se identificarem fragmentos cerâmicos dispersos com média densidade ao longo da encosta, numa área com cerca de 20 m².</p> <p>Os materiais arqueológicos caracterizam-se por fragmentos de cerâmica comum, de construção, cerâmica vidrada e faiança.</p>			
			
318			
Observações:			
Responsável(eis): Sandra Clélia e Nuno Félix			



Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 124	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 182m
Topónimo: Abelheira		Coordenadas:	UTM: 0579380- 4205495 GAUSS: 203136.52 – 113886.11
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Casal rústico		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Medieval-Moderno		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: médio		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: na AI da Rede de Rega B3 e da Rede Viária		Ameaças: agricultura	
Acesso: junto a EN2 – Aljustrel		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: pequeno cabeço
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Terrenos lavrados.</p> <p>Fragmentos cerâmicos dispersos numa área de 20 m². Os materiais arqueológicos caracterizam-se por fragmentos de cerâmica de construção (telhas e tijolo), cerâmica comum, cerâmica vidrada (melados monocromáticos) e faiança. As pastas destes fragmentos variam entre as tonalidades castanhas avermelhadas e as amareladas.</p>			
			
322			
Observações:			
Responsável(eis): Sandra Clélia e Nuno Félix			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 125	Data: Março de 2008	CMP: 520	Altitude: 170m
Topónimo: Monte da Ramada 3		Coordenadas:	UTM: 0578659 - 4204434 GAUSS: 202405.42 – 112831.54
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Casal rústico		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Medieval-Moderno		Freguesia: Ervidel	
Classificação: não tem		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: médio		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: agricultura	
Acesso: ao km 604 da estrada 2, no lado Oeste		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: encosta suave
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Fragmentos cerâmicos de construção e de uso doméstico muito fragmentados e rolados, dispersos numa área restrita de 5 m². Eventualmente evidenciam a existência de uma pequeno casal agrícola.</p>			
			
324			
Observações:			
Responsável(eis): Sandra Clélia e Nuno Félix			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 126	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 155m
Topónimo: Poço das Varandas		Coordenadas:	UTM: 577687 - 4204043 GAUSS: 201430 - 112450
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: poço		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Ervidel	
Classificação: inexistente		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: estrada 527, do lado Norte, a Oeste de Ervidel		Estado de conservação: regular	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: linha de água
Fonte de informação: EDIA, n.º 3312; EPIA, n.º 520-15			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
Caracterização: Poço de planta circular com guarda. (sem registo fotográfico)			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 127	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 145m
Topónimo: Poço do Valongo		Coordenadas:	UTM: 576360 - 4202360 GAUSS: 200086,44 - 110778,41
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: poço		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Ervidel	
Classificação: inexistente		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: abandono	
Acesso: estrada 527, do lado Norte, a Oeste de Ervidel		Estado de conservação: regular	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: linha de água
Fonte de informação: EDIA, n.º 3313; EPIA, n.º 520-14			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Poço de planta circular com 2m de diâmetro, de alvenaria em pedra e argamassa e capeamento de tijolo "burro" disposto em espinha, rebocado a cimento. Possui estrutura metálica para suspensão de recipiente para retirar água.</p>			
			
327			
Observações:			
Responsável(ais): Cézer Santos e Isabel Matos			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 128	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 180m
Topónimo: Bailique		Coordenadas:	UTM: 578440 - 4202650 GAUSS: 202169,72 - 111049,09
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: mancha de ocupação		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Calcolítico; Idade do Bronze; Romano		Freguesia: Ervidel	
Classificação: inexistente		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: indeterminado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: na AI da Rede de Rega B3		Ameaças: agricultura	
Acesso: estrada 527, do lado Norte, a Oeste de Ervidel		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: peneplanície
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Terrenos lavrados com excelente visibilidade do solo.</p> <p>Ligeira elevação encontrando-se o ponto de concentração mais significativo na extremidade Norte. Baixa densidade de materiais cerâmicos dispersos por toda a elevação (cerâmica comum e de construção romana; cerâmicas manuais), encontrando-se misturados materiais de diversas cronologias, inclusive telha de canudo de época Moderna. Poderá dar-se o caso de serem materiais fora de contexto, trazidos para a área juntamente com terras ou estrume.</p> <p>Mancha de ocupação: 578250 - 4202610; 578360 – 4202620; 578400 - 4202700; 578500 – 4202700; 578490 - 4202570; 578380 - 4202510; 578260 – 4202530.</p>			
			
329		330	
Observações:			
Responsável(eis): Cézer Santos e Isabel Matos			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 129	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 530	Altitude: 140m
Topónimo: Monte da Barroca 1		Coordenadas:	UTM: 576512 - 4201324 GAUSS: 200228,83 - 109740,7
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: <i>habitat</i>		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Neolítico-Calcolítico		Freguesia: Ervidel	
Classificação: inexistente		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: médio-elevado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: na AI da Rede de Rega B3		Ameaças: agricultura	
Acesso: estrada 527, estradão para Norte de acesso ao Monte da Barroca		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: monte
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Mancha com materiais disperso uniformemente num raio com cerca de 80m, possuindo baixa densidade. Os vestígios localizam-se numa suave elevação entre duas linhas de água, tendo-se observado fragmentos de cerâmica manual, dormentes e moventes de mó manual e nódulos irregulares de barro cozido que poderão corresponder a indícios de estruturas no subsolo.</p>			
			
332		333	
Observações:			
Responsável(eis): Cézer Santos e Isabel Matos			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 130	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 530	Altitude: 150m
Topónimo: Monte da Barroca 3		Coordenadas:	UTM: 577033 - 4201323 GAUSS: 200749,96 - 109734,85
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: monte rústico		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Ervidel	
Classificação: inexistente		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: médio-baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: abandono	
Acesso: estrada 527, estradão para Norte de acesso ao Monte da Barroca		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: M	Morfologia: peneplanície
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Casa de planta rectangular com telhado de duas águas, com paredes em taipa, encontrando-se em avançado estado de ruína.</p> <p>Próximo encontra-se um poço de planta circular com 2m de diâmetro e guarda muito baixa, em alvenaria de pedra e argamassa, encontrando-se o bordo rebocado a cimento.</p>			
			
337			
Observações:			
Responsável(eis): Cézer Santos e Isabel Matos			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 131	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 530	Altitude: 160m
Topónimo: Monte da Barroca 2		Coordenadas:	UTM: 577135 - 4201413 GAUSS: 200852,83 - 109823,92
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: monte rústico		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Ervidel	
Classificação: inexistente		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: médio-baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: abandono	
Acesso: estrada 527, estradão para Norte de acesso ao Monte da Barroca		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: M	Morfologia: peneplanície
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Casa de planta rectangular com telhado de duas águas, de alvenaria em tijolo "burro", pedra e argamassa, encontrando-se em avançado estado de ruína. Na extremidade oposta à porta da casa, onde o reboco se encontra caído, é visível o arranque de um arco em tijolo, possivelmente de uma antiga entrada que foi tapada.</p>			
			
339			
Observações:			
Responsável(eis): Cézer Santos e Isabel Matos			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 132	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 530	Altitude: 140m
Topónimo: Poço da Carrapateira		Coordenadas:	UTM: 579293 - 4201211 GAUSS: 203009,54 - 109601,75
Categoria: arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: poço		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Ervidel	
Classificação: inexistente		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: estrada 2, do lado Oeste, a Sul de Ervidel		Estado de conservação: bom	
Visibilidade solo	VE: E	VA: M	Morfologia: linha de água
Fonte de informação: EDIA, n.º 3430; EPIA, n.º 530-13; CMP			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
Caracterização: Poço de planta circular com guarda, estruturado em alvenaria (blocos pétreos e argamassa), rebocado a cimento no exterior.			
			
346			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 133	Data: Março de 2008	CMP: 530	Altitude: 141m
Topónimo: Alcarias 2		Coordenadas:	UTM: 0578805 - 4200008 GAUSS: 202510.19 – 108402.97
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: <i>Villa</i>		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Romano		Freguesia: Aljustrel	
Classificação: inexistente		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: médio-elevado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: agricultura	
Acesso: caminho de terra batida para Oeste da estrada 2 ao Km 609+600		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: monte
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Em terrenos lavrados, numa área com cerca de 3500m² são visíveis vestígios de materiais arqueológicos de cronologia romana, nomeadamente cerâmica de construção e cerâmica comum.</p> <p>Provavelmente, tratar-se-ia de uma <i>villa</i> romana, apesar de não se terem identificado estruturas à superfície.</p> <p>Segundo informação do proprietário dos terrenos, apenas conhece os vestígios identificados na área desta ocorrência, podendo tratar-se da Oc. 135 para a qual se obtiveram duas localizações diferentes a cerca de 500m para Sul.</p> <p>Mancha de dispersão: 0578814 – 4199967; 0578891 – 4200013; 0578828 – 4200091; 0578781 – 4200012.</p>			
			
347			
Observações:			
Responsável(eis): Sandra Clélia e Nuno Félix			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 134	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 530	Altitude: 145m
Topónimo: Alcarias 3		Coordenadas:	UTM: 578304 - 4199841 GAUSS: 202007,5 - 108240,59
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: <i>Villa</i>		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Romano		Freguesia: Aljustrel	
Classificação: inexistente		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: médio-elevado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: na AI da Rede de Rega B2		Ameaças: agricultura	
Acesso: caminho de terra batida para Oeste da estrada 2 ao Km 609+600		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: monte
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Terrenos lavrados com excelente visibilidade do solo.</p> <p>No topo do monte encontra-se um morouço com frequentes materiais cerâmicos de cronologia romana, predominando os de construção (<i>tegula</i> e <i>imbrex</i>). Os materiais encontram-se concentrados no topo do monte, apresentando uma ampla dispersão com média densidade pelas encostas envolventes, tendo-se observado fragmentos de cerâmica de construção, cerâmica comum e um fragmento de ânfora Dressel 20.</p> <p>Provavelmente existe ligação entre esta ocorrência e a Oc. 135 - Alcarias 1 localizada a cerca de 300m para SE, bem como com a Oc. 133 - Alcarias 2 localizada a cerca de 400m para ENE.</p> <p>Mancha de dispersão: 578140 - 4199940; 578330 - 4199980; 578410 - 4199750; 578350 - 4199660; 578240 - 4199680</p>			
			
353			
Observações:			
Responsável(eis): Cézer Santos e Isabel Matos			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 135	Data: Março de 2008	CMP: 530	Altitude: 140m
Topónimo: Alcarias 1		Coordenadas:	UTM: 0578650 – 4199404; 0578748 - 4199604
			GAUSS: 202350 – 107800; 202450 - 108000
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Villa		Concelho: Aljustrel	
Cronologia: Romano		Freguesia: Aljustrel	
Classificação: Plano Director Municipal		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: médio-elevado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: agricultura	
Acesso: caminho de terra batida para Oeste da estrada 2 ao Km 609+600		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: monte e encosta
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 10872; PITA (1994); EDIA, n.º 3427; EPIA, n.º 530-4; PDM Aljustrel, n.º 62; PBHRS, 90			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Área com terrenos lavrados e seara baixa, sendo a visibilidade do solo elevada.</p> <p>Na área da coordenada identificou-se uma dispersão uniforme, com média densidade, de materiais cerâmicos (<i>tegula</i>, tijolo e comum) num raio com cerca de 120m.</p> <p>Poderá haver uma relação entre esta ocorrência e a Oc. 134 - Alcarias 3 localizada a cerca de 300m para NO, bem como com a Oc. 133- Alcarias 2 localizada a cerca de 400 para N, abrangendo assim os 2Km² referidos nas fontes consultadas.</p>			
			
359			
Observações:			
Responsável(eis): Sandra Clélia, Cézer Santos e Isabel Matos			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 136	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 176m
Topónimo: Cabeços da Gulipa 2		Coordenadas:	UTM: 576400 - 4204415 GAUSS: 200145,62 - 112833,61
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: mancha de ocupação		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Neolítico(?)		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: inexistente		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: indeterminado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: agricultura	
Acesso: pedestre a partir do marco Geodésico Galiados		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: M	VA: M-R	Morfologia: encosta
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Terrenos com plantação intensiva de olival (da Herdade do Sobrado?), utilizando métodos muito destrutivos na abertura de valas para plantio.</p> <p>Identificou-se uma ampla mancha de dispersão de materiais cerâmicos (cerâmica manual) e um dormente de mó manual, com um aparente ponto de concentração a meia encosta. Os materiais cerâmicos encontram-se rolados e a dispersão possui baixa densidade, sendo a visibilidade do solo média-reduzida.</p> <p>Mancha de dispersão: 576310 - 4204525; 576440 - 4204544; 576480 - 4204340; 576290 – 4204350.</p>			
			
362		363	
Observações:			
Responsável(eis): Cézer Santos e Isabel Matos			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 137	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 519 e 520	Altitude: 132m a 156m
Topónimo: Malhada do Vale de Água		Coordenadas:	UTM: A) 576473 – 4204778; B) 576532 - 4204858; C) 575345 - 4204681; D) 575890 - 4205162
			GAUSS: A) 200222,03 - 113196,03; B) 200281,79 - 113275,50; C) 199092,81 - 113109,52; D) 199642,44 - 113585,57
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: mancha de ocupação		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Neo-Calcolítico; Idade do Bronze; Idade do Ferro; Romano		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: inexistente		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: indeterminado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: na AI da Rede de Rega B1		Ameaças: agricultura	
Acesso: estrada 526, do lado Sul, estradão de acesso ao Monte do Sobrado		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: E	VA: M	Morfologia: encosta
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Terrenos com plantação intensiva de olival (da Herdade do Sobrado?), utilizando métodos muito destrutivos na abertura de valas para plantio.</p> <p>Ao longo de uma área muito vasta observam-se misturados materiais de superfície de diversas cronologias, com média densidade, havendo pontualmente pontos com uma concentração mais significativa. Poderão tratar-se de materiais descontextualizados trazidos juntamente com terras de outras áreas, possivelmente provenientes das áreas onde foram abertos dois açudes (em cotas mais altas) nas extremidades SE e NO da mancha de dispersão.</p> <p>Segundo informação oral fornecida por um habitante local era frequente aparecerem muitos materiais durante a lavra nos terrenos mais irregulares que ladeiam o Barranco de Xacafre para Sul do Monte do Sobrado.</p> <p>A) concentração de cerâmica predominando materiais de cronologias da Pré-História Recente (Idades do Bronze e do Ferro). Aqui são também observáveis cerâmicas Neo-Calcolíticas e Romanas. Identificou-se um núcleo em sílex.</p>			
			
367			

B) Local de concentração de materiais com características idênticas às do ponto A.



368

C) Ponto onde predominam materiais de cronologia romana (cerâmica comum e tegulae). Este local aparenta possuir os materiais em contexto.



369

D) Ponto de concentração de materiais de diversas cronologias (Neo-Calcolítico, Bronze, Ferro e Romano). Toda a área possui um elevado potencial arqueológico, resta saber se o cultivo do olival deixou vestígios preservados.



370

Mancha de dispersão: 575120 - 4205200; 575920 - 4205300; 576680 - 4205380; 576680 - 4204760; 576000 - 4204780; 575200 - 4204600

Observações:


Responsável(eis): Cézer Santos e Isabel Matos


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 138	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 520	Altitude: 180m
Topónimo: Cabeços da Gulipa 1		Coordenadas:	UTM: 575997 - 4203618 GAUSS: 199735,07 - 112040,14
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: casal rústico		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Romano		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: inexistente		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: médio-elevado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: na AI da Rede de Rega B3		Ameaças: agricultura	
Acesso: estradão que segue para Oeste do marco Geodésico Galiados		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: M	VA: M	Morfologia: encosta
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Terrenos com seara relativamente densa, sendo a visibilidade do solo média.</p> <p>Por todo o topo do cabeço e encostas envolventes observaram-se materiais dispersos com média-elevada densidade. Abundam as cerâmicas de construção (<i>tegula</i>, <i>imbrex</i> e tijolo) e alguma cerâmica comum. Observaram-se também dois percutores sobre seixo rolado e uma bigorna lítica.</p> <p>Encontram-se no topo do cabeço morouços com frequentes pedras e materiais cerâmicos (ponto central), parecendo existir no subsolo estruturas cujo relevo se destaca ligeiramente.</p> <p>Mancha de dispersão: 575880 – 4203680; 576100 - 4203670; 576108 - 4203510; 575970 - 4203480; 575870 – 4203540.</p>			
			
381		382	
Observações:			
Responsável(eis): Cézer Santos e Isabel Matos			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel – Subsistema do Alqueva			
Nº: 139	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 519	Altitude: 125m
Topónimo: Várzeas da Gulipa		Coordenadas:	UTM: 574902 - 4204476 GAUSS: 198647,77 - 112908,6
Categoria: Arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: <i>habitat</i>		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Romano		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: inexistente		Lugar: Ervidel	
Valor Patrimonial: indeterminado		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. Projecto: na AI da Rede de Rega B1		Ameaças: agricultura	
Acesso: estradão que segue para Oeste do marco Geodésico Galiados		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: M	VA: M-R	Morfologia: linha de água
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Ligeira elevação na margem Sul do Barranco de Enxacafre, com terrenos baldios e má visibilidade do solo.</p> <p>Materiais cerâmicos com baixa densidade e bastante rolados, tendo-se identificado fragmentos de cerâmicas de construção, de cerâmica comum, um fragmento de talha com decoração impressa com corda e um fundo de ânfora. O ponto de concentração mais significativo encontra-se na metade superior da elevação. Pode dar-se o caso de serem materiais arrastados pelo transbordo do barranco.</p> <p>Mancha de dispersão: 574760 - 4204430; 574920 – 4204520; 574940 - 4204390; 574800 – 4204320.</p>			
			
383		384	
Observações:			
Responsável(eis): Cézer Santos e Isabel Matos			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 140	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 519	Altitude: 116m
Topónimo: Horta da Pedra Alva		Coordenadas:	UTM: 0573452 – 4203762 GAUSS: 197190,70 – 112207,92
Categoria: arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: poço		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: inexistente		Lugar: Aldeia Nova	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: Monte da Pedra Alva	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agro-pecuário	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: abandono	
Acesso: estrada 526-1, do lado Este no Monte da Pedra Alva		Estado de conservação: regular	
Visibilidade solo	VE: E	VA: M	Morfologia: linha de água
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Poço tubular, com cerca de 1,5m de diâmetro. O aparelho é de alvenaria, com 5 fiadas de tijolo de burro e o rebordo de uma fiada de tijolo de 12, até à superfície.</p>			
			
385			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 141	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 519	Altitude: 117m
Topónimo: Monte da Pedra Alva		Coordenadas:	UTM: 573080 - 4203354 GAUSS: 196814,79 - 111803,28
Categoria: arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: marco de propriedade		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Medieval(?)		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: inexistente		Lugar: Aldeia Nova	
Valor Patrimonial: médio		Proprietários: Monte da Pedra Alva	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: estrada 526-1, do lado Este no Monte da Pedra Alva		Estado de conservação: regular	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: monte
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Na esquina de um armazém à entrada do Monte da Pedra Alva encontra-se um marco de propriedade de forma paralelepipedica em mármore branco com uma cruz gravada em baixo relevo. A cruz que se encontra gravada poderá corresponder a uma forma estilizada do emblema da Ordem de San'Tiago (cruz espatária ou espada crucífera).</p> <p>Numa breve pesquisa, obteve-se informações sobre a conquista de Mértola e Aljustrel por esta ordem, bem como de outros territórios no Alentejo entre 1234 e 1242 (durante o reinado de D. Sancho II e sob a chefia do mestre da ordem Paio Peres Correia), tendo então sido recompensados com territórios que tinham por missão povoar e defender. Deste modo é viável ser este um marco de propriedade da Ordem de San'Tiago, tendo a pedra branca concedido o topónimo ao monte e área circundante.</p> <p>Dimensões do bloco: Altura (visível acima do solo) - 70cm; largura - 25cm; espessura - 25cm. Encontra-se partido no lado esquerdo desde o topo até ao meio da área visível.</p>			
			
387		388	
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 142	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 519	Altitude: 117m
Topónimo: Monte do Sobrado 2		Coordenadas:	UTM: 573090 - 4203824 GAUSS: 112273.63 - 196829.25
Categoria: arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: viveiros (de ostras)		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Romano		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: inexistente		Lugar: Aldeia Nova	
Valor Patrimonial: indeterminado		Proprietários: Herdade do Sobrado	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: agricultura	
Acesso: estrada 526-1, do lado Este após o Monte da Pedra Alva		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: M	VA: R	Morfologia: peneplanície
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 28985; SR			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Terrenos com plantação intensiva de olival jovem (da Herdade do Sobrado), utilizando métodos muito destrutivos na abertura de valas para plantio. Os corredores entre as linhas de oliveiras possuem coberto herbáceo denso dificultando a observação do solo.</p> <p>Na área das coordenadas não se identificaram vestígios arqueológicos, tendo-se prospectado uma grande área até ao Barranco de Xacafre.</p>			
			
389			
Observações:			
Responsável(ais): Mário Monteiro e André Pereira			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 143	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 519	Altitude: 140m
Topónimo: Monte do Sobrado 4		Coordenadas:	UTM: 572462 - 4204907 GAUSS: 113363 - 196211
Categoria: arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: achado(s) isolado(s)		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Neo-Calcolítico		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: inexistente		Lugar: Gasparões	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: Herdade do Sobrado	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: agricultura	
Acesso: estrada 526-1, do lado Oeste após o Monte da Pedra Alva		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: M	VA: M-R	Morfologia: peneplanície
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 21346; SR			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Terrenos com plantação intensiva de olival jovem (da Herdade do Sobrado), utilizando métodos muito destrutivos na abertura de valas para plantio.</p> <p>Apesar da boa visibilidade que o solo apresenta, não se observaram vestígios arqueológicos na área da coordenada.</p>			
			
390			
Observações:			
Responsável(ais): Mário Monteiro e André Pereira			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 144	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 519	Altitude: 130m
Topónimo: Monte do Sobrado 1		Coordenadas:	UTM: 572980 - 4205413 GAUSS: 196733,97 - 113863,79
Categoria: arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: casal rústico		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Romano		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: inexistente		Lugar: Gasparões	
Valor Patrimonial: indeterminado		Proprietários: Herdade do Sobrado	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: agricultura	
Acesso: estrada 526, do lado Sul, estradão de acesso ao Monte do Sobrado		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: M	VA: R	Morfologia: encosta suave
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 28983; SR			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Terrenos com plantação intensiva de olival (da Herdade do Sobrado), utilizando métodos muito destrutivos na abertura de valas para plantio. O solo possui boa visibilidade para artefactos.</p> <p>Observaram-se fragmentos de cerâmica incaracterística com reduzidas dimensões, dispersos num raio com cerca de 15m e com muito baixa densidade (cerâmica comum e de construção).</p>			
			
391		392	
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 145	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 519	Altitude: 135m
Topónimo: Mina do Paço		Coordenadas:	UTM: 573090 - 4205281 GAUSS: 196842,77 - 113730,73
Categoria: arqueológico e arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: mina		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: inexistente		Lugar: Gasparões	
Valor Patrimonial: médio-baixo		Proprietários: Herdade do Sobrado	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: entulhamento	
Acesso: estrada 526, do lado Sul, estradão de acesso ao Monte do Sobrado		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: monte
Fonte de informação: SR; EPIA, n.º 519-44			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Terrenos com plantação intensiva de olival (da Herdade do Sobrado), utilizando métodos muito destrutivos na abertura de valas para plantio.</p> <p>As frentes da mina a céu aberto localizam-se em terrenos de xisto com veios de quartzo. Esta apresenta uma grande cratera, presentemente utilizada como lixeira e vazador de entulhos e ramagens do olival.</p> <p>No ponto cotado encontra-se a entrada de uma galeria, ramificando em 3 no interior.</p> <p>Segundo informação de um habitante local (cujo pai terá trabalhado nestas minas) explorava-se aqui enxofre e manganês, existindo na área muitos poços de ataque que foram entulhados aquando da plantação do olival ou encontram-se tapados por servirem de depósitos para água de rega.</p>			
			
393			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			



Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 146	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 519	Altitude: 163m
Topónimo: Monte da Rocha		Coordenadas:	UTM: 573745 - 4205456 GAUSS: 197499,58 - 113899,67
Categoria: arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: monte rústico		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: inexistente		Lugar: Gasparões	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: Herdade do Sobrado	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: agricultura	
Acesso: estrada 526, do lado Sul, estradão de acesso ao Monte do Sobrado		Estado de conservação: destruído	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: monte
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Terrenos com plantação intensiva de olival (da Herdade do Sobrado), utilizando métodos muito destrutivos na abertura de valas para plantio.</p> <p>Segundo informação de habitante local existia em redor do marco geodésico ROCHA um antigo casal agrícola conhecido por Monte da Rocha. O monte já estaria abandonado e em avançado estado de ruína quando a plantação do olival o destruiu integralmente e removeu os entulhos. Na envolvente do geodésico observam-se ainda grandes quantidades de materiais de construção.</p>			
			
394			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 147	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 519	Altitude: 150m
Topónimo: Monte do Sobrado 3		Coordenadas:	UTM: 574191 - 4205117 GAUSS: 197942,55 - 113556,41
Categoria: arqueológico		Distrito: Beja	
Tipologia: vestígios de superfície		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Neo-Calcolítico		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: inexistente		Lugar: Gasparões	
Valor Patrimonial: indeterminado		Proprietários: Herdade do Sobrado	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: agricultura	
Acesso: estrada 526, do lado Sul, estradão de acesso ao Monte do Sobrado		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: M	VA: R	Morfologia: encosta suave
Fonte de informação: IGESPAR, CNS 28986; SR			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Terrenos com plantação intensiva de olival jovem (da Herdade do Sobrado), utilizando métodos muito destrutivos na abertura de valas para plantio.</p> <p>Em zona de encosta suave (sob a linha de alta tensão), com reduzida visibilidade do solo, identificaram-se materiais cerâmicos muito raros cujas características das pastas correspondem a cronologias da Pré-História Recente.</p>			
			
395			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			


Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 148	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 519	Altitude: 135m
Topónimo: Poço da Malhada		Coordenadas:	UTM: 575411 - 4205777 GAUSS: 199169,05 - 114205,22
Categoria: arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: poço		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: inexistente		Lugar: Gasparões	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: Herdade do Sobrado	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: estrada 526, do lado Sul, estradão de acesso ao Monte do Sobrado		Estado de conservação: regular	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: peneplanície
Fonte de informação: EDIA, n.º 3171; EPIA, n.º 519-46			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Poço circular com guarda, tapado com tampa metálica. Possui um segundo poço rectangular e bebedor rectangular contíguos. Toda a construção com reboco em cimento.</p>			
			
397			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 149	Data: Fevereiro de 2009	CMP: 519	Altitude: 130m
Topónimo: Poço dos Bois 2		Coordenadas:	UTM: 575710 - 4205924 GAUSS: 199470 - 114350
Categoria: arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: poço		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: inexistente		Lugar: Gasparões	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: Herdade do Sobrado	
Tipo de trabalho: prospecção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: estrada 526, do lado Sul, estradão de acesso ao Monte do Sobrado		Estado de conservação: indeterminado	
Visibilidade solo	VE: N	VA: N	Morfologia: peneplanície
Fonte de informação: EDIA, n.º 3170; EPIA, n.º 519-45			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: A área onde o poço se encontra assinalado na fonte consultada localiza-se numa zona com denso coberto arbustivo e herbáceo, sendo atravessada por dois canais de água. Não foi possível confirmar esta ocorrência.</p> <p>A Sul do barranco encontra-se assinalado na Carta Militar de Portugal um segundo poço que já não existe. No seu lugar encontra-se uma manilha de betão.</p>			
			
398			
Observações:			
Responsável(eis): Mário Monteiro e André Pereira			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 150	Data: Março de 2008	CMP: 519	Altitude: 134m
Topónimo: Cabeço do Doroal		Coordenadas:	UTM: 0575345 – 4207032 GAUSS: 199114,74 - 115461,18
Categoria: Arquitectónico; Etnológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Poço		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Moderno-Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: não identificadas	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo a Abegoaria		Estado de conservação: bom	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: planície
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Estrutura profunda, escavada na rocha, com levantamento de parede circular em tijolo-burro e argamassa. Retém água no interior. Arco em ferro, reaproveitando aro de protecção de roda de carroça, com dois suportes para corda. Vestígios de antiga existência de bomba de jarro. Na parede interna, anilhas de suporte da conduta. Retém água no interior. Localizado em campo lavrado, com algumas oliveiras dispersas. Exibe inscrição feita manualmente, a fresco, no revestimento exterior (argamassa de cal?): “A.J.L. / 18d2 / 1962”.</p>			
			
400			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 151	Data: Março de 2008	CMP: 519	Altitude: 130m
Topónimo: Monte do Rolão 1		Coordenadas:	UTM: 575800 - 4207294 GAUSS: 199572,31 - 115719,01
Categoria: Arquitectónico		Distrito: Beja	
Tipologia: poço		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Moderno		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Ferreira do Alentejo	
Valor Patrimonial: médio		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospeção-reconhecimento		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI da Rede de Rega B3		Ameaças: não identificadas	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo a Abegoaria. Posteriormente, acesso através de caminhos rurais de circulação interna		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: M	VA: R	Morfologia: peneplanície
Fonte de informação: CMP			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Poço de boca rectangular, em alvenaria de tijolo "burro" e argamassa. A estrutura da boca apoia-se em 4 arcos, sendo os de N e S com maior curvatura e os de E e O com menor curvatura. No interior possui estrutura recuada em alvenaria de pedra e argamassa, que se apoia na rocha. O poço desenvolve-se em profundidade, escavado na rocha, com forma circular.</p> <p>Largura da boca - 2,5 x 2,5m; altura do topo da boca até aos arcos - 2m.</p>			
			
406		407	
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques e Emanuel Carvalho			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 152	Data: Março de 2008	CMP: 519	Altitude: 124m
Topónimo: Monte Serrano 1		Coordenadas:	UTM: 0575500 – 4207519 GAUSS: 199274.33 – 115946.87
Categoria: Arquitectónico; Etnológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Monte rústico		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Abegoaria	
Valor Patrimonial: médio-baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI da Rede de Rega B3		Ameaças: abandono, ruína, erosão natural	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo a Abegoaria. Posteriormente, acesso através de caminhos rurais de circulação interna		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: planície
Fonte de informação: não identificadas			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Conjunto agrícola abandonado e em fase de ruína crescente. Dois edifícios separados por arruamento, de planta rectangular, parcialmente colapsados. Ambos com cobertura de duas águas e chaminé saliente, visível no exterior. Casa do forno e pial, palheiro e anexos para animais. A oponente, provável habitação com cozinha. Sistema misto de construção (tijolo, blocos de argamassa).</p> <p>Poço associado. Profundamente escavado na rocha, mantém água no interior. Boca levantada com recurso a tijolo e argamassa de cal. Vestígios de utilização e melhoramento recentes.</p>			
			
408			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			







Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 153	Data: Março de 2008	CMP: 519	Altitude: 135m
Topónimo: Monte Serrano 2		Coordenadas:	UTM: 0575516 – 4207653 GAUSS: 199291,59 - 116080,76
Categoria: Arquitectónico; Etnológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Monte rústico		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Abegoaria	
Valor Patrimonial: médio-baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI da Rede de Rega B3		Ameaças: abandono, ruína, erosão natural	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo a Abegoaria. Posteriormente, acesso através de caminhos rurais de circulação interna		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E - N	Morfologia: planície
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Conjunto agrícola em ruína declarada. Monte construído em técnica mista que inclui tijolo e taipa, bastante destruído. Não resta cobertura. Planta e distribuição interior indefinidas. Vestígios de estuque nas paredes, com várias camadas de aplicação de cal. Derrubes internos. Poço associado. Boca circular, em mau estado de conservação. Tapado por questões de segurança. Localiza-se em terrenos de seara.</p>			
			
414			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			







Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 154	Data: Março de 2008	CMP: 519	Altitude: 133m
Topónimo: Monte Serrano 3		Coordenadas:	UTM: 0575572 – 4207697 GAUSS: 199348,01 - 116124,25
Categoria: Arquitectónico; Etnológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Monte rústico		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Abegoaria	
Valor Patrimonial: médio-baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI da Rede de Rega B3		Ameaças: abandono, ruína, erosão natural	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo a Abegoaria. Posteriormente, acesso através de caminhos rurais de circulação interna		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: planície
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Edifício destruído. Planimetria de contorno rectangular, ainda que difícil de aferir as características originais. Derrubes internos. Estuque e cal nas paredes sobreviventes. Construção em taipa e tijolo. Sem vestígios de cobertura.</p>			
			
415			
Observações:			
Responsável(ais): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 155	Data: Março de 2008	CMP: 519	Altitude: 146m
Topónimo: Monte Serrano 4		Coordenadas:	UTM: 0575741 – 4207851 GAUSS: 199518,5 - 116276,72
Categoria: Arquitectónico; Etnológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Monte rústico		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Abegoaria	
Valor Patrimonial: médio-baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI dos Blocos de Rega		Ameaças: abandono, ruína, erosão natural	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo a Abegoaria. Posteriormente, acesso através de caminhos rurais de circulação interna		Estado de conservação: mau	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: planície
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Edifício longo, de planta rectangular. Telhado de duas águas em colapso. Conjunto em avançado estado de ruína. Várias divisões, com comunicação assegurada por portas internas. Construído em tijolo e argamassa. Vestígios de pintura e cal nas paredes. Aparentemente, alterações arquitectónicas sofridas em períodos desfasados temporalmente. Em posição afastada, forno quadrangular, erigido com tijolo. Apresenta cobertura de quatro águas. Na envolvente, campos lavrados alternando com seara.</p>			
			
417			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			

Projecto: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema do Alqueva			
Nº: 156	Data: Janeiro de 2008	CMP: 519	Altitude: 131m
Topónimo: Abegoaria		Coordenadas:	UTM: 0575758 – 4208294 GAUSS: 199539,64 - 116719,68
Categoria: Arquitectónico; Etnológico		Distrito: Beja	
Tipologia: Monte rústico		Concelho: Ferreira do Alentejo	
Cronologia: Contemporâneo		Freguesia: Ferreira do Alentejo	
Classificação: não tem		Lugar: Abegoaria	
Valor Patrimonial: médio-baixo		Proprietários: não identificados	
Tipo de trabalho: prospecção		Uso do solo: agrícola	
Posição v. projecto: na AI da Rede de Rega B3 e da Rede Viária		Ameaças: abandono	
Acesso: Estrada Nacional que liga Ferreira do Alentejo a Abegoaria.		Estado de conservação: regular	
Visibilidade solo	VE: E	VA: E	Morfologia: planície
Fonte de informação: não identificada			
Espólio recolhido e local de depósito: não foi recolhido espólio arqueológico			
<p>Caracterização: Edifício agrícola abandonado e fechado, sem acesso ao interior. Planta rectangular e cobertura de duas águas. Fachada principal com três janelas e uma porta. Uma porta lateral e uma pequena janela nas traseiras. Poço próximo, com vestígios de arranque de suporte de roldana em aro de ferro reaproveitado. Profundamente escavado na rocha, foi argamassado e caiado no exterior. Boca elevado com recurso a tijolo</p>			
			
419			
Observações:			
Responsável(eis): Fernando Robles Henriques, Telmo António, Emanuel Carvalho			

3 - Zonamento da área prospectada

Zona	VE	VA	Caracterização	Registo Fotográfico
A	Reduzido a Nulo	Reduzido a Nulo	<p>Zona de campos cultivados com searas possuindo coberto vegetal, em geral, com elevada densidade, sendo a visibilidade para artefactos nula ou reduzida e a progressão no terreno condicionada pelo coberto vegetal ou inviável.</p> <p>Algumas parcelas possuem manchas com espécies arbóreas – como oliveira e sobreiro em fileiras espaçadas ou dispersas.</p> <p>Estas áreas não puderam ser, maioritariamente, prospectadas sistematicamente, tendo sido realizado o reconhecimento das ocorrências pré-existentes.</p>	 103  180  354
B	Elevado	Elevado	<p>Zona com terrenos recentemente lavrados, possuindo por vezes oliveiras ou sobreiros dispersos e pequenas manchas de vinha.</p>	 043  342
C	Médio a Elevado	Reduzido a Nulo	<p>Zona de terrenos em pousio ou baldios, com erva baixa e densa, nalgumas parcelas também com restolho, por vezes com arborização dispersa, em geral sobreiros, e pontualmente coberto arbustivo denso.</p>	 113

				 123
D	Elevado	Médio	Zona de olival com erva baixa, em geral pouco densa, sendo nalguns casos utilizados como terrenos de pastagem ou lavrados.	 203
E	Médio a Elevado	Médio a Reduzido	Zona de cultivo de forragem para gado, possuindo erva baixa e densa, em geral com sobreiros dispersos.	 198
F	Médio a Reduzido	Reduzido a Nulo	Zona que abrange terrenos muito parcelados, vedados, com alguma densidade de construção habitacional recente, a maioria sem referência cartográfica.	 091
G	Reduzido a Elevado	Médio a Elevado	Zona de plantio de olival intensivo, com sistema de rega implantado. Em geral apresenta elevada visibilidade do solo nas fiadas de oliveiras, encontrando-se os corredores entre estas com coberto herbáceo baixo e denso, sendo aqui visibilidade do solo reduzida a média.	 012
H	Médio a Elevado	Reduzido	Área de montado com vegetação arbustiva e herbácea densas.	(sem registo fotográfico)
I	-	-	Áreas correspondentes a Reservatório 1, Reservatório 2 e E.E. Pedrógão, com obras associadas a decorrerem. Encontram-se executados trabalhos de terraplanagem, realizados por maquinaria pesada, possuindo as ocorrências na envolvente uma sinalização pouco visível.	 004 R1

				 021 R2 e E.E.
--	--	--	--	---

Zona

Identificação e delimitação de áreas homogéneas, em termos de ocupação actual e/ou visibilidade, desde que tenham dimensão significativa à escala cartográfica utilizada.

Parâmetros

VE = visibilidade para detecção de estruturas, acima do solo (elementos imóveis); **VA** = visibilidade para detecção de artefactos, ao nível do solo (elementos móveis).

Graus de visibilidade.

Elevado = ausência de vegetação (arbórea, arbustiva e herbácea) devido a incêndio, desmatação ou lavra recente. Observa-se a totalidade (ou quase) da superfície do solo; **Médio** = a densidade da cobertura vegetal é mediana ou existem clareiras que permitem a observação de mais de 50% da superfície do solo; **Reduzido** = a densidade da vegetação impede a progressão e/ou a visualização de mais de 75% da superfície do solo; **Nulo** = zona artificializada, impermeabilizada ou oculta por se encontrar ocupada por construções, depósitos de materiais, pavimentos ou vegetação densa impedindo, desta forma, a progressão e a visualização do solo na totalidade da área considerada.

Caracterização

Descrição da ocupação e visibilidade do solo. Juntar fotografias das paisagens observadas com indicação na cartografia do ponto de onde foram tiradas e direcção tomada. Exemplos de tipos de ocupação do solo: mato (ou cobertura arbustiva; indicar espécies, densidade e porte); monocultura florestal (indicar o tipo e o porte); montado; horta; lavradio (terreno lavrado ainda sem cultivo); pomar; olival; pastagem; pousio; seara (indicar se possível a espécie); área urbana ou industrial, etc.

4 - Ficha de Trabalho Arqueológico

SÍTIO

Designação: Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel - Subsistema Alqueva

Distrito: Beja

Concelho: Aljustrel, Beja e Ferreira do Alentejo

Freguesia: Aljustrel, Ervidel, Santa Vitória, Mombeja e Ferreira do Alentejo

Lugar: Diversos

CMP 1:25000 folha nº 508, 509, 519, 520, 529 e 530

Latitude: -----

Longitude W (Greenwich): -----

Altitude (m): -----

Tipo de sítio: *Habitat, Villa*, Mancha de Ocupação, Vestígios Diversos, Povoado, Casal Rústico, Necrópole, Achado(s) Isolado(s), Igreja, Capela, Moinho de Vento, Mina, Marco de Propriedade, Poço, Fonte, Casal agrícola e estruturas associadas.

Período cronológico: da Pré-História Recente a Contemporâneo.

Descrição do sítio (15 linhas): Geologicamente a área dos Blocos de Ervidel localiza-se em “Terrenos de Cobertura da Bacia do Sado”, predominando areias e cascalheiras de rochas diversas e calcário concrecionado. A morfologia da Área de Incidência do Projecto possui uma ondulação em geral suave designando-se por vezes de “monte” situações que sendo pouco expressivas na paisagem considerámos ser a melhor expressão para as designar e diferenciar de áreas de vale e encostas. Muitos dos terrenos encontram-se ocupados nesta época do ano com searas, possuindo visibilidade em geral reduzida a nula para estruturas e artefactos, não permitindo a progressão dos prospectores, pelo que não foi possível prospectar áreas afectas ao Projecto. Relativamente à actual ocupação do solo predominam as áreas de seara e terrenos lavrados (aqui com elevada visibilidade para estruturas e para artefactos). O coberto arbóreo é em geral disperso, composto maioritariamente por oliveiras e sobreiros. Na área Oeste do Bloco de Ervidel prevalecem amplas áreas de plantio intensivo de oliveira (pertencentes à Herdade do Sobrado), recorrendo a técnicas muito prejudiciais para a preservação do património cultural existente na área, como se pôde constatar no trabalho de campo.

Bibliografia:

AMARO (1982), Clementino, “*Villa romana do Monte da Chaminé. Seu enquadramento arqueológico*”, *Al-madan*, 1.ª série, 0, Centro de Arqueologia de Almada, pp. 33-34, 1982.

ARNAUD (1992), José Eduardo M., “*Nota Sobre uma Necrópole do Bronze do Sudoeste dos Arredores de Ervidel (Aljustrel)*”, *Vipasca*, 1, Aljustrel, pp. 9-17, 1992.

GOMES (1977), Mário Varela; MONTEIRO, Jorge Pinho, “*As Estelas Decoradas da Herdade do Pomar (Ervidel – Beja) – Estudo Comparado*”, *Setúbal Arqueológica*, 2-3, Setúbal, pp. 281-343, 1977.

LOBATO (1983), João Rodrigues, *Aljustrel: Monografia*, Câmara Municipal de Aljustrel, Aljustrel, 1983.

LOPES (2003), Maria Conceição, *A Cidade Romana de Beja. Percursos e debates acerca da “civitas” de Pax Iulia*, Vol. II - Catálogo, Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 2003.

MESTRE (1986), J. F.; TOUCINHO, M. J., “Subsídios para a Carta Arqueológica do Concelho de Beja. Inventário de sítios arqueológicos romanos”, *Arquivo de Beja*, 2ª série, 3, Beja, p. 215-237, 1986.

PITA (1994), Luís; DIAS, Maria da Graça, “Estações Arqueológicas Inéditas do Concelho de Aljustrel”, *Vipasca*, 3, Aljustrel, pp. 11-30, 1994.

RIBEIRO (1967), Fernando Nunes, “Noticiário Arqueológico Regional. Necrópole Romana de Ourique. Necrópole de Ervidel (Medarra). Laje com Inscrição Ibérica. A *Villa* Luso-romana de Pisões”, *Arquivo de Beja*, Vol. XXIII-XXIV, Beja, pp. 382-390, 1966-67.

SILVA (2000), António Carlos (Coord.), *Salvamento Arqueológico no Guadiana, Memórias d’ Odiana: Estudos Arqueológicos do Alqueva*, 1, EDIA - Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas de Alqueva, Beja, 1999.

SILVA (1999), António Carlos (Coord.), *Das Pedras do Xerez às novas terras da Luz, Memórias d’ Odiana: Estudos Arqueológicos do Alqueva*, 2, EDIA - Empresa de Desenvolvimento e Infraestruturas de Alqueva, Beja, 2000.

SOARES (1996), António M. Monge; *et.al.*, “Vestígios Metalúrgicos em Contextos do Calcolítico e da Idade do Bronze no Sul de Portugal”, *Miscellanea em Homenagem ao Professor Bairrão Oleiro*, Edições Colibri, Lisboa, pp. 553-579, 1996.

PNTA 2005-08, Plano Nacional de Trabalhos Arqueológicos 2005-2008, Professora Ariane Burke (Universidade de Montreal), *Levantamento Arqueológico do Alentejo*. Trabalhos que se encontram a decorrer em co-direcção com o Prof. Nuno Bicho.

EIA Inf12, Estudo de Impacte Ambiental do Bloco a Beneficiar pela Infra-estrutura 12 (2.ª Fase do Bloco de Rega de Odivelas), Ferreira do Alentejo, NEMUS, 1999.

EPIA, *Estudo Preliminar de Impacte Ambiental do Subsistema de Rega de Alqueva – Bloco do Baixo Alentejo*, FBO, 2001.

EIA FerVal, Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ferreira e Valbom, Estudo Prévio, DHV FBO, 2006.

EIA PRPB, Estudo de Impacte Ambiental dos Troços de Ligação Pisão - Roxo e Pisão - Beja, TECNINVEST, 2006.

Proprietários: diversos

Classificação: Inexistente ou Plano Director Municipal

Legislação: ---

Estado de conservação: indeterminado a bom

Ameaças: diversas

Protecção/vigilância: acompanhamento arqueológico, sondagens mecânicas e manuais, conservação *in situ*, sinalização e registo.

Acessos: ----



ESPÓLIO

Descrição: não foi recolhido espólio arqueológico.

Local de depósito: ----

TRABALHO ARQUEOLÓGICO

Arqueólogo responsável: Mário Jorge Mascarenhas Monteiro; Co-coordenador Fernando Robles Henriques.

Tipo de trabalho: Prospecção

Datas: Março de 2008 e Fevereiro de 2009.

Projecto de investigação: ---

Objectivos (10 linhas): pesquisa documental das pré-existências patrimoniais registadas num conjunto variado de fontes de informação, consideradas relevantes para a caracterização do descritor, na área de incidência do projecto (AI) e na zona envolvente, nomeadamente, bibliografia especializada, cartografia militar e geológica, bases de dados de organismos públicos e da autarquia local, instrumentos de planeamento, projectos de investigação, Estudos de Impacte Ambiental; prospecção sistemática das Redes de Rega e Viária em corredores com 50m de largura centrados no eixo dos traçados; da área de Reservatórios e Estações Elevatórias; prospecção selectiva de 25% da área fora dos corredores. Nos trabalhos de prospecção foram alvo de reconhecimento as ocorrências previamente identificadas na pesquisa documental.

Resultados (15 linhas): As ocorrências identificadas na Área de Estudo abrangem um total de 156 ocorrências, sendo 90 pré-existências identificadas na pesquisa documental e 66 novos sítios identificados nos trabalhos de prospecção. Das 156 ocorrências 59 localizam-se na ZE e 97 na AI do Projecto.

5 – Medidas de Minimização. Conceitos

MEDIDA	FASE	DEFINIÇÃO
Localização alternativa ou ajustamento do Projecto	Projecto de execução	Alteração da posição de partes do Projecto com o objectivo de anular um impacte negativo, certo ou previsível, sobre uma ocorrência de valor significativo ou de valor indeterminado.
Sistema de Gestão Ambiental	Projecto de execução, construção, exploração	Inclusão das ocorrências de interesse patrimonial, identificadas na Situação de Referência, no Sistema de Gestão Ambiental do Caderno de Encargos da Obra tendo em vista a concretização das Medidas de Minimização.
Prospecção (arqueológica)	Projecto de execução, construção	Na eventualidade de outras partes do Projecto ou áreas funcionais da obra (estaleiros, depósitos de terras, áreas de empréstimo, outras áreas) se localizarem fora das zonas prospectadas no decurso desta avaliação deverão ser prospectadas antes do início da obra.
Escavações e sondagens arqueológicas	Projecto de execução, construção	Execução de sondagens e/ou escavações arqueológicas ou outros estudos destinadas a obter informação que permita determinar o estado de conservação, a funcionalidade e o interesse científico dos sítios e monumentos em causa. Os resultados dessas pesquisas aconselharão, ou não, a valorização dos respectivos sítios e a publicação dos resultados sob a forma de monografia devidamente ilustrada.
Acompanhamento (arqueológico)	Construção	Observação, por arqueólogo, das operações que impliquem a remoção e o revolvimento de solo (desmatação e decapagens superficiais em acções de preparação ou regularização do terreno) e a escavação no solo e subsolo. Os resultados deste acompanhamento podem determinar a adopção de medidas de minimização específicas (registo, sondagens, escavações arqueológicas, etc). Os achados móveis efectuados no decurso desta medida deverão ser colocados em depósito credenciado pelo organismo de tutela do património cultural.
Conservação	Construção, exploração	As ocorrências imóveis identificadas no decurso deste estudo ou que sejam reconhecidas durante o acompanhamento da obra devem, tanto quanto possível e em função do seu valor patrimonial, ser conservadas (mesmo que de forma passiva) de tal forma que não se degrade o seu estado de conservação actual. No decurso da obra esta medida pode traduzir-se na delimitação e sinalização de áreas de protecção às ocorrências a conservar. Em alternativa deverá ser considerada a possibilidade de fazer a sua trasladação ou conservação <i>ex situ</i> .
Registo (documental)	Construção	Esta acção consiste na representação gráfica e fotográfica e na elaboração de memória descritiva (para memória futura) das ocorrências de interesse patrimonial que possam ser destruídas em consequência da execução do projecto ou sofrer danos decorrentes da proximidade em relação à frente obra.
Sinalização	Construção, exploração	Nas proximidades da frente obra deverão ser sinalizadas todas as ocorrências de interesse patrimonial, passíveis de afectação, mesmo que indirecta, na fase de construção (nomeadamente devido à circulação de máquinas, à instalação de áreas de depósito ou outras). Pretende-se, desta forma, minorar ou evitar danos involuntários e garantir a conservação dessas ocorrências.
Valorização	Construção, exploração	A valorização patrimonial abrange um conjunto de medidas relacionadas com o estudo, a fruição pública (turístico-didáctica) e a conservação activa, <i>in situ</i> , das ocorrências de maior interesse patrimonial.
Vigilância	Exploração	Vigilância regular do estado de conservação dos elementos de maior interesse patrimonial identificados na AI do projecto. A execução desta medida compete ao dono-da-obra, com obrigatoriedade de comunicação às entidades competentes dos efeitos negativos detectados.
Monitorização	Exploração	Monitorização periódica do estado de conservação das principais ocorrências patrimoniais situadas na AI do projecto ou nos principais acessos. Esta medida deve ser executada por especialista independente (arqueólogo) contratado pelo dono-da-obra e obriga à apresentação de relatórios de visita à entidade de tutela sobre o património arqueológico.



ANEXO 6 – PLANOS DE MONITORIZAÇÃO



AVIFAUNA

EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO E INFRA-ESTRUTURAS DO ALQUEVA, S.A.

PLANO DE MONITORIZAÇÃO DA AVIFAUNA

BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL

T507.2.2

SETEMBRO, 2009

EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO E INFRA-ESTRUTURAS DO ALQUEVA, S.A.

PLANO DE MONITORIZAÇÃO DA AVIFAUNA

DOS

BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL

T507.2.2

ÍNDICE DE TEXTO

1.	INTRODUÇÃO E OBJECTIVOS	1
2.	ESPÉCIES-ALVO DO PLANO DE MONITORIZAÇÃO DA AVIFAUNA.....	2
3.	PARÂMETROS A MONITORIZAR.....	2
4.	TÉCNICAS E MÉTODOS DE AMOSTRAGEM.....	3
4.1.	Amostragem “Atlas”	3
4.2.	Amostragem Complementar de Estimativas Populacionais.....	3
4.2.1.	Abetarda	3
4.2.2.	Sisão	4
4.2.3.	Outras espécies (Calhandra-real)	5
4.2.4.	Tartaranhão-caçador (e outras espécies de aves de rapina).....	5
5.	LOCAIS E FREQUÊNCIA DE AMOSTRAGEM	6
5.1.	Metodologia Atlas	6
5.2.	Amostragem Complementar de Estimativas Populacionais.....	6
6.	MÉTODOS DE TRATAMENTO DE DADOS.....	7
7.	ORGANIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO	7
8.	CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DOS DADOS.....	8
9.	CALENDARIZAÇÃO E PERIODICIDADE DOS RELATÓRIOS DE MONITORIZAÇÃO.....	8
10.	CRITÉRIOS PARA A DECISÃO SOBRE A REVISÃO DO PROGRAMA DE MONITORIZAÇÃO	8
11.	ENTIDADE RESPONSÁVEL PELA APRECIAÇÃO DOS RELATÓRIOS DE MONITORIZAÇÃO	9

EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO E INFRA-ESTRUTURAS DO ALQUEVA, S.A.

PLANO DE MONITORIZAÇÃO DA AVIFAUNA

DOS

BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL

T507.2.2

1. INTRODUÇÃO E OBJECTIVOS

O presente documento constitui o Plano de Monitorização da Avifauna (PMA) a implementar na área dos Blocos de Rega de Ervidel, um conjunto de infra-estruturas hidroagrícolas que são parte integrante do Sistema Global de Rega do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva.

Os Blocos de Rega de Ervidel localizam-se no sul de Portugal Continental, em território do distrito de Évora, abrangendo parte dos concelhos de Aljustrel, Beja e Ferreira do Alentejo. Este projecto faz parte, por sua vez, do Subsistema de Rega de Alqueva, um Projecto de âmbito regional que visa utilizar a água armazenada na albufeira do Alqueva para regar uma área aproximada de 52 300 ha de terrenos nos concelhos do Baixo Alentejo. Prevê-se que o projecto dos Blocos de Rega de Ervidel beneficie por regadio uma área de 8230 ha aproximadamente.

Pretende-se efectuar a monitorização de aves estepárias, de forma a:

- Acompanhar a evolução de aves estepárias nos Blocos de Rega de Ervidel, de forma a identificar alterações na distribuição das espécies, comparando os resultados obtidos entre diferentes períodos. Para esta avaliação, é necessário a caracterização do elenco avifaunístico existente na área de implantação do projecto com vista à obtenção de uma situação de referência representativa que permita servir de base à avaliação de impactes, por comparação com a situação em fase de exploração do projecto;
- Conhecer os movimentos sazonais e inter-anuais das aves estepárias na área dos Blocos de Rega de Ervidel;
- Determinar se, a médio-longo prazo, se observam alterações significativas nas populações de aves estepárias entre o período anterior à implantação das infra-estruturas e o período de exploração dos blocos de rega, através de parâmetros como abundância relativa e estimativas populacionais das espécies de aves estepárias nas áreas de estudo.

Os relatórios de monitorização previstos irão respeitar a estrutura e o conteúdo indicados no Anexo V da Portaria n.º 330/2001 de 2 de Abril.

2. ESPÉCIES-ALVO DO PLANO DE MONITORIZAÇÃO DA AVIFAUNA

O fenómeno de transição do sistema de culturas de sequeiro para regadio irá promover um igual fenómeno em determinadas espécies da fauna, actualmente presentes na área dos Blocos de Rega de Ervidel. Espécies adaptadas a ambientes mais secos deverão ser substituídas, gradualmente, sendo o novo habitat ocupado por espécies de fauna mais tolerantes a ambientes húmidos.

Assim, o programa de monitorização das aves incide sobre as espécies mais associadas aos ambientes pseudo-estepários, nomeadamente Sisão *Tetrax tetrax*, Abetarda *Otis tarda*, Tartaranhão-caçador *Circus pygargus* e Calhandra-real *Melanocorypha calandra*.

Caso haja necessidade de alargar o conjunto de espécies para outras, pela sua raridade, estatuto de ameaça ou outro motivo de conservação, o plano de monitorização deverá ser estendido a essas, desde que devidamente justificado.

3. PARÂMETROS A MONITORIZAR

Para cumprir os objectivos do programa de monitorização prevêem-se avaliar os seguintes parâmetros para cada uma das espécies-alvo:

- Áreas de ocorrência das espécies de aves estepárias;
- Estimativas dos efectivos (ou casais reprodutores) ocorrentes na área de estudo (existindo uma discriminação por tipo de habitat);
- Densidade, abundância relativa e (quando possível) abundância total;
- Utilização observada no habitat (alimentação, nidificação, descanso, etc.);
- Níveis de produtividade / sucesso reprodutor (pelo menos para a Abetarda).

Deve ainda ser analisado o padrão de movimentação das diferentes espécies-alvo na área em estudo.

4. TÉCNICAS E MÉTODOS DE AMOSTRAGEM

4.1. Amostragem “Atlas”

De forma a assegurar o levantamento de áreas de ocorrência de espécies de aves, deve-se adoptar uma metodologia tipo “Atlas” com as seguintes características:

- Prospecção de aves em quadrículas de 1 x 1 km do sistema Hayford-Gauss;
- Visita durante um período de 15 a 30 minutos por quadrícula;
- Prospecção através de percursos a pé, em veículo automóvel ou de pontos fixos de observação/escuta, em cada quadrícula;
- Realização de pontos de paragem e/ou escuta georreferenciados;
- Registo de todas as observações/contactos das espécies enquadradas nos grupos alvo;
- Georreferenciação da localização (pelo menos) do primeiro contacto com cada uma das espécies;
- Registo do número de indivíduos observado, registando o habitat de observação, comportamento, número de indivíduos por sexo e (sempre que possível) por idade;
- Registo e localização na carta militar 1:25.000 de observações adicionais durante todos os trabalhos de campo.

4.2. Amostragem Complementar de Estimativas Populacionais

4.2.1. Abetarda

A metodologia da amostragem das populações de Abetarda deve adoptar as seguintes características:

- A contagem deve ser efectuada mediante a realização de transectos através de percursos automóveis a velocidade reduzida e com pontos de paragem para observação, ao longo de estradas e caminhos que cubram toda a área;
- Realizar pontos de paragem em locais mais elevados para localização e contagem de machos de abetarda em parada nupcial;
- Evitar as horas de maior calor, efectuando as contagens preferencialmente durante o período da manhã ou o final da tarde;

- Não realizar amostragens em dias com actividade venatória, visto que esta causa perturbação nos bandos;
- Anotar todas as observações de espécies estepárias registando para os bandos: hora da detecção, dimensão, sexo e idade dos indivíduos, habitat utilizado, localização, utilização observada do habitat.

4.2.2. Sisão

A metodologia da amostragem das populações de Sisão deve adoptar as seguintes características:

Período Primavera

- Realizar a contagem de machos de Sisão;
- Efectuar os recenseamentos nas primeiras e últimas três horas do dia (aurora e ocaso);
- Os pontos de amostragem não deverão coincidir com caminhos alcatroados, devem distar entre si pelo menos 650 m, devem afastar-se 300 m de povoações, de casas habitadas, de estradas alcatroadas e do limite da área de estudo;
- Pontos de amostragem prospectados durante dez minutos;
- Registo de machos num raio de 250 m e anotar no círculo (divido em 8 quadrantes) a sua posição e habitat dominante;
- No registo de habitats, distinguir os pousios em 3 classes segundo a altura da vegetação (inferior a 10 cm; entre 10 cm e 30 cm; superior a 30 cm).

Período Pós-reprodutor e Inverno

- Percorrer transectos de forma a cobrir toda a área de estudo com paragens frequentes;
- Recenseamentos efectuados nas primeiras e últimas três horas do dia (nascer e pôr do Sol), com excepção do Inverno, no qual os trabalhos podem decorrer durante todo o período com luz solar;
- Transectos percorridos a baixa velocidade (10 a 20 km/h);
- Registrar para todos os grupos ao longo dos transectos: distâncias perpendiculares de detecção ao centro geométrico aproximado do grupo, número e sexo dos indivíduos, tipo de habitat onde se encontram e utilização observada do habitat;
- Considera-se bandos distintos quando indivíduos estão distanciados pelo menos 100 m entre si.

4.2.3. Outras espécies (Calhandra-real)

A metodologia deve adoptar as seguintes características:

- Realizar pontos de amostragem, seleccionados aleatoriamente e localizados no mínimo a 250 m do limite da área de estudo, com duração de 10 minutos;
- Realizar os censos nas três primeiras horas após o nascer-do-sol e nas três últimas horas antes do pôr-do-sol e com boas condições climatéricas;
- Registar pelo menos a localização dos avistamentos, o número e sexo dos indivíduos e utilização observada do habitat (particular ênfase para Calhandra-real);
- Caracterizar os habitats que ocorrem em cada ponto.

4.2.4. Tartaranhão-caçador (e outras espécies de aves de rapina)

Transectos

A metodologia deve contemplar as seguintes características:

- Realizar transectos ao longo de estradas e caminhos que cubram as áreas de ocorrência provável da espécie;
- Manter uma velocidade constante e baixa (10-20 km/h);
- Determinar a localização com precisão e georeferenciar (estimar para cada ave a distância perpendicular à estrada);
- Registar também o uso do solo e a sua utilização por parte das aves (nidificação, alimentação, etc.).

5. LOCAIS E FREQUÊNCIA DE AMOSTRAGEM

5.1. Metodologia Atlas

A área a monitorizar deverá corresponder à área dos Blocos de Rega de Ervidel, de modo a avaliar as populações (das espécies anteriormente definidas) presentes não só nos terrenos beneficiados mas também na sua envolvente directa (devido à mobilidade dos indivíduos).

Assim, a área corresponde às quadrículas de 1 x 1 km do sistema Hayford-Gauss que intersectem a área correspondente aos Blocos de Rega de Ervidel, e um *buffer* de 500 m gerado na sua envolvente.

Devem ser realizadas amostragens em dois períodos anuais, na Primavera para caracterizar as comunidades nidificantes (com início em Março/Abril) e no Outono/Inverno para caracterizar as comunidades invernantes.

5.2. Amostragem Complementar de Estimativas Populacionais

Os transectos para monitorização de aves estepárias devem ser realizados nos blocos de rega, podendo abranger uma pequena área envolvente aos blocos de rega.

Para a Abetarda, deve-se realizar as seguintes contagens:

- No início de Abril, deverá ser efectuada a contagem de indivíduos em parada nupcial;
- Duas visitas entre Julho e Setembro para estimar efectivos de Abetarda após a época reprodutora;
- Duas visitas no Outono/Inverno (entre Novembro e Janeiro).

Para avaliar a abundância de Sisão, todos os transectos/pontos de observação devem ser acompanhados:

- Duas vezes na Primavera (segunda quinzena de Abril) espaçadas quinze dias;
- Entre a segunda quinzena de Julho e a primeira quinzena de Agosto, para estimar efectivos de Sisão;
- Após a época reprodutora;
- No período de invernada (Janeiro).

Relativamente a outras espécies, deve-se realizar duas repetições da amostragem durante os períodos de reprodução e de invernada. No que respeita a Calhandra-real devem ser realizadas amostragens mensais entre Abril e Junho.

A recolha de dados de aves de rapina deverá abranger a área dos Blocos de Rega. Os transectos serão definidos após a adjudicação dos trabalhos. Todos os transectos devem ser percorridos na Primavera (época de nidificação) entre Abril e Junho e no período de invernada.

6. MÉTODOS DE TRATAMENTO DE DADOS

A recolha sistemática de dados e o acompanhamento de determinadas situações requer a aplicação de métodos de tratamento e análise orientados para os objectivos preconizados, de modo a obter a informação de suporte para as tomadas de decisão.

Os dados devem ser analisados de acordo com as especificidades de cada metodologia e respectivos resultados pretendidos.

Como resultado da metodologia Atlas, deverão ser elaborados mapas de ocorrência, pelo menos das diferentes espécies-alvo, devendo existir uma comparação inter-anual das áreas de ocorrência. Deve-se considerar para a elaboração dos mapas de ocorrência as observações ocasionais registadas durante os trabalhos de campo.

Para os dados de aves estepárias, deve-se apresentar estimativas de densidade com base no programa Distance, ou, quando os dados não permitirem este tipo de estimativa de densidade, apresentar através do Índice Quilométrico de Abundância (IQA). Deve-se relacionar a ocorrência de espécies nos diferentes usos do solo com a disponibilidade relativa dos mesmos. Deverá ser efectuada uma análise comparativa inter-anual de forma a acompanhar a evolução das espécies.

Para os dados obtidos de aves de rapina, deverão ser apresentadas estimativas da abundância relativa das espécies, através do Índice Quilométrico de Abundância (IQA) expresso de forma ajustada ao esforço de amostragem. Deve-se ainda avaliar a selecção de habitat pelas espécies encontradas, com base na ocorrência em diferentes classes de uso do solo.

Deverá ser efectuada um estudo comparativo relativamente à situação de referência, para tal poderão ser utilizados testes estatísticos específicos, (por exemplo, *ANOVA repeated measures*, séries temporais e métodos modernos de ordenação que permitam testar hipóteses).

7. ORGANIZAÇÃO E DISPONIBILIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO

Os dados obtidos no trabalho de campo serão tratados e inseridos num Sistema de Informação Geográfica (SIG) de modo a construir uma cartografia com áreas utilizadas pelas aves e os locais onde foram encontrados animais das espécies estudadas. O SIG incluirá também a execução de uma carta de biótopos.

8. CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO DOS DADOS

Com a integração de toda a informação recolhida durante os diversos períodos de monitorização será possível estimar quais os impactes do projecto dos Blocos de Rega de Ervidel na avifauna local. A sua significância será avaliada através da correcta interpretação dos resultados obtidos na análise estatística, sendo para tal indispensável uma abordagem, pelo menos, ao nível do contexto regional, considerando outros projectos semelhantes de rega já existentes. Neste ponto é fundamental a consulta de bibliografia e de especialistas.

No caso de se verificar um decréscimo acentuado da comunidade de aves estepárias, nomeadamente a ocorrência de determinadas situações consideradas críticas para espécies importantes do ponto de vista da conservação ou para um elevado número de espécies, poderão ser propostas medidas de gestão e critérios de monitorização das mesmas.

A definição destas medidas, caso venham a ser identificadas como pertinentes, será objecto de documento próprio, que incluirá para além da descrição da própria medida, uma justificação técnica e descrição dos objectivos.

9. CALENDARIZAÇÃO E PERIODICIDADE DOS RELATÓRIOS DE MONITORIZAÇÃO

O Plano e Monitorização da Avifauna deverá realizar-se num período de 3 anos consecutivos, durante a fase de exploração, sendo que deverá ser precedido de uma caracterização da situação de referência.

Deverão ser realizados 4 relatórios de de monitorização com uma periodicidade anual:

- O 1.º relatório será entregue no final da realização da caracterização da situação de referência, que incluirá os dados de monitorização recolhidos nesse período;
- O 2.º relatório será entregue no final do 1.º ano de monitorização da fase de exploração;
- O 3.º relatório será entregue no final do 2.º ano de monitorização da fase de exploração; e
- O 4.º relatório será entregue no final do 3.º ano de monitorização da fase de exploração, e incluirá a compilação de toda a informação obtida durante o período total de monitorização (relatório final).

10. CRITÉRIOS PARA A DECISÃO SOBRE A REVISÃO DO PROGRAMA DE MONITORIZAÇÃO

Caso se justifique, o plano de monitorização da avifauna poderá ser revisto de acordo com os seguintes critérios, sem prejuízo de outros que se revelem pertinentes no decorrer da monitorização:

- forem detectadas novas situações não abrangidas pelo presente programa de monitorização;
- caso se verifique que a metodologia proposta não é a mais adequada;
- quando os resultados obtidos permitam obter dados conclusivos acerca do efeito da implantação dos Blocos de Rega de Ervidel, nas espécies definidas.

11. ENTIDADE RESPONSÁVEL PELA APRECIÇÃO DOS RELATÓRIOS DE MONITORIZAÇÃO

Deverão ser remetidos à **Autoridade de AIA** os relatórios anuais e final elaborados no âmbito deste Plano de Monitorização da Avifauna.



RECURSOS HÍDRICOS SUPERFÍCIAIS E SUBTERRÂNEOS

EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO E INFRA-ESTRUTURAS DO ALQUEVA, S.A.

PLANO DE MONITORIZAÇÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS

BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL

T507.2.2

SETEMBRO, 2009

EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO E INFRA-ESTRUTURAS DO ALQUEVA, S.A.
PLANO DE MONITORIZAÇÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS
DOS
BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL
T507.2.2

ÍNDICE DE TEXTO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. OBJECTIVOS	1
3. PARÂMETROS A MONITORIZAR.....	2
4. LOCAIS E FREQUÊNCIA DE AMOSTRAGEM	4
5. ESTRUTURA DO RELATÓRIO DE MONITORIZAÇÃO E MÉTODOS A APLICAR	5
6. PRAZOS E PERIODICIDADE DOS RELATÓRIOS DE MONITORIZAÇÃO	5
7. CRITÉRIOS PARA A DECISÃO SOBRE A REVISÃO DO PROGRAMA DE MONITORIZAÇÃO	5
8. ENTIDADE A FORNECER OS RELATÓRIOS DE MONITORIZAÇÃO.....	6

EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO E INFRA-ESTRUTURAS DO ALQUEVA, S.A.

PLANO DE MONITORIZAÇÃO DOS RECURSOS HÍDRICOS

DOS

BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL

T507.2.2

1. INTRODUÇÃO

A execução do projecto de rega dos Blocos de Ervidel, com a construção de um conjunto de infra-estruturas de apoio à actividade agrícola, e principalmente com a reconversão cultural prevista, contribui com alterações mais ou menos significativas a nível local, e até a nível regional, com especial relevância no que diz respeito à qualidade da água, pelas alterações decorrentes das escorrências geradas na área regada.

De acordo com o regime jurídico de Avaliação de Impacte Ambiental (AIA) o respectivo EIA deve incluir um Programa de Monitorização do Ambiente (PMA) que consiste num processo de observação e recolha sistemática de dados sobre o estado do ambiente ou sobre os efeitos ambientais do projecto e a respectiva descrição periódica desses efeitos através de relatórios da responsabilidade do proponente, com o objectivo de, por um lado avaliar as alterações introduzidas no meio ambiente pela implementação do projecto, e por outro lado permitir a avaliação da eficácia das medidas previstas no procedimento de AIA para evitar, minimizar ou compensar os impactos ambientais significativos decorrentes do projecto.

De facto, há domínios onde a aquisição da informação de um modo sistemático e controlado, através de acções de monitorização específicas, assume especial importância num controlo permanente que deverá ser mantido no âmbito de um plano de vigilância ambiental com vista à identificação de eventuais impactos ocorrentes na fase de exploração, no sentido de se proceder à implementação de medidas minimizadoras de forma progressiva e ajustada de acordo com a magnitude desses impactos.

O caso do projecto em questão, nomeadamente um projecto de rega que abrange uma área com cerca de 8230 ha, inserido num aproveitamento hidroagrícola regional que integra mais blocos, leva-nos a considerar mais adequado e vantajoso a definição de um plano de monitorização dirigido para o controlo das águas superficiais e subterrâneas, enquadrado no que tem sido prática corrente, nomeadamente no que diz respeito aos parâmetros a analisar e à frequência de amostragem.

No presente plano de monitorização são indicados os pontos de amostragem a considerar, bem como os parâmetros a analisar, métodos e respectivas frequências de análises.

2. OBJECTIVOS

O plano de monitorização a implementar tem como principais objectivos avaliar:

- as alterações da qualidade da água superficial e subterrânea induzidas pela implementação do projecto, nomeadamente o efeito das actividades agrícolas no meio hídrico;
- a qualidade da água das linhas de água que atravessam ou envolvem os blocos de rega, no que diz respeito a contaminações decorrentes do uso de pesticidas nas culturas agrícolas dos blocos de rega;
- a qualidade da água para rega.

3. PARÂMETROS A MONITORIZAR

Nos termos da Directiva 2000/60/CE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 23 de Outubro de 2000 (DQA), transposta para a ordem jurídica nacional através da Lei nº58/2005, de 29 de Dezembro, e do Decreto-Lei nº77/2006, de 30 de Março, para além de outros parâmetros de qualidade da água, devem ser monitorizados os elementos de qualidade biológica, designadamente composição e abundância da flora aquática, i.e. macrófitos e fitobentos (diatomáceas bentónicas), composição e abundância dos invertebrados bentónicos, composição, abundância e estrutura etária (por classes de dimensão) da fauna piscícola.

Na sequência da publicação da DQA, foram elaborados pelo INAG diversos Planos de Monitorização de Recursos Hídricos (INAG, 2007), os quais apenas se referem a “Rios” e a “Massas de Água Fortemente Modificadas – Albufeiras”. A ausência de albufeiras e o regime torrencial dos cursos de água existentes na área de estudo justifica o facto de não ser necessário efectuar a monitorização dos elementos de qualidade biológica supra referidos.

Assim, no âmbito deste plano, deverão ser monitorizados três grupos:

- **Grupo 1** - Análises para controlo dos recursos hídricos subterrâneos;
- **Grupo 2** - Análises para controlo das águas superficiais;
- **Grupo 3** - Análises para controle da água destinada à rega.

GRUPOS 1 E 2

Apesar das águas subterrâneas apresentarem de um modo geral uma qualidade muito superior à das águas superficiais, entendeu-se, para efeitos de monitorização, enquadrá-las no mesmo grupo das águas superficiais, uma vez que o Decreto-Lei nº236/98, de 1 de Agosto é omissivo quanto às especificações relativamente à sua qualidade, salvo quando se tratam de águas especificamente para consumo humano, que não é o caso em análise.

As características das águas superficiais devem respeitar os limites estabelecidos pelo Decreto-Lei n.º 236/98, de 1 de Agosto (Anexo XXI - Objectivos ambientais de qualidade mínima para as águas superficiais).

Assim, deverão ser analisados os parâmetros constantes da tabela seguinte:

Quadro 1 – Parâmetros a analisar e métodos de referência

Parâmetros	Métodos de Referência
Condutividade	Electrometria
pH	Electrometria
Cloretos	Espectrometria de absorção molecular
Dureza total	Complexometria
Turvação	Fotometria ou Disco de Secchi
Sulfatos	Espectrometria de absorção molecular
Sódio	Espectrometria atómica
Potássio	Espectrometria atómica
Oxigénio dissolvido	Electroquímico
CBO5	Determinação de O ₂ antes e após 5 dias de incubação
Magnésio	Determinação de O ₂ antes e após 5 dias de incubação
Nitratos	Espectrometria de absorção molecular
Nitritos	Espectrometria de absorção molecular
Azoto amoniacal	Espectrometria de absorção molecular
Sólidos Suspensos	Filtração 0.45 µm
Fósforo	Espectrometria de absorção molecular
Óleos e gorduras	Espectrometria de absorção molecular - infravermelhos
Coliformes totais	Fermentação em tubos múltiplos. Sub-cultura dos tubos positivos em meios de confirmação. Determinação do NMP ou filtração através de membranas e cultura em meio adequado
Coliformes fecais	Idem anterior

Relativamente ao controlo da contaminação das águas decorrente da aplicação de pesticidas na área dos blocos de rega propõe-se que, o número e a espécie dos pesticidas a detectar e a medir esteja em consonância com a caracterização das práticas culturais, devendo ser tidas em conta as publicações do

Ministério da Agricultura relativas aos pesticidas a pesquisar em águas para consumo humano na zona do Baixo Alentejo.

GRUPO 3

As características das águas a utilizar na rega devem respeitar os limites estabelecidos pelo Decreto-Lei n.º 236/98, de 1 de Agosto (Anexo XVI - Qualidade das águas destinadas à rega).

Na primeira análise deverão ser avaliados todos os parâmetros constantes nesse anexo. No entanto, numa fase posterior considera-se que semestralmente só se justifica fazer análises aos parâmetros que apresentem valores superiores aos máximos recomendáveis, fazendo-se a despistagem de todos os parâmetros ao fim de um período de 2 anos.

Consoante os resultados obtidos nas análises efectuadas, poderá justificar-se a análise de mais alguns parâmetros cujos valores se revelem acima ou próximo dos admissíveis.

Quando se constatar haver parâmetros com valores excessivamente altos que possam comprometer os usos da água actualmente existentes na área abrangida pelo projecto e envolvente, terão que ser implementadas medidas permitam corrigir os valores dentro dos limites admissíveis.

4. LOCAIS E FREQUÊNCIA DE AMOSTRAGEM

Tendo em consideração os objectivos a atingir referidos no ponto anterior, foram definidos diferentes tipos de pontos de amostragem, nomeadamente:

- Ponto tipo A – para controlo da qualidade das águas subterrâneas - deverão ser recolhidas amostras nos 3 pontos (poços) identificados na Figura 1 anexa a este plano de monitorização;
- Ponto tipo B – para controlo da qualidade das águas superficiais das linhas de água que atravessam ou envolvem o perímetro dos blocos de rega – deverão ser recolhidas amostras nos pontos indicados na Figura 1 anexa a este plano de monitorização. Os locais 1, 2, 3 e 5 permitem conhecer as escorrências da generalidade da área coberta pelo bloco de rega. O local 4, em conjunto com o local 5 permite conhecer as cargas afluentes à albufeira do Roxo resultantes da implementação do bloco de rega. Face ao uso da água captada nesta albufeira considera-se importante a monitorização destes 2 locais. O local 6, situado na ribeira do Roxo junto à povoação de Junqueiros, permite avaliar os impactes cumulativos dos Blocos de Rega de Ervidel, Aljustrel e do Roxo;
- Ponto tipo C – para controlo da água de rega - deverá ser efectuada monitorização da qualidade da água armazenada na albufeira do Penedrão de acordo com o que já é efectuado.

Apesar da frequência de amostragem para água de rega estar definida no Decreto-Lei n.º 236/98, de 1 de Agosto (Anexo XVII - Métodos analíticos de referência e frequência mínima de amostragem das águas destinadas à rega), uma vez que existe a possibilidade de esta frequência ser definida pela Comissão de Avaliação, propõe-se uma calendarização que nos parece ajustada para o cumprimento dos objectivos em causa.

Assim, antes do início das actividades agrícolas em cada bloco, será efectuada a primeira amostragem, a qual deverá ser coincidente com o mês de Março.

No final da campanha agrícola (eventualmente em Setembro/Outubro) deverá ser efectuada a segunda e última amostragem.

Assim, prevê-se uma recolha de amostras semestral, devendo as amostragens coincidir todos os anos sensivelmente na mesma época do ano anterior, de forma a que se possam efectuar correlações relativas ao mesmo período de amostragem.

5. ESTRUTURA DO RELATÓRIO DE MONITORIZAÇÃO E MÉTODOS A APLICAR

O relatório de monitorização deverá apresentar uma estrutura de acordo com a legislação em vigor, nomeadamente a estrutura constante no Anexo V da Portaria n.º 330/2001, de 2 de Abril.

Salienta-se ainda o facto de que as análises periódicas da responsabilidade do proponente, necessárias no âmbito da monitorização da qualidade da água, deverão ser realizadas por um laboratório devidamente acreditado e segundo os métodos analíticos de referência indicados na legislação em vigor.

Em cada relatório devem constar os pontos de recolha efectuados, a metodologia aplicada, as condições de amostragem e uma discussão dos resultados obtidos.

6. PRAZOS E PERIODICIDADE DOS RELATÓRIOS DE MONITORIZAÇÃO

A monitorização deverá decorrer durante um período de 5 anos. Ao fim desse tempo deverá ser reavaliada a pertinência da continuidade do plano.

Após cada campanha de amostragem deve ser elaborado um relatório de progresso, com discussão e análise dos resultados obtidos e recomendações. Exceptua-se a última campanha, em que deve ser entregue um relatório final que inclua as principais conclusões do estudo de monitorização.

7. CRITÉRIOS PARA A DECISÃO SOBRE A REVISÃO DO PROGRAMA DE MONITORIZAÇÃO

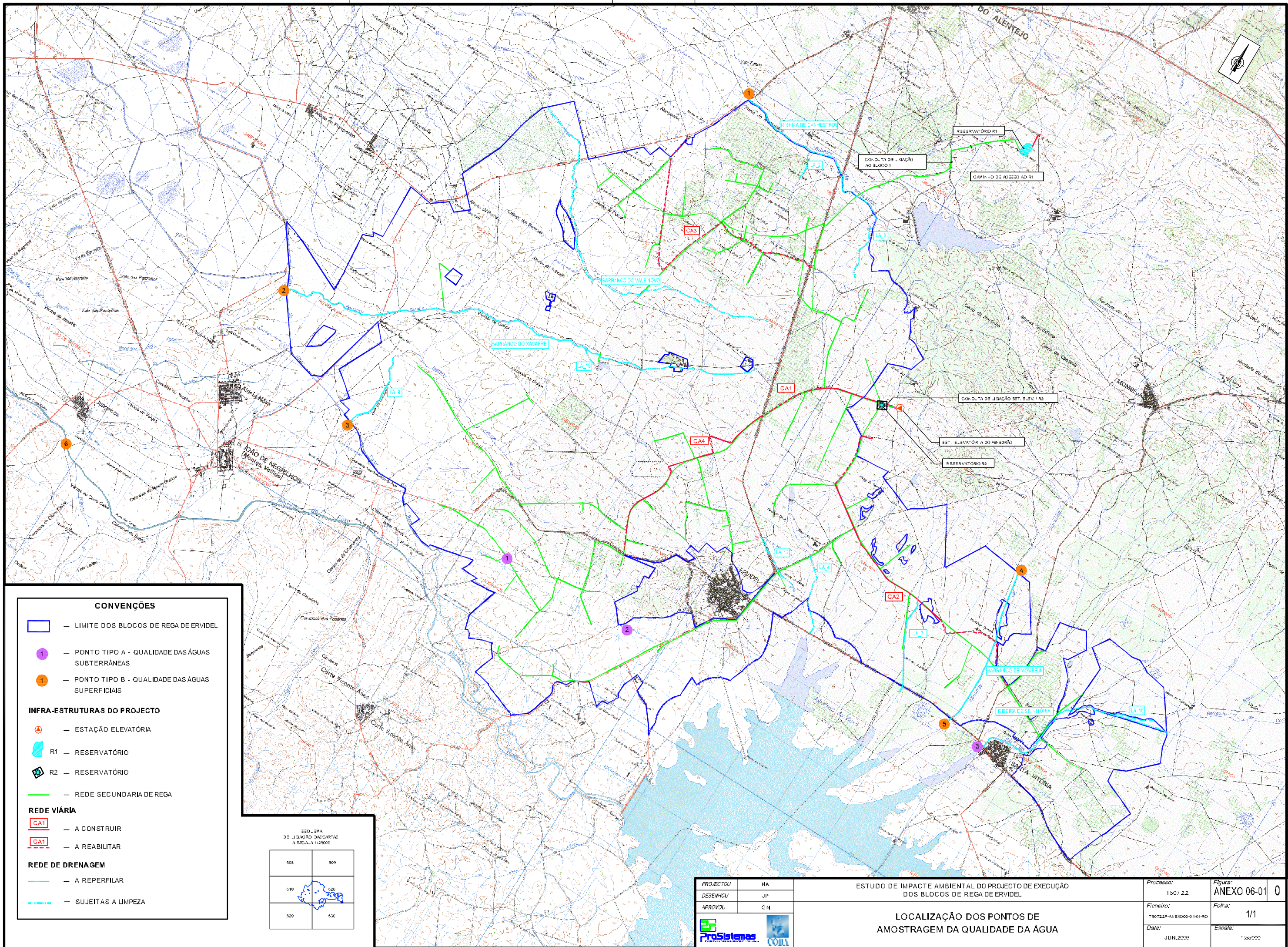
Caso se justifique, o plano de monitorização poderá ser revisto, de acordo com os seguintes critérios, sem prejuízo de outros que se revelem pertinentes no decorrer da monitorização:

- Detecção de impactes negativos significativos sobre a qualidade da água, directamente imputáveis à exploração do projecto, devendo agir-se no sentido de aumentar o esforço de amostragem;

- Estabilização dos resultados obtidos, com comprovação da eficácia das medidas implementadas, podendo neste caso diminuir-se a frequência ou mesmo o número de locais de amostragem;
- Os resultados obtidos para determinados parâmetros comprovarem a inexistência de impactes negativos ou, por outro lado, serem conclusivos, podendo neste caso diminuir-se ou reequacionar-se a número e tipo de parâmetros propostos.

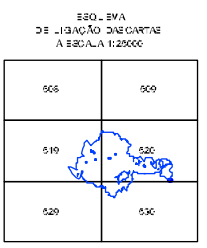
8. ENTIDADE A FORNECER OS RELATÓRIOS DE MONITORIZAÇÃO

Deverão ser remetidos à CCDR – ALENTEJO os relatórios de progresso semestrais e o relatório final efectuados no âmbito deste Plano de Monitorização de Recursos Hídricos.



CONVENÇÕES

- LIMITE DOS BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL
- 1 — PONTO TIPO A - QUALIDADE DAS ÁGUAS SUBTERRÂNEAS
- 1 — PONTO TIPO B - QUALIDADE DAS ÁGUAS SUPERFICIAIS
- INFRA-ESTRUTURAS DO PROJECTO**
- ESTAÇÃO ELEVATÓRIA
- R1 — RESERVATÓRIO
- R2 — RESERVATÓRIO
- REDE SECUNDARIA DE REGA
- REDE VIÁRIA**
- CA1 — A CONSTRUIR
- CA1 — A REABILITAR
- REDE DE DRENAGEM**
- A REPERFILAR
- SUJEITAS A LIMPEZA



PROJECTO	IA	ESTUDO DE IMPACTE AMBIENTAL DO PROJECTO DE EXECUÇÃO DOS BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL	Processo:	1307.2.2	Figura:	ANEXO 06-01 0
DESENHCU	JP		Ficheiro:	76722-AN-EX006-C-1-01-R0	Folha:	1/1
APROVCL	EN		Data:	JUN.2009	Escala:	1:25000

LOCALIZAÇÃO DOS PONTOS DE AMOSTRAGEM DA QUALIDADE DA ÁGUA





SOLOS

EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO E INFRA-ESTRUTURAS DO ALQUEVA, S.A.

PLANO DE MONITORIZAÇÃO DE SOLOS

BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL

T507.2.2

SETEMBRO, 2009

EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO E INFRA-ESTRUTURAS DO ALQUEVA, S.A.
PLANO DE MONITORIZAÇÃO DE SOLOS
DOS
BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL
T507.2.2

ÍNDICE DE TEXTO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. PARÂMETROS A MONITORIZAR.....	1
3. LOCAIS E FREQUÊNCIA DE AMOSTRAGEM	2
4. TRATAMENTO DE DADOS	2
5. PRAZOS E PERIODICIDADE DOS RELATÓRIOS DE MONITORIZAÇÃO	3
6. CRITÉRIOS PARA A DECISÃO SOBRE A REVISÃO DO PROGRAMA DE MONITORIZAÇÃO	3
7. ENTIDADE A FORNECER OS RELATÓRIOS DE MONITORIZAÇÃO.....	3

EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO E INFRA-ESTRUTURAS DO ALQUEVA, S.A.

PLANO DE MONITORIZAÇÃO DE SOLOS

DOS

BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL

T507.2.2

1. INTRODUÇÃO

Os solos da área em estudo apresentam alguma sensibilidade ou tendência para alcalinização, problema que poderá contribuir para a menor eficácia do projecto em análise, dado que com a introdução do regadio, essa tendência poderá acentuar-se devido à existência de sais dissolvidos na água de rega. Além disso, poderão começar a surgir problemas de salinização dos solos.

De forma a detectar atempadamente o surgimento de problemas a este nível, recomenda-se a realização de um programa de monitorização para os solos da área afectada.

2. PARÂMETROS A MONITORIZAR

Por forma a monitorizar a evolução dos solos da área regada ao longo do tempo, deverão ser analisados os seguintes parâmetros, que darão uma indicação segura do nível de salinização e alcalização dos solos:

- Condutividade eléctrica da solução do solo (em pasta saturada);
- Teor em sódio;
- Teor em magnésio;
- Teor em potássio.

Além destas análises de solos, existem outros parâmetros que poderão ser analisados, caso haja interesse em usar modelos de distribuição da água e de alguns iões no solo, de modo a ser possível uma previsão dos efeitos da rega na salinização e alcalinização dos solos, em face de cenários diversos. Estes parâmetros são:

- Velocidade de lixiviação de sais no solo (velocidade de transporte dos iões);
- Velocidade de percolação da água no solos;
- Massa volúmica aparente do solo;

- Porosidade do solo;
- Quantidade do ião sódio adsorvido no solo e na solução do solo em equilíbrio;
- Os sais dissolvidos (electrólitos presentes em solução) na água de rega.

Estes últimos parâmetros permitem calcular o coeficiente de distribuição K_d do ião sódio no solo, permitindo a futura modelização da distribuição deste ião no solo.

3. LOCAIS E FREQUÊNCIA DE AMOSTRAGEM

Deverá ser estabelecida uma malha de amostragem que permita avaliar adequadamente toda a área beneficiada. Para tal estas análises de solos devem abranger um número razoável de pontos de amostragem, por exemplo, em média 1 ponto de amostragem em cada 300 ha, o que, de acordo com a área afectada ao projecto (cerca de 8230 hectares), totaliza 27 pontos de amostragem. O local exacto da recolha de amostras deverá ser ajustado de acordo com o tipo de solo e a prática cultural a que está sujeito, de modo a que as amostras sejam representativas da zona em análise.

As colheitas de solo deverão ser feitas no final da época seca.

A comparação dos dados obtidos ao longo do tempo dará uma indicação segura do efeito da rega na qualidade dos solos, e de medidas que devam ser adoptadas.

A periodicidade das análises de solos dependerá das características dos solos. Assim:

- Nos solos bem adequados ao regadio, as análises de solos podem ser feitas de 3 em 3 anos;
- Nos solos moderadamente adequados ao regadio, devem ser feitas análises de 2 em 2 anos;
- Nos solos não adaptados, mas passíveis de serem melhorados, as análises deverão ser feitas anualmente.

Os locais de amostragem serão definidos conjuntamente com a EDIA tendo em consideração os planos similares dos outros blocos de rega na região.

4. TRATAMENTO DE DADOS

Com base nos resultados obtidos deverá ser revista a Carta de Risco de Alcalinização e Salinização dos Solos. Os resultados deverão ainda ser utilizados para produzir o boletim de rega, de acordo com a medida Solos 2, onde deverá ser apresentada cartografia com as áreas onde deverão ser aplicadas estas medidas de minimização dos efeitos da Alcalinização e/ou de Salinização.

Os locais e periodicidade de amostragem, bem como os parâmetros a analisar, devem manter-se constantes de modo a permitir monitorizar a evolução da susceptibilidade dos solos à alcalinização e à

salinização, com a salvaguarda da possibilidade de inclusão de novos elementos determinados pela evolução da situação.

5. PRAZOS E PERIODICIDADE DOS RELATÓRIOS DE MONITORIZAÇÃO

Após cada campanha de amostragem deve ser feito um relatório de progresso, com recomendações, à excepção da última em que deve ser entregue um relatório final, em que figurem as principais conclusões do estudo de monitorização.

Em cada relatório devem constar os pontos de recolha efectuados, a metodologia aplicada, as condições de amostragem e uma discussão dos resultados obtidos.

6. CRITÉRIOS PARA A DECISÃO SOBRE A REVISÃO DO PROGRAMA DE MONITORIZAÇÃO

Caso se justifique, o plano de monitorização dos solos poderá ser revisto de acordo com os seguintes critérios, sem prejuízo de outros que se revelem pertinentes no decorrer da monitorização:

- Detecção de impactes negativos significativos sobre os solos, directamente imputáveis à exploração do projecto, devendo agir-se no sentido de aumentar o esforço de amostragem;
- Estabilização dos resultados obtidos, com comprovação da eficácia das medidas implementadas, podendo neste caso diminuir-se a frequência ou mesmo o número de locais de amostragem;
- Os resultados obtidos para determinados parâmetros comprovarem a inexistência de impactes negativos ou, por outro lado, serem conclusivos, podendo neste caso diminuir-se ou reequacionar-se a número e tipo de parâmetros propostos.

7. ENTIDADE A FORNECER OS RELATÓRIOS DE MONITORIZAÇÃO

Deverão ser remetidos à CCDR – ALENTEJO os relatórios anuais e o relatório final efectuados no âmbito deste Plano de Monitorização de Solos.



ProSistemas
CONSULTORES DE ENGENHARIA, S.A.



COBA

ANEXO 7 – PROJECTO DE RECUPERAÇÃO BIOFÍSICA E PAISAGÍSTICA DAS LINHAS DE ÁGUA

**EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO E INFRA-ESTRUTURAS DO
ALQUEVA,S.A.**

**ESTUDO DE IMPACTE AMBIENTAL DO PROJECTO DE EXECUÇÃO
DOS BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL**

**PROJECTO DE RECUPERAÇÃO BIOFÍSICA E PAISAGÍSTICA DAS LINHAS
DE ÁGUA**

T507.2.2

2009, SETEMBRO

EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO E INFRA-ESTRUTURAS DO ALQUEVA,S.A.

**PROJECTO DE RECUPERAÇÃO BIOFÍSICA E PAISAGÍSTICA DAS LINHAS DE ÁGUA
DOS
BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL**

T507.2.2

ÍNDICE DE TEXTO

1.	INTRODUÇÃO.....	1
2.	RECUPERAÇÃO BIOFÍSICA E PAISAGÍSTICA.....	2
2.1.	CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	2
2.2.	LINHAS DE ÁGUA DE TIPO 1	4
2.3.	LINHAS DE ÁGUA DE TIPO 2	6
2.3.1.	Considerações Gerais	6
2.3.2.	Intervenções Biofísicas.....	7
2.4.	LINHAS DE ÁGUA DE TIPO 3	10
2.4.1.	Intervenções Biofísicas e Paisagísticas Projectadas	11
3.	MEDIDAS COMPENSATÓRIAS	13
3.1.	Considerações gerais	13
3.2.	Intervenções preconizadas.....	14

EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO E INFRA-ESTRUTURAS DO ALQUEVA,S.A.
PROJECTO DE RECUPERAÇÃO BIOFÍSICA E PAISAGÍSTICA DAS LINHAS DE ÁGUA
DOS
BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL
T507.2.2

1. INTRODUÇÃO

O Projecto de Recuperação Biofísica e Paisagística apresentado refere-se ao tipo de intervenções previstas para recuperação da vegetação ripícola das linhas de água a serem afectadas pela implementação do sistema de drenagem e das linhas de água a recuperar no âmbito de medidas compensatórias.

Este documento foi elaborado em conjunto com a equipe responsável pela execução do Projecto de Execução dos Blocos de Rega de Ervidel, constituindo, por isso, um capítulo da Memória Descritiva da Rede de Drenagem.

As linhas de água às quais se aplica este projecto de recuperação indicam-se no Desenho 3 constante do Anexo 1. As restantes linhas de água existentes no perímetro dos blocos de rega correspondem, na sua maioria, a pequenas linhas sem expressão no terreno, de escoamento preferencial.

Da análise efectuada às linhas de água que atravessam o perímetro de rega, concluiu-se que apenas quatro deverão ser intervencionadas e dotadas de características técnicas que possibilitem um adequado funcionamento no sistema de drenagem. Para o efeito prevê-se uma intervenção ao nível da engenharia, que configurará o reperfilamento das secções de escoamento dos cursos naturais, com a consequente destruição da vegetação ribeirinha que se encontra associada aos mesmos.

No âmbito deste projecto são também propostas medidas compensatórias de recuperação biofísica e paisagística da galeria ripícola da Ribeira de Santa Vitória, uma linha de água de maiores dimensões e que não será intervencionada pelo sistema de drenagem.

Os locais a recuperar foram visitados por um especialista em botânica, tendo-se procedido à posterior caracterização da vegetação ribeirinha por inventário da composição florística, onde as espécies presentes foram registadas de acordo com a sua representatividade.

A análise do estado de conservação da galeria ribeirinha incluiu a avaliação da sua diversidade, riqueza específica e estrutura vegetal.

Com base nos resultados obtidos foram definidos os troços das linhas de água que deverão ser intervencionados, tomando-se como referência os diferentes estados de conservação e composição da galeria ripícola.

2. RECUPERAÇÃO BIOFÍSICA E PAISAGÍSTICA

2.1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

Os cursos de água apresentam um evidente e multifacetado papel no pleno funcionamento ecológico dos ecossistemas fluviais e terrestres, contribuindo, de certa forma, para o enriquecimento fito e zocenótico das áreas onde se inserem.

Apesar desta evidência, as formações ribeirinhas estão sujeitas a várias formas de degradação através dos impactes cumulativos e históricos relacionados com a intervenção humana. Os impactes mais notáveis destas pressões são a degradação e a fragmentação dos habitats fluviais, as alterações da ocupação do solo na área envolvente e as perturbações no regime hidrológico nomeadamente no caudal e no transporte de sedimentos.

A intervenção no sistema de drenagem natural, necessária à execução do projecto hidráulico dos Blocos de Rega de Ervidel, contribuirá para acentuar a degradação das comunidades ripícolas, já iniciada, destes espaços. Assim, constituem objectivo principais das intervenções biofísicas:

- Salvar e reabilitar a integridade estrutural e funcional do ecossistema fluvial;
- Promover um *continuum* ecológico através da melhoria e valorização do estado de conservação das comunidades ripícolas e sub-ripícolas;
- Estabilizar taludes e margens degradadas ou recentemente intervencionadas pelas actividades de reperfilamento das secções de drenagem, evitando a exposição da camada superficial do solo aos agentes erosivos.

Nas intervenções projectadas tem-se em consideração quer a tipologia das diferentes linhas de água (Tipo 2 ou Tipo 3), quer a informação retirada dos inventários realizados. As linhas de água de Tipo 1, ribeiras de Santa Vitória e de Canhestros, serão apenas objecto de acções de Medidas Compensatórias, descritas em capítulo próprio.

Com base na caracterização efectuada em trabalho de campo, deverão ser efectuadas as seguintes acções em 10 linhas de água projectadas:

- Limpeza e desobstrução de linhas de água. Este tipo de acções implica a remoção de detritos vegetais mortos e material sólido (entulho e lixo), bem como toda a vegetação existente no leito menor que interfira significativamente com o escoamento (vegetação herbácea e arbustiva). A vegetação arbórea, deverá ser mantida, salvo situações de risco de queda, morte ou impedimento da capacidade de vazão. Implica ainda o corte de espécies invasoras, caso do canavial (*Arundo donax*) e, nos casos onde se revele invasor, de silvado (*Rubus ulmifolius*).

O corte deve ser efectuado com recurso a moto-roçadoras sem remoção da estrutura radicular, contribuindo desta forma para a consolidação das margens, defesa e conservação do solo, formando uma rede de retenção de partículas com o seu raizame. A eliminação do revestimento vegetal das margens aumenta a velocidade de escoamento, agravando a acção dos agentes erosivos que, arrastando por vezes elevadas quantidades de sedimentos, de montante para jusante, provocam o assoreamento das linhas de água, passagens hidráulicas, pontões e pontes, dando origem a inundações dos terrenos adjacentes.

- Intervenções de recuperação. Esta acção será realizada nas margens das linhas de água sujeitas a reperfilamento e que forem intervencionadas. Na fase inicial dos trabalhos a camada superficial do solo constituída por terra vegetal será removida e armazenada em pargas, em locais planos e bem drenados, em zonas adjacentes aos locais de onde foi retirada, para posterior utilização nas acções de recuperação biofísica. Quando os trabalhos de reperfilamento e/ou abertura de vala estiverem concluídos deverá proceder-se ao espalhamento da terra vegetal previamente armazenada em pargas, de modo uniforme numa faixa de 2,0 m de largura ao longo das margens intervencionadas. Com esta acção pretende-se incentivar a recolonização da vegetação ribeirinha com espécies autóctones através da utilização da capacidade de regeneração natural dos solos decapados. Deste modo evitam-se as sementeiras que potenciam os riscos de contaminação genética e a introdução de espécies exóticas. Posteriormente, procede-se à plantação de material vegetal arbustivo ou arbóreo vivo nos locais onde se verifique um descontínuo ecológico da galeria ripícola, especialmente nas linhas de água de Tipo 2, ou onde, de acordo com as intervenções de reperfilamento da secção, sejam removidas espécies arbóreas das margens e taludes.

Para as acções de plantação desenvolveram-se três módulos, **M1, M2 e M3**, que incorporam espécies arbóreas, arbustivas e arbóreas e arbustivas, respectivamente, e visam assegurar a correcta e fácil aplicação das medidas propostas. O Módulo M1 (plantação de arbóreas) aplica-se nos locais onde só existe vegetação arbórea na margem

ou talude que irá ser reperfilado. O Módulo M2 (plantação de arbustivas) aplica-se nos troços onde a margem ou talude a reperfilado não apresente espécies arbóreas, mas a margem contrária contenha uma boa densidade de elementos arbóreos. Nos troços cujas margens e taludes sejam dominados por vegetação herbácea, silvado ou canavial, será aplicado o módulo M3 (plantação de arbóreas e arbustivas) apenas numa das margens, que geralmente é aquela a ser reperfilada.

Refere-se ainda que a aplicação destes Módulos de Plantação apenas deverá ser efectuada nas linhas de água que apresentem condições naturais que garantam a viabilidade e sanidade dos exemplares a plantar. Os locais de aplicação dos módulos de plantação serão referidos nos capítulos seguintes.

A execução dos módulos de plantação deverá respeitar as Especificações Técnicas constantes do Caderno de Encargos.

2.2. LINHAS DE ÁGUA DE TIPO 1

Tal como já foi referido no Capítulo 4.2, são três as linhas de água de Tipo 1 a beneficiar a área do blocos de rega, nomeadamente as ribeiras de Santa Vitória e de Canhestros e o Barranco de Vale Novo.

Quer a ribeira de Santa Vitória quer a ribeira de Canhestros apresentam comunidades ripícolas bem estruturadas, comportando os três estratos vegetais, arbórea, arbustiva e herbácea. Os estrato arbóreo é dominado por freixos (*Fraxinus angustifolia*), associados a alguns exemplares de ulmeiros (*Ulmus minor*). O silvado (*Rubus ulmifolius*) caracteriza o sub-coberto e o leito dominado por espécies helófitas (Tabúia (*Typha dominguensis*)). A presença de canavial em povoamentos quase estromes em grande parte dos seus percursos confere um estado de degradação acentuado a estes cursos de água.

A galeria ripícola do barranco de Vale Novo está bastante fragmentada, concentrando-se sobretudo junto da estrada nacional, onde é dominada por choupo-negro (*Populus nigra*). As recentes intervenções de limpeza desta linha de água são responsáveis pela ausência de elementos arbustivos, de canavial e de silvado. A zona de cabeceira é caracterizada por vegetação herbácea e junceiforme.



Figura 2.1 – Barranco do Vale Novo. Troço junto da EM 526 e a Norte do Monte do Sobrado

Uma vez tratar-se de cursos de água onde não irão ser efectuadas obras de reperfilamento, as intervenções que se prevêem fazer nestas três linhas de água serão apenas de limpeza, quer no que respeita à remoção de material sólido existente no leito menor, designadamente lixo, entulho ou material lenhoso morto, quer no que respeita à limpeza selectiva de herbáceas, corte de canavial e de outro tipo de vegetação nos caso onde se revele invasor. Os módulos de plantação não serão aplicados às linhas de água de Tipo 1, excepto na ribeira de Santa Vitória, assunto que será abordado apenas no Capítulo 11, respeitante às Medidas Compensatórias.

As localizações destas intervenções são referidas no quadro seguinte.

Quadro 2.1 – Intervenções Biofísicas e Locais de Intervenção para as Linhas de Água do Tipo 1 (Ribeira de Santa Vitória, ribeira de Canhestros e barranco de Vale Novo)

Linha de água	Troço		Extensão (m)	Tipo de intervenção
	Perfil montante	Perfil jusante		
Ribeira de Santa Vitória	0+000	0+979	979	• Remoção de entulho, lixo e árvores mortas.
	0+979	2+071	1092	• Corte de canavial e silvado, apenas das margens, sem remoção da estrutura radicular
	2+071	3+524	1453	• Remoção de entulho, lixo e árvores mortas.
Ribeira de Canhestros	0+000	0+535	535	• Remoção de entulho, lixo e árvores mortas. • Corte superficial de algumas herbáceas, sem remoção da estrutura radicular, apenas nas margens
	0+535	1+280	745	• Remoção de entulho, lixo e árvores mortas. • Corte de canavial sem remoção de estrutura radicular, apenas nas margens.
	1+280	1+490	210	• Remoção de entulho, lixo e árvores mortas.

Linha de água	Troço		Extensão (m)	Tipo de intervenção
	Perfil montante	Perfil jusante		
	1+490	1+835	345	<ul style="list-style-type: none"> • Remoção de entulho, lixo e árvores mortas. • Corte de canal sem remoção de estrutura radicular, apenas nas margens.
	1+835	2+095	260	<ul style="list-style-type: none"> • Remoção de entulho, lixo e árvores mortas. • Corte e poda de vegetação sem remoção da estrutura radicular, mantendo-se ao máximo a vegetação arbórea e arbustiva, não infestante, apenas nas margens.
	2+095	2+615	520	<ul style="list-style-type: none"> • Remoção de entulho, lixo e árvores mortas. • Limpeza selectiva de herbáceas apenas nas margens, sem remoção de estrutura radicular.
	2+615	2+960	345	<ul style="list-style-type: none"> • Remoção de entulho, lixo e árvores mortas. • Corte de canal sem remoção de estrutura radicular, apenas nas margens
	2+960	3+166	206	<ul style="list-style-type: none"> • Remoção de entulho, lixo e árvores mortas. • Limpeza selectiva de herbáceas apenas nas margens, sem remoção de estrutura radicular.
Barranco do Vale Novo	0+000	6+595	6595	<ul style="list-style-type: none"> • Remoção de entulho, lixo e árvores mortas.

2.3. LINHAS DE ÁGUA DE TIPO 2

2.3.1. Considerações Gerais

São duas as linhas de água classificadas de tipo 2 a intervir no âmbito do Projecto de Execução, barrancos do Ribeira do Vale de Água/Pêro Bonito e de Mombeja. Do ponto de vista da constituição das comunidades ripícolas, densidade e diversidade, são duas linhas de água bastante distintas.

As margens e taludes do barranco do Ribeira do Vale de Água/Pêro Bonito estão parcialmente colonizadas por choupos (*Populus nigra* e *Populus alba*) e freixos (*Fraxinus angustifolia*), embora estes não apresentem uma distribuição contínua. O barranco de Mombeja apresenta-se desprovido de vegetação lenhosa, espécies arbóreas e arbustivas, em toda a sua extensão, tendo sido identificado apenas um exemplar de loendro (*Nerium oleander*) num dos taludes.



Figura 2.2 – Barranco do Ribeira do Vale de Água/Pêro Bonito (esquerda) e Barranco de Mombeja (direita)

A distinta composição das comunidades ripícolas e intervenções de reperfilamento a efectuar em cada uma destas linhas de água impõe a projecção de acções biofísicas distintas. No caso do barranco de Mombeja não se propõem módulos de plantação de vegetação arbórea nem arbustiva, apenas a cobertura das margens intervencionadas com terra vegetal previamente decapada e armazenada. Para o barranco da Ribeira do Vale de Água/Pêro Bonito as acções de reperfilamento do leito e das margens, bem como a presença de galeria ripícola, prevê a necessidade de aplicação dos três módulos de plantação, M1, M2 e M3, variando consoante o tipo de situação existente.

No caso concreto da ribeira de Mombeja não se propõem módulos de plantação, uma vez que esta linha de água não apresenta condições hídricas que garantam o suporte de galeria ripícola consistente com espécies arbustivas ou arbóreas, situação comprovada durante o trabalho de campo.

2.3.2. Intervenções Biofísicas

Com base na intervenção profunda projectada para o barranco do Ribeira do Vale de Água/Pêro Bonito, que irá sofrer um reperfilamento ao longo de toda a margem direita nos primeiros 6 km do troço de jusante, as intervenções de recuperação biofísica, bem como os módulos de plantação a aplicar, diferem de troço para troço.

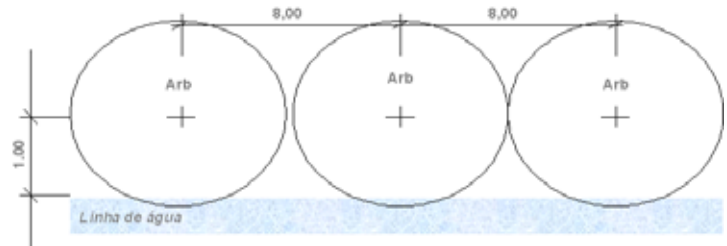
No quadro seguinte são apresentados os tipos de intervenções biofísicas e os módulos de plantação projectados para as duas linhas de água de tipo 2, barrancos do Ribeira do Vale de Água/Pêro Bonito e de Mombeja.

Quadro 2.2 – Intervenções Biofísicas e Locais de Intervenção para as Linhas de Água do Tipo 2 (Barrancos do Ribeira do Vale de Água/Pêro Bonito e de Mombeja)

Linha de água	Troço			Extensão (m)	Tipo de intervenção biofísica e paisagística	Módulo e local de plantação
	Designação	Perfil montante	Perfil jusante			
Barranco do Ribeira do Vale de Água/Pêro Bonito	Troço 1	0+000	0+124	124	<ul style="list-style-type: none"> • Remoção do leito de entulho, lixo e árvores mortas • Limpeza e desobstrução da linha de água, com remoção de vegetação herbácea e arbustiva, incluindo canavial e silvado, do interior do leito menor, sem remoção da estrutura radicular 	---
	Troço 2	0+124	1+682	1558	<ul style="list-style-type: none"> • Limpeza e desobstrução da linha de água, com remoção de vegetação herbácea e arbustiva, incluindo canavial e silvado, apenas na margem esquerda, sem remoção da estrutura radicular. • Colocação de terra vegetal • Plantação de material arbóreo e arbustivo 	M3: margem direita
	Troço 3	1+682	1+853	171		M1: margem direita
	Troço 4	1+853	2+410	557		M3: margem direita
	Troço 5	2+410	2+824	414		M1: margem direita
	Troço 6	2+824	3+006	182		M3: margem direita
	Troço 7	3+006	3+329	323		M1: margem direita
	Troço 8	3+329	4+166	837		M3: margem direita
	Troço 9	4+166	4+834	668		M1: margem direita
	Troço 10	4+834	5+292	458		M3: margem direita
	Troço 11	5+292	5+930	638		M2: margem direita
	Troço 12 (*)	5+930	7+660	1730		<ul style="list-style-type: none"> • Remoção do leito de entulho, lixo e árvores mortas
	Troço 13	7+660	8+280	620	<ul style="list-style-type: none"> • Colocação de terra vegetal 	---
Ribeira de Mombeja	Troço 1	0+000	0+130	130	<ul style="list-style-type: none"> • Remoção do leito de entulho, lixo e árvores mortas • Limpeza e desobstrução da linha de água, com remoção de vegetação herbácea e arbustiva do interior do leito menor sem remoção da estrutura radicular, e de entulho, lixo e material lenhoso morto. 	---
	Troço 2	0+130	2+960	2830	<ul style="list-style-type: none"> • Colocação de terra vegetal 	

(*) – Intervenções pontuais discriminadas no Desenho 24 das Peças Desenhadas apresentado no Volume 6.2.

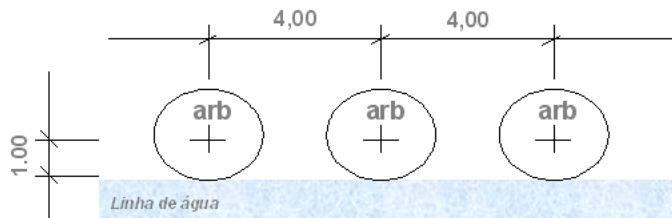
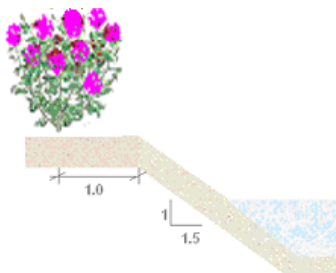
Nas figuras seguintes apresentam-se os módulos de plantação e os respectivos perfis a aplicar nestas linhas de água.



Arb – Espécies arbóreas.

arb - Espécies arbustivas.

Figura 2.3 – Módulo de Plantação M1 e Perfil a implementar no Barranco do Ribeira do Vale de Água/Pêro Bonito



arb – espécies arbustivas

Figura 2.4 – Módulo de Plan

ripícola degradada

vegetação arbórea e galeria

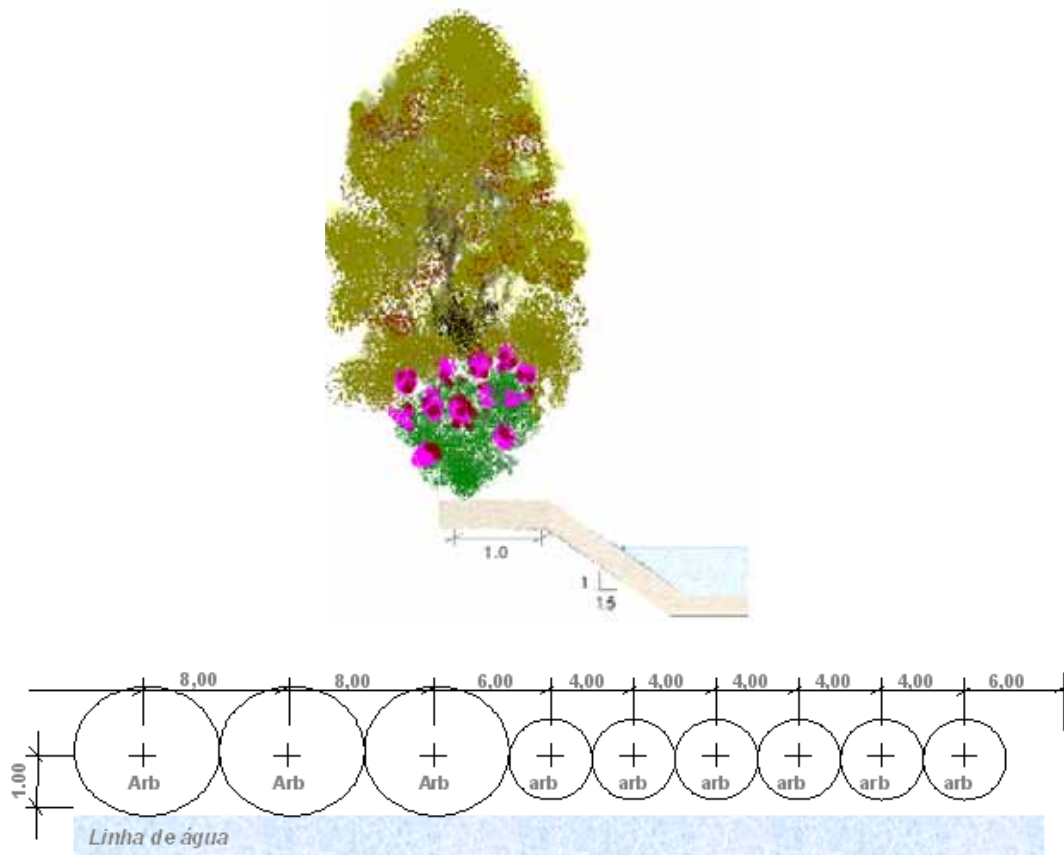


Figura 2.5 – Perfil Tipo e Módulo de Plantação M3 para sem galeria ripícola

Propõe-se que se utilizem espécies arbóreas idênticas às que já existem no local, como choupo-negro (*Populus nigra*), choupo-branco (*Populus alba*) ou freixo (*Fraxinus angustifolia*). No sub-coberto sugerem-se os loendros (*Nerium oleander*), os pilriteiros (*Crataegus monogyna*), a roseira-brava (*Rosa canina*) ou tamujo (*Securinega tinctoria*).

2.4. LINHAS DE ÁGUA DE TIPO 3

No âmbito do Projecto de Execução da Rede de Drenagem prevê-se a definição de intervenções biofísicas em oito linhas de água de tipo 3, designadamente: LA2, LA3, LA4, LA7, LA9, LA12, LA13 e LA16, sobretudo no que respeita a acções de limpeza de vegetação e remoção de entulho e lixo existente no leito menor. No entanto, as LA7 e LA9 são as únicas linhas de água onde, de acordo com o Projecto de Execução, estão projectadas intervenções de requalificação hidráulica, facto que justifica a proposta de acções de recuperação biofísica distintas relativamente às restantes linhas de água.



Figura 2.6 – Linhas de água de Tipo 3 sujeitas a recuperação biofísica

As linhas de água de tipo 3 apresentam margens e taludes desprovidas de vegetação arbórea e arbustiva, com predomínio de vegetação herbácea em densidades elevadas e zonas muito localizadas com povoamentos quase estromes de canal ou silvado, que se tornam invasores e poderão interferir significativamente com o escoamento.

2.4.1. Intervenções Biofísicas e Paisagísticas Projectadas

Para qualquer uma das linhas de água de tipo 3 a intervir apenas se propõem acções de limpeza, através da remoção de entulho, lixo e material vegetal morto existente no leito da linha de água, corte de canal e de silvado. As acções de limpeza de vegetação efectuam-se sem remoção da estrutura radicular, conforme preconizado no Caderno de Encargos e no Plano de Recuperação Biofísica do Projecto de Execução. Nos troços intervencionados deverá aplicar-se terra vegetal para viabilizar a posterior sementeira manual.

No quadro seguinte estão referidas as intervenções a efectuar em cada troço das linhas de água de tipo 3 de projecto.

Quadro 2.3 – Intervenções Biofísicas e troços de Intervenção para as duas Linhas de Água do Tipo 3

Linha de água	Troço		Extensão (m)	Tipo de intervenção biofísica e paisagística
	Perfil montante	Perfil jusante		
LA2	0+000	0+261	261	<ul style="list-style-type: none"> • Limpeza e desobstrução da linha de água, com remoção de vegetação herbácea e arbustiva, incluindo canal e silvado, do interior do leito menor, sem remoção da estrutura radicular, e de entulho, lixo e material lenhoso morto
	0+261	0+514	253	
	0+514	1+956	1442	
LA3	0+000	1+162	1162	<ul style="list-style-type: none"> • Limpeza e desobstrução da linha de água, com remoção de vegetação herbácea e arbustiva, incluindo silvado, do interior do leito menor, sem remoção da estrutura radicular, e de entulho, lixo e material lenhoso morto
	1+162	2+834	1672	

Linha de água	Troço		Extensão (m)	Tipo de intervenção biofísica e paisagística
	Perfil montante	Perfil jusante		
LA4	0+000	1+397	1397	• Limpeza e desobstrução da linha de água, com remoção de entulho, lixo e material lenhoso morto
	1+397	4+492	3095	-
LA7	0+000	0+102	102	• Limpeza e desobstrução da linha de água, com remoção de vegetação herbácea e arbustiva, sem remoção da estrutura radicular, e de entulho e lixo
	0+113	1+650	1537	• Colocação de terra vegetal apenas nas margens intervencionadas pela obra
LA9	0+000	0+087	87	• Limpeza e desobstrução da linha de água, com remoção de vegetação herbácea e arbustiva, sem remoção da estrutura radicular, e de entulho e lixo
	0+087	0+627	540	• Colocação de terra vegetal apenas nas margens intervencionadas pela obra
	0+627	1+032	405	• Limpeza e desobstrução da linha de água, com remoção de vegetação herbácea e arbustiva, sem remoção da estrutura radicular, e de entulho e lixo
	1+032	1+450	418	• Colocação de terra vegetal apenas nas margens intervencionadas pela obra
LA12	0+000	0+550	550	-
	0+550	1+196	646	• Limpeza e desobstrução da linha de água, com remoção de vegetação herbácea e arbustiva, incluindo canavial e silvado, do interior do leito menor, sem remoção da estrutura radicular, e de entulho, lixo e material lenhoso morto
	1+196	1+325	129	-
	1+325	1+631	306	• Limpeza e desobstrução da linha de água, com remoção de entulho, lixo e material lenhoso morto
	1+631	2+872	1241	-
LA13	0+000	0+383	383	• Limpeza e desobstrução da linha de água, com remoção de entulho, lixo e material lenhoso morto
	0+383	3+754	3371	-
LA16	0+000	0+721	721	• Limpeza e desobstrução da linha de água, com remoção de vegetação herbácea e arbustiva, incluindo canavial e silvado, do interior do leito menor, sem remoção da estrutura radicular, e de entulho, lixo e material lenhoso morto
	0+721	0+852	131	-

Não se propõem módulos de plantação de arbustivas nem de arbóreas por se considerar que estas linhas de água não apresentam regime hídrico nem dimensão suficientes para viabilizar qualquer tipo de estrutura lenhosa.

3. MEDIDAS COMPENSATÓRIAS

3.1. Considerações gerais

A implementação de aproveitamentos hidroagrícolas conduz à conversão de áreas de sequeiro em áreas de regadio e é responsável pela alteração do coberto vegetal e pelo afastamento de espécies de fauna adaptadas às anteriores condições para locais menos adaptados à sua sobrevivência, traduzindo assim, num impacte negativo para a fauna.

No caso particular dos Blocos de Rega de Ervidel, como é perceptível pelo Desenho 4 constante do Anexo 1, uma área considerável do perímetro já é actualmente regada, com especial incidência nas áreas de grande propriedade. Identificam-se claramente as manchas agrícolas afectas às linhas de água subsidiárias da ribeira do Roxo, tanto para oeste de Ervidel, como a este de Ervidel, estas últimas beneficiando parte da cabeceira da albufeira do Roxo.

No entanto, ao nível dos recursos hídricos, sobretudo no que respeita à qualidade da água, é expectável que ocorra um aumento da concentração em azoto e fósforo na albufeira do Roxo, actualmente identificada como Zona Sensível em resultado essencialmente da classificação do estado trófico. Deste modo, o aumento da pressão sobre o ambiente, pela conversão de algumas áreas de sequeiro em regadio, justifica a implementação de medidas que compensem os impactes decorrentes da modificação do processo de exploração, com especial relevância para as cabeceiras do Roxo, em redor de Santa Vitória.

Pelas razões acima expostas, e tendo em consideração a importância ambiental das linhas de água presentes no perímetro (estado de conservação da galeria ripícola e condições naturais para a sua preservação), a aplicação de medidas compensatórias interessa sobremaneira à linha de água de **Tipo 1**, ribeira de Santa Vitória, afluente da albufeira do Roxo.

As medidas compensatórias têm por objectivo:

- Promover a diversidade e melhorar a estrutura e estabilidade das comunidades ripícolas;
- Melhorar o habitat ripícola, sobretudo para a avifauna e anfíbios que utilizam estes meios como locais de alimentação e refúgio, e que se afastaram da área durante a fase de construção, e;
- Promover um *continuum* ripícola ao longo dos troços localizados no perímetro dos blocos de rega.

Para cumprir os propósitos supracitados, a realização das medidas compensatórias incidem nas margens desta linha de água.



Figura 3.1 – Ribeira Santa Vitória

3.2. Intervenções preconizadas

A vegetação marginal da ribeira de Santa Vitória apresenta um valor botânico empobrecido, sem espécies relevantes do ponto de vista da conservação da natureza. As actividades agrícolas nos terrenos contíguos são responsáveis pelo confinamento da vegetação ripícola e sub-ripícola às imediações da linha de água, contribuindo para o desenvolvimento de espécies exóticas de carácter invasor, como é o caso do canavial (*Arundo donax*), que é responsável pelo elevado estado de degradação de grande parte dos cursos de água. Ao longo do seu traçado, a ribeira de Santa Vitória apresenta ainda material sólido (entulho e lixo) e material vegetal lenhoso no leito, que influenciam negativamente a capacidade de vazão.

Para cumprir com os objectivos gerais das medidas compensatórias preconiza-se a aplicação do módulo de plantação M3, composto por material arbóreo e arbustivo. Este módulo será aplicado apenas nos locais onde ambas as margens da ribeira não apresentem vegetação arbórea, nem arbustiva, ou apenas muito pontualmente.

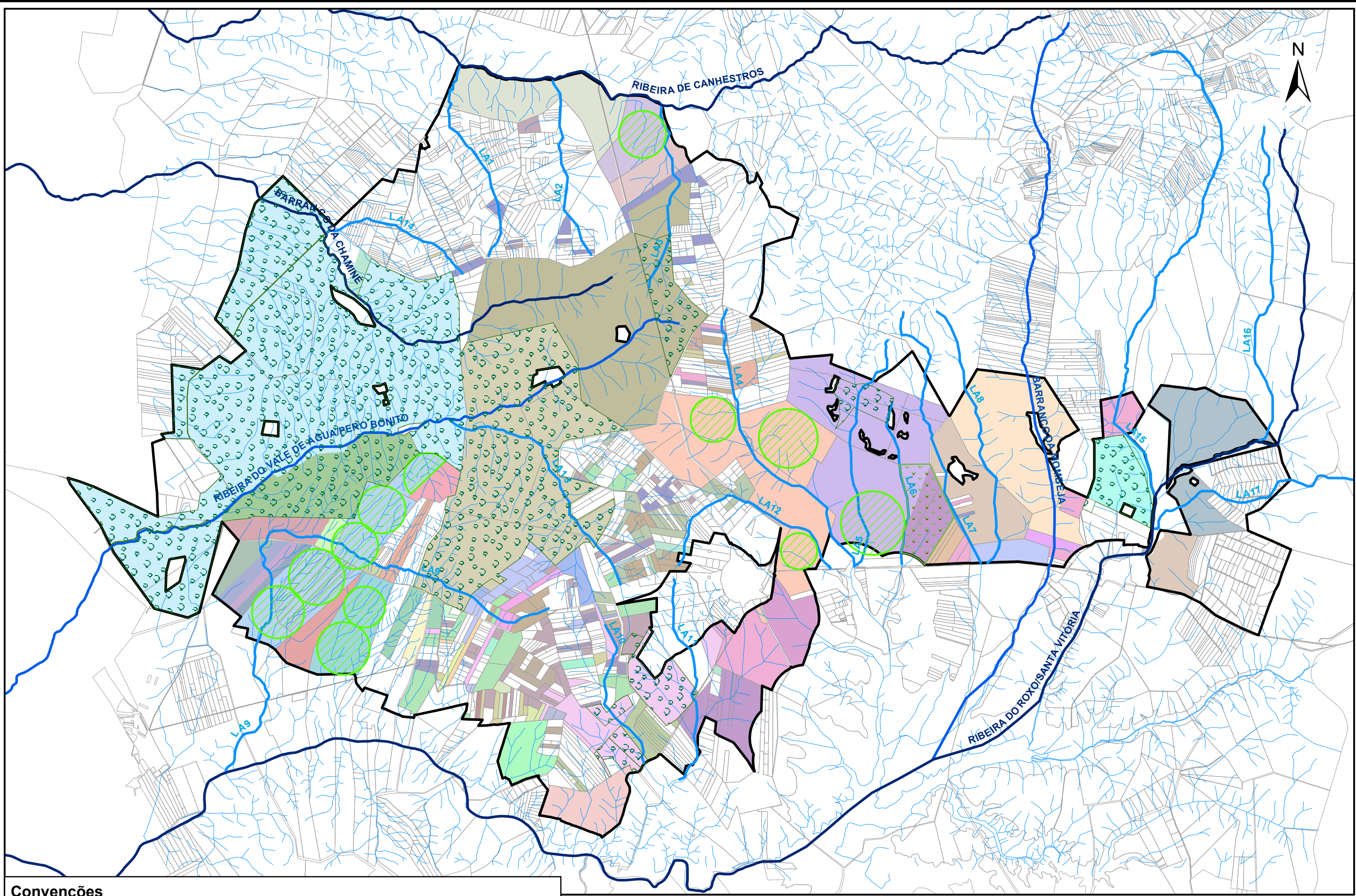
No quadro seguinte apresentam-se medidas que compensam os impactes negativos decorrentes da implementação do projecto:

Quadro 3.1 – Medidas Compensatórias para a Ribeira de Santa Vitória.

Linha de água	Troço		Extensão (m)	Módulo e local de plantação
	Perfil montante	Perfil jusante		
Ribeira de Santa Vitória	0+000	0+979	979	M3 – Margem direita (em 55% do troço)
	0+979	2+071	1092	M3 – Ambas as margens (em 70% do troço de ambas as margens)
	2+071	3+524	1453	---

Os módulos de plantação a executar neste curso de água foram já detalhadamente descritos no capítulo anterior, deixando-se apenas a recomendação de que deverão utilizar-se espécies adaptadas a ambientes mediterrânicos, como as espécies arbóreas freixo (*Fraxinus angustifolia*) ou ulmeiro (*Ulmus minor*), que são espécies que já se encontram no local, e o loendro (*Nerium oleander*), o pilriteiro (*Crataegus monogyna*), o tamujo (*Securinega tinctoria*) ou a roseira -brava (*Rosa canina*), como espécies arbustivas.

A execução deste módulo de plantação deverá ainda respeitar as Especificações Técnicas constantes do Caderno de Encargos.



Convenções

Rede Hidrográfica Natural	Perímetro do Bloco de Ervidel	Áreas de Regadio (Actual)
Tipo 1	Cadastro (unificado) - EDIA	Equipamentos de Rega (pivot)
Tipo 2		Olival
Tipo 3		Vinha

PROJECTOU	CA
DESENHOU	JL
APROVOU	GN

BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL

CARACTERIZAÇÃO DA SITUAÇÃO ACTUAL
ÁREAS DE REGADIO ACTUAIS

Processo:	T507.5.4	Figura:	1	0
Ficheiro:	T50754FRD-42-01-R0	Folha:	01/01	
Data:	2009.MAI	Escala:	1:50 000	



ANEXO 8 – SISTEMA DE GESTÃO AMBIENTAL

Sistema de Gestão Ambiental

Empreitada de Construção
dos Blocos de Rega de Ervidel

Edição n.º 1: Julho 2009

ÍNDICE

1 - Enquadramento.....	3
2 - Objectivo	3
3 - Âmbito do Sistema de Gestão Ambiental.....	3
4 - Política Ambiental.....	4
5 - Implementação e Operação do SGA.....	5
5.1 - <i>Estrutura e Responsabilidades.....</i>	<i>5</i>
5.2 - <i>Sensibilização e Informação.....</i>	<i>8</i>
5.3 - <i>Comunicação.....</i>	<i>8</i>
5.4 - <i>Documentação do SGA e Controlo de Documentos.....</i>	<i>9</i>
5.5 - <i>Controlo Operacional</i>	<i>11</i>
5.6 - <i>Prevenção e Resposta a Incidentes/Acidentes Ambientais</i>	<i>12</i>
6 - Acompanhamento e Verificação.....	13
6.1 - <i>Monitorização</i>	<i>13</i>
7 - Outros Projectos no Âmbito da Gestão Ambiental	14
8 - Referências	15
Anexo I – Requisitos Ambientais.....	1
I. Introdução	3
II. Requisitos Ambientais	4
II.1. <i>Programa e/ou Plano de Trabalhos.....</i>	<i>5</i>
II.2. <i>Frentes de Obra e Gestão de Estaleiros</i>	<i>5</i>
II.3. <i>Gestão de Origens de Água e Efluentes.....</i>	<i>11</i>
II.4. <i>Movimentação de Terras.....</i>	<i>14</i>
II.5. <i>Gestão de Resíduos</i>	<i>18</i>
II.6. <i>Acessibilidades.....</i>	<i>22</i>
II.7. <i>Controlo de poluição atmosférica e sonora.....</i>	<i>24</i>
II.8. <i>Acompanhamento e Salvaguarda do Património Arqueológico.....</i>	<i>26</i>
II.9. <i>Acções de Formação e Sensibilização</i>	<i>32</i>
II.10. <i>Recuperação de Áreas Afectadas pela Empreitada</i>	<i>32</i>
II.11. <i>Requisitos de Carácter Geral.....</i>	<i>35</i>
Anexo II – Medidas de Minimização Específicas	1
Anexo III – Património Histórico-Cultural	1
Anexo IV – Plano de Recuperação Biofísica das Áreas Afectadas Pela Empreitada.....	1
I - INTRODUÇÃO	3
II – INTEGRAÇÃO E RECUPERAÇÃO BIOFÍSICA	4
II.1 - <i>Integração e Recuperação Biofísica.....</i>	<i>5</i>
III - MATERIAL VEGETAL.....	8

<i>III.1 - Sementeira</i>	8
<i>III.2 - Plantações</i>	9
<i>IV - MEDIDAS CAUTELARES</i>	10
<i>V - FASEAMENTO DA RECUPERAÇÃO</i>	11
<i>VI - ESPECIFICAÇÕES</i>	11
<i>VI.1 - Objecto da Empreitada</i>	11
<i>VI.2 - Condições Gerais</i>	11
<i>VI.3 - Condições Especiais</i>	12
<i>VI.4 - BIBLIOGRAFIA</i>	17
<i>REGULAMENTO DE CONCEPÇÃO, UTILIZAÇÃO E MANUTENÇÃO DE ÁREAS DE OBRA RECUPERADAS PAISAGISTICAMENTE</i>	19
<i>1. ENQUADRAMENTO</i>	19
Anexo V – Plano de Prevenção e Gestão de Resíduos de Construção e Demolição	1
<i>I - INTRODUÇÃO</i>	3
<i>II - PLANO DE PREVENÇÃO E GESTÃO DE RESÍDUOS DE CONSTRUÇÃO E DEMOLIÇÃO (PPGRCD)</i>	4
A — Operações de eliminação de resíduos	21
B – Operações de valorização de resíduos	21
<i>III - EXECUÇÃO DO PPGRCD</i>	22
<i>IV - REFERÊNCIAS</i>	23
Anexo VI – Planta de Condicionantes	1

1 - ENQUADRAMENTO

O presente Sistema de Gestão Ambiental, doravante designado SGA, é relativo às empreitadas de construção das infra-estruturas contempladas pelo Projecto de Execução dos Blocos de Rega de Ervidel e traduz a preocupação da EDIA, enquanto Dono da Obra, em assegurar e evidenciar um elevado grau de desempenho ambiental no decurso da construção das várias infra-estruturas que compõem as Empreitadas.

Deste modo, ao longo do documento são descritos os diferentes requisitos do SGA, que traduzem as linhas orientadoras relativas ao desempenho ambiental que o Dono da Obra pretende do Adjudicatário, durante a construção das infra-estruturas.

2 - OBJECTIVO

O SGA tem como principal objectivo garantir a aplicação, de uma forma eficaz e sistematizada, dos requisitos de carácter ambiental (Anexo A), assegurando o acompanhamento ambiental das Empreitadas, a definição de procedimentos e registos relativos às operações que tenham incidências ambientais e posterior avaliação dos resultados obtidos.

3 - ÂMBITO DO SISTEMA DE GESTÃO AMBIENTAL

No SGA é definida a política ambiental adequada ao cumprimento dos objectivos estabelecidos, a estrutura organizacional na área de ambiente, a implementar na Empreitada, e as linhas de actuação que permitirão ao Adjudicatário a implementação e o controlo efectivo das operações e actividades desenvolvidas nesta Empreitada com potenciais impactes ambientais.

Entre as actividades integradas nas diferentes Empreitadas de construção das infra-estruturas que compõem o Projecto de Execução dos Blocos de Rega de Ervidel, passíveis de provocarem impactes ambientais, salientam-se:

- Gestão das frentes de obra e dos estaleiros;
- Gestão de origens de água e efluentes;

- Blocos de Rega de Ervidel -

- Movimentação de terras;
- Gestão de resíduos;
- Construção e manutenção de acessos;
- Recuperação das áreas afectadas pela Empreitada.

Os requisitos ambientais, bem como as medidas de minimização definidas no SGA são aplicáveis a todos os intervenientes na Empreitada, incluindo os subempreiteiros e prestadores de serviços.

4 - POLÍTICA AMBIENTAL

A política ambiental representa o compromisso do Adjudicatário em assegurar a protecção do ambiente, estabelecendo assim as intenções e os princípios que orientam o desempenho ambiental deste.

A política a adoptar pelo Adjudicatário deverá basear-se nos seguintes princípios:

- Cumprimento da legislação em vigor nomeadamente em matéria de ambiente, bem como de outros regulamentos e/ou normas aplicáveis;
- Implementação dos requisitos ambientais e das medidas de minimização definidas no EIA, bem como as medidas resultantes do procedimento de Avaliação de Impacte Ambiental (AIA), e/ou de outras que se venham a revelar necessárias ao longo da Empreitada;
- Implementação de procedimentos que possam prevenir fenómenos de poluição decorrentes das actividades desenvolvidas no âmbito da Empreitada;
- Implementação de acções e/ou procedimentos que visem a melhoria contínua, a nível ambiental, das actividades desenvolvidas na obra, bem como do próprio SGA.

A política ambiental do Adjudicatário deverá ser aprovada pela Direcção do mesmo, ao seu mais alto nível. Esta deverá ser sujeita à aprovação do Dono da Obra.

A política ambiental deverá, ainda, ser divulgada, de modo a que esta seja do conhecimento de todos os intervenientes na Empreitada.

5 - IMPLEMENTAÇÃO E OPERAÇÃO DO SGA

Após definição das linhas orientadoras do SGA, bem como dos objectivos ambientais a que este se propõe, é necessário desenvolver e implementar ferramentas para suporte da gestão ambiental, que possibilitem uma efectiva protecção do ambiente durante a Empreitada.

Na fase de implementação do SGA deverá ser definida uma estrutura que permita, durante a execução da obra:

- Cumprir os objectivos ambientais propostos;
- Garantir a conformidade legal de todas as actividades da Empreitada;
- Assegurar a implementação dos requisitos ambientais e das medidas de minimização identificadas no decorrer do processo de AIA, bem como outras medidas de prevenção de impactes ambientais;
- Garantir o controlo operacional das actividades susceptíveis de provocarem impactes ambientais;
- Identificar e prevenir situações que possam conduzir a desvios do desempenho ambiental pretendido.

Assim o SGA deverá incluir as seguintes componentes:

- Estrutura e Responsabilidades;
- Sensibilização / Informação;
- Comunicação;
- Documentação do SGA e Controlo de Documentos;
- Controlo Operacional;
- Prevenção e Resposta a Incidentes/Acidentes Ambientais.

5.1 - Estrutura e Responsabilidades

Para que a implementação do SGA seja bem sucedida e este possa funcionar de forma eficaz, é necessário que exista um compromisso de todo o pessoal afecto à Empreitada em cumprir este objectivo. Assim sendo, as funções e responsabilidades de todos os intervenientes na Empreitada devem ser definidas, documentadas e comunicadas, de forma a promover a eficácia da gestão ambiental.

A implementação e o controlo do SGA são da responsabilidade do Adjudicatário. Este terá que ter um técnico com formação base em ambiente afecto a tempo inteiro à empreitada em questão e qualquer alteração da equipa técnica, apresentada em proposta, terá de ser previamente aprovada pelo Dono de Obra com envio dos respectivos *curricula vitae*.

Os vários intervenientes possuem funções-chave que seguidamente se apresentam.

- **Dono da Obra** – responsável pela definição do grau de desempenho ambiental que pretende alcançar no decurso da Empreitada, bem como proceder ao acompanhamento ambiental da mesma, verificando durante a fase de obra o cumprimento dos requisitos do SGA e medidas de minimização definidas.
- **Adjudicatário** – responsável pela implementação de todas as medidas e acções de carácter ambiental definidas no Caderno de Encargos e no SGA, incluindo todos os pedidos de autorização/licenciamento necessários, garantindo todos os meios fundamentais à sua execução. Deverá ser indicado o responsável pela aplicação/execução destas actividades (Responsável Ambiental). O Adjudicatário é ainda responsável por implementar medidas, que embora não previstas inicialmente, venham a ser consideradas necessárias para garantir o cumprimento dos objectivos definidos.
- **Director de Obra** – nomeado pelo Adjudicatário como coordenador da Empreitada, é o responsável pela implementação de todas as medidas e acções de carácter ambiental definidas no Caderno de Encargos, bem como pela implementação e acompanhamento do SGA. É também responsável por assegurar o cumprimento da legislação em vigor (nacional e comunitária) em matéria de ambiente, segurança e saúde. O Director de Obra trabalhará em directa colaboração com o Responsável Ambiental.
- **Responsável Ambiental** – responsável pelo acompanhamento e controlo da implementação do SGA. Deverá ter formação na área de Ambiente, tendo as seguintes funções:
 - Acompanhar e verificar a implementação das medidas e acções de

carácter ambiental definidas no Caderno de Encargos desde o início da Empreitada e até à conclusão da totalidade dos trabalhos inerentes a esta;

- Definir e, sempre que necessário corrigir, os procedimentos internos relacionados com a implementação e controlo de medidas de protecção ambiental;
- Fornecer aos trabalhadores todas as informações e meios necessários ao cumprimento dos procedimentos estabelecidos no âmbito do SGA;
- Sensibilizar continuamente os trabalhadores para a importância da implementação das medidas e do cumprimento dos procedimentos estabelecidos e da legislação em vigor;
- Organizar e manter os registos considerados essenciais para a boa gestão ambiental da obra, incluindo os registos dos acontecimentos mais importantes relacionados com a implementação do SGA;
- Elaborar, manter e actualizar toda a documentação relacionada com o SGA (certificados, licenças e autorizações, formulários e registos, resultados de controlo e avaliação, comunicações, etc.);
- Registar a ocorrência de quaisquer desvios na execução das medidas, relativamente ao preconizado no Caderno de Encargos e/ou no presente SGA;
- Comunicar ao Dono da Obra todas as eventuais dificuldades sentidas na implementação das medidas;
- Elaborar relatórios de progresso ou outros relatórios específicos sobre o SGA, solicitados pelos responsáveis hierárquicos, pelo Dono da Obra ou por entidades exteriores com responsabilidades no âmbito deste SGA;
- Comunicar com as populações afectadas pela obra ou com outras entidades, sempre que o Dono da Obra o solicitar.

Salienta-se que os subempreiteiros se encontram obrigados a cumprir os requisitos ambientais definidos para a Empreitada, sendo o Adjudicatário responsável por assegurar que todos os subempreiteiros afectos à obra têm conhecimento sobre os requisitos do SGA e os cumprem.

5.2 - Sensibilização e Informação

De forma a assegurar a implementação adequada do SGA, bem como das medidas de minimização definidas no EIA e na Declaração de Impacte Ambiental (DIA), quando emitida, é necessário criar condições para que todo o pessoal afecto à Empreitada, e ligado a actividades susceptíveis de provocar impactes ambientais, seja sensibilizado para o correcto desempenho ambiental das suas funções.

Para o efeito deverão ser implementados programas de sensibilização, cujas acções terão como objectivo divulgar os aspectos essenciais do SGA. Nessas acções deverá ser dada especial relevância aos procedimentos ambientais a executar, sua importância e consequências do não cumprimento dos mesmos. Estes programas deverão ainda incidir sobre os procedimentos a adoptar em caso de incidentes/acidentes ambientais.

O programa de sensibilização deverá ter uma abrangência alargada que englobe os diferentes intervenientes na Empreitada. As acções de sensibilização deverão ser planeadas e promovidas pelo Responsável Ambiental, em estreita colaboração com o Director de Obra.

Para além das referidas acções deverão ser consideradas outras formas de divulgação da informação sobre temas ambientais relevantes, extensível a todo o pessoal afecto à Empreitada, incluindo os subempreiteiros. Essa divulgação poderá ser feita através de reuniões, acções demonstrativas, comunicados internos, afixação de cartazes, distribuição de folhetos, entre outros.

5.3 - Comunicação

No âmbito do SGA deverão ser implementados processos de comunicação entre os diferentes intervenientes da Empreitada. Estes deverão assegurar a transmissão de informações dentro da estrutura organizacional da Empreitada, nomeadamente entre o Dono da Obra e o Adjudicatário, bem como entre os vários colaboradores do Adjudicatário, devendo estes processos ser bidireccionais. Deverá ainda ser assegurada a comunicação com entidades externas.

Os processos de comunicação a desenvolver deverão permitir, por um lado a

divulgação da política ambiental e dos procedimentos a implementar e, por outro, a divulgação dos resultados obtidos na implementação do SGA, o grau de cumprimento das medidas de minimização, as dificuldades sentidas no decorrer da obra e outros assuntos que se considerem relevantes para a componente ambiental. Deverão existir procedimentos de emergência para os incidentes/acidentes, identificados como tendo potenciais impactes ambientais significativos. Para que estes procedimentos sejam accionados eficazmente no caso de ocorrência de incidentes/acidentes, deverá ser definida a lista dos responsáveis a contactar – incluindo substitutos no caso da sua ausência – aos diferentes níveis.

São exemplos de meios de comunicação que poderão ser implementados: as reuniões de obra, os relatórios periódicos e as comunicações escritas. Para que as informações sejam transmitidas atempadamente, o sistema de circulação das mesmas deverá ser definido.

Caso seja solicitada informação por parte de entidades externas, essa deverá ser facultada após a aprovação prévia do Dono da Obra.

5.4 - Documentação do SGA e Controlo de Documentos

A documentação afecta ao SGA deverá conter os elementos que permitem ao Adjudicatário demonstrar o cumprimento dos objectivos a que se propôs, incluindo o cumprimento da legislação em vigor. A documentação deverá estar organizada de forma a facilitar a consulta e a revisão dos documentos, caso seja necessário. Assim, o sistema de documentação do SGA deverá compreender, entre outros, os seguintes documentos:

- a) Documentos previstos nos diplomas legais – estes documentos devem permitir ao Adjudicatário evidenciar perante terceiros o cumprimento da legislação. A título de exemplo, referem-se:
 - o Licenças de utilização do domínio hídrico, nomeadamente o atravessamento de linhas de água, intervenções em áreas do domínio hídrico e descarga de efluentes;
 - o Licenças/autorizações relativas à deposição e/ou exploração de resíduos inertes e/ou outras operações de gestão de resíduos;
 - o Toda a documentação referente aos vários processos de licenciamento,

- a instruir junto das respectivas entidades competentes, os quais da responsabilidade do Adjudicatário, terá de ser previamente entregue ao Dono de Obra e aprovada pelo mesmo
- Guias de Acompanhamento de Resíduos;
 - Mapa de Registos de Óleos Usados;
 - Mapa de Registos de Resíduos Industriais, se aplicável;
 - Comprovativo das autorizações/licenciamentos das empresas que operam na área dos resíduos;
 - Certificado de acreditação dos laboratórios responsáveis pelas determinações analíticas realizadas no âmbito das acções de monitorização;
 - Outros Certificados, como certificados de níveis de potência sonora dos equipamentos ou outros relevantes.
- b) Documentos associados ao Controlo Operacional – estes são documentos internos da Empreitada, que permitem evidenciar o cumprimento das medidas / procedimentos implementados.
- c) Cópias e Registos das Comunicações Efectuadas – deve ser mantido um registo das diferentes comunicações efectuadas entre os diversos intervenientes da Empreitada, nomeadamente das actas das reuniões.
- d) Memorando de visita à obra – o Adjudicatário terá que apresentar ao DO memorandos de visita à obra com periodicidade a definir pelo este no início da Empreitada.
- e) Relatórios Periódicos – devem ser produzidos relatórios sobre a gestão ambiental, com periodicidade mensal. Nestes deverão estar contempladas, entre outras, as seguintes informações:
- Ponto de situação das obras, acompanhado de cartografia/desenhos ilustrativos;
 - Ponto de situação dos licenciamentos/autorizações necessários;
 - Informação relativa à gestão de resíduos;
 - Informação relativa à gestão de efluentes;

- Principais ocorrências ambientais (incidentes/acidentes) a assinalar, medidas e procedimentos implementados para a respectiva resolução;
- Resultados das campanhas de monitorização;
- Acções de sensibilização;
- Ponto de situação (*check-list*) das medidas da Declaração de Impacte Ambiental (DIA);
- Identificação e justificação dos eventuais constrangimentos/dificuldades a nível ambiental;
- Recomendações gerais;
- Acções pendentes.

Todos os documentos relacionados com o SGA deverão ser organizados e mantidos pelo Responsável Ambiental, podendo ser consultados, em qualquer altura, pelo Dono da Obra e/ou pelo seu representante (Fiscalização).

O relatório mensal deverá ser entregue ao Dono de Obra em tempo útil (respeitando as datas acordadas na 1.ª reunião de obra), por forma a permitir, caso ocorra algum incidente ambiental ou se verifiquem resultados das monitorizações que ultrapassem os valores legislados, se possam definir e aplicar medidas que minimizem os impactes no ambiente. Sempre que considerado necessário pelo Dono de Obra, o Adjudicatário deverá proceder à elaboração de outros relatórios/documentos.

5.5 - Controlo Operacional

De forma a assegurar o cumprimento dos objectivos a que o SGA se propõe, deverão ser implementados procedimentos para as actividades associadas aos aspectos ambientais significativos, bem como para o seu acompanhamento ambiental. Estes deverão ainda permitir a avaliação do desempenho ambiental da Empreitada.

Entre as diferentes actividades que serão desenvolvidas ao longo da Empreitada, considera-se que deverão ser alvo de procedimentos e acompanhamento ambiental as actividades associadas, nomeadamente a:

- Gestão das frentes de obra e dos estaleiros;
- Gestão de origens de água e efluentes;

- Blocos de Rega de Ervidel -

- Movimentação de terras;
- Gestão de resíduos;
- Construção e manutenção de acessos;
- Recuperação das áreas afectadas pela Empreitada.

Salienta-se que esta lista de actividades não pretende ser exaustiva e deverá ser actualizada e validada durante a fase de planeamento da obra, e sempre que se justifique. Esta deverá ser aprovada pelo Dono da Obra.

Os requisitos ambientais (Anexo I), bem como as medidas de minimização específicas (Anexo II), devem ser consideradas na fase de elaboração e implementação de procedimentos para o respectivo cumprimento. Estes procedimentos devem ser sujeitos à aprovação do Dono da Obra.

No Anexo I são apresentados requisitos ambientais de carácter geral, os quais poderão incluir medidas de minimização definidas no EIA. Estes deverão ser considerados na elaboração dos procedimentos e durante o acompanhamento ambiental da obra.

No Anexo II são apresentadas as medidas de minimização específicas para determinados descritores, definidas no EIA, que visam a minimização de impactes, específicas deste projecto, as quais deverão ser implementadas na fase de obra.

5.6 - Prevenção e Resposta a Incidentes/Acidentes Ambientais

Com o objectivo de prevenir e minimizar os impactes ambientais relevantes resultantes da ocorrência de incidentes/acidentes durante a obra, deverão ser identificados os riscos ambientais e as potenciais situações de emergência associadas às diferentes actividades.

Neste contexto deverão ser desenvolvidos procedimentos de emergência que permitam uma actuação rápida, concertada e eficaz, em caso de incidentes/acidentes ambientais. Para que estes procedimentos funcionem de forma eficaz, os mesmos devem incluir uma lista de responsáveis (e respectivos substitutos), a contactar aos diferentes níveis.

Os procedimentos de resposta e emergência a incidentes/acidentes ambientais deverão ser do conhecimento de todos os intervenientes na Empreitada, e previamente aprovados pelo Dono da Obra.

6 - ACOMPANHAMENTO E VERIFICAÇÃO

Uma das componentes relevantes do SGA consiste no acompanhamento e verificação do grau de implementação dos requisitos ambientais e/ou medidas de minimização definidas, bem como da sua eficácia. Esta verificação permite identificar situações em que ocorram desvios em relação ao preconizado, adoptar as medidas correctivas necessárias e prevenir a ocorrência de situações de não conformidade, face ao definido como o desempenho ambiental adequado para a Empreitada.

Deste modo devem ser definidas ferramentas que possibilitem o acompanhamento e a verificação ambiental das actividades desenvolvidas na Empreitada, bem como do grau de implementação dos requisitos ambientais definidos.

6.1 - Monitorização

Neste contexto deverão ser definidos programas que visem a monitorização periódica das diferentes actividades susceptíveis de terem impactes significativos sobre o ambiente.

Uma das componentes que deverá ser alvo de monitorização periódica é a rejeição de efluentes, bem como a monitorização da qualidade da água das linhas de água afectadas pelas infra-estruturadas em obra. No entanto, caso venha a revelar-se necessário, para além dos efluentes, poderão vir a ser alvo de monitorização aspectos como: a emissão de partículas e/ou o ambiente sonoro na proximidade de receptores sensíveis.

O Adjudicatário poderá ter que realizar, de acordo com a DIA (após a sua emissão), Programas de Monitorização para avaliar os impactes provocados por actividades específicas da obra.

7 - OUTROS PROJECTOS NO ÂMBITO DA GESTÃO AMBIENTAL

Para alguns dos requisitos e/ou medidas ambientais é necessária a existência de planos específicos. Uma vez que estes planos pretendem contribuir para o correcto desempenho ambiental da Empreitada, consideram-se associados à gestão ambiental e, como tal, integrados neste SGA.

Os referidos planos deverão ser elaborados pelo Adjudicatário, entregues em formato digital editável e sujeitos à aprovação do Dono da Obra. Para a elaboração destes, deverão ser considerados os princípios ambientais que regem a Empreitada.

Da análise dos requisitos ambientais e/ou medidas de minimização associadas à construção destas infra-estruturas salientam-se, entre outros, os seguintes planos:

- Plano de Obra:
 - Programa e/ou Plano de trabalhos;
 - Localização, Memória descritiva e Planta de estaleiros;
 - Plano de acessibilidades;
 - Medidas de controlo de poluição atmosférica e sonora;
 - Acompanhamento arqueológico;
 - Acções de formação e sensibilização;
- Plano Integrado de Gestão de Resíduos;
- Plano Integrado de Gestão de Origens de Água e Efluentes;
- Plano de Recuperação Biofísica das Áreas Afectadas pela Empreitada;
- Plano de Desactivação de Estaleiros.

Relativamente ao Plano de Recuperação Biofísica das áreas afectadas pela Empreitada, este deve ser elaborado de acordo com os requisitos descritos no Anexo IV, bem como estar interligado com os desenhos de projecto existentes das infra-estruturas a construir.

Esta lista não pretende ser exaustiva e ao longo da Empreitada poderão ser identificadas situações para as quais tenham que ser desenvolvidos planos específicos.

8 - REFERÊNCIAS

- Norma NP EN ISO 14 001:2004 – Sistemas de gestão ambiental. Requisitos e linhas de orientação para sua utilização.
- Regulamento (CE) n.º 761/2001 do Parlamento Europeu e do Conselho, de 19 de Março de 2001, que permite a participação voluntária de organizações num sistema comunitário de ecogestão e auditoria (EMAS), com alterações introduzidas pelo Regulamento (CE) 196/2006 da Comissão de 3 de Fevereiro de 2006.
- Estudo de Impacte Ambiental do Projecto de Execução dos Blocos de Rega de Ervidel (ProSistemas e COBA, 2009).

ANEXO I – REQUISITOS AMBIENTAIS

Esta página foi propositadamente deixada em branco

I. INTRODUÇÃO

Na fase de construção das diferentes infra-estruturas pertencentes ao Projecto de Execução do Bloco de Rega de Ervidel, as actividades associadas aos principais aspectos ambientais são:

- Gestão das frentes de obra e dos estaleiros;
- Movimentação de terras;
- Gestão de origens de água e efluentes;
- Gestão de resíduos;
- Construção e manutenção de acessos;
- Recuperação das áreas afectadas pela Empreitada.

Neste anexo são descritos os requisitos ambientais e as medidas de carácter geral, associados às diferentes actividades, que deverão ser implementados previamente ao início e no decurso da Empreitada. Este documento não pretende ser exaustivo, pelo que poderão existir outros requisitos cuja implementação se venha a revelar necessária no desenvolvimento da Empreitada.

De acordo com o objectivo das medidas/requisitos preconizados neste SGA, a responsabilidade de implementação da totalidade destas, durante a Empreitada, é do Adjudicatário. A verificação da implementação dos requisitos/medidas ambientais será da responsabilidade do Dono da Obra e Fiscalização, quando aplicável.

No caso de ser detectada a necessidade de integrar outros requisitos ambientais, ao longo da Empreitada, que não estejam previstos neste documento, será necessário definir o responsável pela sua implementação, em função da natureza dos mesmos.

II. Requisitos Ambientais

Previamente ao início da obra, ou seja, antes do início de quaisquer trabalhos no terreno, deve ser elaborado e apresentado um Plano de Obra no qual seja exposto o planeamento da Empreitada e explicitadas as medidas ambientais associadas às diferentes actividades previstas. A elaboração deste Plano é da responsabilidade, do Adjudicatário, sendo sujeito à aprovação do Dono da Obra. O Plano deverá considerar os seguintes aspectos, entre outros que sejam considerados relevantes:

- Programa e/ou Plano de Trabalhos;
- Localização, Memória Descritiva e Planta de Estaleiros;
- Plano de Acessibilidades;
- Medidas de Controlo de Poluição Atmosférica e Sonora;
- Acompanhamento Arqueológico;
- Acções de Formação e Sensibilização.

Com o início da obra e no prazo de um mês, deverão ser elaborados e apresentados pelo Adjudicatário, o Plano de Gestão de Origens de Água e Efluentes e o Plano de Gestão de Resíduos, também sujeitos à aprovação do Dono da Obra.

Durante a fase de obra o Adjudicatário deverá proceder à elaboração do Plano de Desactivação dos Estaleiros e deverá aprofundar/adequar as acções de obra, quando necessário, ao Plano de Recuperação Biofísica das Áreas Afectadas pela Empreitada, que se apresenta no Anexo IV deste SGA.

Apresentam-se seguidamente os requisitos ambientais a ter em consideração nas fases de Planeamento, Construção das infra-estruturas e Desactivação / Recuperação das áreas afectadas pela Empreitada. Os mesmos encontram-se organizados por tema, que pode ser identificado pela sigla que o precede¹.

¹ **PT**- Programa/Plano de Trabalhos; **FO** - Gestão de Estaleiros e Frentes de Obra; **GAE**- Gestão de Origens de Água e Efluentes; **MT**- Movimentações de Terras; **GR** – Gestão de Resíduos; **AC** – Acessibilidades; **PA** – Controlo de poluição atmosférica; **PS** – Controlo de poluição sonora; **Eco** – Ecologia; **Pat**- Acompanhamento e Salvaguarda do Património Arqueológico; **FS** – Acções de Formação e Sensibilização; **RAO** – Recuperação de Áreas Afectadas pela Empreitada; **CG** – Requisitos de Carácter Geral.

II.1. Programa e/ou Plano de Trabalhos

Antes do início da Empreitada, o Adjudicatário deverá elaborar o Plano/Programa de todos os trabalhos associados à Empreitada, documento este que deverá ser incluído no Plano de Obra.

PT 1: O programa/plano de trabalhos deverá possuir um detalhe mínimo mensal e terá de ser aprovado pelo Dono da Obra; este deverá incluir entre outros aspectos relevantes da Empreitada, as fases previstas para as movimentações de terras, para as acções de desarborização e desmatação e para os atravessamentos de linhas de água, bem como a fase de desactivação e recuperação das áreas afectas à Empreitada e integração paisagística das infra-estruturas.

PT 2: A realização do programa de trabalhos deverá ter em conta que as actividades de elevada movimentação de terras e de desarborização e desmatação não deverão coincidir com o período de 1 de Março a 30 de Junho, evitando o período de reprodução da avifauna estepária.

II.2. Frentes de Obra e Gestão de Estaleiros

No âmbito do desenvolvimento das Frentes de Obra e da Gestão dos Estaleiros as diferentes operações devem desenvolver-se de forma a prevenir e minimizar potenciais impactes ambientais.

O processo de selecção da localização dos estaleiros, caso o Adjudicatário abdique da utilização dos locais definidos, deverá considerar um conjunto de condicionantes ambientais, que seguidamente se indicam.

FO 1: Os estaleiros e a deposição de terras sobrantes deverão localizar-se nas áreas indicadas na Planta de Zonas Preferenciais para a Instalação de Estaleiros e de Depósito de Inertes incluída no Anexo IV. Caso o Adjudicatário opte por outras localizações estas deverão ser enquadradas nas áreas definidas no mesmo desenho como “zonas preferenciais”, as quais foram delimitadas respeitando as condicionantes de ordenamento do

território, bem como as referentes às áreas legalmente protegidas (ex. áreas de montado), servidões e restrições de utilidade pública, e todos os requisitos que se listam nos pontos seguintes. Refira-se que esta carta poderá sofrer alterações aquando da emissão da Declaração de Impacte Ambiental

- FO 2: Em caso de alteração das localizações apresentadas ou de se verificar a necessidade de locais adicionais, estas deverão ser, previamente à realização de qualquer trabalho, devidamente aprovadas pelo Dono de Obra.
- FO 3: A localização dos estaleiros deverá ser aprovada pelo Dono da Obra, previamente à sua instalação.
- FO 4: A localização dos estaleiros deverá permitir a salvaguarda do maior número de vertentes ambientais possíveis:
- o Deverá ser evitada a afectação de áreas sensíveis em termos ecológicos, paisagísticos ou visuais, nomeadamente zonas de habitats prioritários, baixas aluvionares, locais onde existam vestígios de património arqueológico;
 - o Deverá ser evitada a afectação da envolvente das linhas de água, permanentes ou temporárias, numa distância mínima de 15 metros;
 - o Deverá ser evitada a afectação de zonas de elevada densidade de coberto vegetal arbustivo e/ou arbóreo;
 - o Deverá ser evitada a afectação de áreas de Reserva Ecológica Nacional (REN) e de Reserva Agrícola Nacional (RAN);
 - o Preferencialmente deverá ser seleccionada uma área anteriormente intervencionada ou/e cuja vegetação seja maioritariamente herbácea ruderal, não apresentando qualquer valor conservacionista, ou mesmo sobre clareiras provenientes de maus usos antecedentes.
- FO 5: A localização dos estaleiros deverá situar-se fora de áreas de recarga de sistemas aquíferos e de áreas de influência directa de nascentes e dos perímetros de protecção de captações de abastecimento público.

- FO 6: Os estaleiros não deverão ser localizados junto de habitações ou de outras zonas de utilização sensível, dado os impactes ao nível do ruído.
- FO 7: Dentro das condicionantes apresentadas, os estaleiros deverão localizar-se o mais próximo possível das frentes de obra, de modo a reduzir as áreas afectadas pelas deslocações entre o estaleiro e a frente de obra, com consequente minimização das deslocações de veículos, bem como as emissões difusas de partículas em caminhos com pavimento de terra batida.
- FO 8: A área afecta aos estaleiros deverá ser reduzida ao mínimo possível, seleccionando as áreas estritamente indispensáveis para a sua correcta implementação. Deverá ser evitado o abate de árvores, sobretudo quando se tratam de quercíneas.
- FO 9: A implantação dos estaleiros deverá ser precedida de trabalhos de prospecção arqueológica, devendo proceder-se à alteração de localização, caso ocorram áreas de interesse arqueológico.
- FO 10: Nas plataformas de implantação dos estaleiros deve ser executada uma rede de drenagem periférica, constituída por valas de drenagem, que deverão ser revestidas se o declive das valas exceder 2%. A descarga da rede de drenagem periférica deve ser feita para a linha de água mais próxima, havendo o cuidado de construir caixas de retenção de sólidos para evitar o seu transporte para o curso de água.
- FO 11: Deverá proceder-se à vedação das áreas de estaleiro, ou na sua impossibilidade, delimitação da área afecta ao mesmo com sinalização visível. Na vedação deverão ser colocadas placas avisadoras que incluam as regras de segurança a observar assim como a calendarização das obras.
- FO 12: O planeamento dos trabalhos a implementar deve contemplar, entre outros, os seguintes aspectos:

- o Prever a realização dos trabalhos de forma a reduzir ao mínimo o período de tempo em que ocorram movimentos de terras, devendo esta fase decorrer preferencialmente na época seca (entre Maio e Setembro), de modo a minimizar a erosão dos solos e o transporte sólido nas linhas de água;
- o Concentrar no espaço e no tempo a realização de todos os trabalhos de forma a evitar a sua dispersão pela envolvente;
- o Se necessário, realizar a desmatação e desarborização de acordo com os requisitos que se expõem adiante;
- o Uma vez que irão ser realizados trabalhos em sítios arqueológicos localizados na área de intervenção (Anexo III, Quadro III.I), da responsabilidade directa da EDIA, deverá garantir-se que os trabalhos a desenvolver pelo Adjudicatário não interferem directamente com as intervenções arqueológicas, caso decorram em simultâneo.

FO 13: Deverá ser protegida e preservada a vegetação arbórea e arbustiva existente na envolvente dos locais da obra e acessos, através da implementação de medidas cautelares a definir no início da obra. Entre estas destacam-se como sensíveis as áreas de montado, as galerias ripícolas e outros elementos vegetais com interesse, que deverão ser assinalados sempre que possível. Se for necessário proceder ao corte de quercíneas estas deverão ser pintadas com tinta branca indelével, previamente ao corte.

FO 14: Os estaleiros e as diferentes frentes de obra deverão estar equipados com todos os materiais e meios necessários que permitam responder em situações de incidentes/acidentes ambientais, nomeadamente derrames acidentais de substâncias poluentes.

FO 15: A localização dos parques de materiais, locais de empréstimo, depósitos de terras e todas as infra-estruturas de apoio à obra, não podem afectar áreas de montado de sobro e/ou azinho e devem estar sinalizadas e/ou vedadas com bandeirolas e/ou fitas coloridas, fixadas em estacas.

- FO 16: As áreas afectas às oficinas, parque de máquinas e armazenamento de produtos químicos deverão ser impermeabilizadas e com drenagem eficaz. Os locais destinados ao abastecimento de combustível e armazenamento temporário de óleos e combustíveis, bem como a manutenção e reparação de veículos devem ser impermeabilizados, planos e preferencialmente cobertos. Estes locais devem ser em áreas técnicas devidamente infra-estruturadas para o efeito, de fácil acesso, de forma a facilitar a operação de trasfega de resíduos e devem estar equipados com contenção secundária.
- FO 17: Previamente a qualquer intervenção nas áreas de empréstimo deve ser efectuado um reconhecimento e levantamento das situações consideradas potencialmente instáveis. Caso seja considerado necessário, deverão ser efectuadas obras de consolidação dos taludes instáveis.
- FO 18: As movimentações de terras e máquinas devem, tanto quanto possível, privilegiar o uso de acessos existentes ou menos sensíveis à compactação e impermeabilização dos solos, evitando a circulação de máquinas indiscriminadamente por todo o terreno.
- FO 19: Devem ser tomadas precauções no que respeita à movimentação de máquinas em leito de cheia, afectando ao mínimo possível quer o leito de cheia quer a vegetação ripícola.
- FO 20: Nas zonas em que sejam executadas obras que possam afectar as linhas de água, deverão ser implementadas medidas que visem interferir o mínimo possível no regime hídrico, no coberto vegetal pré-existente e na estabilidade das margens. Nunca deverá ser interrompido o escoamento natural da linha de água. Todas as intervenções em domínio hídrico devem ser previamente licenciadas no âmbito da Lei n.º 58/2005, de 29 de Dezembro, Decreto-Lei n.º 226-A/2007, de 31 de Maio, e Portaria n.º 1450/2007, de 12 de Novembro.
- FO 21: As acções de desarborização e de desmatação deverão restringir-se à área estrita de intervenção, devendo ser delimitada por piquetagem e/ou por

sinalização bem visível. No caso do abate de azinheiras ou sobreiros, deverá ser efectuada a sua cintagem prévia com tinta branca indelével.

FO 22: As acções de desarborização da área afectada devem decorrer preferencialmente no período de Agosto a Dezembro.

FO 23: O corte das árvores deve ser feito por corte raso com motosserra, devendo o cepo das árvores apresentar-se liso e plano. Nos casos em que não é possível, pela natureza da obra a manutenção do cepo no solo, poderá ser realizada a desarborização por arranque.

FO 24: As operações de desmatação em áreas onde não é necessário efectuar movimentações de terras e, conseqüentemente, não sejam sujeitas a mobilização do solo, deverão ser efectuadas por corte raso, com corta-matos, e recarga do material cortado. Em zonas onde seja necessário realizar movimentações de terras, as operações de desmatação deverão ser efectuadas por gradagem, com mistura do mato cortado na camada superficial do solo. Esta camada de solo poderá ser armazenada em pargas e é adequada para recobrimento de taludes, contendo um volume de sementes que contribuirá para a sua revegetação.

FO 25: O material resultante de acções de desmatação e/ou desarborização, deverá ser armazenado em local afastado dos cursos de água, devendo ser privilegiada a sua valorização e comercialização, sempre que possível e economicamente viável.

FO 26 Deverá ser evitado o abate de árvores (sobretudo de quercíneas), caso não seja tecnicamente possível o Adjudicatário deverá contabilizar e registar sempre os exemplares de quercíneas abatidos e sempre que possível identificar a sua localização em cartografia.

FO 27: Caso se verifique a necessidade de corte de povoamentos de pinheiro bravo e/ou eucalipto, deverá ser solicitada autorização à Direcção Regional de Agricultura da região onde está instalado o povoamento.

- FO 28: Na fase inicial da obra devem ser identificados os locais a intervencionar, por forma a minimizar a área afectada. Nestas áreas, deve proceder-se à decapagem e recolha das camadas de solo e ao seu armazenamento adequado em camadas, para posterior utilização e recobrimento das zonas cuja recuperação venha a ser considerada necessária.
- FO 29: As acções que impliquem a remoção ou degradação do coberto vegetal, a decapagem do terreno ou a escavação, movimentação e depósito de materiais, deverão limitar-se às áreas estritamente necessárias à execução dos trabalhos.
- FO 30: É proibida a queima a céu aberto de qualquer tipo de resíduo.
- FO 31: O acesso de pessoal não afecto à empreitada deve ser evitado ou se possível interditado. Assim, as zonas de intervenção devem ser sinalizadas de acordo com os regulamentos de trânsito municipais, e sempre que se justifique, vedadas.
- FO 32: Deverão ser adoptadas medidas no domínio da sinalização informativa e da regulamentação do tráfego nas vias atravessadas pela Empreitada, visando a segurança e informação durante a fase de construção, cumprindo o Regulamento de Sinalização Temporária de Obras e Obstáculos na Via Pública.
- FO 33: Caso ocorram incidentes/acidentes ambientais deverão ser activados os procedimentos necessários para a rápida resolução destes, que deverão ser previamente aprovados pelo Dono da Obra. Deverá ainda proceder-se à recuperação imediata da zona afectada.

II.3. Gestão de Origens de Água e Efluentes

No primeiro mês do decorrer da obra o Adjudicatário deverá elaborar um Plano Integrado de Gestão de Origens de Água e Efluentes, o qual identifique as diferentes

origens de água para consumo nas diferentes actividades afectadas pela Empreitada, bem como as actividades passíveis de gerarem águas residuais. No caso das águas residuais, o referido Plano deverá propor sistemas adequados de recolha e tratamento de efluentes. Deve ser garantido o controlo e manutenção destes sistemas, bem como o cumprimento da legislação em vigor, nomeadamente a obtenção de licenças de utilização do domínio hídrico. A gestão de efluentes a implementar deverá considerar os diferentes tipos de efluentes e ser sujeita à aprovação prévia do Dono da Obra. O Plano deverá contemplar ainda os programas de monitorização a implementar para controlo dos diferentes sistemas de tratamento.

No decurso da empreitada os requisitos ambientais a implementar pelo Adjudicatário contemplam:

GAE 1: Implementação de um adequado sistema de recolha e tratamento de águas residuais, o qual deverá ter em atenção as diferentes características dos efluentes gerados durante a fase de obra:

- o Privilegiar a reutilização da água proveniente da limpeza de qualquer tipo de maquinaria, que contenha cascalho, areia, cimento, ou similares, após tratamento. As areias separadas durante o processo de tratamento, devem ser recolhidas e encaminhadas para destino final adequado. As águas de lavagem associadas ao fabrico de betões (excepto betuminoso) deverão ser encaminhadas para um local único e impermeabilizado, para que, quando terminada a obra, se possa proceder ao saneamento de toda a área utilizada e ao encaminhamento para destino final adequado dos resíduos resultantes;
- o As águas que contenham, ou potencialmente possam conter, substâncias químicas, assim como as águas com elevada concentração de óleos e gorduras, devem ser conduzidas para um depósito estanque, sobre terreno impermeabilizado, devendo posteriormente ser encaminhadas para destino final adequado. Os documentos comprovativos do seu destino final devem ser entregues ao Dono da Obra;
- o Os efluentes domésticos (serviços sanitários, cozinhas e refeitórios) devem ser devidamente encaminhados para uma fossa séptica estanque ou, em

alternativa, tratados antes de serem descarregados no meio receptor. Ao proceder-se à limpeza da fossa, os efluentes e lamas devem ser encaminhados para destino final adequado, devendo ser entregue ao Dono da Obra, cópia dos documentos comprovativos do seu destino final. Caso seja viável, os efluentes deverão ser encaminhados para o Sistema Municipal de Águas Residuais;

- o A recolha de águas provenientes de instalações sanitárias do tipo “móvel” deve garantir a frequência necessária à manutenção das boas condições de higiene, devendo ser realizada por uma empresa licenciada para o efeito.

GAE 2: A descarga de águas residuais no meio deverá ser objecto de licenciamento/ autorização prévia.

GAE 3: Os resíduos susceptíveis de gerar efluentes contaminados pela acção da percolação das águas pluviais, serão armazenados em parque coberto.

GAE 4: O excesso de água obtido durante as escavações, deve ser bombeado para pequenas bacias de decantação antes de ser conduzido à linha de água mais próxima.

GAE 5: Na eventualidade de haver necessidade de em algum troço proceder ao rebaixamento do nível freático, decorrente das acções de escavação, a água extraída deverá ser devolvida ao terreno a jusante, devendo a extensão da escavação ser curta e acompanhada por escoramentos. Pretende-se deste modo manter o equilíbrio hidrodinâmico e a espessura saturada do aquífero.

GAE 6: No decurso dos trabalhos deverá ser dada especial atenção aos poços e furos existentes na área envolvente, evitando-se o mais possível qualquer interferência.

GAE 7: As captações de água subterrânea que fiquem fora de serviço devido à implementação das novas origens de água, devem ser devidamente

neutralizadas/seladas por injeção de calda de cimento, de modo a não poderem vir a constituir um potencial foco de contaminação.

GAE 8: Assegurar, para o caso de se verificar a exposição do nível freático à superfície durante a fase de construção, que todas as acções que traduzam risco de poluição sejam eliminadas ou restringidas na sua envolvente directa. Essas áreas devem ser vedadas e deve ser restringido o acesso directo ao local, a fim de evitar que para aí sejam lançados elementos poluentes.

II.4. Movimentação de Terras

Para todos os trabalhos da empreitada que impliquem a movimentação de terras o Adjudicatário deverá cumprir os requisitos que seguidamente se expõem.

MT 1: Proceder à remoção prévia da camada superficial dos solos das áreas de escavação, estaleiros e de depósito, para que os mesmos possam ser posteriormente utilizados na recuperação das áreas afectadas pela Empreitada. A remoção dos solos deverá ser reduzida ao mínimo e ter lugar antes da utilização das áreas para actividades afectas à Empreitada, de forma a prevenir-se a sua compactação. Deverão ainda seguir-se as seguintes orientações:

- o Proceder à desmatação e decapagem do terreno, através da limpeza de detritos e vegetação lenhosa (árvores e arbustos), conservando, todavia, a vegetação subarborescente e herbácea a remover com a decapagem. Estas acções devem ter lugar, exclusivamente, nas áreas sujeitas a terraplanagem, sendo absolutamente necessário limitar a destruição da cobertura vegetal em áreas que não sejam necessárias à concretização da empreitada. A limpeza e desmatação compreendem ainda a arrumação e transporte dos materiais provenientes desta operação para uma área pré-definida pela equipa de fiscalização ambiental;
- o As áreas de decapagem deverão ser restringidas ao estritamente necessário para a construção das infra-estruturas;

- o As áreas onde se irá proceder à remoção do coberto vegetal devem ser claramente identificadas, permitindo a verificação imediata da área de intervenção. As árvores não podem ser cortadas ou danificadas para além dos limites marcados e o equipamento não poderá ser operado para além dos limites sem autorização expressa;
- o Os resíduos vegetais devem ser removidos e devidamente encaminhados para destino final adequado;
- o Deverão ser mantidos, sempre que tecnicamente possível, os exemplares arbóreos existentes a compartimentar a paisagem, nomeadamente junto aos caminhos e nos limites das propriedades;
- o No caso específico dos estaleiros as terras deverão ser depositadas em zonas planas, próximas do estaleiro e o declive dos taludes dos depósitos não deve exceder 2H:1V.
- o A remoção deverá ser feita em faixas paralelas às curvas de nível reduzindo o comprimento das encostas;
- o A espessura da decapagem não deverá exceder os 40-50 cm de profundidade;
- o Os solos não devem estar muito molhados, de forma a não se alterar a estrutura e minimizar o peso de transporte, nem muito secos de modo a facilitar a sua recolha;
- o No caso das áreas com vegetação arbustiva, a desmatção deverá ser efectuada por gradagem, com mistura do mato cortado na camada superficial do solo;
- o Os solos deverão ser armazenados em pargas, que não deverão ser calcadas por veículos. Deve ser seleccionado um local próprio para armazenamento destes solos, que deverá possuir boa drenagem, ser coberto e garantir condições para que não haja mistura com outros materiais.

MT 2: Os materiais (terras) resultantes das escavações serão depositados ao longo das valas, após remoção e armazenamento prévios da camada superficial do solo da área a intervencionar.

MT 3: Os materiais sobrantes provenientes das escavações a efectuar durante a obra, caso possuam características geotécnicas adequadas, deverão, sempre que possível, ser (re)utilizados nos aterros associados à construção das diferentes infra-estruturas. Quando tal não se verifique os materiais poderão servir para repor a morfologia de áreas de empréstimo e/ou ser utilizados para regularização de terrenos (recuperação paisagística) que, por motivos de outras obras, necessitem de terras de empréstimo.

MT 4: Caso seja necessário recorrer a outros locais para armazenamento de materiais excedentários, para além dos previstos na Planta de Zonas Preferenciais para Instalação de estaleiros e de Depósito de Inertes incluída no Anexo VI, estes deverão preferencialmente ocorrer fora de:

- o áreas pertencentes à REN;
- o áreas com grande declive com evidências de escorregamentos de terras;
- o locais onde haja ocorrências patrimoniais;
- o locais ecologicamente sensíveis como as margens de linhas de água e respectiva galeria ripícola, ou zonas de elevada densidade arbórea (nomeadamente montados);
- o áreas urbanizadas.

Todos os locais terão que ser previamente acordados e autorizados pelo Dono da Obra. Todas as condicionantes descritas terão também de ser cumpridas no caso dos locais de armazenamento temporário de materiais excedentários.

MT 5: No caso exposto no ponto anterior, o destino final dos materiais sobrantes deverá corresponder a um aterro de resíduos inertes, devidamente licenciado para o efeito junto das entidades competentes. Se possível, deverá ser privilegiado o uso de pedreiras ou areeiros abandonados existentes a

distâncias compatíveis com a localização da obra. A responsabilidade de licenciar estes locais cabe ao Adjudicatário.

- MT 6: Deverá assegurar-se que os materiais inertes excedentes não sofrem mistura com qualquer outro tipo de resíduos.
- MT 7: As terras de empréstimo, caso sejam necessárias, deverão sempre que possível ter origem noutras frentes de obra, ou mesmo, em obras associadas. Caso seja necessário recorrer a novas manchas de empréstimo, deverá proceder-se ao respectivo licenciamento, o qual será da responsabilidade do Adjudicatário. Estas novas áreas deverão respeitar a Planta de Condicionantes (incluída no Anexo VI).
- MT 8: Deve ser evitada a mobilização de solos na época das chuvas, de forma a reduzir os riscos de erosão.
- MT 9: Todas as actividades que envolvam a mobilização de solo deverão ser acompanhadas por um arqueólogo (ver II.8 Acompanhamento e Salvaguarda do Património Arqueológico).
- MT 10: As escavações das valas necessárias para a instalação dos diversos troços da conduta deverão ser acompanhadas de escoramentos de modo a evitar a deformação das formações e o risco de acidentes pessoais. Quando executadas no período de águas altas, devem ser curtos os troços de vala a executar e as inclinações dos taludes respeitarem o recomendado no Projecto (taludes de escavação provisórios de 1H:2V).
- MT 11: No acompanhamento arqueológico de outras empreitadas do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva têm sido identificados arqueossítios constituídos por estruturas em negativo (realidades escavadas no substrato rochoso) que não são reconhecíveis através de vestígios de superfície. Como tal, a equipa de acompanhamento arqueológico deverá realizar uma observação atenta durante a fase de mobilização de solos, devendo pois a equipa do Adjudicatário ter acesso visual facilitado à camada

de transição entre o solo vegetal e substrato estratigráfico situado imediatamente abaixo (inorgânico).

II.5. Gestão de Resíduos

No primeiro mês do decorrer da obra o Adjudicatário deverá elaborar um Plano Integrado de Gestão de Resíduos, no qual deverão ser definidas as linhas de actuação para as operações de armazenamento temporário, acondicionamento, transporte e encaminhamento para destino final adequado, devidamente autorizado para o efeito, dos diferentes tipos de resíduos produzidos. Estas operações devem ter em atenção a legislação em vigor, a tipologia e origem dos resíduos, a minimização e prevenção de impactes ambientais, bem como as medidas a implementar no caso de ocorrência de incidentes/acidentes ambientais. De forma a permitir o acompanhamento ambiental destas operações, deve proceder-se a um registo das mesmas. O plano de gestão de resíduos deverá ser revisto sempre que necessário, face a situações não previstas inicialmente. No Anexo V encontra-se o Plano de Prevenção e Gestão de Resíduos de Construção e Demolição, elaborado com base no Projecto de Execução dando cumprimento à legislação em vigor, o qual deverá ser tido em consideração.

No decurso da empreitada o Adjudicatário deve dar especial atenção à implementação dos seguintes requisitos:

GR 1: Devem ser aplicadas as medidas de gestão de resíduos preconizadas no Plano Integrado de Gestão de Resíduos. Este Plano deverá ser elaborado de acordo com os princípios da auto – suficiência, da prevenção, da redução, da hierarquia das operações de gestão de resíduos, previstos no Decreto -Lei n.º 178/2005, de 5 de Setembro e tendo como base o Decreto – Lei n.º 46/2008, de 12 de Março.

GR 2: No Plano Integrado de Gestão de Resíduos deve constar o registo dos resíduos gerados em obra, nomeadamente através da criação de um Mapa de Controlo de Resíduos, que deverá ser actualizado semanalmente e de onde devem constar, no mínimo, os seguintes itens:

- o Actividade construtiva geradora de resíduos;
- o Tipo de resíduos gerados;

- o Classificação dos resíduos;
- o Período de produção dos resíduos;
- o Local de armazenamento temporário;
- o Período de armazenamento em obra;
- o Empresa transportadora;
- o Destino final dos resíduos;
- o Data de saída dos resíduos da obra;
- o Data de recepção do comprovativo da Guia de Acompanhamento de Resíduos relativo ao destinatário.

Deve igualmente ser elaborado um Dossier de Gestão de Resíduos, que deverá ser mantido actualizado, contendo os seguintes registos:

- o Planta de localização das áreas de armazenamento temporário dos resíduos;
- o Planta de localização dos recipientes para deposição de resíduos existentes em obra;
- o Mapa de controlo dos resíduos;
- o Mapa de registo dos resíduos;
- o Documentos comprovativos do licenciamento das empresas transportadoras dos resíduos;
- o Documentos comprovativos do licenciamento das empresas receptoras dos resíduos;
- o Guias de transporte dos resíduos;
- o Legislação aplicável aos resíduos da obra.

GR 3: Deve ser dado cumprimento a toda a legislação, nacional e comunitária, em vigor no que respeita à gestão de resíduos, nomeadamente a identificação e classificação dos resíduos em conformidade com a Lista Europeia de Resíduos – LER (Portaria n.º 209/2004 de 3 de Março, o Decreto-Lei n.º 178/2005, de 5 de Setembro e o Decreto-Lei n.º 46/2008, de 12 de Março).

GR 4: Proceder ao registo, com actualização trimestral, das quantidades e características dos óleos usados produzidos, ao processo que lhes deu origem e ao respectivo destino.

- GR 5: O local afecto ao parque de armazenamento temporário de resíduos deve ser claramente definido e identificado para o efeito. O acesso a este local deverá ser condicionado. Os resíduos deverão ser segregados e armazenados separadamente, em função das suas características e destino final. Os locais de armazenamento para as diferentes tipologias de resíduos devem estar identificados. O Adjudicatário deve garantir o armazenamento dos resíduos no estaleiro em condições adequadas, conforme estabelecido na legislação aplicável em vigor, nomeadamente no Decreto-Lei nº 178/2006 de 5 de Dezembro e o Decreto – lei n.º 46/2008, de 12 de Março, uma vez que o produtor é o único responsável pela gestão dos resíduos que produz.
- GR 6: Todos os resíduos classificados como perigosos pela LER, nomeadamente óleos usados, lubrificantes, tintas e solventes, bem como resíduos contaminados por óleos, deverão ser devidamente acondicionados e armazenados em local apropriado e autorizado pelo Dono da Obra. Deve ser considerada a construção/implementação de uma bacia de retenção de forma a minimizar o impacte de eventuais derrames.
- GR 7: O armazenamento temporário dos óleos usados e combustíveis deverá ser efectuado em local impermeabilizado e coberto, com bacia de retenção de derrames acidentais, separando-se os óleos hidráulicos e de motor usados para gestão diferenciada. Os contentores deverão ter claramente identificado no exterior os diferentes tipos de óleo. De modo a evitar acidentes, na armazenagem temporária destes resíduos, dever-se-á ter em consideração as seguintes orientações:
- o Preservação de uma distância mínima de 15 metros a margens de linhas de água permanentes ou temporárias;
 - o Armazenamento em contentores, devidamente estanques e selados, não devendo a taxa de enchimento ultrapassar 98% da sua capacidade;
 - o Instalação em terrenos estáveis e planos;
 - o Instalação em local de fácil acesso para trasfega de resíduos.

- GR 8: As operações de manutenção e de abastecimento de maquinaria deverão ter lugar no interior dos estaleiros em local previamente definido e com as condições necessárias para os efeitos, e não na frente de obra. Toda a maquinaria deverá ser devidamente inspeccionada por forma a garantir o seu correcto funcionamento, diminuindo o risco de contaminação do solo e da água.
- GR 9: Os filtros de óleo, previamente escorridos, materiais absorventes e solos contaminados com hidrocarbonetos deverão ser armazenados temporariamente em recipientes estanques e fechados.
- GR 10: A remoção de resíduos classificados como perigosos pela LER, nomeadamente óleos usados, lubrificantes, tintas e solventes, e resíduos contaminados com óleos só deverá ser iniciada, pelo Adjudicatário, após a aprovação pelo Dono da Obra ou seu representante da proposta dos destinos finais. Deve ser apresentada cópia das autorizações das empresas receptoras de resíduos e transportadores de óleos usados.
- GR 11: O Adjudicatário deve ter disponíveis os meios necessários para actuar caso ocorra derrame de resíduos, nomeadamente resíduos classificados como perigosos pela LER.
- GR 12: No âmbito da gestão dos resíduos deverá ser dada preferência à valorização dos resíduos, tendo como princípio a recolha selectiva dos mesmos. As empresas de gestão de resíduos a contratar, deverão constar nas listagens dos operadores licenciados pela Agência Portuguesa do Ambiente, devendo ser apresentadas ao Dono da Obra, cópias das autorizações destas empresas.
- GR 13: Os resíduos recicláveis, como plásticos, papel e cartão e resíduos metálicos, deverão ser recolhidos selectivamente, devendo ser encaminhados para operadores autorizados para o efeito, bem como os resíduos equivalentes a RSU.

- GR 14: Relativamente à produção de resíduos sólidos urbanos, a obra deverá estar dotada de contentores para recolha deste tipo de resíduos. A remoção final dos resíduos equiparados a Resíduos Sólidos Urbanos (RSU) deverá ser efectuada, preferencialmente, através dos processos habituais de remoção de RSU existente no Concelho em que se insere a obra.
- GR 15: Não é permitida a rejeição de qualquer tipo de resíduos para as linhas de água ou solo. Os resíduos perigosos devem ser alvo de gestão individualizada, nos termos previstos da lei.
- GR 16: Em caso de derrame acidental de qualquer substância poluente, nas operações de manuseamento, armazenagem ou transporte, o responsável pelo derrame providenciará a limpeza imediata da zona através da remoção da camada de solo afectada. No caso dos óleos, novos ou usados, deverão utilizar-se previamente produtos absorventes. A zona afectada será isolada, sendo o acesso permitido unicamente aos trabalhadores incumbidos da limpeza. Os produtos derramados e/ou utilizados para recolha dos derrames serão tratados como resíduos, no que diz respeito à recolha, acondicionamento, armazenagem, transporte e destino final.

II.6. Acessibilidades

No início da obra, o Adjudicatário deverá elaborar um Plano de Acessibilidades, a integrar no Plano de Obra com o objectivo de identificar todos os caminhos utilizados, tráfego previsto e medidas de minimização associadas, quando existam, relativamente a cada uma das actividades previstas para a empreitada.

No decorrer da empreitada o Adjudicatário deve assegurar o cumprimento dos seguintes requisitos ambientais:

- AC 1: A circulação de veículos e maquinaria pesada deverá obedecer a trajectos preferenciais, definidos previamente, aproveitando ao máximo os caminhos já existentes, proibindo-se a circulação fora destas áreas, por forma a evitar a

proliferação de zonas sujeitas a derrames de óleos e combustíveis. Deve ser respeitada a legislação em vigor relativa à sinalização das vias.

- AC 2: Os acessos temporários em áreas de montado deverão ser feitos pelos caminhos florestais já existentes, evitando o abate de sobreiros e/ou azinheiras.
- AC 3: No caso dos acessos existentes, as acções de beneficiação só devem incluir o alargamento do acesso nos casos estritamente necessários. A reparação da via, fruto de uma acção induzida pela circulação de viaturas afectadas pela Empreitada, deve ser efectuada logo após a fase de construção e com a maior brevidade possível.
- AC 4: Caso seja necessário a abertura de novos acessos, o traçado deve adaptar-se ao terreno natural evitando o rasgo de taludes pronunciados e com inclinações acentuadas, bem como a remoção da vegetação, decapagem do solo ou o corte de vegetação sejam reduzidas ao máximo. Os trilhos devem ser assinalados, devendo ser proibida a circulação fora dessas áreas.
- AC 5: Durante a construção de acessos à obra, e sempre que se registem operações com movimentação de solos deve garantir-se o seu acompanhamento arqueológico (ver II.8 Acompanhamento e Salvaguarda do Património Arqueológico).
- AC 6: Deve ser evitado o atravessamento dos núcleos urbanos por parte dos veículos pesados afectos à obra. Caso haja necessidade das viaturas pesadas passarem pelo centro das localidades, esse trajecto deve ser o mais curto possível e efectuada à menor velocidade possível.
- AC 7: O atravessamento de máquinas em leito de cheia deve, preferencialmente, ser efectuada através de estruturas já existentes para o efeito, de forma a afectar o mínimo possível a vegetação ripícola e o próprio leito de cheia. Caso se preveja interceptar linhas de água, para estabelecimento de acessos

à obra, têm as mesmas de ser restabelecidas por passagem hidráulica, ainda que a afectação ocorra por um período curto.

AC 8: Sempre que os acessos às propriedades forem interrompidos, deverá ser comunicado aos proprietários e ser assegurada a criação de acessos alternativos. Os acessos a criar deverão ser acordados com os proprietários garantindo, no mínimo, os actuais níveis de acessibilidade. Estas interrupções deverão limitar-se ao mínimo período de tempo possível.

Na fase final da obra, para além das medidas de minimização previstas para recuperação das áreas afectadas pela Empreitada (ver Ponto II.10. Recuperação de Áreas Afectadas pela Empreitada), o Adjudicatário deve também ter em atenção os seguintes requisitos:

AC 9: Caso sejam construídas novas vias de acesso à obra, exclusivamente para esse efeito, deve efectuar-se a recuperação do terreno de acordo com o estipulado no requisito RAO 5 do Ponto II.10. Recuperação de Áreas Afectadas pela Empreitada.

AC 10: As vias de comunicação, nomeadamente os caminhos agrícolas e florestais, que forem danificadas pelas obras, devem ser recuperadas através da descompactação dos solos.

AC 11: No caso dos caminhos que não puderem ser restabelecidos, deverá estar assinalada a sua interrupção, bem como indicado o acesso alternativo.

II.7. Controlo de poluição atmosférica e sonora

De forma a minimizar as emissões atmosféricas, em particular as emissões difusas de partículas, resultantes das diferentes actividades, deverão ser considerados os seguintes aspectos:

PA 1: Deverão ser humedecidas as vias não pavimentadas e todas as áreas passíveis de gerarem emissões difusas de partículas, sempre que necessário e

especialmente em dias secos e ventosos, bem como reduzir a velocidade dos veículos neste tipo de vias. Deverão igualmente efectuar-se lavagens regulares dos rodados da maquinaria e veículos afectos à obra. Este requisito poderá não ser cumprido, na sua totalidade ou parcialmente, caso se verifiquem situações excepcionais de carência de água, como por exemplo em anos de seca. Nessas situações, os condicionalismos a este tipo de operações deverão ser comunicados ao Dono da Obra que deverá autorizar os procedimentos excepcionais.

PA 2: Deverão ser tomados cuidados acrescidos na cobertura de materiais susceptíveis de serem arrastados pelo vento, como por exemplo o acondicionamento apropriado dos depósitos de excedentes de construção. Nas zonas perto de habitações deverão ser instalados “tapumes” de protecção.

PA 3: Deverão ser cobertas adequadamente as caixas de carga de camiões de transporte de substâncias pulverulentas, de modo a minimizar a emissão de poeiras ou queda de materiais, bem como, se deve garantir a redução da velocidade dos veículos em estradas ou caminhos não pavimentados.

PA 4: Deverá ser efectuada uma manutenção dos veículos e equipamentos utilizados, de forma a prevenir o aumento das emissões atmosféricas.

De modo a minimizar a poluição sonora, resultante das diferentes actividades deverão ser considerados os seguintes aspectos:

PS 1: Nos locais onde se registem receptores sensíveis (habitações) os trabalhos e operações de construção mais ruidosos deverão ser realizados preferencialmente durante o período diurno (7h – 18h), evitando a sua realização no período nocturno e durante os fins-de-semana.

PS 2: A circulação do tráfego rodoviário afecto à obra deverá evitar a passagem pelo interior das localidades, ou, em alternativa, ser espaçada no tempo e sempre efectuada durante o período diurno, de modo a respeitar a legislação em vigor.

PS 3: Os equipamentos utilizados deverão respeitar as normas e especificações técnicas estabelecidas, em termos de níveis de emissão sonora, devendo ainda ser efectuada uma manutenção periódica dos equipamentos.

II.8. Acompanhamento e Salvaguarda do Património Arqueológico

O adjudicatário deverá possuir uma equipa que garanta o Acompanhamento e Salvaguarda do Património Arqueológico.

Esta equipa deverá possuir um responsável (Arqueólogo – Coordenador) com formação na área da Arqueologia e experiência prévia no desempenho de funções de direcção de trabalhos de acompanhamento arqueológico. O Arqueólogo-Coordenador deverá obter, previamente ao início da empreitada, a necessária autorização para a realização de trabalhos arqueológicos, por parte do Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico (IGESPAR), de acordo com o estipulado no Decreto-Lei 270/99 de 15 de Julho. O pedido de autorização para a realização de trabalhos arqueológicos (PATA), necessário para a obtenção da referida autorização, deverá ser remetido ao Dono da Obra, até cinco dias após assinatura do contrato para realização da Empreitada, cabendo à EDIA o seu envio ao IGESPAR.

Uma vez que, à data da realização dos trabalhos arqueológicos desenvolvidos no âmbito do Processo de Avaliação Ambiental, as condições de visibilidade não foram as melhores, será necessário proceder, em fase prévia ao início de qualquer uma das frentes de trabalho, à prospecção sistemática das áreas onde as condições de visibilidade foram consideradas reduzida a nula (Desenho 14).

As áreas alvo desta prospecção deverão abranger toda a área do corredor destinado à implementação do Projecto. No caso das infra-estruturas pontuais, a área de prospecção deverá incluir a totalidade da área a ocupar/intervencionar/inundar e englobar ainda uma zona envolvente com um mínimo de 20 metros.

Para o efeito entende-se por prospecção sistemática: *“... a observação da superfície total do terreno, em particular de eventuais anomalias, através de percurso pedonal, realizada em faixas paralelas que não deverão exceder a largura de 20 m.”*

Na eventualidade de serem identificadas novas ocorrências Patrimoniais deverá proceder-se à sua demarcação, em cartografia à escala 1: 10 000. Deverão, de igual modo, ser identificadas a área ou as áreas de maior concentração e área de dispersão de materiais.

Entende-se por área ou áreas de maior concentração: *“...as manchas ou núcleos localizados dentro da área máxima de dispersão de materiais que, pela densidade e representatividade de elementos presentes (cerâmica, líticos, elementos pétreos, etc.), se destaquem de forma clara, indiciando a presença de estruturas ou níveis arqueológicos potencialmente preservados”*

A área de dispersão de materiais *“corresponde à mancha onde se reconhece a presença de materiais associados a uma ocorrência patrimonial”*.

A identificação destas ocorrências deverá ser comunicada ao Dono da Obra, com a maior brevidade possível, de modo que possam ser realizadas as necessárias medidas de minimização – que cumprem ao Dono da Obra.

A equipa de arqueologia deverá ser dimensionada tendo presentes a natureza, extensão e duração da empreitada e de acordo com o plano de trabalhos apresentado pelo Adjudicatário. A equipa de acompanhamento arqueológico deverá estar em estreita articulação com as equipas de produção do Adjudicatário e dotada dos meios logísticos adequados (mobilidade e comunicação). Deste modo, a equipa de arqueologia deverá ser constituída pelo número de elementos julgado adequado para o cumprimento dos requisitos considerados indispensáveis e adiante discriminados.

Deverá ser inequivocamente considerada responsabilidade exclusiva do Adjudicatário o não cumprimento de qualquer um dos requisitos abaixo referidos, independentemente do dimensionamento proposto pelo mesmo Adjudicatário para a sua equipa de acompanhamento arqueológico.

O acompanhamento arqueológico deverá processar-se de acordo com os requisitos que se expõem seguidamente:

Pat.1: Deverá efectuar-se o acompanhamento arqueológico de todos os trabalhos que impliquem mobilização do solo, nomeadamente, abertura de acessos, valas, estaleiros, extracção de inertes, operações de desmatação, entre outros, garantindo que não ocorrem afectações desnecessárias do Património Cultural, pelos trabalhos de mobilização do solo, quer em número de vestígios, quer em área dos mesmos. As eventuais afectações que se venham a verificar sobre vestígios patrimoniais, devido ao não cumprimento dos requisitos constantes do presente documento, serão da exclusiva responsabilidade do Adjudicatário, cabendo-lhe suportar a totalidade dos trabalhos de minimização de impactes (escavações arqueológicas, levantamentos topográficos, registos gráficos, etc.) que venham a ser eventualmente necessários, bem como todos os constrangimentos que os mesmos possam originar para a Empreitada.

Pat.2: Apenas será considerada responsabilidade do Dono da Obra a execução das seguintes medidas de minimização:

- As que se verificar necessário implementar em ocorrências patrimoniais identificadas pela equipa de acompanhamento arqueológico, no âmbito da execução dos trabalhos de prospecção de superfície, efectuados previamente ao início dos trabalhos de movimentação de terras, e que se encontrem localizadas em área a afectar pela execução das infra-estruturas de projecto;
- As decorrentes da afectação de vestígios patrimoniais não detectáveis através de prospecção de superfície e que ocorram na medida do estritamente inevitável. Considera-se “estritamente inevitável” uma afectação que ocorre somente na área mínima necessária à implantação das infra-estruturas de projecto e que dê origem a uma paragem imediata dos trabalhos que geraram a afectação.

Pat.3: Serão encargo do Adjudicatário, os trabalhos de minimização de impactes que resultem da afectação não justificável de vestígios arqueológicos. Nesta situação enquadram-se afectações que tenham decorrido sem

acompanhamento arqueológico, afectações que ultrapassem o “estritamente inevitável” ou que resultem de violação de áreas sinalizadas.

- Pat.4: A selecção dos locais para instalação de estaleiros e a implementação de caminhos de acesso deverá estar condicionada à não afectação do património conhecido, identificado na Planta de Património Arqueológico, Arquitectónico e Etnográfico (Anexo III). Esta condicionante foi considerada na Planta de Condicionantes do Anexo VI.
- Pat.5: Deverá ser realizada a prospecção arqueológica sistemática de eventuais novas áreas de estaleiros, áreas de empréstimo e de depósito de inertes, assim como, novos acessos, áreas de acesso provisório e definitivo, previamente ao início dos respectivos trabalhos de movimentação de terras. Nos casos em que a visibilidade do solo seja reduzida, devido à vegetação existente, deverá ser realizada prospecção sistemática antes e após a acção de desmatação, de modo a colmatar eventuais lacunas de conhecimento.
- Pat.6: Durante a fase de obra, as ocorrências que serão interceptadas pelas infra-estruturas de Projecto, ou que se localizam na faixa de indemnização/expropriação, deverão ser vedadas e sinalizadas, com rede laranja. Procura-se, assim, evitar que estas ocorrências sejam afectadas além do estritamente necessário para a implementação das infra-estruturas.

De igual modo, no caso das ocorrências que se localizam nas imediações das infra-estruturas, ou outros elementos da obra (até 25 metros) deverá ser colocada sinalização, mas apenas nos limites dos corredores das áreas expropriadas/indemnizadas, de modo, a evitar afectações desnecessárias.

Já em fase de obra, após a aprovação pelo Dono da Obra, do Plano de Acessibilidades da empreitada e da Localização e Planta de Estaleiros, cuja elaboração é da responsabilidade do Adjudicatário (*vide* capítulo 7.) deverá realizar-se uma avaliação dos sítios que deverão ser alvo de sinalização arqueológica. Esta deverá ser implantada nos limites dos caminhos a utilizar, podendo no entanto ser dispensada nos casos em que as parcelas estejam devidamente delimitadas com vedação.

Pat.7: Para além da sinalização, todas as ocorrências patrimoniais deverão ser alvo de registo fotográfico e de acompanhamento arqueológico.

Pat.8: Caso, durante a execução dos trabalhos, sejam detectadas novas ocorrências patrimoniais, estas devem originar uma paragem imediata dos trabalhos que as possam afectar e ser comunicadas ao Dono da Obra com a maior brevidade possível, de forma a proceder-se a uma rápida avaliação da situação e eventual implementação das medidas de minimização julgadas necessárias.

Pat.9: Nos casos em que a medida de minimização a implementar se limite apenas à elaboração de um registo (registo gráfico, registo fotográfico, levantamento topográfico e memória descritiva), a sua implementação será da exclusiva responsabilidade do adjudicatário.

Pat 10: Caso surjam ocorrências do domínio do Património Etnográfico durante os trabalhos de implementação das infra-estruturas do Projecto, será da exclusiva responsabilidade do Adjudicatário a execução da respectiva medida de minimização que consistirá em:

- o Registo gráfico pormenorizado;
- o Registo fotográfico;
- o Levantamento topográfico e geo-referenciação;
- o Memória descritiva;
- o Desmonte cuidado das estruturas e recuperação de elementos julgados pertinentes.

As ocorrências identificadas em prospecção que não venham a sofrer impactes pelo Projecto, apenas requerem a elaboração do registo fotográfico, memória descritiva e geo-referenciação.

Pat.11: Uma vez que irão ser realizados trabalhos de minimização, da responsabilidade directa do Dono da Obra, em sítios arqueológicos já identificados e localizados na área de intervenção (Anexo III, Quadro III.1), deverá garantir-se que os trabalhos a desenvolver pelo Adjudicatário não interferem directamente com as intervenções arqueológicas. Para o efeito, o

Adjudicatário deverá adequar correctamente o seu plano de trabalhos a estas situações.

Pat.12: Deve ser dada especial atenção às áreas onde se registam vestígios arqueológicos. Os trabalhos da empreitada que coincidam com áreas de dispersão de materiais arqueológicos devem restringir-se apenas ao corredor mínimo necessário para implantação da infra-estrutura, devendo esta acção ser acompanhada de forma presencial e permanente por um dos elementos da equipa de arqueologia do adjudicatário, em toda a área de dispersão de materiais.

Pat.13: Em complemento da prospecção sistemática por amostragem de 25% da área a ser convertida em regadio, realizada no âmbito do Estudo de Impacte Ambiental, deve ser efectuada prospecção selectiva dos restantes 75%.

Pat 14: No caso do património arqueológico o valor patrimonial atribuído às ocorrências não é, na sua maioria, determinante do seu valor patrimonial e científico. Nalguns casos são dadas como de valor “Indeterminado”, em virtude de os vestígios de superfície poderem não corresponder aos vestígios existentes no subsolo. A visibilidade e frequência de materiais de superfície podem variar ao longo dos anos mediante diversos factores, pelo que o observado na fase de EIA do presente projecto pode não corresponder ao observado em projectos anteriores e na sua fase de execução. Tendo em consideração este aspecto, é aconselhável condicionar a circulação de viaturas e homens fora dos corredores e áreas estritamente necessários para a execução da obra.

Pat 15: No âmbito dos trabalhos afectos ao Projecto garantir a conservação *in situ* de todas as ocorrências que se encontram na envolvente das áreas directamente afectadas pelas infra-estruturas do projecto, inclusive as áreas não afectadas pelo Projecto nas ocorrências onde forem executadas sondagens manuais ou mecânicas (património arqueológico – em geral manchas de dispersão de materiais). A conservação *in situ* significa garantir que o estado de conservação actual da ocorrência não se degrada devido à execução da obra.

II.9. Acções de Formação e Sensibilização

No Plano de Obra, o Adjudicatário deverá definir e programar acções de formação e sensibilização para todos os intervenientes na Empreitada.

FS 1: Devem ser realizadas campanhas de formação e sensibilização ambiental, destinadas a todos os intervenientes na Empreitada e desde o seu início, para que estes sejam alertados dos impactes ambientais associados às diferentes actividades e quais as boas práticas de gestão ambiental a implementar em obra e nos estaleiros. Deverá ser dado especial destaque aos cuidados a ter na gestão dos resíduos e efluentes, à salvaguarda do património arqueológico e à protecção dos habitats e espécies animais silvestres.

II.10. Recuperação de Áreas Afectadas pela Empreitada

No Anexo IV apresenta-se o Plano de Recuperação Biofísica das Áreas Afectadas pela Empreitada. As premissas listadas neste Plano deverão ser cumpridas pelo Adjudicatário. Este deverá elaborar durante a fase inicial de construção das infra-estruturas um Plano de Desactivação dos Estaleiros e a aferição do Plano de Recuperação Biofísica das Áreas Afectadas pela Empreitada, com apresentação cartográfica das soluções-tipo a adoptar de acordo com as especificações apresentadas no Anexo IV. Estes Planos deverão ser sujeitos à aprovação pelo Dono da Obra e a sua implementação incumbe ao Adjudicatário.

O Adjudicatário deve, cumprir, para além do Plano de Recuperação Biofísica das Áreas Afectadas pela Empreitada (Anexo IV) os seguintes requisitos:

RAO 1: As acções² a desenvolver na recuperação destas áreas deverão incluir:

- Reposição do perfil natural da superfície do terreno;

² Os custos associados a estas acções consideram-se incluídos no preço unitário da proposta, pelo que estão já contemplados no Caderno de Encargos.

- Aplicação de terra vegetal, com utilização preferencial dos solos previamente decapados.

Deverão ainda ser realizadas hidrossementeiras, quando aplicável e/ou requerido, nos seguintes locais:

- Taludes de caminhos e reservatórios;
- Rede de drenagem (em caso de reperfilamento apenas nas margens);
- Áreas afectadas temporariamente pela empreitada;
- Manchas de empréstimo, caso venham a ser necessárias.

Na eventual afectação de linhas de água e da vegetação ripícola associada, dever-se-á garantir a recuperação da topografia original do leito e das margens. Dever-se-á assegurar, ainda, a reposição dos maciços arbustivos, assim como do número de exemplares arbóreos abatidos.

As árvores e arbustos a plantar deverão ser exemplares novos, sãos, (com pelo menos dois anos de viveiro) bem conformados, de plumagem, com flecha intacta, raízes bem desenvolvidas e em bom estado sanitário, devendo ser fornecidas em torrão. Deverão apresentar as dimensões mínimas referidas no Anexo IV.

A terra viva a utilizar deverá ser preferencialmente proveniente da decapagem dos solos a intervencionar.

Para o correcto desenvolvimento dos trabalhos o Adjudicatário deve cumprir os seguintes pressupostos:

- comprometer-se a fornecer todos os materiais, adubos e sementes em boas condições e a assegurar o desenvolvimento dos trabalhos segundo as condições apresentadas;
- consultar o Dono de Obra em todos os casos omissos ou duvidosos, reservando-se esta o direito de exigir a substituição, a custas do empreiteiro, de todos os materiais, adubos e sementes que se verifique não satisfazerem as condições exigidas;

- o assegurar, em número e qualificação, a presença na obra do pessoal necessário à boa execução dos trabalhos, bem como de elemento capaz de fornecer os esclarecimentos necessários sobre os mesmos.

RAO 2: A reconstituição do coberto vegetal de cada zona de intervenção, deverá efectuar-se logo que tecnicamente viável.

RAO 3: O revestimento dos taludes, deverá realizar-se atempadamente por forma a evitar fenómenos erosivos. Para garantir o bom desenvolvimento das espécies sementeadas, quando se aplicar, deve proceder-se à estabilização/correção dos taludes. Poderá ser à base de vários produtos, desde que apresentados e aceites pelo Dono de Obra.

RAO 4: Deverá ser efectuada a integração paisagística das infra-estruturas construídas que permaneçam na fase de exploração, de acordo com o estipulado no Projecto de Execução.

RAO 5: Na fase de encerramento da empreitada a limpeza da área de obra deve ser efectuada de forma a remover todos os resíduos, incluindo os resíduos inertes gerados durante a fase de construção, devendo ser promovida a reposição das condições naturais.

RAO 6: Deverá proceder-se à ripagem e gradagem dos solos das áreas ocupadas pelo estaleiro e pela circulação de veículos e máquinas, sendo colocada uma camada de terra viva com uma espessura final de pelo menos 0,20 m, utilizando os solos decapados inicialmente.

RAO 6: Não enterrar ou depositar os resíduos vegetais provenientes da desmatação (limpeza selectiva) próximo de linhas de água ou em zonas onde possam vir a provocar a degradação da qualidade da água. Se possível poderão ser aproveitados para fertilização de solos por compostagem ou destroçamento.

II.11. Requisitos de Carácter Geral

Os requisitos de carácter geral são requisitos ambientais transversais a todas as actividades desenvolvidas na Empreitada.

Na fase de planeamento desta Empreitada, e sempre que necessário, o Adjudicatário deverá garantir que todas as intervenções no domínio hídrico cumprem a legislação em vigor.

Durante a obra o Adjudicatário deve assegurar a implementação dos seguintes requisitos:

- CG 1: Proceder à limpeza da via pública sempre que forem vertidos materiais de construção ou materiais residuais da obra.
- CG 2: Atender a eventuais queixas dos moradores locais, de modo a tentar resolver com a maior brevidade possível, situações de incomodidade relacionadas com a obra.
- CG 3: Comunicar às populações afectadas e interessadas, previamente ao início da obra, os objectivos da intervenção, todas as alterações e prazos previstos, para os caminhos e estradas de circulação afectadas pelas obras, bem como sinalizadas todas as restrições de tráfego.
- CG 4: Avisar com antecedência as autarquias, juntas de freguesia e a população interessada, das eventuais alterações na circulação rodoviária, nomeadamente, aquando do atravessamento de vias de comunicação.
- CG 5: Facultar alternativas válidas ao maior número possível de atravessamentos condicionados por motivos de obra.
- CG 6: No eventual uso de explosivos, deverá ser utilizada sinalização prévia para aviso da população.

CG 7: Durante o decorrer da construção das infra-estruturas deverá obedecer-se a toda a legislação em vigor em matéria de ordenamento, salvaguardando-se as servidões e restrições de utilidade pública na área de influência da empreitada, destacando-se a este nível as servidões associadas à rede rodoviária principal e aos restantes caminhos que venham a ser utilizados durante a fase de obra, o Domínio Público Hídrico.

ANEXO II – MEDIDAS DE MINIMIZAÇÃO ESPECÍFICAS

Esta página foi propositadamente deixada em branco

Neste anexo discriminam-se algumas medidas de minimização, que não estão incluídas nos requisitos ambientais anteriormente referidos, e cuja implementação deverá ser efectuada durante a fase de obra. A responsabilidade da sua implementação é do Adjudicatário.

- **Geologia**

- As escavações das valas necessárias para a instalação dos diversos troços da conduta deverão ser acompanhadas de escoramentos de modo a evitar a deformação das formações e o risco de acidentes pessoais. Quando executadas no período de águas altas, devem ser curtos os troços de vala a executar e as inclinações dos taludes respeitarem o recomendado no Projecto (taludes de escavação provisórios de 1H:2V);

- **Recursos Hídricos**

- Na eventualidade de haver necessidade de em algum troço proceder ao rebaixamento do nível freático, decorrente das acções de escavação, a água extraída deverá ser devolvida ao terreno a jusante, devendo a extensão da escavação ser curta e acompanhada por escoramentos. Pretende-se deste modo manter o equilíbrio hidrodinâmico e a espessura saturada do aquífero mais próximo.
- O excesso de água obtido durante as escavações, deve ser bombeado para pequenas bacias de decantação antes de ser conduzido à linha de água mais próxima.
- Assegurar, para o caso de se verificar a exposição do nível freático à superfície durante a fase de construção, que todas as acções que traduzam risco de poluição sejam eliminadas ou restringidas na sua envolvente directa. Essas áreas devem ser vedadas e deve ser restringido o acesso directo ao local, a fim de evitar que para aí sejam lançados elementos poluentes.
- No decurso dos trabalhos deverá ser dada especial atenção aos poços e furos existentes na área envolvente, evitando-se o mais possível qualquer interferência.

- Paisagem
 - Deverão ser mantidos, sempre que tecnicamente possível, os exemplares arbóreos existentes a compartimentar a paisagem, nomeadamente junto aos caminhos e nos limites das propriedades.

- Sistemas Ecológicos. Flora e Vegetação
 - Deverá proceder-se à vedação dos habitats prioritários, por forma a assegurar a sua salvaguarda durante a fase de obra.

- Património
 - Deverão ser realizadas acções de formação, de forma periódica, de modo a que os intervenientes na empreitada possam tomar conhecimento dos valores patrimoniais situados na envolvente, das áreas sinalizadas, bem como dos procedimentos que deverão ser cumpridos durante o decurso dos trabalhos.
 - No acompanhamento arqueológico de outras empreitadas do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva têm sido identificados arqueossítios constituídos por estruturas em negativo (realidades escavadas no substrato rochoso) que não são reconhecíveis através de vestígios de superfície. Como tal, a equipa de acompanhamento arqueológico deverá realizar uma observação atenta durante a fase de mobilização de solos, devendo pois a equipa do Adjudicatário ter acesso visual facilitado à camada de transição entre o solo vegetal e substrato estratigráfico situado imediatamente abaixo (inorgânico).

ANEXO III – PATRIMÓNIO HISTÓRICO-CULTURAL

Esta página foi propositadamente deixada em branco

No quadro III.1 apresentam-se os sítios arqueológicos que serão alvo de medidas específicas além do registo fotográfico, sinalização e acompanhamento, da responsabilidade do Adjudicatário. Estas medidas específicas incluirão sondagens arqueológicas, que condicionam totalmente a execução de obras ou actividades relacionadas (circulação de viaturas ou máquinas, depósito de materiais, etc.) para aquelas áreas e zonas adjacentes, até comunicação ao Adjudicatário em contrário.

Quadro III.1 - Ocorrências patrimoniais alvo de medidas de minimização específicas

N.º DE INVENTÁRIO	TOPÓNIMO	MEDIDA DE MINIMIZAÇÃO
61	<i>Habitat</i> , Monte do Carvalheiro 2 / Monte da Figueirinha Nova 2	<ul style="list-style-type: none"> - Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i>; - Sinalização em obra
71	Monte Rústico, Monte do Rolão 2	<ul style="list-style-type: none"> - Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i>; - Sinalização em obra
73	Poço, Monte da Oliveirinha	<ul style="list-style-type: none"> - Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i>; - Sinalização em obra
78	<i>Habitat</i> , Vale Frio	<ul style="list-style-type: none"> - Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i>; - Sinalização em obra
80	Poço, Monte da Serra	<ul style="list-style-type: none"> - Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Registo documental - Sinalização em obra
86	<i>Villa</i> , <i>Villa</i> da Herdade do Pomar / Monte da Ramada 1	<ul style="list-style-type: none"> - Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i>; - Sinalização em obra
		<ul style="list-style-type: none"> - Escavações e sondagens arqueológicas manuais
87	Poço, Monte da Ramada 1	<ul style="list-style-type: none"> - Conservação <i>in situ</i>; - Registo documental - Sinalização em obra
92	Vestígios Diversos; Edifício, Monte da Peixeira 1 ^a	<ul style="list-style-type: none"> - Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i>; - Sinalização em obra;
		<ul style="list-style-type: none"> - Escavações e sondagens arqueológicas manuais
93	Mancha de Ocupação, Monte da Peixeira 1B	<ul style="list-style-type: none"> - Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i>; - Sinalização em obra
		<ul style="list-style-type: none"> - Escavações e sondagens arqueológicas manuais
94	Poço, Monte da Peixeira 3	<ul style="list-style-type: none"> - Conservação <i>in situ</i>; - Registo documental - Sinalização em obra
97	Vestígios Diversos; Edifício, Monte Branco 1	<ul style="list-style-type: none"> - Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i>; - Sinalização em obra
		<ul style="list-style-type: none"> - Escavações e sondagens mecânicas
98	Poço, Monte Branco 3	<ul style="list-style-type: none"> - Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i>; - Sinalização em obra
99	Mancha de Ocupação, Monte da Pedreira	<ul style="list-style-type: none"> - Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i>; - Sinalização em obra
		<ul style="list-style-type: none"> - Escavações e sondagens arqueológicas manuais
116	Necrópole, Herdade do Pomar 1	<ul style="list-style-type: none"> - Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i>; - Sinalização em obra

N.º DE INVENTÁRIO	TOPÓNIMO	MEDIDA DE MINIMIZAÇÃO
		- Escavações e sondagens arqueológicas manuais
117	Poço, Vale da Rosa	- Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i> ; - Sinalização em obra
118	Poço, Poço de Ervidel 1	- Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i> ; - Sinalização em obra
122	Casal Rústico, Bailique 2	- Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i> ; - Sinalização em obra
		- Escavações e sondagens mecânicas
123	Casal Rústico, Bailique 1	- Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i> ; - Sinalização em obra
		- Escavações e sondagens mecânicas
124	Casal Rústico, Abelheira	- Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i> ; - Sinalização em obra;
		- Escavações e sondagens mecânicas
128	Mancha de Ocupação, Bailique	- Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i> ; - Sinalização em obra
		- Escavações e sondagens arqueológicas manuais
129	<i>Habitat</i> , Monte da Barroca 1	- Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i> ; - Sinalização em obra
		- Escavações e sondagens arqueológicas manuais
133	<i>Villa</i> , Alcarias 2	- Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i> ; - Sinalização em obra
134	<i>Villa</i> , Alcarias 3	- Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i> ; - Sinalização em obra
		- Escavações e sondagens mecânicas
135	<i>Villa</i> , Alcarias 1	- Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i> ; - Sinalização em obra
137	Mancha de Ocupação(?), Malhada do Vale de Água	- Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i> ; - Sinalização em obra
		- Escavações e sondagens mecânicas
138	Casal Rústico, Cabeços da Gulipa 1	- Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i> ; - Sinalização em obra

N.º DE INVENTÁRIO	TOPÓNIMO	MEDIDA DE MINIMIZAÇÃO
		- Escavações e sondagens arqueológicas manuais
139	Habitat, Várzeas da Gulipa	- Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i> ; - Sinalização em obra
		- Escavações e sondagens arqueológicas manuais
151	Poço, Monte do Rolão 1	- Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i> ; - Sinalização em obra
152	Monte Rústico, Monte Serrano 1	- Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i> ; - Registo documental - Sinalização em obra
153	Monte Rústico, Monte Serrano 2	- Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i> ; - Sinalização em obra
154	Monte Rústico, Monte Serrano 3	- Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i> ; - Registo documental - Sinalização em obra
156	Indeterminado, Monte do Cascalho	- Acompanhamento da obra por arqueólogo; - Conservação <i>in situ</i> ; - Registo documental - Sinalização em obra

Dono da Obra
Adjudicatário

ANEXO IV – PLANO DE RECUPERAÇÃO BIOFÍSICA DAS ÁREAS AFECTADAS PELA EMPREITADA

Esta página foi propositadamente deixada em branco

I - INTRODUÇÃO

Com o presente Plano de Recuperação Biofísica pretende-se estabelecer medidas orientadoras para a implementação de acções de recuperação biofísica das áreas intervencionadas pela construção do aproveitamento hidroagrícola dos Blocos de Rega de Ervidel. Estão assim sujeitas a recuperação biofísica as áreas de estaleiro, as áreas de depósito de inertes, os caminhos a construir e a beneficiar, os locais de atravessamento de linhas de água e restantes áreas provisoriamente intervencionadas durante a fase de obra.

Através de opções simples, que se baseiam fundamentalmente na execução de acções que favorecem a regeneração da vegetação natural, procura-se atingir os seguintes objectivos:

- valorizar a paisagem no seu significado mais global (portadora de uma estrutura ecológica e cultural), cuja qualidade ficou diminuída pela execução da obra;
- contribuir para a comodidade humana, sobretudo dos residentes nas suas proximidades; e
- proteger as áreas intervencionadas contra os factores de erosão (hídrica e eólica).

A recuperação das zonas intervencionadas poderá ser obtida mais lentamente por um processo de regeneração natural e poderá ser acelerada com recurso à plantação de espécies arbóreas e arbustivas.

Pretende-se ainda com este Plano minimizar, tanto quanto possível, alguns dos impactes identificados no decorrer da elaboração do Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel.

De uma maneira geral, este Plano pretende conservar e promover a diversidade no ecossistema procurando harmonizar com o projecto e a envolvente.

II – INTEGRAÇÃO E RECUPERAÇÃO BIOFÍSICA

Para a implementação e recuperação biofísica das áreas intervencionadas pela obra, deverão ser executadas algumas acções:

- Promoção da recuperação paisagística de todas as áreas degradadas em consequência das obras de implantação do aproveitamento hidroagrícola dos Blocos de Rega de Ervidel, nomeadamente estaleiros, caminhos agrícolas a reabilitar ou a construir, áreas de depósito de inertes, no sentido de repor, tanto quanto possível, a sua topografia, capacidade produtiva e coberto vegetal;
- Promoção da integração paisagística de todas as áreas degradadas em consequência das obras, no sentido de adequar o seu revestimento vegetal ao da paisagem envolvente, mediante a utilização exclusiva de vegetação autóctone;
- Promoção da estabilização biológica de todas as áreas degradadas em consequência das obras, no sentido de garantir a redução dos riscos de erosão nas novas superfícies geradas, nomeadamente taludes de aterro e escavação, através da utilização de métodos adequados de sementeira (hidrosementeira) e de uma realização dos diversos trabalhos de revestimento vegetal nas épocas apropriadas;
- Minimização das áreas afectadas, confinando-as às essenciais ao normal funcionamento da obra, durante o mínimo período de tempo, e preservando a vegetação arbustiva e arbórea existente na sua envolvente, nomeadamente pela colocação de vedações e resguardos;
- Promoção da decapagem da camada de terra viva (sem ser comprimida) nas áreas a afectar e sua colocação em depósito;
- Garantia de que o armazenamento de solos provenientes da decapagem em zonas previamente definidas para o efeito, de forma a manterem a sua estrutura e equilíbrio. Deverão ser armazenados em pargas com altura média de 2 m e coroamento côncavo de 0,3 m de largura (para permitir uma boa infiltração de água, minorar a compactação do solo e permitir um suficiente arejamento). Estas terras serão posteriormente utilizadas na Recuperação e Integração Paisagística das áreas afectadas;

- Promoção do restabelecimento de uma paisagem equilibrada e sustentável, integrada na sua envolvente.

II.1 - Integração e Recuperação Biofísica

• Rede de Rega

Após a finalização da obra e do fecho das valas abertas para o atravessamento da rede de rega, deverão ser implementadas algumas acções de recuperação biofísica, designadamente:

- Reposição do perfil natural da superfície do terreno;
- Colocação de uma camada de terra vegetal previamente decapada para facilitar a colonização destas áreas por espécies florísticas.

Nas zonas envolventes às valas de atravessamento da rede de rega deverá ser mantido o uso actual do solo.

• Estaleiro e Áreas de Depósitos de Inertes

De forma a assegurar as condições necessárias à correcta recuperação das áreas intervencionadas, o Empreiteiro terá que efectuar logo desde o início da obra e ao longo do desenvolvimento da mesma, as seguintes acções:

- Cumprir com as indicações da Planta de Condicionamentos no que respeita à localização de estaleiros, procurando escolher zonas já intervencionadas ou de baixo valor conservacionista e paisagista. Podem também ser escolhidos locais posteriormente ocupados pelas obras.
- Os locais de depósito permanente de materiais inertes resultantes das movimentações de terras durante a fase de obra deverão cumprir com os critérios expostos na Carta de Condicionamentos, tendo em vista a correcta ocupação e integração paisagística. Estes locais deverão contemplar a modelação harmoniosa do terreno e respectivo revestimento vegetal.
- Acções de Desmatação e Decapagem: As superfícies de terreno a escavar ou a aterrar devem ser previamente limpas de detritos e vegetação lenhosa (árvores e arbustos), conservando, todavia, a vegetação subarbusiva e

herbácea a remover com a decapagem. Estas acções devem ter lugar, exclusivamente, nas áreas sujeitas a terraplanagem, sendo absolutamente necessário limitar a destruição da cobertura vegetal em áreas que não sejam necessárias à concretização da empreitada. A limpeza e desmatação compreendem ainda a arrumação e transporte dos materiais provenientes desta operação para uma área pré-definida pela equipa de fiscalização ambiental.

- A decapagem destas áreas, que permite a obtenção da terra vegetal necessária às acções de recuperação das áreas intervencionadas, deverá ter lugar imediatamente antes dos trabalhos de movimentação de terras e incidirá nas zonas de solos mais ricos em matéria orgânica e de textura franca, numa espessura variável de acordo com as características do terreno, compreendendo apenas a terra vegetal.
 - Armazenamento da Terra Vegetal: deverá ser armazenada em pargas com altura não superior a 2,0-2,5 m. Esta não deverá ser calcada por veículos em movimento. É conveniente o armazenamento da terra vegetal junto aos locais de onde foi removida, sendo estes em princípio os locais onde será posteriormente reposta, aquando das acções de recuperação.
 - A escolha e localização das referidas áreas serão sempre sujeitas à apreciação da Fiscalização e do Dono da Obra.
 - Após a obra as áreas intervencionadas deverão ser renaturalizadas através da colocação da terra vegetal previamente armazenada, com uma espessura de cerca de 0,2 m. Posteriormente deverá ser efectuada uma hidrosementeira usando espécies arbustivas e herbáceas (Mistura A + Mistura B).
 - Proceder à ripagem e gradagem dos solos das áreas provisoriamente afectadas pela circulação de viaturas e máquinas adstritas à obra.
- **Recuperação de Caminhos Provisórios**

Para a recuperação paisagística dos caminhos provisórios, deverão ser executadas as seguintes acções:

- Previamente à execução do caminho, será decapada a terra viva existente no terreno natural, ou seja, o horizonte arável do solo;
 - Quando não forem necessários os caminhos, os solos deverão ser descompactados e modelados de forma a adquirirem a situação anterior à fase de obra;
 - Após a obra as áreas intervencionadas deverão ser renaturalizadas através da colocação da terra vegetal previamente armazenada, com uma espessura de cerca de 0,2 m. Posteriormente deverá ser efectuada uma hidrosementeira usando espécies arbustivas e herbáceas (Mistura A + Mistura B);
 - Proceder à ripagem e gradagem dos solos das áreas provisoriamente afectadas pela circulação de viaturas e máquinas adstritas à obra.
- **Locais de Atravessamento de Linhas de Água**

Este plano contempla ainda as acções de recuperação biofísica a efectuar nos locais de atravessamento das linhas de água, sejam eles temporários ou permanentes, pelas infra-estruturas do sistema hidráulico.

Os locais atravessados deverão ser recuperados logo após a execução da obra através das seguintes acções:

- Reconstituição da morfologia e topografia do terreno, especialmente do leito, taludes e margens das linhas de água.
- Plantação de espécies botânicas características da região a adaptadas a estes ambientes.

As acções a efectuar nas várias linhas de água são diferentes, variam consoante o estado de conservação, densidade e diversidade específica das comunidades ripícolas e sub-ripícolas, e estratos vegetais.

Linhas de Água (LA) Tipo 3

No caso das LA tipo 3, onde as comunidade vegetais são dominadas por vegetação herbácea e não existe galeria ripícola, deverão ser efectuadas as seguintes acções:

- Na fase inicial dos trabalhos de construção a camada superficial do solo (0,1 m) que for retirada da linha de água para execução dos trabalhos de reperfilamento, deverá ser armazenada em pargas devidamente acondicionadas.
- Quando os trabalhos de intervenção estiverem concluídos deverá proceder-se ao espalhamento desta terra vegetal de modo uniforme sobre a parte superior do talude, numa faixa de 2, m nas margens intervencionadas. Com esta acção admite-se que a recolonização da vegetação ribeirinha será efectuada naturalmente.

Restantes Linhas de Água

À excepção das linhas de água tipo 3, as demais linhas de água que atravessam a área dos Blocos de Rega de Ervidel são caracterizadas por comunidades vegetais distintas e por uma galeria ripícola melhor estruturada que as primeiras. Apresentam, além de estrato herbáceo, um estrato arbustivo e/ou arbóreo bem desenvolvido e diversificado, acompanhados por povoamentos pontuais de espécies exóticas e invasoras, como é o caso do canavial, que lhes confere algum grau de degradação.

Para o atravessamento das infra-estruturas hidráulicas e sempre que se preveja a necessidade de remover espécies arbóreas dispostas ao longo das margens e taludes destas linhas de água, terá que se procederá sua reposição no final da obra.

Para a recuperação destas linhas de água deverá ser feita a cobertura das margens com terra vegetal, seguido do método da plantação manual de espécies arbóreas no local intervencionado pela obra, respeitando os módulos de plantação e as espécies vegetais sugeridos em projecto.

III - MATERIAL VEGETAL

III.1 - Sementeira

Deverá ser efectuada uma sementeira de modo a evitar que a superfície do terreno intervencionado fique exposta aos factores erosivos. Nas superfícies de maior

declive, como os taludes, deverá ser utilizada a sementeira manual utilizando misturas de espécies herbáceas anuais distintas e perfeitamente adaptáveis aos ambientes locais.

Para o caso em estudo, propõem-se dois tipos de mistura de sementes distintas, que se descrevem de seguida:

- Mistura A: Sementeira herbácea constituída por espécies vasculares típicas de prados. Deverá ser aplicada em todos os locais intervencionados pela obra;
- Mistura B: Sementeira arbustiva constituída por espécies arbustivas autóctones. Deverá ser aplicada em todos os locais onde estão previstas as sementeiras arbustivas.

Nos casos onde se propõe a utilização de sementeiras de herbáceas e arbustivas (Mistura A+Mistura B), a segunda deverá ser aplicada quatro a seis semanas após a aplicação da primeira.

Quadro III.1 – Espécies, Densidades e Percentagens aconselhadas para as Misturas de Sementes a utilizar

Mistura A		Mistura B	
Sementeira herbácea (20 g/m ²)		Sementeira arbustiva (10 g/m ²)	
<i>Briza maxima</i>	7%	<i>Asparagus albus</i>	19%
<i>Dactylis glomerata</i>	16%	<i>Cistus ladanifer</i>	4%
<i>Festuca arundinacea</i>	25%	<i>Cistus salvifolius</i>	5%
<i>Lolium perenne</i>	35%	<i>Lavandula stoechas</i>	10%
<i>Trifolium subterraneum</i>	9%	<i>Nerium oleander</i>	15%
<i>Trifolium campestre</i>	8%	<i>Phyllirea angustifolia</i>	9%
		<i>Pistacia lentiscus</i>	17%
		<i>Rhamnus alaternus</i>	12%
		<i>Rosa canina</i>	9%

III.2 - Plantações

A plantação de espécies arbustivas ou arbóreas também contribui para a integridade estrutural e funcional dos ecossistemas. Sugere-se a utilização do método de plantação manual apenas nos locais onde for necessário remover espécies

arbustivas ou arbóreas para a passagem das infra-estruturas hidráulicas ou nos locais de reperfilamento das linhas de água com galeria ripícola. Deverá proceder-se à reposição das espécies arbustivas e arbóreas logo após a finalização da obra.

As espécies a utilizar nestes locais constam do quadro seguinte.

Quadro III.2 – Espécies Arbustivas /Sub-Arbóreas e Arbóreas a utilizar em Linhas de Água

Espécies arbustivas / sub-arbóreas	Espécies arbóreas
<i>Crataegus monogyna</i>	<i>Fraxinus angustifolia</i>
<i>Nerium oleander</i>	<i>Populus nigra</i>
<i>Rosa canina</i>	<i>Ulmus minor</i>
<i>Salix salviifolia</i>	
<i>Securinega tinctoria</i>	

IV - MEDIDAS CAUTELARES

Como medidas cautelares a seguir no processo de recuperação biofísica e paisagística salientam-se, as seguintes:

- A aplicação da terra viva será feita em camada uniforme sobre as áreas a revestir, acabadas sem grande esmero e de preferência antes do Outono, para que a sua aderência ao solo-base se faça nas melhores condições;
- Durante a recuperação, nomeadamente nos trabalhos de modelação deverão limitar-se ao mínimo essencial as zonas de circulação e acesso dos veículos e maquinaria, de modo a evitar a destruição do coberto vegetal envolvente;
- Nas zonas já recuperadas deverá ser interdita a circulação de veículos e pessoas, excepto para trabalhos de manutenção e conservação;
- Proceder atempadamente ao revestimento dos taludes, com utilização preferencial de solos decapados e construir, nos taludes de escavação, banquetas de nível com valas de crista e de pé de talude, reduzindo assim a probabilidade de ocorrência de movimentos de terras.

V - FASEAMENTO DA RECUPERAÇÃO

Os trabalhos de recuperação/integração paisagística deverão avançar à medida que os trabalhos vão sendo concluídos, devendo garantir-se no mínimo a colocação de terras de cobertura nas épocas próprias, bem como a sua posterior sementeira, para que se protejam dos agentes erosivos todas as áreas a recuperar.

VI - ESPECIFICAÇÕES

VI.1 - Objecto da Empreitada

- Implantação de estacas pelos limites do terreno das áreas afectadas, pintadas de vermelho ou amarelo 0,30 m acima do solo, para futura fiscalização;
- Limpeza e regularização das áreas destinadas à recuperação;
- Aterro, modelação e preparação do terreno;
- Transporte e espalhamento de terra viva;
- Fertilização;
- Execução dos planos de plantações e de sementeiras;
- Manutenção e conservação das zonas recuperadas durante pelo menos dois anos após instalação.

VI.2 - Condições Gerais

- O empreiteiro deve comprometer-se a fornecer todos os materiais, adubos e sementes em boas condições e a assegurar o desenvolvimento dos trabalhos segundo as condições apresentadas;
- O empreiteiro deverá consultar o Dono de Obra em todos os casos omissos ou duvidosos, reservando-se esta o direito de exigir a substituição, a custas do empreiteiro, de todos os materiais, adubos e sementes que se verifique não satisfazerem as condições exigidas;
- O empreiteiro deverá assegurar, em número e qualificação, a presença na obra do pessoal necessário à boa execução dos trabalhos, bem como de

elemento capaz de fornecer os esclarecimentos necessários sobre os mesmos.

VI.3 - Condições Especiais

Características dos Materiais

Água

A água a empregar nos trabalhos deverá ser limpa e isenta de produtos tóxicos ou cáusticos, resíduos ou impurezas, tanto para as plantas, como para os animais e pessoas. O pH deverá situar-se entre 6,5 e 8,4 e a condutividade eléctrica ser inferior a 750 µmho/cm a 25 °C.

Terra Viva

A terra viva a utilizar deverá ser preferencialmente proveniente da decapagem das áreas a intervencionar.

Correctivos

Os correctivos orgânicos de preparação industrial deverão ser doseados, no mínimo, 40% de matéria orgânica, recomendando-se que sejam Biohum ou equivalente.

Os correctivos químicos a serem utilizados deverão ser os seguintes: Agripo, Agroliz ou equivalente.

Fertilizantes

A fertilização deverá ser executada com adubo químico composto, tipo NPK, doseado no mínimo 15:15:15, à razão de 50 g/m² para as sementeiras.

Fixador e Estabilizador de Solos

O fixador ou estabilizador de solo poderá ser de origem vegetal, orgânica ou sintética. Consideram-se como os mais adequados as algas enriquecidas com poliuronidos, os colóides de origem vegetal, tipo Biovert Stabile, os polímeros orgânicos, os polímeros plásticos derivados do petróleo, tipo Curasol, e a resina líquida sintética. Também neste caso o tipo de fixador proposto deverá ser previamente aprovado pela fiscalização ambiental.

Protector de Sementes

No que diz respeito aos materiais utilizados para garantir o bom desenvolvimento das espécies, o Adjudicatário deve utilizar como protector de sementes um arejador de solo constituído por fibras longas 100% vegetais, fisiologicamente inertes e não tóxicas, com 98% de matéria orgânica e 600% de capacidade de retenção de água, do tipo “Biomulch” e correctivos orgânicos industriais, doseando, no mínimo, 40% de matéria orgânica: Fertor, Ferthumus, Guano ou Turfa neutralizada.

Sementes

As sementes deverão apresentar o grau de pureza e facultade germinativa exigidos por lei, sempre que essas espécies figurem nas tabelas oficiais. As não representadas deverão ser provenientes da última colheita, salvo especificação especial de germinação tardia, e deverão estar isentas de sementes estranhas e impurezas.

Todas as sementes de leguminosas a utilizar deverão ser inoculadas com bactérias do género Rhizobium.

O empreiteiro obrigar-se-á a entregar ao Dono de Obra uma amostra dos lotes de sementes a empregar ou das espécies que o constituem. Os lotes deverão ser constituídos pelas espécies indicadas neste Plano, nas percentagens também indicadas.

Poderão ser seleccionadas pelo Dono de Obra amostras dos lotes de sementes a empregar para serem enviadas aos Laboratórios Nacionais para ensaios de germinação e pureza. Os custos e pagamentos destes ensaios constituem encargo do adjudicatário.

Plantas

As árvores e arbustos a plantar deverão corresponder à referidas no anterior Quadro III.2. Deverão ser exemplares novos, sãos, (com pelo menos dois anos de viveiro) bem conformados, de plumagem, com flecha intacta, raízes bem desenvolvidas e em bom estado sanitário, devendo ser fornecidas em torrão.

Deverão ter as seguintes dimensões mínimas:

- Árvores: de folha caduca – 1,5 a 2,0 m, de folha persistente – 1,0 a 1,5 m;
- Arbustos: de folha caduca – 0,6 a 1,2 m, de folha persistente – 0,4 a 1,0 m.

Materiais não especificados

Todos os restantes produtos e materiais que tiverem que ser empregues na sementeira deverão apresentar as características definidas pela legislação que lhe for aplicável ou, na falta desta, as que melhor satisfaçam os fins em vista, devendo os mesmos serem sempre aprovados previamente pela fiscalização ambiental.

- *Descrição dos Trabalhos*
Os métodos e instrumentos de trabalho deverão ser previamente aprovados, antes da realização de qualquer trabalho.

Decapagem de Terra Viva

As áreas de terrenos a afectar devem ser previamente decapadas da terra viva, de uma forma geral numa camada de espessura média de 0,20 m, ou com elevado teor de matéria orgânica.

Esta operação deverá ser realizada em todas as zonas onde se intervenha, tais como, áreas de depósito de material inerte, estaleiros, zonas de acesso e de quaisquer instalações. Estas terras deverão ser armazenadas em pargas para aplicação posterior nas áreas a recuperar.

Assim, no início dos trabalhos de movimentação de terras proceder-se-á à decapagem de terra viva, que deverá ser arrumada em pargas terminando com um coroamento côncavo para permitir uma boa infiltração da água.

O aproveitamento das terras existentes no local e colocadas em pargas, deve ser feito de acordo com as suas características, rejeitando as que não forem próprias para plantações e sementeiras, e corrigindo sempre que possível e necessário as que forem aproveitadas.

Sempre que possível, os depósitos de terra viva deverão estar situados próximos das zonas a recobrir posteriormente.

Os locais deverão obedecer às seguintes condições mínimas:

- apresentar boa drenagem;

- serem protegidos da circulação de veículos e de qualquer actividade que prejudique a estabilidade das pargas e a sua actividade biológica.

Modelação das áreas a recuperar

Sempre que tenha havido alterações no relevo em áreas a recuperar, dever-se-á proceder à modelação destas áreas de forma a garantir a sua estabilidade e integração no relevo envolvente, bem como garantir a reposição da topografia original do terreno.

Distribuição da terra viva

Nas áreas a plantar e semear proceder-se-á previamente ao espalhamento de terra viva, convenientemente preparada e fertilizada, com uma espessura média de 0,20 m.

Mobilização

Aplicação da camada de terra viva, complementada com uma mobilização superficial, por meio de escarificação cruzada, até cerca de 0,1 m de profundidade de modo a garantir-se a regularização da superfície.

Para que as sementes e fertilizantes encontrem boas condições de fixação é indispensável que a superfície da camada de terra não fique demasiado lisa.

Correctivo

A aplicação de correctivos nas covas das árvores far-se-á à razão de 100 g de adubo composto e 50 kg de matéria orgânica por cada cova e as dos arbustos à razão de 75 g de adubo composto e 5 kg de matéria orgânica por cada cova.

Os correctivos serão espalhados sobre a terra das covas e bem misturados com esta quando do seu enchimento. O enchimento das covas deverá ter lugar com a terra encharcada ou muito húmida, e far-se-á o calcamento a pé à medida do seu enchimento.

Fertilização

A fertilização geral do terreno será feita à razão de 70–90 g/m² com adubo composto (NPK 15:15:15).

O adubo será espalhado uniformemente à superfície do terreno e incorporado neste manual ou mecanicamente.

A necessidade e dosagem de correctivos químicos a aplicar será proposta pelo empreiteiro em conformidade com os resultados obtidos nas medições do pH dos solos na zona onde se desenvolve o Projecto.

Plantações

Em todas as plantações o empreiteiro deverá respeitar o Plano, não sendo permitidas quaisquer substituições de espécies, sem prévia autorização escrita do Dono de Obra.

Deve evitar-se a acumulação de grandes quantidades de plantas nos locais de plantação, devendo ser feito o transporte para o local de plantação apenas do número necessário para um dia de trabalho. Caso se verifique a impossibilidade de plantar a totalidade no próprio dia, as sobrantes deverão ser colocadas em locais abrigados, abacelando-as e regando-as.

Serão abertas covas com as dimensões de 1,0m×1,0m×1,0m para as árvores e 0,5m×0,5m×0,5m para os arbustos. As covas serão abertas depois do espalhamento de terra viva, de acordo com o respectivo plano de plantação, e serão preenchidas com terra viva devidamente fertilizada.

Depois das covas preenchidas com terra fertilizada e devidamente compactada abrem-se pequenas covas de plantação, à medida do torrão. Seguir-se-á a plantação propriamente dita, havendo o cuidado de deixar a parte superior do torrão à superfície do terreno, para evitar problemas de asfixia radicular.

De seguida procede-se ao enchimento das covas com terra, fazendo uma ligeira pressão para a aderência seja a melhor possível.

Após a plantação abrir-se-á uma pequena caldeira para a rega, que deverá fazer-se de imediato à mesma, para maior compactação e aderência da terra à raiz da planta.

Depois da primeira rega e sempre que o desenvolvimento da planta o justifique, deverão aplicar-se tutores, tendo o cuidado de proteger o sítio da ligadura com papel, serapilheira ou qualquer outro material apropriado para evitar ferimentos.

Sementeiras

Deverá ser feito um reforço da sementeira nunca antes de um ano após a primeira aplicação nas zonas a definir.

A densidade das sementeiras deverá cumprir os critérios constantes do Caderno de Encargos.

- *Época de Realização*

Os trabalhos de modelação e preparação de terreno deverão ser feitos na Primavera e Verão, de modo que as sementeiras possam ser efectuadas durante o Outono, logo no início das primeiras chuvas.

As plantações deverão iniciar-se no mês de Outubro, logo após as primeiras chuvas, e estar concluídas até finais de Março incluindo todas as retanchas necessárias.

VI.4 - BIBLIOGRAFIA

- CABRAL, F.C. (1993). Fundamentos de Arquitectura Paisagista. Instituto da Conservação da Natureza. Lisboa.
- CABRAL, F. C., TELLES, G. R. (1999). A Árvore em Portugal. Assírio & Alvim, Lisboa.
- COSTA, M. A. S. (1993). "Silvicultura Geral", Volume I. Litexa Editora Lda. Lisboa.
- DRAMSTAD, W.E., OLSON, J.D. e FORMAN, R.T.T. (1996). Landscape Ecology Principles in Landscape Architecture and Land-Use Planning. Island Press. Washington.
- ERASO, J. R. (1991). Las Plantas de Nuestros Prados. Ediciones Mundi-Prensa. Madrid.
- FRANCO, J.A. (1971). Nova Flora de Portugal. Volume I. Lisboa.
- FRANCO, J.A. (1984). Nova Flora de Portugal. Volume II. Lisboa.

- FRANCO, J. A., AFONSO, M. L. R. (1998). Nova Flora de Portugal. Volume III. Escolar Editora, Lisboa.
- FURNISS, P. & A. LANE, 1992. Practical Conservation Water and Wetlands. London.
- GILBERT, O. L. e ANDERSEON, P.. (1998). Habitat Creation and Repair. Oxford University Press.
- GONZALEZ, G.L. (1982). La Guia de Incafo de los Arboles y Arbustos de la Peninsula Ibérica. Madrid.
- IUPELL, B., BEKKER, G.J., CUPERUS, R., DUFEK, J., FRY, G., HICKS, C., HLAVAC, V.,
- KELLER, V., B., ROSELL, C., SANGWINE, T., TORSLOV, N., WANDALL & B. LE MAIRE, (EDS.) 2003. Wildlife and Traffic: A European Handbook for Identifying Conflicts and Designing Solutions. Brussels.
- SALGUEIRO, T.A. (1982). Pastagens e Forragens. Clássica Editora. Porto.

REGULAMENTO DE CONCEPÇÃO, UTILIZAÇÃO E MANUTENÇÃO DE ÁREAS DE OBRA RECUPERADAS PAISAGISTICAMENTE

1. ENQUADRAMENTO

A construção de infra-estruturas implicará degradações e alterações na paisagem actual, por efeito das obras a executar, que poderão distribuir-se pela generalidade da área e que se deverão relacionar essencialmente com a construção das diversas infra-estruturas.

Neste sentido, é necessário elaborar documentos que tenham como objectivo estabelecer orientações para a implementação das acções de recuperação biofísica necessárias para restabelecer as áreas que forem destruídas ou degradadas durante a fase de construção das diversas infra-estruturas.

Estas intervenções deverão ser desenvolvidas e implementadas durante a fase de obra, em função das áreas que forem efectivamente afectadas.

CAPÍTULO I

Disposições Gerais

Artigo 1º – Âmbito e Objectivos

1. O presente Regulamento tem como objectivo definir princípios e normas aplicáveis à concepção, utilização e manutenção das áreas que serão objecto de implementação de acções de recuperação biofísica no âmbito das Empreitadas do Empreendimento de Fins Múltiplos de Alqueva (EFMA).

2. Entende-se por acções de recuperação biofísica de áreas afectadas pelas empreitadas (posteriormente designado por Plano de Recuperação Biofísica das áreas afectadas pela empreitada), todas as intervenções promovidas com objectivo de restabelecer as condições iniciais dos locais intervencionados no decurso de uma obra.

Artigo 2º – Autoria dos Planos

1. A concepção dos Planos de Recuperação Biofísica das áreas afectadas pela empreitada à empreitada será da responsabilidade de técnicos com formação adequada para a sua correcta elaboração.
2. O técnico responsável pela elaboração do Plano terá de acompanhar o desenvolvimento da obra.
3. Os trabalhos de manutenção por parte do Adjudicatário serão assegurados no prazo de garantia da Empreitada.
4. No decurso do prazo de garantia da Empreitada o Adjudicatário terá de prever mecanismos de protecção da herbívoros e garantir a reposição de exemplares perdidos (retancha).

Artigo 3º – Estrutura dos Planos de Recuperação Biofísica das áreas afectadas pelas Empreitadas

1. A estrutura dos Planos de Recuperação Biofísica das áreas afectas à empreitada deverá respeitar as orientações anexas ao Sistema de Gestão Ambiental, sendo este parte integrante dos Cadernos de Encargos.
2. Os Planos de Recuperação Biofísica das áreas afectas às empreitadas sujeitos a aprovação da EDIA deverão ser instruídos com os seguintes elementos:

a) Peças Escritas

Memória descritiva e justificativa das intervenções a implementar que inclua as metodologias para:

- Reposição do relevo natural do terreno, garantindo a qualidade do material utilizado;
- Sementeiras (herbáceas e/ou arbustivas) nos locais afectados pela empreitada onde se justifique;
- Reposição dos maciços arbustivos e do número de exemplares arbóreos abatidos nos atravessamentos de linhas de água, para além das acções atrás previstas;
- Reposição do número de exemplares de quercíneas abatidos nas áreas de empréstimo e de implementação de estaleiros, para além das acções atrás previstas, sempre que se justifique.

b) Peças Desenhadas

- Planta de localização das intervenções propostas;
- Cartografia exemplificativa dos módulos a aplicar.

3. A EDIA pode, se justificado, exigir a apresentação de outras peças escritas e desenhadas.

4. Com consentimento prévio da EDIA poderão ser dispensadas ou apresentadas conjuntamente algumas peças do Plano.

Artigo 4º - Normas para Execução das Intervenções

1. O Adjudicatário terá que garantir a natureza e qualidade dos materiais inertes (terra), sempre que possível resultantes da execução da decapagem. Esta terra deverá ser limpa, arejada e isenta de contaminantes.

2. Os fertilizantes a utilizar deverão ser adubo composto NPK 15:15:15.

3. As sementes deverão apresentar o grau de pureza e a faculdade germinativa, exigidos por lei, sempre que essas espécies figurem nas tabelas oficiais.

4. As não representadas nas tabelas oficiais deverão ser provenientes da última colheita, salvo justificação especial de germinação tardia, e deverão ser isentas de sementes estranhas e impurezas.

Artigo 5º – Responsabilidades Pós Intervenções

1. Após as intervenções de recuperação deverá ser garantido pelo beneficiário do terreno a preservação e manutenção das características morfológicas e fitossanitárias mínimas de todo o material vegetal implantado.

2. Compete às entidades com responsabilidade atribuída, conceder ao beneficiário do terreno, de acordo com a legislação nacional vigente, a decisão de abate, limpeza, desbaste, transplante, poda ou tratamento das espécies plantadas, após o término do prazo de garantia da Empreitada.

ANEXO V – PLANO DE PREVENÇÃO E GESTÃO DE RESÍDUOS DE CONSTRUÇÃO E DEMOLIÇÃO

Esta página foi propositadamente deixada em branco

I - INTRODUÇÃO

Nos termos do artigo 10.º do Decreto-Lei n.º 46/2008, de 12 de Março, e para efeitos de cumprimento do referido Decreto, apresenta-se o Plano de Prevenção e Gestão (PPG) de Resíduos de Construção e Demolição (RCD) das infra-estruturas que constituem o Projecto dos Blocos de Rega de Evidel.

Efectivamente, o Decreto-Lei n.º 46/2008, de 12 de Março, estabelece:

- *“o regime das operações de gestão de resíduos resultantes de obras ou demolições de edifícios ou de derrocadas, abreviadamente designados resíduos de construção e demolição ou RCD, compreendendo a sua prevenção e reutilização e as suas operações de recolha, transporte, armazenagem, triagem, tratamento, valorização e eliminação”* (artigo 1.º);
- *que “Nas empreitadas e concessões de obras públicas, o projecto de execução é acompanhado de um plano de prevenção e gestão de RCD, que assegura o cumprimento dos princípios gerais de gestão de RCD e das demais normas aplicáveis constantes do presente decreto-lei e do Decreto-Lei n.º 178/2006, de 5 de Setembro”* (Artigo 10.º, n.º 1).

Para efeitos de cumprimento a este requisito, foi utilizado o formulário de PPGRCD, disponível no sítio da internet da Agência Portuguesa do Ambiente (<http://www.apambiente.pt>).

No PPGRCD, o código LER (Lista Europeia de Resíduos) e as operações de gestão de resíduos (reciclagem, valorização, eliminação) são classificados de acordo com a Portaria n.º 209/2004, de 3 de Março, que anexa a Lista Europeia de Resíduos (Anexo I), a lista de características de perigo atribuíveis aos resíduos (Anexo II) e a enumeração das operações de valorização e de eliminação de resíduos.

De acordo com o n.º 4 do Artigo 10.º do Decreto-Lei n.º 46/2008, de 12 de Março, o PPGRCD *“pode ser alterado pelo dono da obra na fase de execução, sob proposta do produtor de RCD, ou, no caso de empreitadas de concepção-construção, pelo adjudicatário com a autorização do dono da obra, desde que a alteração seja devidamente fundamentada”*.

O Projecto dos Blocos de Rega de Ervidel localiza-se na região do Baixo Alentejo, no distrito de Beja, estando abrangidos pelos concelhos de Aljustrel (freguesias de Aljustrel e Ervidel), Ferreira do Alentejo (freguesia de Ferreira do Alentejo) e Beja (freguesias de Santa Vitória e Mombeja).

O Projecto é constituído por infra-estruturas hidráulicas de transporte, armazenamento e distribuição de água com vista à beneficiação dos blocos de Rega de Ervidel.

II - PLANO DE PREVENÇÃO E GESTÃO DE RESÍDUOS DE CONSTRUÇÃO E DEMOLIÇÃO (PPGRCD)

I. DADOS GERAIS DA ENTIDADE RESPONSÁVEL PELA OBRA				
a) Denominação Social – Empresa de Desenvolvimento e Infra-estruturas do Alqueva, S.A.				
b) Sede/Morada – Rua Zeca Afonso, 2	Localidade – Beja	Código Postal – 7800-522 Beja	Freguesia – Santiago Maior	Concelho – Beja
c) Telefone – 284 31 51 00	Fax – 284 31 51 01		E-Mail – edia@edia.pt	
d) Número Identificação Pessoa Colectiva (NIPC) – 503 450 189				
e) CAE Principal Rev3 – 70220 (Outras Actividades de Consultoria para os Negócios e a Gestão)				

II. DADOS GERAIS DA OBRA
a) Tipo de obra – Construção dos Blocos de Rega de Ervidel
b) Código do CPV ¹ – 45220000-5 (Obras de engenharia civil e construção de estruturas)
d) Identificação do local de implantação – Concelhos de Ferreira do Alentejo e Ervidel

¹ CPV - Vocabulário comum para os Contratos Públicos (estabelece um sistema único de classificação aplicável aos contratos públicos, com o objectivo de normalizar as referências que as autoridades e entidades adjudicantes utilizam para caracterizar o objecto dos seus contratos públicos).

III. RESÍDUOS DE CONSTRUÇÃO E DEMOLIÇÃO (RCD)

1. CARACTERIZAÇÃO DA OBRA

a) Caracterização sumária da obra a efectuar:

O Bloco de Rega de Ervidel é constituído pelas seguintes infra-estruturas: estação elevatória de Penedrão (dois patamares), reservatório R1, reservatório R2, três blocos de rega e respectivas redes secundárias de rega (Bloco 1, Bloco 2 e Bloco 3), rede de drenagem e rede viária.

A estação elevatória do Penedrão é constituída por dois sistemas elevatórios:

- o sistema elevatório do bloco 2 - que eleva um caudal máximo de 2,6 m³/s, para um reservatório de comando (reservatório R2 – de geometria circular, em betão), implantado à cota (185,0), com o NPA à cota (189,3) e a partir do qual se desenvolve a rede secundária de rega do bloco 2; e

- o sistema elevatório do bloco 3 – que efectua a bombagem directa para a rede de rega do bloco 3. Este sistema elevatório eleva um caudal de 3,1 m³/s para a cota piezométrica (231,0) no início da rede secundária de rega.

A estação fica implantada numa plataforma sensivelmente à cota (171,50), ocupando uma área com dimensões máximas aproximadas de 120x58 m², a sul da barragem do Penedrão.

A estação é constituída essencialmente por um edifício principal, uma plataforma destinada aos sistemas de filtração e uma outra plataforma onde ficarão instalados os reservatórios hidropneumáticos de ambos os blocos elevatórios e o equipamento de medição de caudal.

A adução de água a partir da barragem é efectuada através de uma estrutura de tomada de água em superfície livre.

O reservatório de regularização R1 é implantado a cerca de 3 km a SE de Ferreira do Alentejo, junto ao troço em Ferreira-Penedrão da

adução Pisão-Penedrão. Este reservatório beneficia graviticamente o Bloco 1.

A admissão de água do canal Ferreira-Penedrão para o reservatório R1 é efectuada a cerca de 700 m da transição de canal para conduta, através de uma conduta com um diâmetro DN 1000 mm que liga a tomada de água do canal ao reservatório.

O reservatório R1 será construído por modelação do terreno e tem uma geometria próxima da rectangular, com uma altura compreendida entre os 6,8 e os 7,4 m e um volume total de armazenamento de 109 dam³. O rasto apresenta uma pendente suave orientada no sentido da descarga de fundo, cujo ponto mais baixo se situa à cota 165,8 m, o nível de pleno armazenamento situa-se à cota (172,46) e a cota de coroamento a (173,2).

A implantação do reservatório R1 ocupa a uma área de 2,2 ha.

O reservatório de comando R2 está localizado na margem esquerda da albufeira do Penedrão, à cota (185,0), a cerca de 2 200 m da estrada nacional EN2 (estrada que liga Ferreira do Alentejo a Ervidel). Este reservatório é servido pelo sistema elevatório do bloco 2 da estação elevatória do Penedrão através de uma conduta elevatória com cerca de 250 m de extensão e de DN 1300 mm. Será construído com uma estrutura em betão armado e com geometria circular.

O reservatório de comando R2 terá uma geometria circular com um diâmetro interno de 22 m e com uma altura total interior de 5,4 m. Com um volume total de armazenamento de 1730 m³, terá a sua soleira à cota (185,0), o nível máximo de armazenamento à cota (189,55) e o topo à cota (190,40).

Ficará implantado num perímetro vedado com as dimensões máximas de 50x40 m².

Os Blocos de Rega de Ervidel distribuem-se pelas freguesias de Ferreira do Alentejo (concelho de Ferreira de Alentejo), Mombeja, Santa Vitória (concelho de Beja), Ervidel e Aljustrel (concelho de Aljustrel).

A área de rega divide-se em três blocos, dois deles beneficiados em baixa pressão (Bloco 1 e 2) e o terceiro beneficiado por alta pressão

(Bloco 3).

O Bloco 1 é constituído por uma mancha de rega com 2914 ha e é beneficiado em baixa pressão a partir do Reservatório R1 (abastecido por tomada de água no canal Ferreira–Penedrão do circuito hidráulico Pisão-Roxo). O bloco apresenta uma estrutura predial onde predomina a grande propriedade, em que cerca de 65% da área é representada somente por três propriedades.

A rede de rega do Bloco 1, com um desenvolvimento total de 16 254 m, é constituída por condutas de Betão (9845 m), de Ferro Fundido Dúctil (FFD) (2248 m) e de Polietileno de Alta Densidade (PEAD) (4160 m), com as gamas de diâmetros entre DN 315 mm e DN 1600 mm.

O Bloco 2 beneficia em baixa/média pressão uma área de 2492 ha a partir do Reservatório R2, sendo os caudais aduzidos pelo primeiro patamar da estação elevatória (EE), localizada na margem esquerda da albufeira do Penedrão. O bloco apresenta uma estrutura predial onde predomina a média propriedade, embora possua na zona Este um núcleo de pequena propriedade (junto a Santa Vitória).

A rede de rega do Bloco 2, com um desenvolvimento total de 23 483 m, é constituída por condutas de Betão (3136 m), de Ferro Fundido Dúctil (FFD) (9207 m) e de Polietileno de Alta Densidade (PEAD) (11 141 m), com as gamas de diâmetros entre DN 200 mm e DN 1400 mm.

O Bloco 3 beneficia uma área de 2822 ha e é abastecido em alta pressão por um segundo patamar da Estação Elevatória do Penedrão. Apresenta uma estrutura predial onde predomina a pequena propriedade, ainda que cerca de 40% da área seja representada pela média propriedade.

A rede de rega do Bloco 3, com um desenvolvimento total de 46 540 m, é constituída por condutas de Betão (5544 m), Ferro Fundido Dúctil [FFD] (10 706 m) e por condutas de Polietileno de Alta Densidade [PEAD] (30 290 m), com as gamas de diâmetros entre DN 110 mm e DN 1500 mm.

Da análise realizada à rede hidrográfica dos Blocos de Ervidel e das condições gerais de drenagem do perímetro, resulta a necessidade de intervenção em 13 linhas de água.

Assim, com necessidade de intervenção biofísica e paisagística, apenas no que respeita a limpeza de vegetação e remoção de entulho e lixo do leito menor, apresentam-se três linhas de água do Tipo 1 (Ribeira de Santa Vitória, Ribeira de Canhestros e Barranco do Vale Novo) duas linhas de água do tipo 2 (Barrancos do Xacafre e de Mombeja) e oito linhas de água do tipo 3 (LA2, LA3, LA4, LA7, LA9, LA12, LA13 e LA16), numa extensão total de 29 233 m.

Consideradas para a intervenção de reperfilamento/abertura de secção, estão quatro linhas de água, duas do tipo 2 (Barrancos do Xacafre e de Mombeja) e duas do tipo 3 (LA7 e LA9), ao longo de uma extensão de 11 715 m.

As medidas compensatórias, também consideradas como intervenção, são aplicados na ribeira de Santa Vitória, linha de água do tipo 1, numa extensão de 2 071 m.

Ao longo das diferentes linhas de água a interencionar é contemplada a construção de oito passagens hidráulicas, dezoito quedas verticais, dezoito degraus de contenção, uma queda vertical e degrau de contenção, três confluências e 4 soleiras de fixação.

A rede viária projectada para o perímetro de Ervidel é composta por quatro caminhos a reabilitar/construir, desenvolvendo-se ao longo de 17,63 km.

O caminho CA1 tem início na EN2, desenvolvendo-se em direcção à albufeira do Penedrão, até à sua ligação com o caminho que liga a barragem do Penedrão com a tomada de água para a adução Penedrão-Roxo. Este caminho é constituído por dois trechos, um trecho inicial, com um desenvolvimento de cerca de 1 km, construído sobre um caminho já existente e um segundo trecho totalmente novo, adjacente ao traçado das condutas principais da rede de rega, permitindo o acesso ao reservatório de comando R2 e à estação elevatória do Penedrão. O caminho CA1 é classificado como “Caminho Rural – Tipo I”, desenvolve-se numa extensão de 2353 m e apresenta uma largura de faixa de 5,0 m.

O caminho CA2 tem a sua origem na EM529 nas proximidades de Santa Vitória, e termina com a ligação ao caminho que estabelece a

ligação entre a barragem do Penedrão e a tomada de água para a adução Penedrão-Roxo. Atravessa longitudinalmente a zona Este do perímetro de rega, acompanhando o traçado de uma conduta principal da rede secundária de rega. O trecho inicial, com um desenvolvimento de aproximadamente 1,95 km, consta da reabilitação de um caminho existente, seguindo-se a construção um trecho novo com cerca de 2,95 km, e um terceiro trecho com cerca de 0,90 km de caminho existente a reabilitar, terminando com um trecho novo de aproximadamente 0,20 km. Este caminho, para além de servir um número significativo de parcelas, poderá ainda constituir uma alternativa para ligação a Santa Vitória. O caminho CA2 é classificado como “Caminho Rural – Tipo I”, desenvolve-se numa extensão de 5999 m e apresenta uma largura de faixa de 5,0 m.

O caminho CA3 tem início na EN2 a cerca de 5 km a sul de Ferreira do Alentejo, desenvolvendo-se até à zona da Abegoaria, junto à EM526. Este caminho atravessa uma área de pequena propriedade, acompanhando em parte os traçados de condutas da rede de rega, constituindo uma importante ligação entre a EN2 e a EM526. O caminho CA3 é classificado como “Caminho Agrícola Principal – Tipo II”, desenvolve-se numa extensão de 5345 m e apresenta uma largura de faixa de 4,0 m.

O caminho CA4 tem início na EN2, em frente à ligação do caminho CA1, e desenvolve-se no sentido norte-sul, terminando com a ligação à estrada EM527, próximo de Ervidel. Este caminho acompanha em parte o traçado da conduta principal da rede de rega do Bloco 3, permeando uma zona de pequena propriedade, com alguns troços implantados sobre um caminho existente, a reabilitar, e outros onde se terá de proceder à sua construção. Nos troços onde existe caminho, este apresenta uma largura de faixa não superior a 3 m, algumas vezes delimitada por vedações. O caminho CA4 é classificado como “Caminho Agrícola Secundário – Tipo III”, desenvolve-se numa extensão de 3931 m e apresenta uma largura de faixa de 3,5 m. A estrutura de pavimentos dos caminhos rurais preconizada, obtida com base nas indicações das Normas para Projectos de Caminhos Rurais e Agrícolas, deve apresentar uma camada de desgaste, em betão betuminoso, com 0,06 m de espessura, uma camada de base em agregado britado de granulometria extensa, com 0,20 m e uma camada de sub-base em agregado britado de granulometria extensa, com 0,25 m.

b) Descrição sucinta dos métodos construtivos a utilizar tendo em vista os princípios referidos no Artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 46/2008, de 12 de Março:

A empreitada pressupõe a realização das seguintes intervenções:

Estação Elevatória de Penedrão

- Montagem do estaleiro;
- Aprovisionamento de materiais e confirmação das encomendas dos equipamentos normalizados;
- Trabalhos de decapagem, saneamento e escavação na zona de implantação da estação;
- Construção da nave dos grupos, edifício da estação e obras acessórias de betão armado;
- Fornecimento e montagem de equipamentos mecânicos e eléctricos;
- Arranjos exteriores e integração paisagística;
- Desmontagem do estaleiro.

Reservatórios (R1 e R2)

- Montagem do estaleiro;
- Aprovisionamento de materiais e confirmação das encomendas dos equipamentos normalizados;
- Trabalhos de decapagem, saneamento e escavação na zona de implantação do reservatório;
- Execução dos aterros experimentais;
- Construção dos aterros do corpo do reservatório e das obras de betão armado (de entrada e de saída);

- Colocação da protecção vegetal no paramento exterior e a colocação da geomembrana, incluindo acabamentos no coroamento;
- Fornecimento e montagem dos equipamentos hidromecânicos e eléctricos;
- Desmontagem do estaleiro.

Redes Secundárias de Rega

- Montagem de estaleiro;
- Aprovisionamento de materiais e confirmação das encomendas dos equipamentos normalizados;
- Abertura de valas e instalação de condutas;
- Construção de câmaras de betão armado e instalação de caixas pré-fabricadas;
- Montagem de equipamentos hidromecânicos e eléctricos;
- Transposição de linhas de água e vias de comunicação pelas tubagens das redes secundárias de rega e respectiva protecção da tubagem;
- Desmontagem do estaleiro.

Rede de Drenagem

- Montagem de estaleiro,
- Reperfilamento de linhas de água, adoptando nova secção transversal, considerando a escavação dos taludes e do rasto (aprofundamento);
- Limpeza de linhas de água (leito e margens), contemplando o corte de vegetação e a remoção de monos;
- Plantação de árvores e arbustos;
- Construção de obras de arte e de protecção contra a erosão;

- Desmontagem do estaleiro.

Rede Viária

- Montagem de estaleiro;
- Aprovisionamento de materiais;
- Trabalhos de decapagem, saneamento e escavação na zona de implantação dos caminhos;
- Construção do pavimento;
- Construção de obras de arte;
- Ligação a vias de comunicação existentes;
- Aplicação de sinalização vertical e horizontal;
- Desmontagem do estaleiro.

2. INCORPORAÇÃO DE RECICLADOS

a) Metodologia para a incorporação de reciclados de RCD – Face às características da obra em causa, não será possível a integração de reciclados de RCD.

b) Reciclados de RCD integrados na obra

Identificação dos reciclados	Quantidade integrada na obra (t ou m³)	Quantidade integrada relativamente ao total de materiais usados (%)
-	-	-
Valor total	-	-

3. PREVENÇÃO DE RESÍDUOS

a) Metodologia de prevenção de RCD:

Para minimizar a produção de resíduos, a EDIA elabora Sistemas de Gestão Ambiental para as suas empreitadas, onde entre outras, se definem medidas de minimização de impactes relacionadas com a gestão de resíduos em obra.

Na fase de execução da obra, caberá ao Adjudicatário, a implementação de metodologias de trabalho que permitam reduzir os quantitativos dos resíduos a produzir. Referem-se as seguintes medidas:

- Elaboração de um dossier de gestão de resíduos que contemple: planta de localização das áreas de armazenamento temporário dos resíduos; planta de localização dos recipientes para deposição de resíduos existentes em obra; mapa de controlo dos resíduos; documentos comprovativos do licenciamento das empresas transportadoras de resíduos; documentos comprovativos do licenciamento das empresas receptoras dos resíduos; guias de transporte dos resíduos; legislação aplicável aos resíduos da obra;
- Cumprimento de toda a legislação, nacional e comunitária, em vigor no que respeita à gestão de resíduos, nomeadamente a identificação e classificação dos resíduos em conformidade com a Lista Europeia de Resíduos – LER (Portaria n.º. 209/2004, de 3 Março);
- Registo, com actualização trimestral das quantidades e características dos óleos usados produzidos, bem como do processo que lhes deu origem e do respectivo destino;
- Segregação e armazenamento separado dos resíduos, em função das suas características e destino final;
- Realização de todas as operações de manutenção e de abastecimento de maquinaria no interior dos estaleiros em local previamente definido e com as condições necessárias para o efeito. Toda a maquinaria será devidamente inspeccionada por forma a garantir o seu correcto funcionamento, diminuindo o risco de contaminação do solo e da água;
- Remoção dos resíduos classificados pela LER, nomeadamente óleos usados, lubrificantes, tintas e solventes e resíduos contaminados

com óleos, só deverá ter início pelo Adjudicatário, após aprovação da proposta dos destinos finais pelo Dono de Obra. Apresentação de cópia das autorizações das empresas receptoras de resíduos e transportadores de óleos usados;

- Estarão disponíveis em obra os meios necessários para actuar caso ocorra derrame de resíduos, nomeadamente resíduos classificados como perigosos pela LER;

- Em termos de operações de gestão de resíduos, deverá ser dada preferência à valorização dos resíduos, tendo como princípio a recolha selectiva dos mesmos. As empresas de gestão de resíduos a contratar deverão constar nas listagens dos operadores licenciados pelo Instituto dos Resíduos, sendo apresentados ao Dono de Obra cópias das autorizações das mesmas;

- Relativamente à produção de Resíduos Sólidos Urbanos (RSU), a obra estará dotada de contentores para recolha deste tipo de resíduos. A remoção final dos resíduos equiparados RSU será efectuada, se possível, através dos processos habituais de remoção destes existentes no Concelho de Beja;

- Os resíduos perigosos, serão alvo de gestão individualizada nos termos previstos da lei.

De salientar, que estas medidas, são sempre alvo de acompanhamento ambiental por parte da EDIA.

b) Materiais a reutilizar em obra

Identificação dos materiais		Quantidade a reutilizar (t ou m³)	Quantidade a reutilizar relativamente ao total de materiais usados (%)
▪ Terras (Código LER 17 05 04 – Solos e rochas não contendo substâncias perigosas)	Estação Elevatória de Penedrão	2 635	1.07
	Reservatório R1 (com caminho de acesso e descarga de fundo	35 000	14.23
	Reservatório R2	1 365	0.56
	Rede Secundária de Rega. Bloco 1	62 300	25.33
	Rede Secundária de Rega. Bloco 2	48 400	19.68
	Rede Secundária de Rega. Bloco 3	88 115	35.83
	Rede de Drenagem	-	
	Rede Viária	8 112	3.30
Valor total		245 927	100

4. ACONDICIONAMENTO E TRIAGEM

a) Referência aos métodos de acondicionamento e triagem de RCD na obra ou em local afecto à mesma:

Todos os materiais e resíduos resultantes da empreitada, serão recolhidos selectivamente e enviados para destino final licenciado;

Deverão ainda seguir-se as seguintes orientações:

- No caso das áreas com vegetação arbustiva, a desmatação deverá ser efectuada por gradagem, com mistura do mato cortado na camada superficial do solo;

- Os resíduos vegetais devem ser devidamente encaminhados para destino final adequado;

Os materiais (terras) resultantes das escavações da rede de rega serão depositados ao longo das valas, após remoção e armazenamento prévio da camada superficial do solo da área a intervir;

Os materiais sobrantes provenientes das escavações a efectuar durante a obra, caso possuam características geotécnicas adequadas, deverão, sempre que possível, ser (re)utilizados nos aterros associados à construção das diferentes infra-estruturas. Quando tal não se verificar os materiais poderão servir para repor a morfologia de áreas de empréstimo e/ou ser utilizados para regularização de terrenos (recuperação paisagística);

O local de armazenamento temporário de matérias excedentárias deverá preferencialmente ocorrer fora de áreas com grande declive com evidências de escorregamentos de terras, de locais onde haja ocorrências patrimoniais e de locais ecologicamente sensíveis como as margens de linhas de água e respectiva galeria ripícola, ou zonas de elevada densidade arbórea (nomeadamente montados). Todos os locais serão previamente acordados e autorizados pelo Dono de Obra.

Assegurar-se-á que os materiais inertes excedentes não sofrem mistura com qualquer outro tipo de resíduos.

O local afecto ao parque de armazenamento temporário de resíduos será claramente definido e identificado para o efeito. O acesso a este local será condicionado. Os resíduos serão segregados e armazenados separadamente, em função das suas características de destino final. Os locais de armazenamento para as diferentes tipologias de resíduos devem estar devidamente identificados. O adjudicatário deve garantir o armazenamento dos resíduos no estaleiro em condições adequadas, conforme estabelecido na legislação aplicável em vigor, nomeadamente no Decreto-Lei n.º. 178/2005, de 5 de Dezembro, uma vez que o produtor é o único responsável pela gestão dos resíduos que produz.

Todos os resíduos classificados como perigosos pela LER, nomeadamente óleos usados, lubrificantes, tintas e solventes, bem como resíduos contaminados por óleos, serão devidamente acondicionados e armazenados em local apropriado e autorizado pelo Dono de Obra. Será construída uma bacia de retenção de forma a minimizar o impacto de eventuais derrames;

O armazenamento temporário dos óleos usados e combustíveis será efectuado em local impermeabilizado e coberto, com bacia de retenção de derrames

acidentais, separando-se os óleos hidráulicos e de motor usados para gestão diferenciada. Os contentores estarão claramente identificados no exterior com referência aos diferentes tipos de óleos. De modo a evitar acidentes, na armazenagem temporária destes resíduos, consideram-se as seguintes orientações:

- Preservação de uma distância mínima de 15 m a margens de linhas de água permanentes ou temporárias;
- Armazenamento em contentores, devidamente estanques e selados, não devendo a taxa de enchimento ultrapassar 98% da sua capacidade;
- Instalação em terrenos estáveis e planos;
- Instalação em local de fácil acesso para trasfega de resíduos.

Os filtros de óleo, previamente escorridos, materiais absorventes e solos contaminados com hidrocarbonetos serão armazenados temporariamente em recipientes estanques e fechados;

Os resíduos recicláveis, como plásticos, papel e cartão e resíduos metálicos ou de madeira, serão recolhidos selectivamente, devendo ser encaminhados para operadores autorizados para o efeito, bem como os resíduos equivalente a RSU.

De salientar ainda, que o SGA da empreitada define ainda, para além destes, outros requisitos no âmbito do acondicionamento e triagem de RCD na obra, quer a nível da Gestão de Resíduos (vd. requisitos GR) quer a nível da Movimentação de Terra (vd. requisitos MT).

b) Caso a triagem não esteja prevista, apresentação da fundamentação para a sua impossibilidade – não se aplica.

5. PRODUÇÃO DE RCD

Código LER	Designação do Resíduo	Identificação do Resíduo em Obra	Quantidades produzidas (t ou m ³)	Quantidade para reciclagem (%)	Operação de reciclagem	Quantidade para valorização (%)	Operação de valorização	Quantidade para eliminação (%)	Operação de eliminação
10 11 03	Resíduos de Materiais Fibrosos à base de Vidro	Resíduos de Fibra de Vidro	*	*	*	+	*	100	D1- Deposição em Aterro
13 01 13	Óleos Hidráulicos Usados	Óleos Usados de Máquinas e Veículos	*	100	R9 – Refinação de óleos	0	-	0	-
13 02 05	Óleos minerais não clorados de motores,	Óleos usados	*	0	-	0	-	100	D15

5. PRODUÇÃO DE RCD									
	transmissões e lubrificação								
13 02 08	Outros óleos de motores, transmissão e lubrificação	Óleos usados motor	*	100	R9 – Refinação de óleos	-	-	0	-
15 01 02	Embalagens de Plástico	Embalagens de Plástico	*	100	R5	0	-	0	-
15 01 03/ 17 02 01	Embalagens de madeira	Madeira não contaminada	*	*	R3	*	R1, R10	0	-
15 02 02	Absorventes, materiais filtrantes (incluindo filtros de óleo não anteriormente especificados), panos	Materiais absorventes contaminados	*	0	-	A definir com o empreiteiro			
15 01 10	Embalagens contendo ou contaminadas por substâncias perigosas	Embalagens contaminadas	*	0	A definir com o empreiteiro				
16 01 07	Filtros de óleo	Filtros de óleo	*	0	-	0	-	100	D15
17 01 01	Betão	Resíduos da lavagem das caleiras	*	100	Reincorporação em obra na execução de aterros	0	-	0	-
17 02 03	Plástico	Resíduos de Poliéster e PVC	*	100	R5				
17 03 02	Misturas Betuminosas	Fresados	*	0	-	0	-	100	D1 - Deposição em Aterro
17 04 05/ 17 04 07	Aço e Ferro	Aço e Ferro	*	100	R4	0	-	0	-
17 05 03	Solos e rochas contendo	Terras contaminadas	*	0	A definir (em caso de emergência ambiental)				

5. PRODUÇÃO DE RCD									
	substâncias perigosas								
17 05 04	Solos e Rochas	Solos e Rochas	823 105	45,1	Reincorporação em obra na execução de aterros	0	-	54,9	D1 - Deposição em aterro ou recuperação pedreiras licenciadas
17 09 04	Mistura de RCD	Resíduos vários	*	*	R4/R5	*	*	*	D1 - Deposição em aterro ou recuperação pedreiras licenciadas *
20 01 01	Papel e cartão	Papel e cartão	*	100	R4/R5	0	-	0	-
20 01 02	Vidro	Vidro	*	100	R5	0	-	0	-
20 01 39	Plásticos	Plásticos	*	100	R4/R5	0	-	0	-
20 02 01	Resíduos Biodegradáveis	Resíduos verdes (ramos, arbustos e troncos)	*	0	-	100	R1/R10	0	-
20 03 01	Mistura de Resíduos Urbanos e equiparados	RSU	*	0	-	*	R10	*	D1 – Deposição em aterro
20 03 04	Lama de fossas sépticas	Limpeza de fossas sépticas	*	0	-	0	-	1000	D9
20 03 06	Resíduos de Limpeza de esgotos	Águas residuais; Depósitos de WC's amovíveis	*	0	-	0	-	100	D9

(*) – Impossibilidade de previsão previamente à obra

Esta página foi propositadamente deixada em branco

Lista do Anexo III da Portaria 209/2004, de 3 de Março

A — Operações de eliminação de resíduos

D1 — Deposição sobre o solo ou no seu interior (por exemplo, aterro sanitário, etc.).

D9 – Tratamento físico-químico não especificado em qualquer outra parte do presente anexo, que produz compostos ou misturas finais rejeitados por meio de qualquer das operações enumeradas de D1 a D12 (por exemplo, evaporação, secagem, calcinação, etc.).

D15 – Armazenagem enquanto se aguarda a execução de uma das operações enumeradas de D1 a D14 (com exclusão do armazenamento temporário, antes de recolha, no local onde esta é efectuada).

B – Operações de valorização de resíduos

R1 – Utilização principal como combustível ou outros meios de produção de energia;

R3 – Reciclagem/recuperação de compostos orgânicos que não são utilizados como solventes (incluindo as operações de compostagem e outras transformações biológicas).

R4 – Reciclagem/recuperação de metais e de ligas;

R5 - Reciclagem/recuperação de outras matérias inorgânicas;

R9 – Refinação de óleos e outras reutilizações de óleos;

R10 – Tratamento no solo em benefício da agricultura ou para melhorar o ambiente;

R13 – Acumulação de resíduos destinados a uma das operações enumeradas de R1 a R12 (com exclusão do armazenamento temporário, antes da recolha, no local onde esta é efectuada).

III - EXECUÇÃO DO PPGRCD

A **execução** do PPGRCD será da responsabilidade do Empreiteiro (verificada pelo Dono de Obra e Fiscalização) e deverá assegurar o seguinte (de acordo com o n.º 3 do Artigo 10.º do Decreto-Lei n.º 46/2008, de 12 de Março:

- “a) A promoção da reutilização de materiais e a incorporação de reciclados de RCD na obra;*
- b) A existência na obra de um sistema de acondicionamento adequado que permita a gestão selectiva dos RCD;*
- c) A aplicação em obra de uma metodologia de triagem de RCD ou, nos casos em que tal não seja possível, o seu encaminhamento para operador de gestão licenciado;*
- d) A manutenção em obra dos RCD pelo mínimo tempo possível que, no caso de resíduos perigosos, não pode ser superior a três meses”.*

O PPGRCD estará **disponível** no local da obra, para efeitos de fiscalização pelas entidades competentes, e ser do conhecimento de todos os intervenientes na execução da obra.

As instalações de **triagem** de RCD em obra obedecerão aos seguintes requisitos mínimos (cf. Anexo I do Decreto-Lei n.º 46/2008, de 12 de Março):

- “1 — Vedação que impeça o livre acesso à instalação.*
- 2 — Sistema de controlo de admissão de RCD.*
- 3 — Sistema de pesagem com báscula para quantificar os RCD.*
- 4 — Sistema de combate a incêndios.*
- 5 — Zona de armazenagem de RCD com cobertura e piso impermeabilizados, dotada de sistema de recolha e encaminhamento para destino adequado de águas pluviais, águas de limpeza e de derramamentos e, quando apropriado, dotado de decantadores e separadores de óleos e gorduras.*
- 6 — Zona de triagem coberta, protegida contra intempéries, com piso impermeabilizado, dotada de sistema de recolha e encaminhamento dos efluentes para destino adequado de águas pluviais, águas de limpeza e de*

derramamentos, e, quando apropriado, dotado de decantadores e separadores de óleos e gorduras. Esta zona deverá estar equipada com contentores adequados e devidamente identificados para o armazenamento selectivo de resíduos perigosos, incluindo resíduos de alcatrão e de produtos de alcatrão, e para papel/cartão, madeiras, metais, plásticos, vidro, cerâmicas, resíduos de equipamentos eléctricos e electrónicos, embalagens, betão, alvenaria, materiais betuminosos e de outros materiais destinados a reutilização, reciclagem ou outras formas de valorização”.

O transporte de RCD para fora do local de obra obedecerá ao disposto na Portaria n.º 335/97, de 16 de Maio, com excepção dos n.os 5, 6 e 7, relativos à utilização da guia de acompanhamento, uma vez que o transporte de RCD deve ser acompanhado de guias de acompanhamento de resíduos cujos modelos constam dos Anexos I e II à Portaria n.º 417/2008, de 11 de Junho. O operador de gestão de RCD envia ao produtor, no prazo máximo de 30 dias, um certificado de recepção dos RCD recebidos, nos termos definidos no Anexo III do Decreto-Lei n.º 46/2008, de 12 de Março.

IV - REFERÊNCIAS

- APA (2009). Site da Agência Portuguesa do Ambiente. <<http://www.apambiente.pt>> [Consultado em Março de 2009].
- EDIA (2009) – Sistema de Gestão Ambiental da Empreitada de Construção da Estação Elevatória e do Circuito Hidráulico de Pedrogão
- PROSISTEMAS/COBA (2009) – Projecto de Execução e Estudo de Impacte Ambiental dos Blocos de Rega de Ervidel

Esta página foi propositadamente deixada em branco

ANEXO VI – PLANTA DE CONDICIONANTES

Esta página foi propositadamente deixada em branco

Com vista a minimizar os impactes sobre o uso do solo e ordenamento do território, a selecção da localização dos estaleiros, manchas de empréstimo e locais de depósitos temporários e definitivos de inertes deverá atender às classes de condicionantes apresentadas na Planta de Condicionantes.

Nesta carta representa-se a área de projecto, dividida em quatro classes, segundo o grau de condicionamento imposto pelas figuras de ordenamento vigentes sobre este território.

As classes representadas na Planta de Condicionantes são as seguintes:

Interdita – incluiu-se nesta classe os sítios arqueológicos, e respectivas áreas de dispersão de materiais; as linhas de água, as manchas de montado; os perímetros imediatos e intermédios de protecção às captações destinadas ao abastecimento público; a zonas delimitadas como charcos temporários mediterrâneos (Habitat prioritário 3170) e os perímetros urbanos. Nestas zonas é interdita a instalação de estaleiros, manchas de empréstimo e a deposição de terras sobrantes;

Muito Condicionada – incluiu-se nesta classe as áreas abrangidas pelo regime de REN (Reserva Ecológica Nacional). Nas áreas de Condicionante de Nível II não deverá ser instalada qualquer área de estaleiro, mancha de empréstimo ou de deposição de inertes, a não ser que tal seja imprescindível ao projecto e não exista qualquer outra alternativa. Caso se verifique a inevitabilidade de utilização destas áreas, o empreiteiro ficará sujeito à aplicação de medidas compensatórias dos valores afectados, bem como da reposição da situação anterior após o fim das obras;

Condicionada – Inclui-se nesta classe a linha eléctrica da Rede Eléctrica Nacional e respectiva faixa de segurança, as áreas abrangidas pelo regime de RAN (Reserva Agrícola Nacional), as áreas de exploração de recursos geológicos (se houver) e os perímetros alargados de protecção às captações destinadas ao abastecimento público. Nas áreas consideradas como condicionadas deverá ser restringida a actividade de instalação de estaleiros, manchas de empréstimo ou deposição de inertes aos casos em que não existam áreas não condicionadas próximas adequadas ao objectivo, devendo tal

necessidade ser justificada pelo empreiteiro. Após o fim da fase de construção, os estaleiros ou áreas de deposição de inertes nestas áreas deverão ser desactivadas e retiradas do local;

Não Condicionada – incluiu-se nesta classe todas as áreas não abrangidas pelas classes anteriores. A instalação de estaleiros e manchas de deposição de inertes nestas áreas não é condicionada pelas figuras de ordenamento consideradas, mas não dispensa a aplicação de todas as medidas de minimização de impactes ambientais aplicáveis.



ProSistemas
CONSULTORES DE ENGENHARIA, S.A.



COBA

ANEXO 9 – MEDIDAS DE INTEGRAÇÃO PAISAGÍSTICA DOS RESERVATÓRIOS E DA ESTAÇÃO ELEVATÓRIA

MEDIDAS DE INTEGRAÇÃO PAISAGÍSTICA DOS RESERVATÓRIOS E DA ESTAÇÃO ELEVATÓRIA

Para uma melhor integração paisagística das grandes infra-estruturas incluídas no Projecto de Execução dos Blocos de Rega de Ervidel foram previstas algumas medidas específicas conforme se detalha em seguida, as quais já foram devidamente integradas nos respectivos projectos.

A estratégia de intervenção consiste em promover a integração paisagística das infra-estruturas, atendendo a aspectos de enquadramento, protecção e recuperação da paisagem, com base nas características de ordem biofísica e paisagística do território interessado.

Atendendo às características do projecto em questão, a proposta de Integração Paisagística consiste basicamente na apresentação de soluções técnicas para enquadramento visual da Estação Elevatória e dos Reservatórios R1 e R2, conciliando aspectos de ordem estética, funcional e económica, tendo como objectivo um equilíbrio paisagístico, entre as infra-estruturas a construir, e a envolvente, tendo subjacente:

- Objectivos estéticos: integração das infra-estruturas, de modo a garantir a continuidade física e visual, em termos de plasticidade dos elementos visuais, atendendo à escala do espaço de referência e copiando as mesmas formas, linhas, cores e texturas, para uma inserção equilibrada da infra-estrutura;
- Objectivos funcionais: estabilização biológica e física do terreno, respectivamente através de acções de revestimento e de modelações do terreno, de forma a protegê-lo contra a erosão eólica e hídrica e, paralelamente, garantir a continuidade das áreas afectadas com o terreno natural. Implementação de factores de condicionamento visual; e
- Objectivos económicos: custos reduzidos na implantação e manutenção da empreitada.

A localização das infra-estruturas referidas, em locais relativamente expostos foi condicionada por questões técnicas. Ainda assim, quer a estação elevatória, quer o Reservatório R1 foram concebidos/implantados semi-enterrados pois por um lado permite uma melhor integração paisagística, e por outro minimiza a movimentação geral de terras.

Nesta base, a proposta de integração paisagística reside sumariamente no seguinte:

- Enquadramento paisagístico sustentado na utilização preferencial de material vegetal, tendo em vista a implantação de uma estrutura verde que reflecta os padrões paisagísticos de referência;
- Escolha selectiva das espécies privilegiando a vegetação autóctone, e portanto adaptada ao meio edafo-climático em apreço, passível de ser identificada com os elementos visuais vegetais locais e adequada para a situação em questão, de modo a se garantir o sucesso da sua instalação e a minimizar os cuidados de manutenção;

- Modelação do terreno, adoptando sempre que possível as pendentes mais favoráveis à sua estabilização;
- Recobrimento com terra arável dos locais compatíveis com a sua aplicação, numa espessura média de 0,20 m, reutilizando as terras provenientes da decapagem efectuada na obra geral; Posterior estabilização biológica da superfície de terreno destes locais, mediante revestimento vegetal, com o recurso a sementeiras, aplicadas preferencialmente pelo método de hidrossementeira;
- Aplicação de materiais inertes em articulação com os vegetais, em combinações que reproduzam as cores, a geometria e os volumes da paisagem exterior; e
- Estratégia de plantação determinada em função do enquadramento pretendido para o espaço, respeitando, de um modo geral, à composição, distribuição e densidade dos padrões existentes no local, tendo em vista a continuidade visual da paisagem.

Estrutura Vegetal

Na selecção das espécies vegetais a utilizar, tal como anteriormente referido, privilegiaram-se as autóctones, dado oferecerem maior garantia de adaptação às condições locais e serem mais adequadas para uma correcta integração na envolvente, estabelecendo relações de continuidade em termos de estrutura verde.

Assim, em termos de verdes sobressaem os alinhamentos de sobreiros e azinheiras, assinalando os caminhos de acesso às infra-estruturas e as oliveiras com disseminação organizada, pelo espaço de intervenção. Nas restantes situações, o material vegetal arbóreo é utilizado atendendo ao aspecto funcional, como é o caso dos plátanos, junto aos estacionamento, ou visando o enquadramento, designadamente os ciprestes que envolvem o reservatório R2.

Deste modo, o revestimento vegetal será efectuado mediante a execução de sementeiras e de plantações localizadas de árvores e arbustos. Chama-se no entanto à atenção para o facto de que os taludes do reservatório R1 correspondem a açudes pelo que apenas se adequa ao seu revestimento vegetal a execução de sementeiras. De referir ainda que o enquadramento desta obra tem presente a existência de um canal adutor adjacente, executado em aterro à mesma cota que a cota do coroamento deste reservatório.

As plantações preconizadas foram previstas em locais estratégicos, sempre que não existiam condicionantes de espaço, visando, para além do enquadramento das infra-estruturas, a sua integração no contexto geral da paisagem.

O revestimento vegetal incorpora assim as duas seguintes componentes:

Sementeiras

As misturas de sementes propostas, expressas em percentagem, para revestimento vegetal das superfícies a tratar, assim como a respectiva densidade de sementeira, são as seguintes:

Densidade de sementeira: 25 g/m²

Mistura de sementes:

Sementes	% na mistura
<i>Briza maxima</i>	7,00
<i>Dactylis glomerata</i>	16,00
<i>Festuca arundinacea</i>	25,00
<i>Lolium perenne</i>	35,00
<i>Trifolium campestre</i>	8,00
<i>Trifolium subterraneum</i>	9,00
	100,00

Refira-se que, no presente projecto limitou-se o revestimento vegetal, através de sementeira, às zonas de taludes, tendo em vista reduzir-se os trabalhos de manutenção do sistema vegetal implementado e garantir o sucesso do enquadramento e valorização paisagística preconizados. Nos restantes locais optou-se preferencialmente por soluções de revestimento com inertes.

A sementeira será efectuada pelo método de hidrossementeira, consistindo numa projecção de uma mistura aquosa, contendo a mistura de sementes referida e os fertilizantes, correctivos e estabilizadores necessários.

Plantações

Com vista a atingir os objectivos deste projecto são propostas plantações, que, no presente caso, têm como principal função o enquadramento geral da Estação Elevatória de Penedrão e do Reservatório R2, para além de promoverem, de uma forma mais imediata, as vantagens da presença da vegetação.

Face ao exposto, de acordo com as características do espaço a tratar, foram estabelecidos 5 tratamentos funcionais para as plantações :

I - Enquadramento – plantações com a função de ornamentar o interior do recinto e enquadrar as infra-estruturas nele implementadas.

Na área a tratar da Estação Elevatória procurou-se recriar o cenário de olivais e a compartimentação cerealífera dos campos envolventes, aplicando materiais inertes de diferentes tonalidades em revestimento do solo, que visam representar as cores dominantes na paisagem na época de estiagem. Assim, foi proposto a plantação de alinhamentos de oliveiras, em articulação com gravilhas coloridas, designadamente uma composição alternada de gravilha de mármore vermelho e amarelo limão, separadas por uma faixa de lajetas de calcário preto bujardado (Desenho 601 em Anexo).

O enquadramento do Reservatório R2 será efectuado mediante a criação de um canteiro periférico, revestido a calhau rolado de mármore branco e plantado de *Cupressus sempervirens pyramidalis*, com o objectivo de constituir um ponto de referência orientador na planície alentejana, introdutor da presença da Estação Elevatória (Desenho 810 em Anexo).

II - Ensombramento - plantações visando o ensombramento das zonas de estacionamento, utilizando espécies de folha caduca, com o objectivo de permitir nas épocas adequadas o ensombramento no Verão (sombra e sensação de frescura) e a luminosidade necessária no Inverno. Estas árvores irão contribuir para alterações ao nível plástico da estrutura verde proposta, pela variação da tonalidade da folhagem ao longo do ano.

III - Integração – plantações que irão fazer o balizamento visual das infra-estruturas, preconizadas para plantação dos canteiros sensivelmente contínuos, localizados juntos à vedação, que confina as áreas de intervenção da Estação Elevatória e do Reservatório R2. Toda esta faixa de canteiros será revestida com estilha de madeira e plantada com oliveiras, de modo a fazer a ligação à envolvente.

IV – Integração/Estabilização – plantação individual dos taludes de acesso à Estação Elevatória de Penedrão com arbustos, em complemento das hidrossementeiras e das estruturas de madeira de contenção /integração previstas.

V - Integração/Enquadramento – plantação de alinhamentos de sobreiros e azinheiras nos caminhos de acesso às infra-estruturas., estruturando as zonas de entrada.

A escolha das espécies arbóreas a utilizar teve em atenção, para além das questões de boa adaptabilidade à zona, a necessidade de, no mais curto espaço de tempo possível, estabelecer as plantações preconizadas. Assim, optou-se por conjugar espécies de crescimento médio a rápido como *Platanus hybrida* (plátano de sombra), nos estacionamentos, e *Olea europaea var. europaea* (oliveira) e *Cupressus sempervirens pyramidalis* (cipreste), na arborização geral, e de crescimento lento, como a *Quercus suber* (sobreiro) e a *Quercus ilex spp rotundifolia* (azinheira), nas restantes situações.

Resumindo, as espécies previstas nas plantações são as seguintes:

Árvores

- *Cupressus sempervirens pyramidalis* (cipreste);

- *Olea europaea var. europaea* (oliveira);
- *Platanus hybrida* (plátano de sombra);
- *Quercus suber* (sobreiro);
- *Quercus ilex spp rotundifolia* (azinheira);

Arbustos

- *Lonicera periclymenum* (madressilva);
- *Nerium oleander* (loendro).

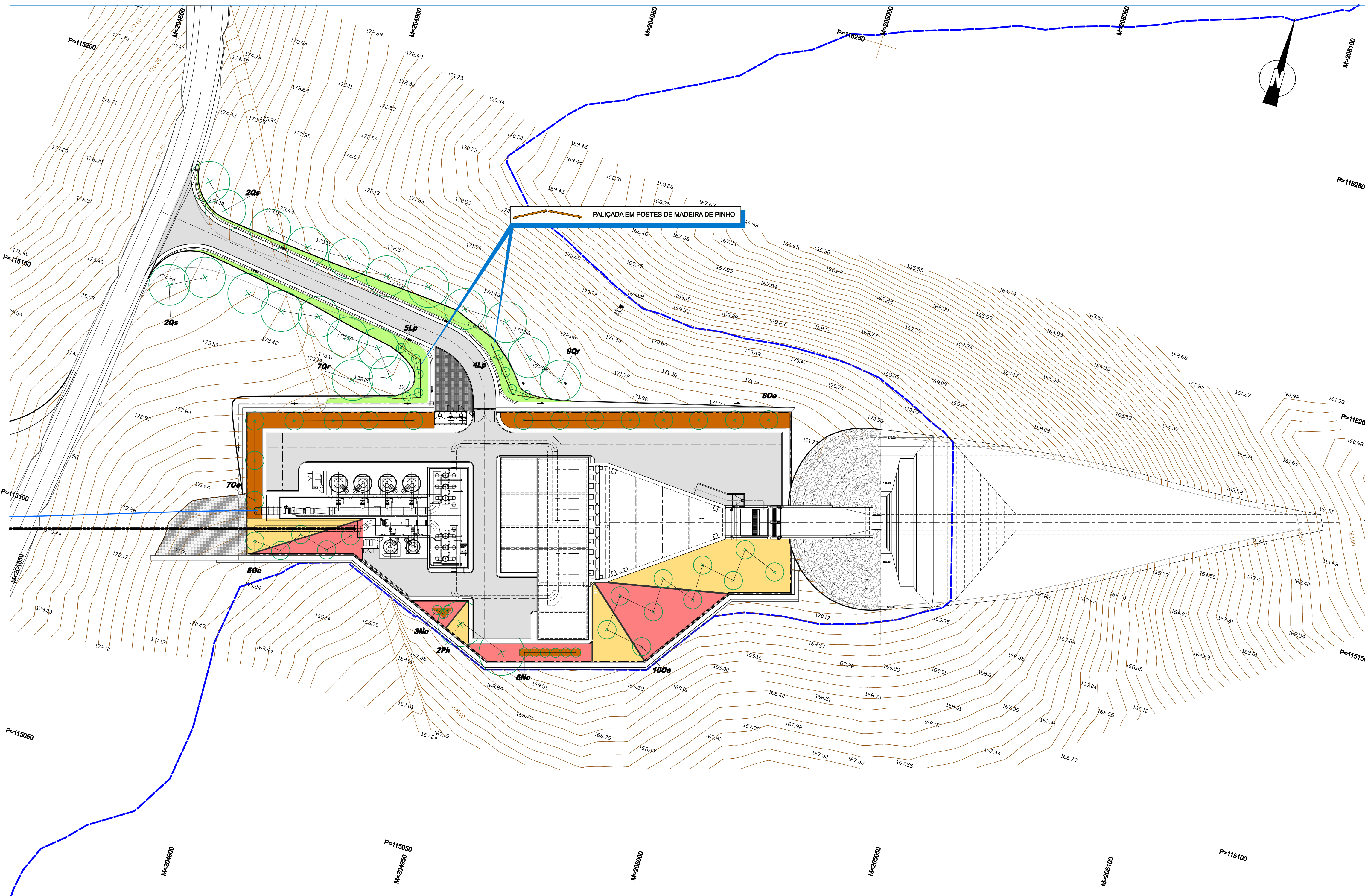
Estruturas Inertes. Revestimentos.

Na mesma lógica de integração, tendo em vista o enquadramento das áreas a tratar e a articulação com a envolvente, recorreu-se preferencialmente a materiais inertes para revestimento de superfícies, com a intenção de reproduzir as cores predominantes na paisagem na época estival e paralelamente reduzir ao mínimo os custos de manutenção do local, conforme já referido anteriormente.

Nesta base, é proposto um jogo de pavimentos, constituído por gravilhas de mármore coloridas, nas cores vermelha e amarelo limão. A este pavimento junta-se outro de cor castanha, à base de estilha de madeira, preferencialmente em revestimento dos canteiros que contornam as infra-estruturas ou associados a canteiros arbustivos.

Na transição entre estes revestimentos de agregados soltos, de forma a garantir a longo prazo a manutenção do desenho original, propõe-se a colocação de lajetas de calcário bujardado de cor preta, com as dimensões 0,60x 0,30 x0,40 m, dispostos em linha.

No enquadramento do Reservatório R2 utilizou-se, ainda, calhau de mármore rolado ($D \geq 64$ mm), no canteiro circundante ao mesmo.



LEGENDA

Árvores

Arbustos

Herbáceas (sementeira)

Revestimentos do solo

Inertes

■ Bloco de Betão Pré-fabricado 0,20x0,10x0,08m

Plantações

Árvores

- Oe - *Olea europaea spp. europaea* (Oliveira)
- Ph - *Platanus hybrida* (Plátano de Sombra)
- Qr - *Quercus ilex spp rotundifolia* (Azinheira)
- Qs - *Quercus suber* (Sobreiro)

Arbustos

- No - *Nerium oleander* (Loendro)
- Lp - *Loniceria periclymenum* (Madressilva)

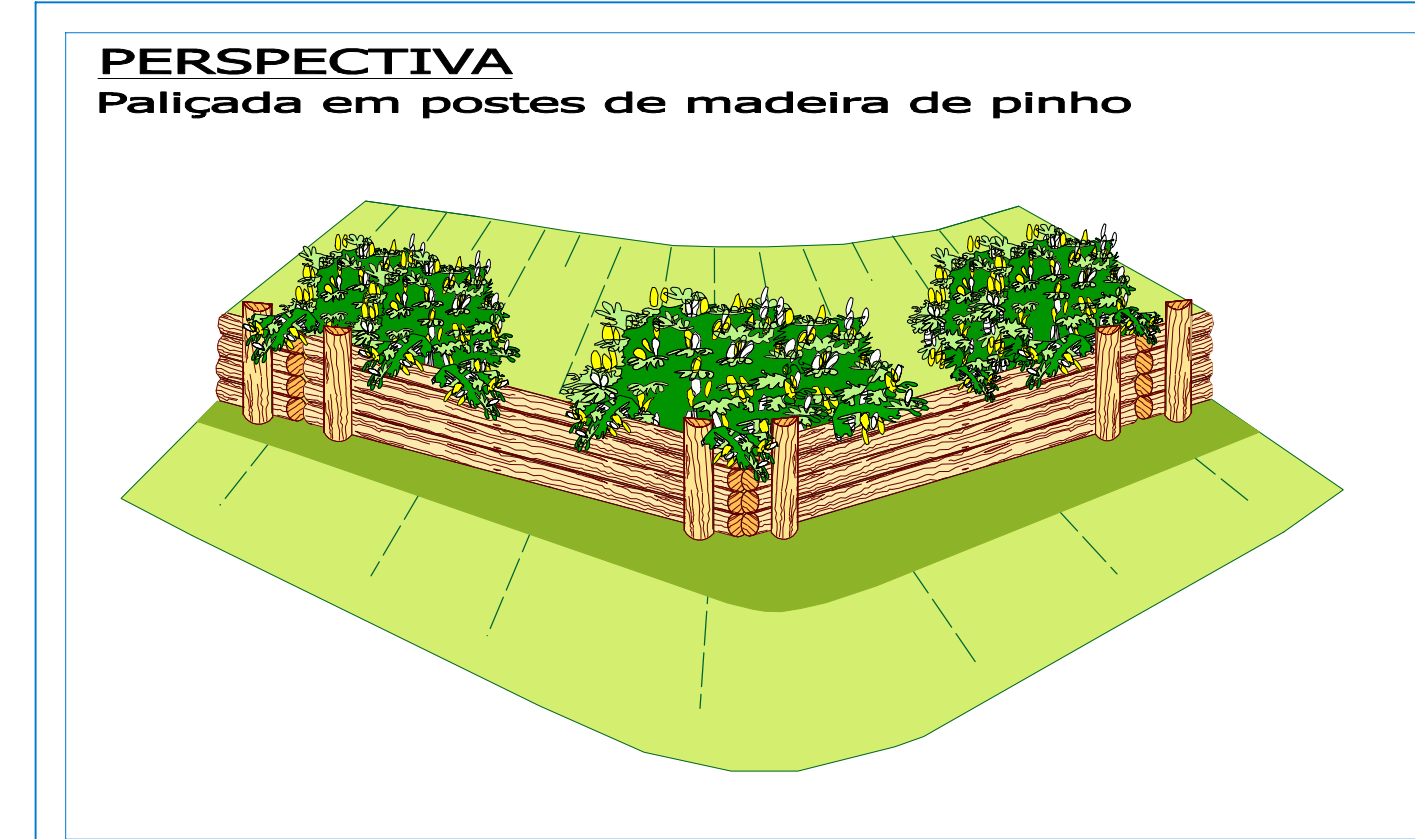
Sementeiras

■ Prado - Mistura herbácea para revestimento geral dos taludes
Densidade de sementeira: 25g/m²

- Briza maxima*.....7%
- Dactylis glomerata*.....16%
- Festuca arundinacea*.....25%
- Lolium perenne*.....35%
- Trifolium campestre*.....8%
- Trifolium subterraneum*.....9%

PLANO DE SEMEITEIRA / REVESTIMENTOS E PLANTAÇÕES

(Esc. 1:500)



REVESTIMENTOS DO SOLO

Lajeta de calcário de cor preta bujardado
(Esc. 1:20)

Gravilha de mármore amarelo limão ou vermelho
(Esc. 1:20)

Blocos de Betão Pré-fabricados
(Esc. 1:20)

PORMENORES DE CONSTRUÇÃO

ESTE DESENHO SÓ PODE SER CONSIDERADO **BOM PARA EXECUÇÃO** DEPOIS DE APROVADO PELO DONO DE OBRA

Revisão	Data	Descrição	Proj.	Des.	Verif.	Aprov.

EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO E INFRA-ESTRUTURAS DO ALQUEVA, S.A.
EDIA

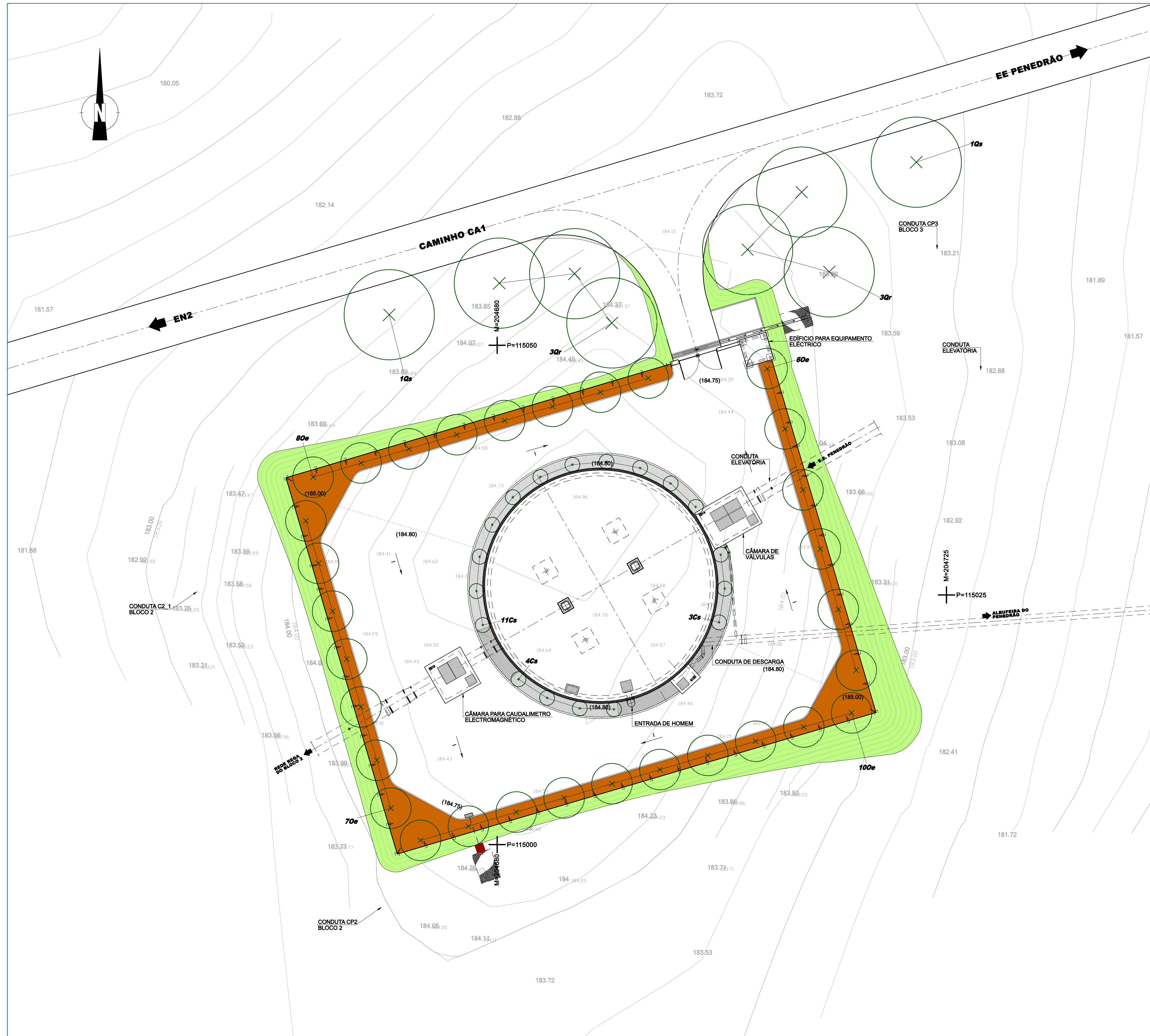
CONSULTORES DE ENGENHARIA, S.A.
ProSistemas

CONSULTORES DE ENGENHARIA E AMBIENTE
COBA

PROJECTO DE EXECUÇÃO E ESTUDO DE IMPACTE AMBIENTAL DOS BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL

PROJECTO DE EXECUÇÃO
RESERVATÓRIO E ESTAÇÃO ELEVATÓRIA DO PENEDRÃO
ESTAÇÃO ELEVATÓRIA
INTEGRAÇÃO PAISAGÍSTICA
ARRANJO DE ESPAÇOS EXTERIORES

Proj.	PPS	Data :	JULHO 2009	Formato Des. nº	
Des.	LDC	Escala :	1:500 (A1)	A1	601
Verif.	MMV		1:1000 (A3)		
Aprov.	AJC		1401-PE-23-0302-601		



LEGENDA

Plantações

Árvores



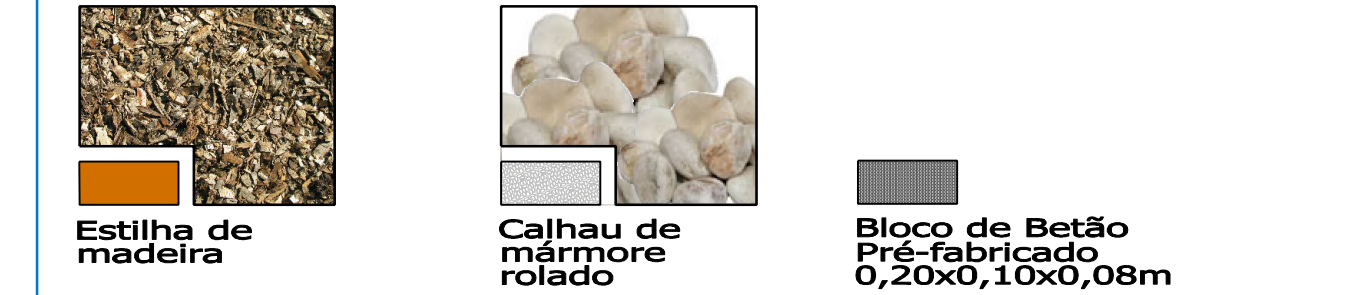
- Oe - *Olea europaea* spp. europaea (Oliveira)
- Cs - *Cupressus sempervirens pyramidalis* (Cipreste)
- Qr - *Quercus ilex* spp rotundifolia (Azinheira)
- Qs - *Quercus suber* (Sobreiro)

Sementeira

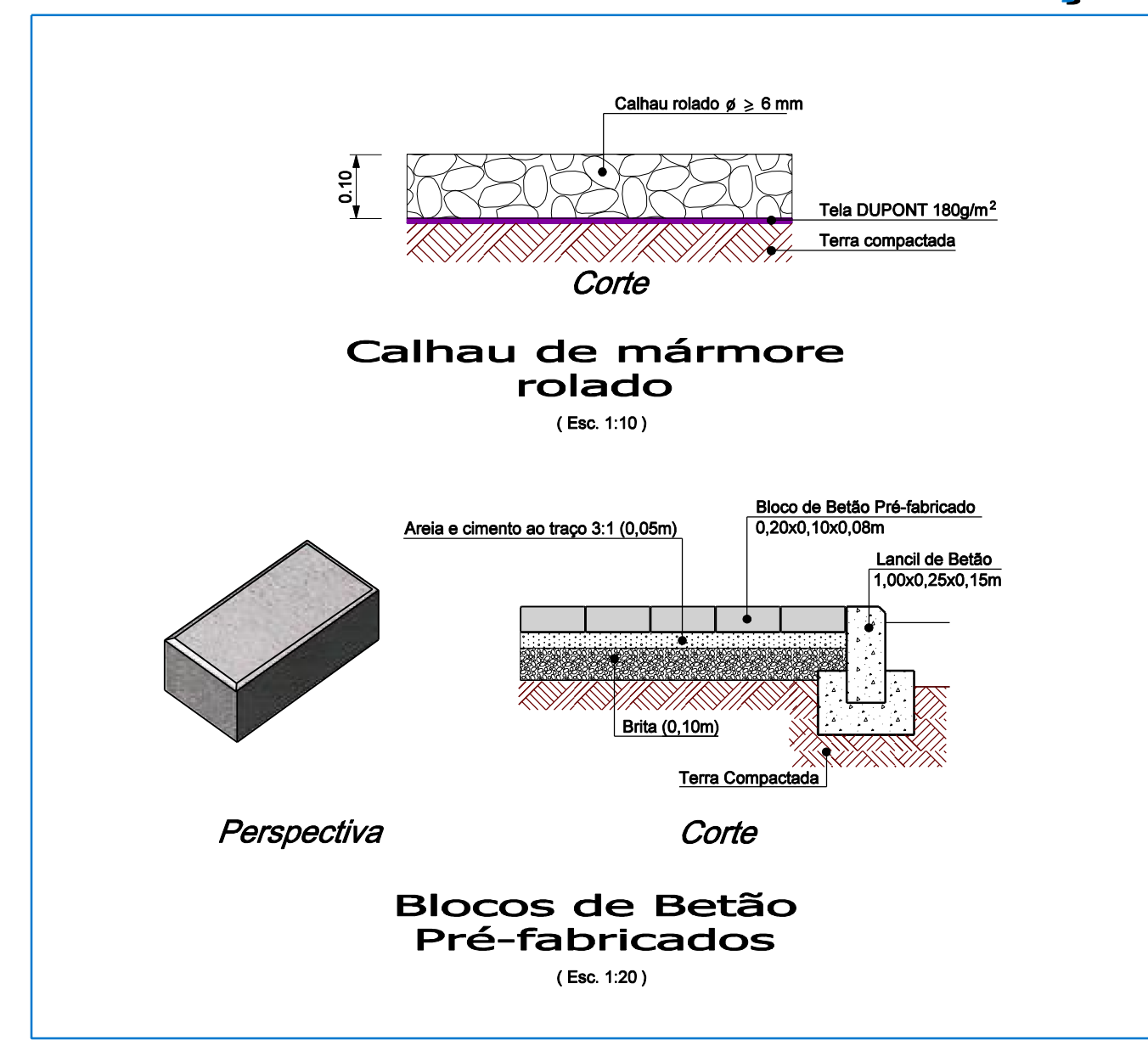
- Prado - Mistura herbácea para revestimento geral dos taludes
Densidade de sementeira: 25g/m²
- Briza maxima.....7%
- Dactylis glomerata.....16%
- Festuca arundinacea.....25%
- Lolium perenne.....35%
- Trifolium campestre.....8%
- Trifolium subterraneum.....9%

Revestimentos do solo

Inertes



PORMENORES DE CONSTRUÇÃO



ESTE DESENHO SÓ PODE SER CONSIDERADO **BOM PARA EXECUÇÃO** DEPOIS DE APROVADO PELO DONO DE OBRA

Data :	
Rúbrica :	

Revisão	Data	Descrição	Proj.	Des.	Verif.	Aprov.

EMPRESA DE DESENVOLVIMENTO E INFRA-ESTRUTURAS DO ALQUEVA, S.A.

PROJECTO DE EXECUÇÃO E ESTUDO DE IMPACTE AMBIENTAL DOS BLOCOS DE REGA DE ERVIDEL

PROJECTO DE EXECUÇÃO

RESERVATÓRIO E ESTÇÃO ELEVATÓRIA DO PENEDRÃO

RESERVATÓRIO DE COMANDO R2

INTEGRAÇÃO PAISAGÍSTICA

ARRANJO DE ESPAÇOS EXTERIORES

Proj.	PPS	Data :	JULHO 2009	Formato	Des. nº
Des.	LDC	Escala :	1:200 (A1)	A1	810
Verif.	MMV		1:400 (A3)		
Aprov.	AJC		1401-PE-23-0302-810		

PLANO DE SEMENTEIRA / REVESTIMENTOS E PLANTAÇÕES

(Esc. 1:200)